



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento do Seminário de Alto Nível da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal)

Brasília-DF, 1º de junho de 2010

Minha querida companheira Alicia Bárcena, secretária-executiva da Cepal,

Meu caro companheiro Eloi Ferreira, ministro-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social [Racial],

Meu caro companheiro Antonio Prado, secretário-executivo adjunto da Cepal, por meio de quem cumprimento todos os dirigentes e funcionários da Cepal aqui presentes,

Senhoras e senhores embaixadores,

Senhoras e senhores representantes de organismos internacionais,

Companheiros e companheiras delegados estrangeiros,

Amigos da imprensa,

Eu tenho, como de hábito, dois discursos: um que está escrito e outro que eu gostaria de fazer. Eu vou tentar cumprir os dois, sempre pedindo desculpas a vocês porque, como eu não assisti aos debates que vocês fizeram aqui durante esses dias, eu posso repetir algumas coisas que vocês já discutiram. Antecipadamente eu peço perdão por repetir alguma coisa que vocês já discutiram. Mas, ao mesmo tempo, quando as coisas que foram discutidas foram boas, não existe nenhum problema em repetir aquilo que são coisas boas porque, muitas vezes, tem coisas ruins que são repetidas e isso traz prejuízo à nossa querida América Latina e à nossa querida América do Sul.

Eu vou começar com a minha fala eminentemente institucional. Primeiro, é um prazer, um enorme prazer receber os delegados da Cepal aqui em



Brasília, exatamente no ano em que a capital federal completa 50 anos de idade. Construída no final da década de 50, Brasília é um símbolo de uma época marcada pelo sonho da superação do subdesenvolvimento, o sonho que a Cepal acalentou desde sua criação. Afinal de contas, não existia outra razão para a Cepal existir se não fosse o desenvolvimento.

A Comissão foi pioneira na denúncia dos mecanismos históricos que perpetuavam as desigualdades entre o Norte industrializado e o Sul em desenvolvimento. Propôs soluções estruturais para o enfrentamento desses problemas.

Além de seu magnífico esforço em favor do desenvolvimento de nossa região, a Cepal vem prestando, aos povos da América Latina e do Caribe, uma contribuição de alto valor político: a criação da consciência de um destino político-econômico comum. O documento que serviu de base para as discussões aqui em Brasília é o exemplo mais eloquente dessa preocupação.

Este Período de Sessões ocorre num momento em que nossa região dá passos importantes para enfrentar o estigma da desigualdade que ainda nos marca. Estamos recuperando nossa autoconfiança depois de décadas perdidas.

A aposta na substituição de importações para promover o crescimento permitiu, no passado, dar saltos importantes em nossa industrialização. Mas, naquele período, muitos acreditavam que para distribuir renda era necessário, antes, fazer a economia crescer para depois distribuir. Outros, então, se descuidaram do equilíbrio macroeconômico. A inflação e o endividamento comprometeram a continuidade do nosso desenvolvimento em vários países da nossa querida América Latina e do Caribe. O crescimento, quando houve, ele ocorreu em benefício de muitos poucos nos países onde ele ocorreu.

A partir da crise dos anos 80, passamos a viver sob a influência das teses do Consenso de Washington. Elas preconizavam o Estado mínimo, com a perda de sua função mais importante, que era a função indutora e



reguladora; defendiam privatizações desenfreadas de empresas públicas; propugnavam a desregulamentação das relações trabalhistas. O planejamento foi relegado ao museu da história. Praticamente todos deixaram de planejar. O interesse nacional foi relativizado, o que tornava relativa a soberania popular em cada país. O crescimento só seria possível para uma parcela pequena da população. Os demais ficariam à margem do mercado e do processo produtivo e seriam tratados com medidas eminentemente compensatórias.

No Brasil – hoje com mais de 190 milhões de habitantes – trabalhava-se com a ideia de uma economia para atender a 60 milhões de brasileiros, deixando dois terços da população entregues à própria sorte, quem sabe se o mercado as enxergasse. Essa situação foi mudando nos últimos anos, e a crise financeira atual colocou uma lápide nesse ciclo de quase três décadas de equívocos cometidos em nome dos fundamentalistas do mercado.

Estamos hoje diante de uma gigantesca tarefa histórica. Não podemos ficar prisioneiros de paradigmas que ruíram. Precisamos aprofundar o debate sobre a crise e propor as alternativas corretas. Uma atitude de independência intelectual é necessária para superar tais obstáculos.

Nossa região reagiu. Tomou consciência de sua força e da necessidade de forjar um projeto de desenvolvimento próprio. Afinal de contas, nós tivemos o privilégio de receber esse legado deixado por Raúl Prebisch e Celso Furtado. Em anos recentes, vivemos na região uma onda de democracia popular e de crescimento muito robusto. Vamos ser francos, companheiros: há muito tempo e há muitas décadas a gente não tinha visto tanto o exercício da democracia na nossa querida América Latina. Nem imaginávamos que a gente pudesse ver um chefe maia governando a Guatemala, um jornalista governando El Salvador, um metalúrgico governando o Brasil, um índio governando a Bolívia, e vai daí, adentrando as vitórias do movimento social no nosso continente, que nós poderíamos definir como o momento histórico de mais forte democracia.

Seu motor e o motor dessas democracias são classes historicamente



excluídas e deserdadas, que hoje encontram seu lugar e sua voz em sociedades que não mais ignoram suas justas reivindicações. Aliás, um dado importante: uma revista, no Brasil, pouco tempo atrás, publicou uma grande reportagem dizendo que os índios não são maioria na Bolívia. Certamente houve um equívoco enorme do jornalista da revista, porque se na Bolívia a maioria não for índio, no Brasil a maioria não é brasileiro, ou os alemães não são maioria na Alemanha, ou os americanos não são maioria nos Estados Unidos.

Nunca tantos governos tiveram o desenvolvimento econômico e a justiça social como preocupação central. Isso tem permitido avançarmos uma agenda de integração de novo tipo, alicerçada na superação de assimetrias e no desenvolvimento da infraestrutura viária e energética. Nossas políticas se guiam pelo respeito à diversidade e estamos corrigindo assimetrias que prejudicam os parceiros menores.

Nossa atuação no Haiti, no âmbito da Minustah, mostra que a segurança coletiva tem de combinar-se com a justiça social e o respeito à soberania nacional. Sica, Caricom, Unasul e Celac são exemplos dessa nova concepção de integração; representam reais opções de governança regional que contribuem para um mundo multipolar e multilateral, sem espírito de confrontação.

Amigas e amigos,

A experiência do Brasil prova que é possível manter disciplina macroeconômica e controlar a inflação sem sacrificar nossas oportunidades de progresso, e reduzindo nossa vulnerabilidade externa.

Não se combate desemprego com protecionismo e com a desregulamentação dos direitos trabalhistas. Por isso, teremos criado mais de 14,5 milhões de empregos no dia 31 de dezembro, quando eu deixar a Presidência da República. Mais de 14 milhões de empregos formais nós teremos criado nesses oito anos de governo.



Da mesma forma que apostamos no potencial de nosso mercado interno, poderemos também apostar no mercado de consumo regional como fator de nosso desenvolvimento.

Não abdicamos do compromisso de enfrentar a desigualdade social. Desde 2003, 24 milhões de brasileiros que viviam em estado de pobreza absoluta deixaram essas condições, e 31 milhões de brasileiros ascenderam à classe média, fazendo com que nós tenhamos hoje mais de 50% da população vivendo na classe média.

Realizamos uma política econômica que privilegiou o mundo do trabalho e a inclusão social, preservou o equilíbrio fiscal e reduziu a vulnerabilidade externa. Pudemos, assim, implementar estratégias governamentais e financiamentos públicos anticíclicos.

Fizemos do comércio com a região um vetor fundamental da política externa brasileira. Nos cinco anos que antecederam a crise econômica, as trocas entre Brasil, América Latina e Caribe cresceram 300%, alcançando US\$ 80 bilhões em 2008.

Com o uso de moedas locais no nosso intercâmbio – já temos com a Argentina, vamos fechar com o Uruguai, e a ideia é fazermos o intercâmbio comercial na moeda de cada país para que a gente não fique dependendo de comprar dólares –, a gente pode multiplicar os resultados da nossa balança comercial, sobretudo porque vamos facilitar a vida de pequenos e médios empresários nas exportações e importações. A cooperação técnica e financeira Sul-Sul será, cada vez mais, um grande motor do crescimento global.

Apostamos num pacto regional pelo desenvolvimento sustentável. Não podemos retroceder nos compromissos com tecnologias ambientalmente sustentáveis ou abrir mão das fontes renováveis de energia. Juntos teremos papel decisivo para garantir resultado ambicioso e abrangente na COP-16, no México, este ano.



Estamos a poucos dias da Cúpula do G-20, em Toronto. A comunidade internacional aguarda propostas que revertam a retração da economia global. Reformular a arquitetura financeira mundial, aumentar os recursos do FMI e do Banco Mundial, e criar linhas de crédito mais flexíveis eram decisões inadiáveis. Agora precisam ser colocadas em prática.

A instabilidade financeira na Europa é especialmente preocupante em vista da fragilidade da recuperação global. A melhor política para o equilíbrio fiscal é o crescimento econômico dos países.

Na América Latina e no Caribe é fundamental restaurar o financiamento para as economias em desenvolvimento, especialmente para os países mais pobres. Implementar, com rapidez, o aumento o capital do BID, fortalecer a CAF e tornar o Banco do Sul uma realidade, certamente ajudarão na retomada do crescimento e na geração de empregos.

Amigas e amigos,

O mundo espera, sobretudo, demonstrações de liderança e de coragem daqueles que apostam numa visão de futuro comum. É, portanto, chegada a hora da política, como tenho afirmado muitas vezes.

Devemos, sim, ter orgulho de nossas recentes conquistas nas áreas social e econômica, mas não podemos nos esquecer de que os desafios futuros ainda são imensos.

Temos, como diz o encontro aqui, *brechas por cerrar, caminos por abrir*, para usar os termos tão consagrados pela Cepal neste encontro. É chegada a hora da igualdade.

Companheiras e companheiros,

Amigas e amigos,

Eu vou guardar o discurso institucional aqui, porque eu queria ter uma conversa agora mais de companheiro e menos de Presidente com vocês, nesta tarde de hoje.

Primeiro, eu acho importante nós termos em conta o que aconteceu no



nosso continente nos últimos anos para que a gente tenha clareza do que nós fizemos. Eu tenho participado de todas as reuniões, desde que tomei posse no dia 1º de janeiro de 2003, e sou o maior incentivador de que nós conquistamos coisas inimagináveis nesses oito anos, apesar de, em cada reunião que a gente faz, a gente estar lamentando que não tenha avançado mais. A gente reclama que não tem avançado muito porque a gente está olhando apenas para o futuro, mas a gente não olha para as coisas que aconteceram num passado muito recente na nossa querida América Latina.

Primeiro, todos nós, praticamente, viemos de países que sofreram golpes militares durante a década de 60 e a década de 70, e algumas só acabaram na década de 80. Algumas... Alguns países em que os militares tomaram o poder, houve uma visão desenvolvimentista do país; em outros países, houve uma visão de entreguismo; e muitos países foram praticamente desmontados, além do atraso político a que foi submetido cada país em função do afastamento e da morte de dezenas ou centenas de lideranças emergentes em cada país.

Segundo, nós nos esquecíamos de que, pouco tempo atrás, qualquer embaixador de uma potência maior dava palpite sobre a economia dos nossos países como se fosse uma autoridade importante dentro de cada país. Não faz muito tempo, na América Central, embaixadores de determinados países diziam, categoricamente, quem deveria ganhar ou não as eleições. E isso começou a mudar, começou a mudar porque o povo começou a compreender que não era mais possível a gente ter conquistado a independência... Aliás, participei da festa da independência da Argentina na semana passada. Há 200 anos nós conquistamos a independência e ainda não tínhamos nos dado conta de que a independência tinha nos dado soberania para decidir o nosso próprio destino.

Pela primeira vez, a gente, nessas últimas décadas, tem um conjunto de dirigentes... Já tivemos em décadas passadas. Na década de 50, tivemos



vários dirigentes políticos no continente que brigavam por soberania, e por isso muitos foram cassados, por isso muitos foram depostos dos seus mandatos. Nós não podemos nos esquecer dos que lutaram pela independência.

Mas, teve um momento em que a grande briga na América do Sul era saber qual era o presidente que era mais amigo dos Estados Unidos. Se um presidente, então, dos Estados Unidos convidasse alguém para passar uma tarde em Camp David, era o máximo, era o máximo! Eu lembro da briga do Menem... da Argentina e do Brasil, dos economistas, quem era mais disso, quem era mais amigo daquilo, ou seja, era um comportamento pequeno de pessoas que não sentiam orgulho ou não tinham autoestima de representar os seus países com a soberania que precisariam representar.

Eu penso que nós criamos um novo paradigma e estamos mostrando que não é preciso brigar com ninguém. Eu quero amizade com todos os países do mundo, eu quero tratar os Estados Unidos da melhor forma possível, a China, da melhor forma possível, a Rússia... Mas eu quero tratar a Guiné-Bissau, eu quero tratar a Bolívia, eu quero tratar o Uruguai, o Paraguai com o mesmo respeito que eu trato as grandes nações. Porque, por menor que seja a quantidade de habitantes de um país, tem que ser respeitada a sua soberania e a sua autodeterminação tanto quanto uma grande nação como a China.

Afinal de contas, a gente não mede a política pela quantidade de pessoas ou pela quantidade de conhecimento científico e tecnológico. A gente mede pela qualidade da cabeça política que têm os dirigentes e o povo de um país. E, por isso, nós adquirimos a consciência de que todos merecem respeito.

Daí porque – parecia impossível – nós criamos a Unasul, daí [parecia] impossível, nós fizemos a primeira reunião, em 200 anos, entre América do Sul, América Central e Caribe – a primeira vez da América Latina integrada com o Caribe –, somente nós, sem ninguém falando outra língua, a não ser nós mesmos. Isso não é pouco. Fizemos duas reuniões América do Sul-Países



Árabes, duas reuniões África-América do Sul, criamos o Conselho de Defesa, criamos o Conselho de Combate ao Narcotráfico. Essas coisas não estão funcionando 100%, mas nós precisamos dizer ao mundo que nós não precisamos de ninguém para tomar conta dos problemas que são nossos. Se nós temos problemas de drogas, nós temos que resolvê-los; se nós temos problemas de miséria, nós temos que resolvê-los; se nós temos problema de desenvolvimento, nós temos que resolvê-lo.

Eu, também, não sou daqueles, Alicia, que fica acusando os outros pela minha desgraça, porque normalmente o cidadão, às vezes, fica dizendo: “Não, porque o culpado da minha desgraça são os Estados Unidos, é o império; o culpado da minha desgraça é a Europa, que é rica; o culpado...” Não, para mim, o culpado... é preciso saber como é que se comportou a elite dirigente de cada país durante anos e anos e anos, porque no fundo, no fundo, é ela que é responsável, é ela que se submeteu.

Então, eu penso que na hora em que nós adquirimos essa consciência, nós pegamos um pouco mais de prazer, um pouco mais de amor, um pouco mais de orgulho próprio de sermos o que nós somos: dirigentes de países pobres, mas que queremos crescer e queremos crescer de forma soberana.

Eu lembro – tenho muito na pele – o quanto eu fui atacado quando eu disse que eu iria priorizar a minha relação com a América do Sul, com a América Latina, com a África, com os países árabes. Porque parecia impossível que um presidente do Brasil – para alguns a 10ª economia, para outros a 9ª, para outros a 8ª, mas o maior país do continente – ficasse de costas para os seus parceiros que estão ligados a ele por um cordão umbilical chamado fronteira. Aliás, tem gente até hoje achando que a nossa relação com a América do Sul é um retrocesso.

É indescritível como aqueles que morreram para conquistar a nossa independência não servem de exemplo para muitos de hoje, que ainda acham que a gente deveria ser colonizado para ser mais forte. Eu, sinceramente, não



conheço nenhum país que se transformou em forte... Depois, não tem colonizadores bons. Porque diziam: “Não, os holandeses são melhores, os alemães eram melhores, os não sei quem eram melhores”. É só visitar os países em que houve colônia para você perceber que nenhum deles foi bom colonizador. Acho que o nosso foi melhor, porque você veja que aqui não precisa nem ter guerra para a gente fazer a independência, o próprio... a própria Coroa decidiu entre eles se arranjar e fazer a independência aqui, que é um pouco da cultura política do Brasil. Aqui, entre uma briga e um jeitinho, nós vamos no jeitinho. É um jeito mineiro de fazer política, é um jeito um pouco brasileiro, talvez resultado dessa mistura de europeus, africanos e índios, que permitiu que a gente tivesse essa facilidade de flexibilizar – não no mundo do trabalho – na política, na política. Essa foi uma coisa extremamente importante. Então, eu penso que acabou aquela fase, de duas décadas atrás, do Consenso de Washington, e depois a faixa [fase] do consenso único, ou seja, o pensamento único.

Eu lembro... Quando a gente é oposição... A vantagem de a gente perder muita eleição é que a gente aprende muito. Para quem tem a humildade de perder, não é? Mas eu lembro quando, no México, o Salinas era vendido como se fosse o herói da modernidade desenvolvimentista. Eu lembro das brigas apoteóticas de Cavallo e Malan – um ministro da Economia da Argentina, o outro do Brasil –: quem era mais amigo de não sei quem. O FMI mandava todos os dias um agente para dar palpite: “Você compra isso, você vende aquilo, você não pode fazer isso”. Aliás, os funcionários do FMI nem atendiam mais quando eles chegavam lá. E essas pessoas achavam que estavam fazendo bem para os seus países.

Eu penso que nós estamos construindo um mundo mais verdadeiro, com defeitos e com virtudes. Tem muita gente que se orgulha de dizer: “Ó, no meu país, a carga tributária é [de] apenas 9%”; “No meu país a carga tributária é [de] apenas 10%”. Quem tem carga tributária de 10% não tem Estado! O



Estado não pode fazer absolutamente nada.

Está aí, cheio de exemplos para a gente ver. É só percorrer o mundo para a gente perceber que exatamente os Estados que têm as melhores políticas sociais são os Estados que têm a carga tributária mais elevada – *vide* Estados Unidos, *vide* Alemanha, *vide* França, *vide* Suécia, *vide* Dinamarca –, e os que têm a carga tributária menor não têm condições de fazer absolutamente nada de política social. É só fazer um “recogido” na nossa querida América para a gente ver o que acontece. Então, eu penso que nós superamos essa primeira fase.

A segunda coisa que eu acho importante é que nós quebramos um outro paradigma. Aqui no Brasil, Alicia, se dizia o seguinte: “Se o Brasil vai exportar, o mercado interno tem que morrer, ser asfiziado”. Ou: “Se o Brasil vai aumentar o mercado interno, as exportações têm que morrer”. Nós provamos que não é antagônico o crescimento do mercado interno com o crescimento do mercado externo, provamos. Da mesma forma que se dizia: “Olha, aumentar o salário é inflacionário. Não pode aumentar salário porque o desenvolvimento vai acontecer apenas com o crescimento econômico. Tem países crescendo há vários anos seguidos, a taxas importantes, e não tem como fazer política social”. Nós decidimos o contrário. Nós decidimos que era possível a gente acabar com aquela discussão: “Primeiro cresce para depois distribuir ou primeiro distribui para depois crescer?”. Nós fizemos os dois, concomitantemente, e o sucesso foi extraordinário.

Vocês não sabem a alegria que eu tenho de pegar as pesquisas publicadas por todos os institutos e saber que enquanto muita gente rica do meu país, no auge da crise, ficou com medo e se encolheu, os pobres do Norte e do Nordeste foram às compras para reativar a economia brasileira. Na parte mais pobre do Brasil, no Norte e no Nordeste, as classes D e E... Esse dado é muito importante. No Norte e no Nordeste do Brasil, as classes D e E consumiram mais do que as classes A e B das regiões Sul e Sudeste do país.



É o milagre da multiplicação do pouco dinheiro que os pobres têm, porque pouco dinheiro na mão de muitos significa distribuição de renda, e muito dinheiro na mão de poucos significa concentração de riqueza e empobrecimento da maioria.

Mas não foi apenas o acerto, não foi apenas o acerto da política macroeconômica que fez o Brasil chegar à situação que está hoje. É importante lembrar – e eu acho que essa é uma coisa que eu vou trabalhar para tentar contribuir com os países da América Latina e da África – que foi a quantidade de políticas sociais que nós colocamos neste país. Eu vou dar um exemplo de uma política social que eu gostaria que a Cepal conhecesse a fundo, uma coisa chamada Territórios da Cidadania. Territórios da Cidadania foi uma escolha que nós fizemos, de pegar os 1.800 municípios mais pobres do Brasil, com menor IDH, juntamos todas as políticas públicas do governo federal, e elas chegam *in loco* naqueles municípios. São 120 Territórios, cada Território tem uma quantidade de cidades, cada Território tem uma coordenação regional e tem uma coordenação municipal. Eu acho que era importante a Cepal conhecer para que a Cepal ajudasse a difundir...

Alicia, eu tenho muitos anos de movimento social. Desde 1969 eu faço participação no movimento sindical; desde 1980 eu estou na vida política; portanto, se tem um cidadão aqui neste plenário que sabe fazer pauta de reivindicação, sou eu. Já reivindiquei tudo o que vocês imaginam que um homem possa reivindicar, e eu nunca vi nada tão perfeito na minha vida como o Territórios da Cidadania. Ele não está dando ainda 100% certo porque nós fomos ambiciosos e colocamos 1.800 municípios e 120 Territórios de uma só vez. A gente poderia ter feito menor número para a gente fazer uma concentração de esforços. Mas seria importante que a Cepal pudesse, com seus técnicos, visitar alguns Territórios da Cidadania.

Uma outra coisa que nós fizemos aqui, que merece ser conhecido, é o Programa Luz para Todos. O Programa Luz para Todos já conseguiu, de 2004



até agora, levar energia elétrica para mais de 15 milhões de pessoas, pessoas que viviam à base da lamparina e nós levamos energia elétrica totalmente gratuita para essas pessoas, estejam elas onde estiverem. Já foram mais de 2 milhões e 200 mil casas que receberam energia elétrica. Vocês imaginam que nós já gastamos mais de... acho que 1 milhão de quilômetros de fios, já gastamos mais de 1 milhão e 200 mil postes e já gastamos... ou melhor, 5 milhões de postes e já gastamos mais de 1 milhão de transformadores, levando energia para a casa das pessoas. E quando chega a energia, quem nasceu na cidade, quem nasceu em Santiago, quem nasceu em Brasília, quem nasceu em Buenos Aires, quem nasceu em Montevideú, quem nasceu em Lima, ali no centro, pisando no asfalto e com luz elétrica, não sabe o que é você chegar com energia elétrica numa casa de uma pessoa que viveu a vida inteira com a lamparina. É você trazer o século XXI para o século XVIII, ou seja, é um salto de qualidade como se fosse a máquina do tempo. E quando chega a luz, chega a televisão. Na pesquisa que nós fizemos com 3 mil usuários do Programa Luz para Todos, 80%, ou melhor, 79%, a primeira coisa que eles compram é uma televisão, certamente para ver a cara do Presidente falando, certamente. Setenta e quatro por cento compram geladeira.

Eu não sei se aqui tem alguma pessoa que já viveu sem geladeira. Certamente os pais de vocês viveram. Eram obrigados a matar um porco, pegar o porco, cortar, dar uma pré-cozida na carne, enfiar dentro da lata de banha, guardar a lata de banha, e quando queria pegar era só ir lá. Eu, não faz muito tempo, na década de 60, morando num bairro de São Paulo, eu não tinha geladeira. Para tomar cerveja, a gente comprava a cerveja quente no bar, que era mais barato... no supermercado, descia dentro de um balde [para] dentro do poço, ficava lá uns 40 minutos dentro do poço para a gente tirar e beber ela mais ou menos gelada. Então, hoje a pessoa compra geladeira. É uma coisa extraordinária uma pessoa tomar uma aguinha gelada, nordestino adora água gelada. E 50% compararam aparelho de som para ouvir, certamente, música e



não discurso em época de campanha. Mas, a evolução é extraordinária.

Uma outra coisa importante que eu acho que os companheiros precisam conhecer, sobretudo, Prado, você que é economista – não sei se a Alicia é economista também –, é o seguinte: é o Programa Crédito Consignado. Eu tenho pedido para vários presidentes amigos, de países amigos, criarem o Crédito Consignado. O pobre, ele tem uma dificuldade: ele não está bancarizado, muitas vezes ele não tem nem conta bancária. Se ele não tem conta bancária, ele não consegue entrar num banco, e quando você pergunta por que ele não toma dinheiro emprestado, ele não toma dinheiro emprestado porque ele não tem garantia para oferecer, então o banco não empresta. O que nós fizemos? Nós fizemos um acordo com o movimento sindical e com o sistema financeiro: o trabalhador e o aposentado dão como garantia o envelope do pagamento, e o banco não pode descontar mais que 30% do salário do trabalhador. Sabe quanto dinheiro tem movimentado, hoje, pelo Crédito Consignado? R\$ 120 bilhões, o equivalente a US\$ 65 bilhões, que estão na mão de aposentados ou que estão na mão de pessoas que antes não conseguiam tomar dinheiro em banco.

Uma outra coisa grave no Brasil é que... veja, precisou um torneiro mecânico, de um partido socialista, chegar ao poder para poder afirmar para as pessoas que governavam este país que país capitalista tem que ter capital. Imaginem o contrassenso! Precisei eu chegar ao governo para dizer o seguinte: olha, este país tem que ter crédito. Quando eu cheguei ao governo, o crédito que o Brasil inteiro tinha era [de] R\$ 380 bilhões, todo o Brasil. Hoje somente o Banco do Brasil tem mais do que isso, e o Brasil inteiro está com R\$ 1 trilhão e 500 bilhões de crédito. Saímos de 21%, 22% para quase 48% do PIB, de crédito. Aí você vira um país capitalista desenvolvido, você tem crédito para as pessoas poderem financiar.

Uma outra coisa importante, Alicia, que é uma experiência rica e que essa me orgulha: o Brasil talvez seja um dos poucos países do mundo que tem



um presidente e um vice-presidente... o vice-presidente um grande empresário, o Presidente um ex-sindicalista, os dois não têm diploma universitário. E veja a ironia do destino: eu já sou o Presidente que mais fiz universidades no país, que mais fiz escolas técnicas e que mais investiu em ciência e tecnologia. Significa que para gostar da educação não precisa já ter um diploma. Talvez quem não tenha, sinta mais necessidade, e isso é um motivo de orgulho.

Este mês eu vou participar da primeira formatura de 540 meninos da periferia que estudaram no ProUni e que vão se formar em Medicina. Quinhentos e quarenta jovens da periferia, que se não fosse o ProUni jamais conseguiriam entrar na universidade, e o ProUni, para os companheiros da Cepal entenderem, é um programa em que nós fizemos uma determinada redução nos impostos que as universidades privadas nos pagavam e transformamos o equivalente ao imposto numa bolsa. Este ano, chegamos a 726 mil alunos no ProUni, e vamos ter meninos... dos quais 40% são meninos negros e meninas negras da periferia. Quando nós criamos esse programa, a elite brasileira dizia que eu estava nivelando a educação por baixo. Hoje já está provado que os melhores alunos das universidades são exatamente os alunos que cursaram o ProUni, porque na hora em que os pobres têm uma oportunidade, eles não largam mais.

Uma outra coisa importante: quando nós chegamos aqui, era consagrada a ideia de que o Brasil não precisava mais fazer refinarias, porque o Brasil já tinha todas as refinarias que precisava. Nós tomamos a decisão de fazer mais três grandes refinarias no Brasil. Quando nós chegamos aqui, diziam que o Brasil não podia fazer nem plataforma para a Petrobras, nem sonda e nem navio. A indústria naval brasileira, na década de 50, era a segunda maior do mundo; na década de 90 caiu para 1.600 trabalhadores. Hoje já estamos outra vez com 50 mil trabalhadores, fazendo plataformas, fazendo sondas e fazendo navios. Todas as plataformas nossas têm pelo menos 70% de componente nacional feito dentro do nosso país.



Diziam também que a gente não tinha gás. Quando a Bolívia começou a brigar com a gente, muita gente queria que eu brigasse com o Evo Morales e, na minha cabeça, não passava a ideia de um metalúrgico de São Bernardo brigar com um índio da Bolívia. Não, não, não havia quem fizesse eu brigar com o Evo Morales. Pois bem, em vez de brigar com o Evo Morales, nós achamos que ele tinha direito no gás. Era dele, portanto, ele tinha o direito de querer gerenciar o seu gás. Muita gente me chamou de frouxo, mas eu preferi devolver a ele aquilo que era dele, pagou o que tinha que pagar para nós, e resolvemos fazer uma política de gás. Todo mundo dizia que a gente não tinha gás. Nós criamos o Plangás, e hoje nós, daqui a pouco tempo, não precisaremos mais do gás da Bolívia. Mas não vamos deixar de usar porque nós precisamos ajudar a Bolívia a continuar crescendo economicamente e a maior fonte de receita da Bolívia é exatamente o gás que vende para o Brasil, portanto, nós vamos continuar comprando o gás do nosso companheiro.

Mas temos que trabalhar mais forte para fazer a integração energética da América do Sul. Não é possível que o Chile sofra a cada inverno, que a Argentina tenha problema a cada inverno, que o Uruguai tenha problema a cada inverno, e nós temos um potencial energético extraordinário na América do Sul. Nós haveremos de construir, já nos próximos governos, um processo de integração energética para que a gente não tenha mais problema de energia na América do Sul, sobretudo com o potencial hídrico que nós temos. Estamos trabalhando com o Peru, com a Venezuela para que a gente possa utilizar todo o potencial hídrico e a gente produzir energia, e um país transportar para o outro na medida das necessidades. Essa é uma coisa que eu considero fantástica e que nós vamos conseguir fazer.

Bem, para terminar, eu queria dizer para vocês que se tem uma coisa sagrada que um dirigente político não pode esquecer de fazer é cuidar dos mais pobres. Eu penso que qualquer sacrifício que a gente puder fazer, nós temos que fazer, para fazer com que chegue na mão do mais pobre o mínimo



necessário para ele sobreviver, e muitas vezes nós deixamos para cuidar dos mais pobres para o [no] fim. Eu digo sempre que o pobre, ele é muito lembrado na época das eleições. Na época da eleição, não tem candidato do mundo que fale mal de pobre. Fala mal de banqueiro, fala mal de grandes terras-tenentes, fala mal de grandes empresários, mas pobre é a coisa fantástica. Só que depois que as pessoas ganham as eleições, nunca convidam os pobres para almoçar, nunca convidam os pobres para jantar, e nunca convidam os pobres para tomar café. Aí os pobres não podem participar do processo de desenvolvimento dos países. É por isso que entra governo e sai governo, você vai analisando os índices de crescimento de desenvolvimento humano e eles estão sempre baixos.

Eu falo com muito orgulho: este país aqui chegará, em 2015, cumprindo, cumprindo todas as Metas do Milênio estabelecidas nas Nações Unidas, e fazemos isso porque nós exercitamos aqui no Brasil a democracia levada às últimas consequências. Nesses oito anos de governo, nós já fizemos 67 conferências nacionais. Cada conferência nacional... primeiro tem conferências municipais, depois tem conferências estaduais, depois tem conferência nacional. Aqui já fizemos conferência de negro, de índio, GLTB [GLBT], já fizemos conferência de força e segurança pública, segurança de... conferência de imprensa, conferência de portador de deficiência, conferência de índio, conferência... até conferência que fala mal do governo tem aqui. Aqui é proibido proibir. E nós estamos executando, com muita humildade, aquilo que é aprovado nas conferências.

Hoje eu fui a uma festa na Volkswagen, Alicia. Eu fui no Congresso Mundial dos Trabalhadores da Volkswagen que pela primeira vez está sendo realizado no Brasil, e pude dizer, olhando na cara dos meus companheiros sindicalistas, que eu só não os atendi mais, Marco Aurélio, porque eles não fizeram mais reivindicação, porque todas que fizeram, nós atendemos.

Aqui a democracia foi exercida porque são essas decisões que balizam



o comportamento do governo. Quando vocês veem um sem-terra fazer uma passeata aqui em Brasília, ou a Contag, eles nos entregam uma pauta de reivindicação. Aquela pauta de reivindicação é distribuída para todos os Ministérios que têm alguma coisa a ver com aquele movimento. Depois de 30 dias nós nos sentamos com os trabalhadores e dizemos: “Isso aqui pode, isso não pode, isso pode, isso não pode”. E vamos todo mundo para a rua comemorar as conquistas e chorar as não conquistas. É assim que a gente vai consolidando a democracia neste país.

Portanto, Alicia, quando eu deixar a Presidência, no dia 31 de dezembro de 2010 – porque sabe que para a gente que está no governo oito anos passam tão rápido... eu nem vi passar, mas para a oposição demora tanto, para a oposição é um sacrifício oito anos –, eu vou deixar com a consciência tranquila de que o maior legado que nós vamos deixar é que nós estabelecemos uma nova relação entre Estado e sociedade, entre governo e movimentos sociais. Posso, com a minha consciência tranquila, andar em qualquer rua deste país depois do dia 1º de janeiro e tratar todo mundo como companheiro e ser tratado como companheiro.

Tenho a certeza absoluta de que esse é o grande legado nosso, é a mudança de paradigma no exercício da democracia, e falo com o coração aberto: quem vier depois de mim, quem vier depois de mim sabe que não pode retroceder porque terá no seu calcanhar um novo paradigma. E aí as pessoas vão dizer: “Se um metalúrgico sem diploma universitário conseguiu fazer tudo o que fez, por que você não vai fazer mais?” Então, o paradigma é maior, a pressão vai ser maior. Eu estarei, onde estiver, tentando ajudar esses companheiros a transformarem este país numa grande nação, porque no século XX nós jogamos fora muitas oportunidades.

Nós não podemos nos esquecer que a Argentina, no começo do século passado, era a 5ª economia do mundo; nós não podemos nos esquecer que o Uruguai era considerado a Suíça sul-americana; e nós não podemos nunca



perder de vista que foi exatamente o autoritarismo, que foi a subordinação de alguns chefes de Estado que achavam que tudo o que vinha da Europa ou do norte dos Estados Unidos era bom e tudo que vinha daqui era ruim, que fez com que os nossos países sofressem um retrocesso.

Eu estou convencido que tudo que tiver que acontecer de bom ou tudo que tiver que acontecer de ruim seja por nossa responsabilidade, e o povo está aprendendo a eleger dirigentes com mais responsabilidade. Aqueles que achavam engraçado serem tratados... Eu, de vez em quando... eu tenho duas pessoas que eu marco, assim, na minha vida, como é que essas pessoas fizeram o mundo retroceder. Uma foi o Gorbachev porque destruiu um império e não colocou nada no lugar. Tudo bem que pudesse mudar, um país que pudesse... mas não ficou nada! E quando ele foi candidato só teve 6% dos votos. O outro foi o nosso... o Saddam Hussein, que deixou destruírem o país porque tinha mentido tanto para o povo que tinha armas químicas, que na hora de provar não tinha e o país foi invadido da forma que invadiram.

Eu acho que aqui na América do Sul nós estamos calejados. Nós somos o primeiro continente desnuclearizado, ou seja, aqui nenhum país tem bomba nuclear. Não queremos. Aqui o que nós queremos é produzir mais feijão, mais arroz, mais verduras, mais frutas, mais comida, mais emprego, mais salário, mais cultura, mais qualidade de vida para fazer a América Latina se transformar num continente em que o seu povo viva com dignidade e com respeito.

Por isso, queridos companheiros da Cepal, meus parabéns por mais este encontro. Espero que daqui a 50 anos estejamos juntos, cumprimentando os 100 anos da Cepal. Se nós não estivermos aqui, vamos torcer para que esteja aqui gente melhor do que a nossa geração.

Um abraço, que Deus nos abençoe.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante reunião com os representantes do Sindicato dos Metalúrgicos da Alemanha, da diretoria da Volkswagen e do Comitê Mundial dos Trabalhadores do Grupo Volkswagen

São Bernardo do Campo-SP, 1º de junho de 2010

Despublicado em: 01/07/2010

Republicado em: 05/11/2010

Meus caros companheiros e companheiras da Volkswagen,

Meus companheiros ministros: Carlos Lupi, do Trabalho e Emprego; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Marcio Fortes, das Cidades; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; Paulo Vannuchi, da Secretaria de Direitos Humanos,

Nosso querido companheiro Aloizio Mercadante, senador da República,

Nosso querido companheiro Luiz Marinho, prefeito de São Bernardo do Campo. Para os mais jovens, aqui presentes, é importante lembrar que o Marinho parece novo, mas já está na Volkswagen há 32 anos trabalhando. Não é, não é... Ele tem, de Volkswagen, o tempo que eu tenho de vida. De qualquer forma...

Quero cumprimentar o Thomas Schmall, e dizer para o Thomas o seguinte: eu não sei se vocês viram que a Seleção alemã tem um negrão forte, que é um brasileiro naturalizado alemão. E para que a gente faça a compensação, nós vamos naturalizar o Schmall brasileiro, para que ele possa jogar na Seleção brasileira.

Quero cumprimentar o Berthold Huber, presidente da Federação Internacional dos Metalúrgicos do IG Metall,

Quero cumprimentar o (incompreensível), presidente do Comitê Mundial de Trabalhadores da Volkswagen,

Quero cumprimentar o Diretor Mundial de Recursos Humanos,

Quero cumprimentar o Viktor Klima, presidente da Volkswagen para a



América do Sul,

E cumprimentar o nosso querido e popular Chalita, que acabou de falar,
Quero cumprimentar os companheiros do Sindicato, o Nobre que está aqui, a Diretoria do Sindicato, o companheiro Grana, da Federação dos Metalúrgicos,

Dizer para vocês que talvez esta seja a minha última vinda à Volkswagen como presidente da República. Afinal de contas, oito anos é muito pouco para quem governa, mas é muito para quem faz oposição. Já está na hora de terminar o mandato. E ao terminar o mandato, eu fico todos os dias fazendo reflexão do que aconteceu na minha vida a partir do dia 24 de abril de 1975, quando eu assumi, pela primeira vez, a Presidência do Sindicato dos Metalúrgicos. Naquele tempo, os especialistas em sindicalismo, aqueles que tinham mais vivência e mais experiência do que eu, diziam que era bobagem eu entrar no Sindicato porque a legislação sindical brasileira era cópia fiel da *Carta del Lavoro*, de Mussolini, na Itália e, portanto, nós não poderíamos fazer nada, porque a lei proibia. Tinha até uma lei chamada Lei 4.330, que proibia os trabalhadores de fazerem greve. Então, eu entrei no movimento sindical com a convicção, dada pelos mais experientes, de que era muito difícil a gente conseguir fazer alguma coisa a partir dos sindicatos, porque nós vivíamos em um regime autoritário e porque a legislação brasileira não permitiria que a gente fizesse isso, inclusive a Lei de Segurança Nacional.

Veja que, independentemente de todas as dificuldades que existiam na legislação, em três anos nós mudamos a história do movimento sindical brasileiro. No dia 12 de maio de 1978 eclodiu a primeira greve na Scania, e foi uma greve feita pelos trabalhadores da Scania, dentro da Scania, e foi a primeira greve depois de 1968. Nós não sabíamos o que ia acontecer com os trabalhadores, porque quem governava o país, na época, era o presidente Geisel, e havia uma dureza muito grande no trato da questão sindical.



O dado concreto é que nós vencemos a greve de [19]78, fizemos um bom acordo. Na Volkswagen houve uma lamentação muito grande porque os trabalhadores da Volkswagen não conseguiram parar em [19]78. A ferramentaria, sobretudo, tinha uma vontade de parar, mas não conseguia parar. Ou seja, foi um ano de frustração. Mas nós conseguimos parar a Ford, conseguimos parar a Mercedes, uma parte da Mercedes e, por conta disso, nós conseguimos voltar a trabalhar com um bom acordo, um bom acordo feito entre o sindicato e a indústria automobilística. Depois veio [19]79, [19]80, aí vocês já conhecem a história do movimento sindical, alguns até já viveram parte dessa história.

O dado concreto é que foi da minha experiência sindical que surgiu a ideia de criar um partido, que surgiu a ideia de fazer com que a classe trabalhadora pudesse reivindicar também o direito de governar o país. Não era possível que aquele segmento, que é o segmento majoritário na sociedade, aqueles que vivem do seu trabalho – seja trabalhadores formais ou não –, não governasse o país. E foi uma descoberta que nós fizemos, a partir de [19]78, quando nós descobrimos que não tinha representante dos trabalhadores no Parlamento brasileiro. Em vinte anos, nós conseguimos criar o mais importante partido de esquerda da América Latina e, em 20 anos, nós chegamos à Presidência da República do meu país.

Ao chegar à Presidência da República do meu país... eu vou contar uma história para vocês. Eu, quando ganhei as eleições, eu não acreditava que eu tinha ganhado. Eu ficava me beliscando todos os dias, para saber se era verdade que um metalúrgico de São Bernardo do Campo tinha ganhado a Presidência da República. Eu lembro que quando eu cheguei ao Palácio da Alvorada, na primeira noite, eu me deitei naquele Palácio, me deitei, encostei a cabeça no travesseiro, de barriga para cima, e fiquei olhando: será que é verdade que eu estou aqui? E ficava... porque era uma coisa, uma coisa muito rara que um metalúrgico pudesse chegar à Presidência da República do Brasil.



Aí veio o grande desafio. É importante os companheiros terem em conta que a minha maior preocupação era a preocupação de que nós tínhamos que fazer um bom governo, nós tínhamos que dar certo. Eu trabalhava muito com a ideia do fracasso do Walesa, na Polônia, porque o Walesa era um metalúrgico do estaleiro de Gdansk que, com a queda do Muro de Berlim e com uma ajuda do Santo Papa, ele chegou à Presidência da República na Polônia, e foi um fracasso. Foi concorrer a um segundo mandato, teve menos que 1% dos votos. E eu trabalhava sempre com a certeza de que eu não podia fracassar, porque se eu fracassasse, nunca mais um trabalhador poderia pleitear a Presidência da República, porque eles iriam dizer: “Não sabe governar. Peão de fábrica não sabe governar”. Eu tinha que provar que nós sabíamos governar, eu tinha que provar que nós poderíamos fazer as coisas bem feitas e eu tinha que provar que nós poderíamos ser melhores do que aqueles que governaram antes de nós este país. Graças a Deus...

Eu não sei se vocês sabem de uma coisa. Quando eu era dirigente sindical, quando a gente ia começar a fazer uma campanha salarial, eu me preocupava com o que os diretores do Sindicato falassem na porta de fábrica, porque quando a gente abre a boca para falar, você tem duas hipóteses: ou você não fala nada com nada, portanto, você não é notado; ou você fala muita bobagem e as pessoas que estão assistindo falam “Esse cara não está com nada”; ou você é capaz de ser convincente, falar e as pessoas saírem, depois de ouvir você falar, aprendendo um pouco mais e um pouco mais motivadas.

Então, no Sindicato, Aloizio, eu chamava, normalmente, os diretores do Sindicato e eu dizia: eu quero saber qual é o discurso que você vai fazer na porta de fábrica. Eu tinha, na minha sala, um microfone e uma caixinha de som, que era para ouvir os diretores fazer discurso na porta de fábrica. É muito mais vergonhoso falar para mim, sozinho, o cara chegar na minha frente: “Companheiros e companheiras”... Mas, de qualquer forma, de qualquer forma, o que a gente queria era que a gente, a cada vez que abrisse a boca e falasse



uma palavra, essa palavra servisse de conscientização e de motivação para que os trabalhadores confiassem no Sindicato.

Bem, o dado concreto é que nós chegamos ao final do governo, e graças à compreensão do povo brasileiro, graças à ajuda que eu tive de muita gente, o Brasil vive quase um momento mágico da sua história. Eu fui dirigente deste Sindicato, fiz muita... muito barulho aqui na porta da Volkswagen, muito barulho, e consegui algumas coisas e perdi muitas coisas. Agora esta meninada, por conta daquilo que a gente brigou muitos anos atrás, esta meninada não tem que brigar mais do jeito que a gente brigava. Hoje a gente não tem que ficar na porta da fábrica entregando boletim, porque pode colocar na linha de produção, cada um pega o seu boletim sem fazer nenhuma anarquia. Hoje o Sindicato não tem que ficar uma semana na porta da fábrica xingando a direção da empresa para motivar o pessoal a fazer a greve, não precisa. É só a comissão de fábrica se reunir e dizer que precisa parar, que o pessoal para e faz greve quando é necessário fazer a greve. A greve, também, não é um estado de espírito. A greve, a gente faz quando entende que é necessário fazer, porque ela é um instrumento muito forte e a gente, também, não pode banalizar a greve por qualquer coisa. A greve, para fazer, é preciso que tenha uma boa motivação, uma boa razão e a gente estar convencido de que ela é um instrumento necessário.

Então, eu acho que houve uma evolução extraordinária. Então, vejam uma coisa. Eu vou terminar os meus oito anos de mandato com a convicção de que o movimento sindical brasileiro só não conquistou, no meu governo, aquilo que ele não reivindicou. Pode parecer presunção, Nobre, mas tudo que vocês reivindicaram, tudo, ou 99% de tudo... talvez vocês foram muito humildes, muito generosos comigo pela nossa amizade, porque não reivindicaram absurdos. Quando vocês foram reivindicar as 40 horas, eu falei: não peçam para mim as 40 horas, porque as 40 horas não podem vir de cima para baixo. Elas não deram certo em alguns países porque vieram de cima para baixo. É



preciso que haja uma movimentação de baixo para cima, para que a conquista das 40 horas seja uma coisa sentida pelos trabalhadores. Aí, vocês, então, fizeram coleta de assinaturas, deram entrada num projeto de lei de iniciativa popular, que eu espero que seja votado logo, logo, para que os trabalhadores possam ter mais tempo para ficar em casa, para estudar, para cuidar da família, para relaxar, para descansar. E que essa redução da jornada possa significar a possibilidade de contratação de mais trabalhadores para que a gente possa distribuir mais renda no nosso país.

Então, eu deixo a Presidência, depois de oito anos, com a convicção de que nós fizemos o que tínhamos que fazer. Certamente, com a consciência de que ainda falta fazer muito. Uma coisa que me dá muito orgulho. Quem está falando com vocês sofreu todo tipo de preconceito que um ser humano pode sofrer. Eu sofri todos os preconceitos, por ser nordestino, por não ter diploma universitário, vocês sabem disso. Pois bem, vejam a ironia do destino: eu e o Zé Alencar somos, na história do país, a primeira vez que o presidente e o vice-presidente não têm diploma universitário. Entretanto, ao deixar o governo, eu serei o presidente que mais fez universidades no nosso país e que mais fez escolas técnicas no nosso país. Parece ironia do destino, mas nós estamos fazendo... a Universidade do ABC está construindo o seu campus aqui em São Bernardo do Campo; fizemos em Mauá – em Mauá, falta o Osvaldo dar o terreno... mas o Ministério da Educação vai comprar um terreno, que era uma fábrica antiga que tinha lá, que é de qualidade; fizemos em Santos, em Diadema, em Santo André, em Guarulhos; vamos fazer em Osasco. E uma coisa mais importante: nós criamos um programa, aqui, chamado ProUni, que é um programa em que a gente troca o imposto das universidades particulares – uma parcela – por uma bolsa de estudos. Este ano, nós chegaremos a 726 mil alunos no ProUni, 726 mil alunos. Vejam que interessante: este ano eu vou fazer uma festa com os primeiros 540 estudantes que se formaram médicos pelo ProUni. Gente pobre, da periferia, que não teria condições de estudar, que



vai se formar médico, advogado, engenheiro, o que mais vocês querem? Sobretudo engenheiros, porque o Brasil tinha deixado de formar engenheiros. Quem se formava ia trabalhar no sistema financeiro. Nós, agora, com o crescimento econômico, estamos sentindo falta dessa profissão.

Então, eu quero dizer para vocês da minha alegria, alegria de ver o Brasil crescendo, de saber que a indústria automobilística brasileira está numa situação melhor do que a da Europa, do que a americana, do que a japonesa. Nós só disputamos com a China hoje, para ver quem está mais porreta, mais crescendo, mais gerando emprego. Este ano, se Deus quiser, nós vamos gerar 2 milhões de empregos. Eu terminarei o mandato gerando 14 milhões de postos de trabalho com carteira profissional assinada.

Este Sindicato nunca mais, desde que eu fui presidente, fez acordo perdendo dinheiro. Sempre fez acordo ganhando aumento real de salário, e isso vale para 90% de todas as categorias de trabalhadores deste país. Saio da Presidência com o Brasil muito mais respeitado no exterior. Vocês viram a conquista das Olimpíadas, lá em Copenhague, vocês viram a conquista da Copa do Mundo. Antigamente, um presidente do Brasil não saía nem no rodapé de um jornal alemão. Verdade ou mentira? Não saía. Miguel Jorge, você que trabalhou aqui muito tempo... Agora não, agora nós ocupamos muito espaço na imprensa alemã, na imprensa francesa, na imprensa americana, na imprensa inglesa. Tem hora que eu apareço tanto, que eu nem consigo ler o que está se falando de mim lá.

Bem, então, o Brasil vive um momento excepcional, e eu quero que isso continue, precisa continuar, porque o povo brasileiro... Eu trabalho com a convicção de que dentro de seis ou sete anos o Brasil será a quinta economia do mundo, eu trabalho com essa convicção. Vocês estão lembrados, a gente não produzia mais navio. Agora nós estamos produzindo navio, plataforma, sonda. A indústria naval brasileira tinha apenas 1.600 trabalhadores. Já está com 50 mil trabalhadores. Nós... graças a Deus, nós descobrimos o pré-sal, e o



pré-sal tem muito petróleo a 6 mil metros de profundidade. Uma parte desse petróleo, a gente quer dedicar o lucro dele para a educação, para a ciência e tecnologia, para o meio ambiente e para a questão cultural do país, que são quatro coisas extremamente importantes no país.

Eu quero terminar dizendo aos companheiros da Volkswagen que eu não seria o que eu fui, não teria realizado o que eu realizei se não fosse a compreensão de vocês. Eu lembro, eu lembro que daqui de São Bernardo do Campo, quando os conservadores, em 2005, tentaram... na minha opinião, aquilo era uma tentativa de derrubar o governo, porque eles não se conformavam como é que um metalúrgico, um torneiro mecânico podia fazer mais do que eles. Eu lembro que partiu daqui de São Bernardo, partiu do nosso Sindicato um adesivo que dizia: “Mexeu com o Lula, mexeu comigo”. A partir daí, isso tomou conta do Brasil e hoje, por conta de vocês, eu sou o presidente mais bem avaliado da história do nosso país.

A coisa mais sagrada era que nós precisávamos recuperar a nossa autoestima. Houve um tempo em que nós, brasileiros, nos tratávamos como se fôssemos de segunda categoria. Eu fiz um plano de ciência e tecnologia, onde nós investimos R\$ 41 bilhões em ciência e tecnologia. Hoje o Brasil é a 13ª nação em publicação de artigos em revistas especializadas de ciência e tecnologia. Passamos a Rússia e passamos a Holanda, numa demonstração de que não existe limite para este país, na hora em que a gente acredita. Eu estava vendo a Fórmula Indy no domingo passado, e um corredor lá, que o carro dele quebrou, depois recuperou, ele chegou em último lugar ou em penúltimo, aí foram perguntar para ele: “Mas seu carro quebrou, você não está chateado?” Ele falou: “Olha, eu sou brasileiro e não desisto nunca”. Eu achei aquilo extraordinário, porque é esse o nosso lema.

Eu posso dizer para os trabalhadores da Volkswagen: qualquer empresário alemão, qualquer empresário americano, qualquer empresário francês, qualquer empresário japonês que vier investir no Brasil, ele vai ter a



sensação de que não existe trabalhador mais produtivo e mais criativo do que o trabalhador brasileiro. Ele vai sair com essa convicção em apenas um ano. Em um ano ele já vai ter certeza de que o trabalhador e a trabalhadora brasileiros são mais produtivos, são mais criativos e trabalham com mais alegria. Eu acho que é isso que permite que a gente possa ter o orgulho de dizer que nós somos brasileiros e não desistimos nunca, porque este país desistiu muitas vezes, este país desistiu muitas vezes. Este país, entre 1950 e 1980, foi a economia que mais cresceu no mundo; durante 30 anos, a economia que mais cresceu no mundo. Entretanto, o resultado dessa riqueza não foi distribuído de forma justa para todos os brasileiros.

Pois bem, nós, agora, nós, agora... Primeiro, aprendemos a crescer, aprendemos a crescer, e nós aprendemos que o crescimento gera emprego, o emprego gera salário, o salário gera consumo, que gera mais empregos, que gera mais salário. É tudo isso que nós queremos. Nós aprendemos que nós, brasileiros, não devemos nada a ninguém. Nós não queremos ser melhores do que ninguém, mas também não queremos ser inferiores a ninguém. Queremos ser tratados em igualdade de condições, com o respeito que nós merecemos ter no mundo.

Eu vou terminar, eu vou terminar contando uma coisa para vocês. Eu fui ao Irã. Todos vocês acompanharam, pela imprensa. Tem uma briga: se o Irã vai fazer bomba nuclear ou não vai fazer bomba nuclear; se ele vai aceitar a proposta da Agência Internacional de armas atômicas [Agência Internacional de Energia Atômica] ou não, (incompreensível). E qual era o grande problema? O grande problema era que o Irã não se sentava à mesa para negociar. Era a queixa dos americanos, a queixa dos franceses, a queixa dos ingleses, a queixa dos chineses, a queixa dos russos. Na última reunião, em Pittsburgh, no ano passado, eu perguntei para todos os líderes, do Hu Jintao ao Obama, se eles já tinham conversado com o companheiro Ahmadinejad. Ninguém nunca tinha conversado, inclusive a nossa querida Angela Merkel, primeira-ministra



da... chanceler da Alemanha, nunca tinha conversado. Todo mundo, todo mundo falava mal do Irã, mas ninguém nunca tinha sentado, num *tête-à-tête*, para conversar. Pois bem, eu fui. Vocês estão lembrados que eu estava viajando para lá, e a imprensa cansou de publicar declarações “O Lula é ingênuo. O Lula está acreditando em fantasias. O Ahmadinejad está enganando o Lula, está enganando a Índia”. Eu falava: não. Vocês estão lembrados que eu estava na Rússia e a imprensa perguntou para o presidente Medvedev: “De zero a cem, qual é o percentual que você acredita, de possibilidade do Ahmadinejad negociar?” O Medvedev falou: “30%”. Eu falei: pô, 30% não é otimismo, Medvedev. Otimismo é o meu: 99,9%. Pois bem, cheguei em Teerã, o que aconteceu? Depois de 18 horas de conversa, aquilo que os americanos não estavam conquistando há 31 anos – não é há 3 anos, não –, há 31 anos... Não é o caso do Obama. Já teve Obama, Clinton, Bush pai, Bush filho, Reagan, todo mundo... Aquilo que eles não conseguiram em 31 anos, nós conseguimos em 18 horas de conversa e o Irã resolveu se sentar à mesa para negociar, numa demonstração de que o diálogo é a melhor forma de você resolver os conflitos. Não atirando, como Israel atirou ontem em um barco turco que ia levar comida para a Faixa de Gaza, um barco que estava em águas internacionais. Existem milhões e milhões e milhões de razões para a gente construir a paz e não existe uma única razão para a gente construir a guerra. É este país que sabe fazer paz porque o povo brasileiro é pacífico, porque nós gostamos de ser bons, porque nós gostamos de ser generosos. É este país que está dizendo ao mundo: em vez de armas e em vez de balas, mais comida e mais diálogo, mais emprego e mais salário, para que a gente possa resolver todas as crises do mundo.

Quero, do fundo do coração, agradecer a vocês e dizer para vocês: não pensem que vão se livrar de mim porque eu, ainda este ano, virei fazer campanha na porta da Volkswagen, lá fora, lá fora. E no ano que vem, não se desesperem se, em vez de encontrar o Nobre ou o Chalita em cima de um



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

caminhão, vocês virem o ex-presidente Lula conversando com vocês às 6h da manhã.

Um abraço, que Deus nos abençoe.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de formatura em construção civil de alunos do Programa Próximo Passo

São Paulo-SP, 1º de junho de 2010

Bem, primeiro, quero dizer para vocês da alegria, do enorme prazer de poder estar participando, nesta tarde de hoje, da entrega do diploma para mulheres e homens que fizeram um curso de qualificação profissional.

Eu queria, primeiro, cumprimentar o companheiro Carlos Lupi, ministro do Trabalho e Emprego, um dos Ministérios responsáveis por este programa,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, a ministra responsável pelo Bolsa Família,

Quero cumprimentar o companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades, que é o companheiro que coordena o programa Minha Casa, Minha Vida,

Quero cumprimentar o companheiro Luiz Soares Dulci, que é o companheiro que coordena, praticamente, a relação do Presidente da República com o movimento social,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Aloizio Mercadante, senador da República, líder do governo no Senado, líder do PT no Senado, companheiro que tem nos ajudado de forma extraordinária,

Quero cumprimentar os deputados federais José Mentor e Milton Monti, dois companheiros que têm ajudado muito o governo na Câmara dos Deputados,

Quero cumprimentar a companheira Maria Ruth, prefeita de Itapevi,

Quero cumprimentar o Marcelo Kós Silveira Campos, diretor-presidente da Associação Brasileira de Prevenção de Acidentes – parabéns, Marcelo,



Quero cumprimentar o companheiro Paulo Safady Simão, presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção, na pessoa de quem cumprimento os demais empresários aqui presentes,

Quero cumprimentar a nossa querida Juliana de Araújo Gomes da Silva, aquela primeira companheira de vocês que fez uso da palavra aqui, em nome de todas as pessoas que se formaram,

Quero cumprimentar cada companheiro e cada companheira,

Bem, eu tenho um discurso aqui por escrito e outro discurso por escrito, e eu vou guardar o meu discurso para a gente ler depois, porque eu acho, acho que o dia de hoje, ele é muito importante. Primeiro, ele é muito importante para as pessoas que se formaram. Ele é mais importante ainda para as pessoas que já se formaram e que já tiveram a sua carteira profissional assinada. E ele, obviamente, é importante para todos vocês que já pegaram o diploma e que ainda não conseguiram um emprego. Mas é importante que vocês saibam de uma coisa: eu recebi muitos bilhetes. Aqui, os bilhetes são pessoas falando do Bolsa Família, Márcia, depois eu vou passar todos para você. Tem bilhete de pessoas falando que tem uma filha portadora de deficiência visual e que não recebe nenhum benefício, nós vamos ter que ver isso direitinho; tem pessoas falando de casa própria; tem pessoas falando de emprego; ou seja, tem bilhete para todos os gostos. Só não teve nenhum bilhete romântico para mim. Os bilhetes foram todos... Todos os bilhetes, todos os bilhetes são possíveis de se transformar em bilhetes públicos porque não têm nenhum segredo. As pessoas estão contando as coisas da sua vida.

Deixa eu dizer uma coisa para vocês: eu percebo também que uma grande parte de vocês, uma grande parte das pessoas já é casada, outra parte tem filhos. Eu acho extraordinário, acho extraordinário que 80% das pessoas que se formaram seja mulheres. O que é que isso significa? Significa que a companheira mulher já não se contenta mais em ficar em casa esperando o



marido trabalhar e trazer o dinheirinho para casa; significa que a mulher está conquistando a sua independência; significa que a mulher está entrando no mercado de trabalho de verdade. A mulher, ela cansou de ficar em casa, porque a vida de mulher é uma desgraça, gente, sobretudo para a mulher que faz o trabalho caseiro. A vida da mulher é tão difícil que uma mulher se levanta às 6h da manhã, prepara, às vezes, a roupa do marido para ir trabalhar ou, se não tem marido, prepara a roupa das crianças para irem para a escola, depois arruma a casa, limpa banheiro, limpa cozinha, depois faz o almoço, dá almoço para a molecada, depois limpa a louça do almoço, limpa a cozinha, prepara a janta, espera a criança. Aí, se ela é casada, espera o marido chegar, faz comida, dá comida, aí pergunta para a mulher: “Você trabalha?” Ela fala: “Não”. Por que é que ela fala não? É porque o trabalho doméstico não é valorizado. Então, o trabalho doméstico, às vezes, é mais pesado do que o trabalho que a gente faz fora, em uma fábrica.

Então, as mulheres, as mulheres estão querendo trabalhar fora, querem ter uma profissão para ter autonomia e independência. Nenhuma mulher, hoje, quer ficar dependendo mais do salário do marido. Acabou aquele tempo, acabou aquele tempo em que a mulher se contentava em ficar em casa esperando o marido chegar com o salário para depois ela pedir R\$ 5,00 para comprar uma coisinha íntima para ela, acabou. Acabou aquele tempo em que a mulher vivia com um homem, tinha medo de se separar, porque o homem garantia o feijão dentro de casa. Hoje, as mulheres querem mais do que feijão. Elas querem feijão, mas elas querem respeito, elas querem viver com um homem porque elas gostam do homem, não porque dependem do prato de comida que ele põe dentro de casa. É por isso que vocês aprenderem uma profissão é muito importante.

Quando vocês chegarem em casa, depois de cansadas, depois de uma jornada de trabalho, se o marido estiver legal, receber vocês bem, se ele for um bom companheiro e ele chegou mais cedo, ele vai ajudar na tarefa de casa, vai



ajudar a lavar a louça. Por que não pode um marido ajudar a lavar a louça? Por que não pode ajudar a fazer a comida? Por que só quer ficar sentado na frente da televisão? “Me dá um café, me dá uma água”. Não! Isso está acabando, está acabando, porque mulher e homem querem ser tratados em igualdade de condições. Nem o homem quer ser explorado pela mulher e nem a mulher quer ser explorada pelo homem, os dois precisam viver em harmonia, na mais perfeita harmonia e parceria. Por isso, eu acho que vocês aprenderem uma profissão é... Vocês, na verdade, são “as caras”. Vocês, na verdade, estão dando um exemplo ao Brasil.

Eu quero agradecer aos empresários, agradecer ao Ministério do Trabalho, agradecer ao Ministério do Desenvolvimento. O companheiro Marcio Fortes, do Ministério das Cidades, vai ter que, no Minha Casa, Minha Vida, formar muitas mulheres, porque a mulher... Antigamente diziam: “Mulher não pode ser azulejista, mulher não pode ser pedreiro, isso é trabalho de homem”. Acabou, acabou. A mulher pode fazer qualquer serviço que um homem faça, qualquer serviço, não tem mais diferença de comportamento. E alguns serviços a mulher tem mais competência do que a gente, tem mais competência, tem mais dedicação. Então, eu acho que nós estamos dando um passo muito importante.

Eu queria dizer para vocês o seguinte, companheiros: o Brasil ficou 20 anos sem a economia crescer. A economia não crescendo, não gerava oportunidade de trabalho. É por isso que nós temos uma geração de muitos brasileiros que passaram 15 ou 20 anos sem ter oportunidade de trabalho. Graças a Deus, o Brasil está crescendo. Com o Brasil crescendo – vocês viram o Ministro do Trabalho dizer –, nós vamos fechar o ano criando 14 milhões de empregos com carteira profissional assinada. O governo tem muitas obras para fazer, tem muita coisa para acontecer neste país. E essas coisas vão acontecer melhor se as obras que o governo estiver fazendo, Marcio, a gente contratar as próprias pessoas dos bairros. Cada projeto habitacional em um bairro, nós



temos que formar gente daquele bairro, para evitar que as pessoas peguem duas ou três conduções para ir trabalhar.

Então, se tem um projeto habitacional ou uma coisa qualquer sendo feita numa vila, vamos fazer, vamos fazer o cadastramento dos homens e das mulheres daquela vila, para que eles trabalhem lá sem precisar pegar ônibus, porque, às vezes, a gente perde praticamente duas horas ou mais andando de ônibus para ir trabalhar. Os empresários vão ganhar com isso, porque os trabalhadores vão chegar sempre no horário; os trabalhadores vão ganhar, porque não vão andar apertados dentro de um ônibus, e vão poder ter mais tempo para voltar para casa e conviver, marido e mulher, com os seus filhos.

Por isso, gente, eu estou feliz. Eu estou feliz. Eu vou tirar uma foto com você, minha buchudinha. Você fica pulando muito aí, vai nascer a criança, hein? Pule devagar, minha filha. Passe essa companheira para frente aí, para a gente tirar uma foto com ela.

Olhe, gente, eu queria dizer para vocês o seguinte, eu queria dizer para vocês... Não, primeiro a moça grávida ali, porque a gente não pode ficar apertando muito ela, porque... Mas depois eu desço aí, para a gente tirar foto. Eu desço aí.

Gente, olhe, eu queria dizer para vocês que eu saio daqui, vou embarcar para Brasília, mas eu saio daqui e vou levar, durante muitos dias, na minha cabeça, a imagem de felicidade que eu estou vendo na cara de vocês. Na verdade, na verdade, a oportunidade de cada brasileiro vai chegar, e a de vocês está chegando com o aprendizado dessa profissão. É apenas o começo. E eu queria que vocês não parassem de estudar, e vocês não deixassem de brigar por aquilo que vocês acreditam, não dá para a gente desanimar. Se desanimar resolvesse o problema, eu não teria chegado à Presidência à República. Eu só cheguei à Presidência porque eu teimei, porque eu briguei e acreditei. Portanto, cada um de vocês pode chegar a qualquer lugar, basta que vocês acreditem e basta que vocês façam aquilo que vocês querem fazer.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um abraço, que Deus abençoe cada uma de vocês e cada um de vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
3ª Conferência Nacional do Esporte**

Brasília-DF, 04 de junho de 2010

Primeiro, cumprimentar a Hortência e o Robson Caetano, porque não é sempre que a gente pode participar de um evento apresentado por duas pessoas tão ilustres do esporte brasileiro.

Segundo, dizer para vocês que quando eu cheguei aqui... eu já fiquei sabendo logo ali que tinha muita gente nervosa por causa do atraso, e neste país, neste país, normalmente, um Presidente da República não tem o hábito de pedir desculpas. Mas eu tenho o hábito de pedir desculpas, e quero pedir desculpas a vocês, porque estava marcado, estava marcado [para as] 11h30, estava marcado [para as] 11h30, eu não pude chegar às 11h30, porque tinha uma agenda com assuntos internacionais que eu tinha que decidir hoje, e eu cheguei atrasado. Então, o ministro Orlando não tem culpa nenhuma, estava aqui me esperando, tem gente que está com fome. Eu também estou com fome. Ainda vou comer depois que sair daqui.

Mas, dizer para vocês da alegria de poder participar desta Conferência. Orlando, com esta Conferência, é... eu estou participando de 68 conferências desde que eu assumi o governo. Conferência de todo tipo que vocês possam imaginar, representando tudo o que nós temos neste país, de diversidade cultural, esportiva, e isso tem sido importante porque, primeiro, a gente desmonta aquela ideia de que um Presidente da República sabe tudo. Quando você é candidato, quando você é candidato, as pessoas querem que o presidente entenda de células-tronco, as pessoas querem que o presidente entenda de nave espacial, as pessoas querem que o presidente, agora, entenda de enriquecimento de urânio e as pessoas querem que o presidente entenda de tudo. Na verdade, quando a gente é candidato, a gente vai



pensando que precisa entender de tudo e vai decorando coisas, e a gente tem, no máximo, argumento para 30 segundos sobre cada coisa importante que perguntam para a gente. Essas conferências são a demonstração humilde de um governo que sabe de algumas coisas, não sabe de outras, e de um governo que acha que ouvindo a sociedade a gente tem a chance de errar menos do que aqueles que não ouvem a sociedade.

Bem, eu não sei, eu não sei se... quantos brasileiros viveram a emoção que eu vivi, da conquista das Olimpíadas, lá em Copenhague. Eu não sei se a Hortência, que estava lá, se teve algum momento mais forte, mas eu, sinceramente, nunca imaginei que uma conquista esportiva fosse causar a emoção que eu e todo mundo vivemos naqueles 30 segundos de espera para aquele suíço ler aquele envelope, sobretudo porque eu estava, eu estava preocupado porque aqui no Brasil, quando eu saí – até falei para o Orlando, quando cheguei a Copenhague –, eu vi alguns programas e vi gente dizendo: “Por que o Brasil vai disputar Olimpíada? O Brasil não precisa. O Brasil precisa investir na escola, investir nisso, investir naquilo...”. Como se uma coisa fosse antagônica à outra. O Brasil precisa se enxergar.

Agora, mesmo, falaram nesse negócio do Irã, não é? Quando eu falei que era possível a gente ir ao Irã e convencer o Presidente do Irã a, pacificamente, concordar com a Agência Internacional de armas atômicas [Agência Internacional de Energia Atômica]. E o pessoal dizia: “O Lula é inocente, ele acredita em Papai Noel. Ele vai lá conversar. Os Estados Unidos tentam há 31 anos, a França tenta há não sei quantos anos”. Nós fomos lá, e apenas com o diálogo conseguimos convencer o Presidente a mandar a carta que já mandou para a Agência Internacional, em uma demonstração de que é possível, pela via do diálogo, a gente construir a paz, e não pela via da bordoadada, não é? Eu digo sempre que eu tenho cinco filhos e nunca bati com o chinelo na bunda de um, nunca, e acho que não é preciso bater. Acho que conversar, dá para educar muito mais do que bater. Então, eu acho que foi isso



que nós fizemos.

Quando chegou lá, o Obama, a gente ia disputar com Madri, com Tóquio então que foi uma desgraceira. O pessoal falava: “Onde já se viu esse baianinho de Garanhuns quer disputar com o rei Juan Carlos de Borbón, da Espanha, quer disputar com o Primeiro-Ministro...”. Aliás, já caiu, o primeiro-ministro Hatoyama. O Japão é interessante porque com a mesma pressa com que eles indicam, eles derrubam. Ele é novo e já caiu, nem veio ao Brasil em uma visita oficial.

Depois, quando o Obama chegou lá, às 9h da manhã, vamos ser francos, Hortência: todo mundo ficou assustado quando viu o Obama chegar lá, desceu naquele “aviãozinho”, que cabe o meu dentro, o meu cabe... É verdade, o meu cabe dentro daquele lá. Chegou naquele avião, dizendo “nós podemos, nós podemos, nós podemos”, eu falei: (incompreensível).

Agora, eu, sinceramente... Quem estava lá, o pessoal que trabalhou, o pessoal que trabalhou, o pessoal que fez a propaganda da nossa apresentação, o pessoal que articulou antes, foi um negócio... Eu nunca vi nada tão primoroso na minha vida e eu acho que pouca gente sentiu o orgulho de ser brasileiro como a gente sentiu naquele momento. A apresentação brasileira foi simplesmente primorosa, e sabem por quê? Porque, pela primeira vez, a gente decidiu ser profissional. Pela primeira vez, nós decidimos agir com profissionalismo, porque nesse negócio não tem amadorismo. Chegasse lá, andando de Brasília velha... Eu nunca vi ninguém ser eleito deputado porque andou de Brasília velha, caindo aos pedaços, ou seja, nós fomos profissionais. Envolvemos o Itamaraty, a prefeitura, o governo do estado, todo o Comitê Olímpico brasileiro, eu pessoalmente, outros atletas nossos famosos. Nós chegamos lá porque fomos profissionais, não teve nenhum amadorismo, e foi a maior votação que um país teve na história das Olimpíadas, a maior diferença de votos de um país.

Bem, eu queria começar com isso porque eu acho que as Olimpíadas,



elas estão servindo para nós, Orlando, como se fosse uma prova, uma prova de fogo – a gente não vai falar só disso –, mas uma prova de fogo porque quando chegarem as Olimpíadas não tem como esconder: a nossa cara vai aparecer do jeito que nós somos. Se nós trabalharmos corretamente, fizermos as coisas corretamente, profissionalmente, nós vamos sair na foto com uma cara bonita. Se nós ficarmos esperando que a natureza dê conta das coisas, a gente vai ficar com uma cara feia.

Portanto, eu não estarei mais na Presidência da República, mas estarei sendo brasileiro, como serei... e vou estar envolvido diretamente, pelo seguinte: eu acho, Orlando, que esta Conferência pode tirar um monte de lições para que a gente comece a executar. Agora, uma coisa tem que ter claro, gente: nós precisamos – e aí não é por lei –, nós precisamos convencer os quase 6 mil prefeitos deste país a acreditarem que o esporte é uma das possibilidades que nós temos de encaminhar corretamente a juventude brasileira, que fica muito barato a gente contratar professores de Educação Física e professoras para ajudar a orientar...

Veja, porque, qual é o grande problema, Orlando? Eu vou dar o exemplo de uma cidade grande, de São Bernardo do Campo, onde eu moro. Eu estou... eu não tenho praia. Primeiro, o azar de que não tem praia. Já estou a quase 70 quilômetros da praia. Segundo, os espaços públicos para você praticar esporte são quase inexistentes. Eu levantava de manhã, Orlando, eu ia ao clube da Volkswagen porque eu tinha amizade com a Volkswagen, mas é um clube privado, não podia entrar lá. Andar na rua de manhã – eu vejo muita gente andando – não é recomendável, porque está enchendo o pulmãozinho de gás que sai dos carros e dos ônibus. Então, não tendo espaço público, as pessoas têm pouca chance de praticar esporte. Quem pode, paga e quem não pode, não pratica esporte. Esse é o dado concreto.

Então, nós precisamos convencer... porque está cheio de prefeituras... toda cidadezinha, por menor que seja, tem um campo de futebol. Já é um bom



início, já é um bom início. Tem gente que não gosta de investir em piscina, sabe por quê? Porque diz que piscina é caro, porque tem que ter o médico, porque precisa cuidar da frieira do companheiro que não cuida da frieira. Ora, meu Deus do céu, mas como é que a gente vai reproduzir milhares de “Cielos”, se a gente não tiver lugar para as pessoas nadarem? Então, o Orlando viu a minha briga, na apresentação das praças esportivas, a questão da piscina, e aí, quadra de vôlei... tem que ter quadra, tem que ter a rede, tem que ter a bola, tem que ter o professor para educar, não pode... Também colocar, colocar os aparelhos e não ter ninguém para ensinar, é quase não ter.

Então, Orlando, esse é um trabalho sério que nós vamos ter que fazer daqui para a frente com os quase seis mil prefeitos deste país, que é motivar... As escolas brasileiras não podem mais ser aquela caixa quadrada, que parece uma cadeia. As escolas têm que ter área para que as crianças possam praticar esporte, gente. Você vai... O que você vai gastar para fazer as escolas melhores, você vai economizar na construção de cadeias para a frente, você vai economizar.

Então, nós, agora, tomamos uma atitude do governo, vamos investir, este ano, R\$ 418 milhões para combater o crack, para combater o crack, que virou, virou uma peste na periferia e nas cidades pequenas, que é uma droga muito barata, mas de efeito avassalador, e nós também sabemos que se não envolvermos a comunidade... Aliás, viu, Orlando, em uma conferência como esta é que se podia discutir esses assuntos também, porque está pegando criança pequena, está pegando as cidades pequenas, está pegando... Antigamente, era só coisa de grande metrópole. Hoje não, o crack está em qualquer cidade deste país e nós temos que tomar uma atitude. O governo federal, o governo estadual, o governo municipal, sindicato, igreja, todo mundo que puder participar, participar para a gente vencer essa nova praga que está se instalando na periferia do nosso país.

A segunda coisa, a segunda coisa que eu acho importante, Orlando, é



também envolver os governadores. Nós já temos contribuição muito importante, mas as pessoas precisam aprender, definitivamente, que praticar esporte é bom para a saúde, a sociedade tem que saber. Às vezes é difícil levantar às 6h da manhã para fazer uma corridinha? É. É melhor ficar até às 7h na cama, até às 8h. Às vezes, de noite, é melhor sentar... é mais fácil se sentar na frente de uma televisão e ficar lá, vendo um enlatado desses que a gente vê todo santo dia, em casa. Mas nós temos que motivar, e aí, Orlando, é motivação, não tem lei que obrigue, aí é motivação. Aí é quase uma coisa sagrada, fazer as pessoas andarem, fazer as pessoas se exercitarem, e daí por que a necessidade de termos professor de educação física.

Orlando, uma coisa que nós temos que ver é que a gente vai evoluindo. Parece que o erro que está no projeto é nosso mesmo. Parece que o erro que está no projeto era uma visão que se tinha em 2005. Se a gente mudou de visão para melhor, então é preciso, agora, chamar os líderes no Senado e dizer que não é mais aquilo que nós queremos, que nós queremos outra coisa.

A terceira coisa que eu queria dizer para vocês é o seguinte. Eu não vou falar aqui das coisas que o Ministério já fez porque o Ministério vocês sabem e vocês acompanham, e acho que nós já fizemos muita coisa, mas ainda falta muito a fazer. Este país estava tão carente de determinadas coisas que, por mais que a gente faça, sempre falta alguma coisa para a gente fazer. Vamos ver o que diz o artigo 217 da nossa Constituição, Orlando. O artigo diz o seguinte: define o esporte como direito social e determina que cabe ao Estado oferecê-lo como política pública. Isso está na Constituição, portanto, não estamos fazendo nenhum favor. Estamos apenas cumprindo o preceito constitucional.

Mas, vamos ver o que diz a ONU. A ONU diz o seguinte... A ONU, no seu documento sobre esporte, ela diz o seguinte: “Esporte para o desenvolvimento e a paz. A ONU considera que o esporte, em todas as suas dimensões, é uma poderosa ferramenta de transformação social”. Portanto,



não somos apenas nós que acreditamos nisso.

Quando nós criamos o Ministério do Esporte, em 2003, determinamos que ele focasse o esporte como direito social e fator de desenvolvimento humano. Bem, o Ministério... vocês conhecem bem o trabalho do Orlando. Orlando, eu vou economizar, não vou dizer as coisas que o Ministério fez aqui, não, porque o pessoal quer saber, na verdade, o que você vai fazer para a frente. Mesmo você... Por que eu coloquei no PAC 2 a questão do esporte, se eu não vou ser mais Presidente? Por que eu coloquei? É porque o orçamento... Não, é porque o orçamento de 2011 tem que ser aprovado agora, tem que ser aprovado este ano. Agora, em agosto, nós estaremos mandando o orçamento para o Congresso Nacional, e se não tiver verba, já para 2011, significa que o próximo governo só vai começar a cuidar disso em 2012, e não dá para a gente perder tempo se a gente acredita que o esporte tem essa importância que tem. Então, eu acho que nós temos que ter claro o seguinte: nós temos que ter claro que aquilo que a gente faz são coisas aprovadas por vocês, portanto, da sociedade brasileira especializada que está a exigir que o governo cumpra com aquilo que está na nossa Constituição.

A segunda coisa que eu acho importante dizer para vocês é o seguinte: eu tenho orgulho de ver um companheiro como o Daniel ganhar a quantidade de medalhas que ganha, porque vocês sabem que no Brasil, e em qualquer lugar do mundo, é muito mais fácil as pessoas patrocinarem um atleta já famoso, um atleta já construído, um medalha de ouro do que você pegar uma pessoa que está começando a vida, que começa a treinar e precisa de um patrocínio, sobretudo se essa pessoa é portadora de deficiência física.

Uma coisa que eu tenho orgulho... certamente nós não fizemos tudo ainda, Orlando, mas eu acho que a quantidade de Bolsa-Atleta que nós demos, eu penso que é o que possibilitou muita gente... paraolímpico a chegar onde chegou. E, certamente, nós vamos precisar reajustar, porque a inflação come também o salário dos atletas. Vamos ter que repensar, para o próximo



mandato, como é que a gente vai valorizar isso. Também, e também, Orlando, dizer uma coisa que é importante as pessoas saberem o que você fez aqui, Orlando. Em sete anos e meio, cerca de 4 milhões de crianças e adolescentes foram beneficiadas com investimento... com oitocentos... Quatro milhões de crianças, de 813... de 1,3 mil municípios, foram beneficiadas com 813 convênios, o que possibilitou o governo federal colocar R\$ 850 milhões para que essas crianças pudessem, através do Segundo Tempo, ter a participação. Agora, nós estamos prevendo investir R\$ 4 bilhões e 100 milhões na construção de 6.116 quadras cobertas e na cobertura de outras 4 mil quadras existentes. Prestem atenção para vocês cobrarem, porque senão fica parecendo promessa. Nós colocamos, no PAC, R\$ 4 bilhões e 100 milhões para a construção de 6.116 quadras cobertas e na cobertura de outras 4 mil quadras já existentes em todas as escolas públicas com mais de 500 alunos. É uma coisa...

Bem, aqui vocês sabem o que o Orlando já fez. O que já fez eu não vou dizer mais, é porque já fez. Deixa eu ver o que ele vai prometer para vocês. Bem, a Praça da Juventude, até agora só teve uma inaugurada, não é? Pois é, eu estou vendo aqui que inaugurou e nem me convidou. Se tivesse... Normalmente, deve ter tido uma festa lá, porque se tivesse dado "caca", ele teria me comunicado: "Ô Presidente, o Paulo Bernardo não liberou o dinheiro, dá para liberar o dinheirinho?". Então, ele foi lá, inaugurou a primeira. Deveria ter inaugurado na Bahia, não inaugurou.

Bem, nós temos 140 praças, não é? Nós temos 140... É uma coisa importante, viu, Hortência? São 140 praças, com a possibilidade... são espaços grandes, com a possibilidade de a meninada de uma cidade ou de uma vila participar... Vai ter no Pará. Vai ter uma para o Ceará também. Vai ter, vai ter... Não, são 140 e nós queremos criar uma praça multiuso, é isso? Ficou chique, agora, falar multiuso, multifuncional, multi não sei das quantas, multimídia. Mas é uma praça em que a gente vai tentar ocupar o espaço dos moradores de uma



cidade ou de uma região, para praticar todo e qualquer tipo de esporte. Nessas que eu estava brigando com o Orlando para a gente ter as piscinas, uma piscininha... Bem... Vai ter no Piauí, rapaz. Não pode é beber a água. Orlando, eu vou terminar... Você, você, não sei se você sabe, mas você já atendeu 10 mil atletas com o Bolsa [Bolsa-Atleta], em um investimento de R\$ 133 milhões até agora. Isso possibilitou que meninos e meninas pudessem chegar a disputar jogos importantes.

Por fim, companheiros e companheiras, eu queria dizer para vocês... eu estou pedindo, Bernard, ao pessoal das Federações... Eu estou pedindo ao pessoal das Federações o seguinte: Orlando, cada presidente de cada federação, precisa apresentar para a autoridade olímpica, para o Presidente do Comitê Olímpico, para o Nuzman, para quem quer que seja, para os governadores – cada presidente de Federação, de boxe, de basquete, de tênis de mesa, de pingue-pongue, de judô, de capoeira, de qualquer coisa –, cada presidente de Federação tem que apresentar um plano de metas até 2014, 2015, Orlando. Eu acho que todo o dinheiro que a gente tiver que colocar, a gente tem que colocar o dinheiro com base em um programa e em um plano de metas a ser perseguido por eles e a ser fiscalizado por todos nós, porque senão a gente não vai atingir os nossos objetivos.

Agora, para terminar, gente, eu quero dar os parabéns a vocês, e dizer o seguinte: não tenham medo, não tenham preocupação de debater essa questão do esporte com a profundidade que ela merece. Hoje está ficando mais claro, cada vez está ficando mais claro que, não apenas pensando em medalha, mas pensando na ocupação correta da nossa juventude, pensando na saúde correta das pessoas que têm... que já são quase da terceira idade como você, Robson, quase da terceira idade. Não um jovem como eu, mas... Nós sabemos que hoje a saúde está intimamente ligada à questão do esporte, e ainda com aquilo que o Temporão falou, juntou a fome e a vontade de comer. É esporte e sexo a moda agora, segundo o Temporão. E me parece, me



parece que o único técnico que adotou a moda foi o Maradona. Eu quero ver jogador argentino chegar lá, trançando as pernas lá, e o Brasil vai ganhar esta Copa do Mundo.

Então, gente, olhe, façam as coisas direitinho. Nós vamos fazer o orçamento este ano e nós precisamos colocar as coisas do esporte já para o ano que vem. Então, caprichem, caprichem. Vocês vieram aqui para falar e nós viemos aqui para ouvir. Vocês vão escrever e nós vamos tentar transformar o que vocês escreveram em leis, decretos, portarias, alguma coisa que possa significar um avanço na prática de esporte no nosso país.

Um grande abraço, que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2010/2011**

Brasília-DF, 07 de junho de 2010

Meu caro companheiro Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,

Meu caro companheiro Wagner Rossi, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Meu caro companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Deputados federais Afonso Hamm, Carlos Melles, Homero Pereira, Moacir Micheletto, Nelson Marquezelli e Silas Brasileiro,

Meu caro Pedro Arraes, presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, nossa querida Embrapa,

Meu caro Haroldo Cunha, presidente da Associação Brasileira de Produtores de Algodão, Abrapa,

Senhoras e senhores dirigentes e integrantes do setor agrícola,

Companheiro Gilson, que chegou atrasado, mas chegou. Você foi muito elogiado pelo Wagner Rossi, então... Não é sempre que isso acontece.

Bem, como vocês sabem, eu tenho um discurso por escrito. Antes de ser feito, certamente, ele passou pelo crivo do Ministério da Agricultura, para saber se os números estavam corretos. E eu, Wagner, vou abrir mão de ler o meu discurso porque se é verdade que o seu pessoal ajudou a construí-lo, a verdade é que você já utilizou quase todos os números que estão embutidos aqui.

Uma coisa importante que eu queria dizer para vocês é que este é o último Plano Safra do meu governo. E é com muito orgulho que o estamos



lançando e ouvindo do ministro da Agricultura os elogios ao Plano que ele junto com outros ministérios construíram para que nós pudéssemos anunciá-lo hoje, aqui e agora. É importante lembrar que são quatro vezes e meia aquilo que foi o nosso primeiro Plano Safra, que era de apenas R\$ 24 bilhões. E é importante notar os avanços que aconteceram nesses últimos sete anos. Com problemas, com divergências, com mais dinheiro nos cofres ou com menos dinheiro nos cofres, com mais problemas de intempéries ou menos problemas de intempéries, a verdade é que tem momentos em que os agricultores estão melhores, o governo está menos melhor, e hora o governo está melhor e os produtores estão em uma situação mais difícil, porque depende da chuva, depende do sol, depende do financiamento, depende dos preços das *commodities* em nível internacional, então tem uma série de coisas que mexem com agricultura e, por isso, ela tem que ser tratada diferentemente de outros setores da atividade econômica brasileira. E disso já há uma compreensão, eu tenho certeza que, hoje, o Wagner Rossi tem menos problema na discussão com o ministério da Fazenda do que tinha o nosso querido companheiro Rodrigues no primeiro ano do nosso governo. Por quê? Porque todos nós aprendemos, todos nós ficamos mais maduros, todos nós passamos a nos respeitar, já não há as acusações baratas que havia no começo do governo, ora por desconfiança, ora por falta de conhecimento, ora por má-fé, ora por questão eminentemente político-eleitoral... Havia uma série de coisas que criavam uma confrontação, que hoje nós percebemos o quão ela foi desnecessária e o quanto ela pode atrapalhar o futuro se a gente não levar em conta o que o Brasil representa no mundo hoje.

É preciso que todo mundo tenha consciência da importância do Brasil no mundo hoje, e eu digo sempre que o problema de quem vai ganhando mais importância é que aumenta a sua responsabilidade. Os companheiros que trabalham com a produção de etanol sabem, perfeitamente bem, e eu não preciso dizer que não tem nenhum governo que os tratou com o respeito que



eu os tratei, inclusive, recuperando uma coisa chamada cidadania, que eles tinham perdido há muito tempo. E por que tinham perdido há muito tempo? Porque, neste país, por interesses eminentemente políticos, tinha governante que tinha vergonha de usineiros. Não tinha vergonha, possivelmente, de pedir dinheiro para campanha, mas tinha vergonha, depois, de dizer que era amigo de usineiro. Da mesma forma que tem político que tem vergonha de evangélico. Antes das eleições, todo evangélico é bom, depois das eleições, se puder, não recebe porque significa (incompreensível). Comigo não tem essa história. Ou seja, não é possível você governar um país deste tamanho com duas caras. Ou você tem uma cara única e você se mostra do jeito que ela é e faz as coisas do jeito que tem que ser feitas ou o Brasil não poderia dar certo. E todos nós, hoje, somos testemunhas de que este Brasil está dando certo. Está dando certo porque eu não tenho vergonha de chegar a qualquer país do mundo, defender o algodão brasileiro, defender a cana e o álcool brasileiros, defender a soja brasileira, defender o milho brasileiro, defender o empresário brasileiro. Não tenho nenhuma vergonha, e muito menos demérito. Sinto orgulho de defender as coisas que este país faz. E, na medida do possível, vamos trabalhando para que as coisas possam melhorar.

Então, não é à toa que o Brasil ocupa hoje um espaço extraordinário, extraordinário no mercado internacional, seja com a soja, com o milho, com o algodão, com o etanol e com tantos outros produtos, sabe, já nem falo carne, porque já passamos a ser o primeiro... e quando a gente passa a ser muito forte, a gente começa a ter adversários. Começa a ter adversários porque começa a ter inimigos. A Nova Zelândia não gosta que o Brasil esteja exportando tanta carne. A Austrália também não gosta. Os Estados Unidos também não gostam. E as pessoas começam a botar defeitos nos nossos produtos, e começam a criar casos, e começam a levar discussões à OMC, e começam a tentar evitar que o Brasil possa disputar em igualdades de condições.



Por que vocês pensam que nós não terminamos a Rodada de Doha, em outubro de 2008? Não terminamos porque tinha eleições nos Estados Unidos e, na época, o presidente Bush estava preocupado com o voto dos produtores rurais americanos. E também, porque o negociador da Índia, o Kamal, era candidato a governador e tinha eleições em maio de 2009, na Índia, e ele não queria arrumar nenhuma briga com os seus produtores agrícolas, e nós paramos a Rodada de Doha, que poderia ter ajudado muitos países pobres, e está paralisada desde outubro de 2008, quando nós já poderíamos estar pensando em outra coisa.

Bem, nós ainda podemos produzir muito mais. Quando a gente olha o mapa do Brasil, quando a gente olha a quantidade de milhões de hectares de terras agricultáveis que nós temos, quando a gente olha o crescimento econômico do mundo, quando a gente começa a imaginar mais chineses comendo, mais indianos comendo, mais africanos comendo, mais latino-americanos comendo e a gente olha que tem que aumentar a produção agrícola e a gente olha no mapa do mundo: onde é que a gente percebe que tem terra em condições de produzir muito mais alimentos? É exatamente no Brasil. É exatamente neste país. E é por isso que nós temos que ser cada vez mais profissionais, cada vez mais competitivos e cada vez mais donos do nosso nariz.

O Wagner Rossi, o Reinhold Stephanes, o companheiro Roberto Rodrigues e alguns de vocês sabem a angústia que a gente tem, de ter que importar praticamente 80% de todo o fertilizante que nós utilizamos. Não é possível que um país que queira ser a potência agrícola que nós queremos ser, a gente não seja dono do nosso nariz na área de produzir fertilizantes. E é por isso que eu penso que todos nós estaremos vivos nos próximos cinco anos para ver este país ser autossuficiente na produção de ureia, tão importante para nós.

Era importante saber que, há cinco anos, a gente discutia que a gente



não poderia produzir hidrogenados porque a gente não tinha gás. E hoje a gente já tem gás para produzir o nosso hidrogenado. Hoje, a briga não é se a gente tem ou não; hoje, a briga é saber qual é o estado que vai receber a planta de fertilizantes que nós queremos produzir, a planta de empresas para produzir o nosso fosfato, para produzir aquilo que é necessário para a agricultura. E nós estamos nos assenhoreando disso: construindo parcerias e fazendo com que empresas que até ontem achavam que não era da sua responsabilidade, como a Petrobras, comecem a assumir a responsabilidade de começar a produzir aquilo que nós precisamos, para que a gente tenha mais independência e para que a gente possa produzir melhor e mais barato para o povo brasileiro e para o mundo.

Então, nós temos que olhar esse papel extraordinário que o Brasil está exercendo no mundo. Eu diria que, hoje, nós temos uma preocupação – que eu dizia para o Temer – que nós precisamos começar a discutir, que é a compra de terras no Brasil por estrangeiros. Esse é um problema que nós precisamos começar a discutir. Porque, uma coisa é o cidadão vir, comprar uma usina, comprar fábrica; outra coisa é ele comprar a terra da fábrica, outra coisa é ele comprar a terra da soja, outra coisa é ele comprar a terra do minério. Daqui a pouco, nós estamos ficando com o nosso território diminuto. Essa é uma coisa, Temer, que nós vamos que... Já, já a alguns atrás, o ministro Jobim, o Tarso Genro, já foi criada uma equipe para gente começar a discutir como é que a gente se assenhoreia do nosso território e não permitir que haja abuso de compras de terras por estrangeiros, sobretudo da nossa terra mais produtiva.

Quando a gente olha para um cenário de médio prazo, eu acho que a gente poderia olhar e garantir que não há nenhuma razão para que tenha, no planeta Terra, um povo capaz de ser mais otimista do que o povo brasileiro. Porque é só olhar o que está acontecendo no mundo, e a gente olhar que está reservada ao Brasil, no século XXI, a recuperação do *status* que o Brasil tinha que ter no século XX e que jogou fora.



Porque, no século XX, embora de 1950 a 1980 a gente tenha sido a economia que mais cresceu no mundo, é verdade que esse crescimento econômico não significou distribuição de renda. E a verdade é que, quando nós chegamos aos anos 80, em vez de a gente ter feito uma política com justiça social, a gente tinha aumentado o número de pobres neste país, com uma dívida externa que qualquer um de nós aqui dizia, há vinte anos, que era totalmente impagável!

Este país, hoje, está em uma situação econômica de causar inveja a países muito ricos. É só assistir o que está acontecendo na Europa hoje, o que está acontecendo na Alemanha hoje. É só se lembrar que a gente ainda não resolveu o problema da crise de 2008. Uma parte daquela crise foi jogada embaixo do tapete, porque o sistema financeiro ainda não sofreu nenhuma regulação. E se quiserem modelo de regulação, não precisa procurar em nenhum lugar avançado do mundo; procurem no Brasil, que nós temos um sistema financeiro capaz de ser exemplar para o sistema financeiro europeu e para os americanos.

Então, este momento depende só de nós. Esses dias nós tivemos um problema com a carne, com os Estados Unidos, e tem uma equipe do Ministério da Agricultura lá. Eu dizia ao Wagner Rossi: Wagner, você tem que dizer para os nossos produtores de carne que se eles quiserem ocupar um espaço importante no mercado internacional, eles têm que ser muito mais responsáveis do que em qualquer outro momento da história eles pensaram em ser. Não apenas porque os estrangeiros querem comer carne da melhor qualidade do que nós, porque eu acho que até nisso nós temos mais sabor e mais paladar. É que eles são nossos concorrentes e o trabalho [deles] é tentar evitar que os nossos produtos possam chegar aos seus mercados ou chegar aos mercados de países que competem conosco. Tem uma briga política que nós precisamos compreender e uma briga econômica, que ela é muito forte.

Da mesma forma, quando a gente começou a discutir a exportação do



etanol brasileiro. Com qualquer governante estrangeiro que a gente conversa, eles querem saber da garantia de a gente suprir a demanda por combustível renovável. Se a gente não tiver essa garantia, a gente vai perder uma grande oportunidade de introduzir o etanol no mundo como a mais importante, a mais distribuidora de renda, a mais geradora de emprego das matrizes energéticas que este país descobriu.

Ainda agora que nós fomos ao estado do Pará fazer o lançamento da fábrica da Petrobras de biodiesel de palma do dendê. Ou seja, são praticamente, 38 ou 38,5 ou 35,8 milhões de hectares de terras degradadas que a gente pode recuperar para plantar combustível para exportar para o mundo utilizar combustível limpo. Em vez deste combustível fedido, deste mau cheiro do óleo diesel, o cheirinho de uma palma de dendê, de uma soja. Pensa que está fritando pastel e é um carro que está ligando o motor ali e está andando... É essa, é essa coisa, é essa coisa que a gente poderia chamar de inovação: é o Brasil, que é o modelo da inovação na questão. Eu fui agora, Temer, eu fui ao Rio de Janeiro em uma exposição da Michelin, eu andei em um caminhão, em um caminhão, sabe, tocado, totalmente, a óleo diesel de cana-de-açúcar.

Então, o potencial é extraordinário, a Embrapa, cuidando mais das nossas pesquisas, vai permitir que a gente se assenhore de uma fatia de mercado estupenda. Temer, pode ter certeza de uma coisa: a agricultura brasileira, ela está predestinada àquilo que os nossos avós diziam que o Brasil seria o celeiro do mundo, que o Brasil seria... Agora chegou a hora e a vez. Ora, era difícil o Brasil ser o celeiro do mundo se você tinha, se você tinha a China muito empobrecida, que não podia comer; se você tinha a Índia muito empobrecida, que não podia comer; se você tinha o continente africano muito empobrecido, o Brasil e a América Latina. Quando esta parte pobre do mundo começa a comer, eles vão comer alimento, eles vão comer... não vão comer a máquina que os alemães fazem. Eles vão comer são os grãos que nós



produzimos aqui.

É por isso que eu acho que nós precisamos aproveitar. Eu tenho brigado muito com os nossos empresários porque eu acho que muitas vezes a gente fica tentando disputar competição de mercado com alemães, com franceses, com ingleses, com italianos, quando nós temos um continente africano aberto, aqui, para a gente vender as nossas máquinas agrícolas. Vocês sabem que nós acabamos de aprovar e estender para a América Latina e para a África a mesma política do Finame para o produtor brasileiro, porque é a chance de a gente fazer as nossas máquinas agrícolas ganharem o mercado que, até então, era um mercado americano ou um mercado europeu. E, hoje, todo mundo sabe que em política internacional, neste mundo globalizado, não há espaço vazio. Se a gente ficar deitado em berço esplêndido esperando que o comprador passe aqui, nós vamos quebrar a cara, porque em qualquer lugar que a gente vai, os chineses estão ocupando. Quem quiser saber a política dos chineses vai pra a África ou aqui, na América Latina, para saber o que eles estão fazendo. Então, o Brasil precisa, Temer, ter uma ousadia maior, o Brasil precisa se compenetrar de que ele é um país grande, de uma economia grande, um país até sofisticado. Quando aconteceu a crise econômica, que o crédito desapareceu, o país como o Brasil deveria ter colocado crédito disponível para que países mais pobres que o Brasil pudessem comprar os nossos produtos, como fez a China, ou seja, eles não estão brincando em serviço, e nós também não podemos brincar em serviço.

Portanto, eu participo deste último evento, do lançamento do Plano Safra 2010-2011, com a convicção de que nós tivemos um avanço extraordinário, tivemos um avanço no governo, tivemos um avanço no meio empresarial, tivemos um avanço estupendo na agricultura familiar, tivemos um avanço estupendo na Embrapa, porque essa Embrapa também teve, em vários momentos, a ponto de pedir socorro, porque não tinha recurso. E nós sabemos que sem a tecnologia a gente não dá o passo que nós demos até agora.



Então, meu caro Wagner Rossi, eu fico satisfeito, eu... No ano que vem, quando vocês estiverem, aqui, recebendo quem tiver governando este país, com o ministro da Agricultura lançando um Plano Safra, eu só peço a Deus que eles tenham condições de fazer infinitamente melhor do que este último que nós fizemos. E nós precisamos tomar cuidado... Uma coisa que cabe a vocês também fazer... A gente tem que tomar cuidado para não construir os esqueletos que foram construídos ao longo da história deste país, porque na hora que a gente começa a discutir esqueletos, coisas que têm quase um valor arqueológico, como tem um osso de dinossauro, a gente deixa de discutir o futuro. Eu penso que inclusive isso, Temer, o nosso governo diminuiu substancialmente, eu acho que, hoje, o Wagner Rossi pode sentar em uma mesa junto com os empresários, o Guilherme pode sentar com a agricultura familiar e discutir as coisas “pão, pão, queijo, queijo” para o futuro e não ficar discutindo apenas as desgraças de outras épocas que não foram resolvidas. É por isso que eu confio que a agricultura vai ter um significado extraordinário neste próximo momento de crescimento econômico do país.

É verdade que o Brasil será a quinta economia do mundo logo, logo, é verdade, e é verdade que quanto mais o Brasil vencer, mais pessoas vão exigir de nós. Não pensem que nada será dado de graça para nós. Essa Medida Provisória, essa brincadeira com o algodão, já teve com o açúcar, com a União Europeia... Diziam para mim: um presidente não pode fazer uma Medida Provisória colocando produtos americanos na lista para que a gente possa criar embarços... E nós fizemos a Medida Provisória, porque nós achamos que a lei existe para todos, independentemente do tamanho. Então, se o Brasil tem que cumprir, os americanos têm que cumprir, a Europa tem que cumprir, a Índia tem que cumprir, a China tem que cumprir.

Portanto, eu acho que nós estamos vivendo este bom momento, porque nós, todos juntos, fizemos por merecer este momento. Eu só peço a Deus que a gente não jogue fora o que a gente está construindo com muito sacrifício.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Boa sorte e parabéns, Wagner.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia alusiva ao início das aulas do ProJovem Urbano**

Fortaleza-CE, 08 de junho de 2010

Eu tiro a foto com você, meu querido. Quando terminar, você vem aqui para a frente e eu tiro a foto.

Bem, se isso aqui é uma aula, por favor, prestem atenção. Eu mandarei para fora da sala de aula quem não quiser assistir à aula. Afinal de contas, educação é coisa séria e, portanto, todos precisam prestar atenção.

Eu queria... Podem relaxar, podem relaxar. Eu queria cumprimentar o companheiro governador do estado, Cid Gomes,

Gostaria de cumprimentar os companheiros ministros Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

O companheiro Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,
Quero cumprimentar o companheiro Francisco José Pinheiro, vice-governador do Ceará,

Quero cumprimentar a nossa querida prefeita da cidade de Fortaleza, a companheira Luizianne,

Quero cumprimentar o senhor Domingos Gomes Aguiar Filho, presidente da Assembléia Legislativa do Ceará,

O desembargador Ernani Barreira Porto, presidente do Tribunal de Justiça do Ceará,

Quero cumprimentar os deputados federais Chico Lopes, Eudes Xavier, Eugênio Rabelo, Eunício Oliveira, José Linhares e o ex-ministro Pimentel,

Quero cumprimentar o vereador João Salmite Filho, presidente da Câmara Municipal de Fortaleza,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Beto Cury, que acabou de falar com vocês, secretário nacional da Juventude,



E quero cumprimentar o companheiro representante dos alunos, Fábio, e a companheira Sílvia Raquel, representante das alunas do ProJovem,

Companheiros,
Professores,
Educadores,
Professoras,
Estudantes,
Companheiros e companheiras,

Eu tenho dois discursos. Um discurso é para aquela turminha que está ali com câmera ou caneta e com papel na mão, que são os representantes da nossa imprensa. E a primeira parte do discurso, aqui, é para que eles compreendam o que está acontecendo aqui, e quando terminar este ato eles podem entrevistar cada um de vocês e fazer a matéria da vida deles, sabendo de onde vocês vieram, qual a expectativa e a esperança de vocês, o que vocês esperam do programa, quem já está trabalhando, quem ainda não está trabalhando. E aí, quem sabe, algum jornalista possa até ganhar o Prêmio Esso, com uma boa reportagem sobre os alunos do ProJovem.

E eu queria começar dizendo o seguinte... Depois eu tiro foto, meu amor. Olhe, depois, quando eu terminar esta aula, eu desço aí e vou lhe dar um cheiro, um abraço e tirar umas fotos, fique tranquila. Você fica olhando “em eu, e eu olhando em ocê”, aí nós tiramos uma foto.

Bem, agora, agora eu vou pedir para vocês fazerem silêncio porque eu vou contar uma história aqui antes de eu fazer o meu discurso.

Assim como a maioria de vocês que fazem parte do ProJovem Urbano, ela é mulher, também como a maioria de vocês, ela tem responsabilidade de chefiar uma família. Estou falando de Maria Eliane de Oliveira, que não se deixou vencer pelas dificuldades que teve na vida, da mesma forma que todos vocês que estão aqui hoje. Maria Eliane, que prefere ser chamada de Eliane,



tem 27 anos e já é mãe de quatro filhos. Ela tem o Robério, de 11 anos; a Maria Gerliane, de 9 anos; a Ana Letícia, de 7 anos; e a caçulinha, Vitória Gabrieli, com apenas 2 anos de idade. Eliane parou de estudar na 5ª série, quando engravidou pela primeira vez.

No início, ela tinha um bebê para cuidar e uma casa para administrar, e deixou a escola num segundo plano. Os anos passaram, vieram os outros filhos e o retorno à escola ficou ainda mais complicado. Além disso, seu marido era muito ciumento e não queria que ela estudasse nem trabalhasse fora. Ô meu, que baita marido, hein? Não queria que a mulher estudasse nem que a mulher trabalhasse. Esse cara está atrasado, hein? Esse cara precisa tomar um chá de cidadania e aprender que a mulher pode ajudar barbaramente a família trabalhando fora.

Os anos passaram... não, há sete meses, ela perdeu o marido, pai da pequena Vitória Gabrieli, e ficou sozinha para manter sua família. Eliane foi trabalhar como diarista para pagar o aluguel da casa em que morava e também para sustentar os filhos. Mas o dinheiro que Eliane ganhava não era suficiente para arcar com as despesas. No fim do mês, ela dependia da ajuda dos vizinhos para não passar necessidades. Sem contar que, como mãe zelosa que é, Eliane ficava muito preocupada porque deixava as crianças sozinhas desde as 8h da manhã até às 7h da noite. Foi então que ela percebeu que se não investisse nos estudos, em sua qualificação profissional, ela poderia viver o resto da vida desta forma, ou seja, dependendo da caridade dos outros e sem poder acompanhar o crescimento dos seus filhos. Ela decidiu, então, entregar a casa em que moravam de aluguel, para diminuir as despesas e não ficar endividada, e foi morar com os meninos na casa do pai. E aí, ela se inscreveu no ProJovem Urbano. No mês passado, depois de mais de dez anos, depois de mais de dez anos longe da escola, Eliane voltou a pisar em uma sala de aula na condição de aluna e, desde então, ela tem certeza de que sua vida vai mudar para melhor. Ela mesma diz o que está pensando. Diz a



companheira Eliane: “Vou terminar meus estudos custe o que custar. Quero ter minha independência e dar uma vida melhor para os meus filhos. Não vou abrir mão disso por causa de homem nenhum”. Gente, palmas para a Eliane, não é? Porque, quem achou que não podia viver sem um homem que não deixava ela trabalhar nem estudar, e agora diz que não vai parar de estudar por causa de homem nenhum é um avanço extraordinário e uma conquista da Eliane, que merece palmas de todos os alunos do ProJovem.

Isso mesmo, Eliane. O ProJovem é uma oportunidade que, afinada com a força de vontade e o querer de cada um de vocês, afirma: “Não se entregue, levante a cabeça e vá à luta”. O ProJovem é uma oportunidade de recuperar o tempo perdido e construir um futuro melhor.

Essa guerreira chamada Eliane – como tantas mulheres brasileiras que sustentam sozinhas seus lares – está se redescobrando como cidadã. Ela percebeu que é forte, corajosa e que não precisa de ninguém para lhe dar segurança. Ela tem redescoberto até seus gostos e suas aptidões. E hoje se permite sonhar com uma profissão. Eliane diz que gostaria de ser jornalista. “Quando pego a caneta, meu destino é escrever. Começo escrevendo o nome dos meus filhos e, quando vejo, estou escrevendo algumas frases que parecem um poema”, conta Eliane.

Eliane disse que “gostaria de ser jornalista” – em vez de dizer “quero ser jornalista” – porque ela ainda não acredita que pode se tornar uma jornalista de verdade. Ela acha que jornalismo não é profissão para quem vem de família humilde. É importante, Eliane, você saber que muitos daqueles jornalistas que estão ali são pessoas de família humilde que tiveram oportunidade, e que estudaram, e que venceram e que você pode ser uma grande jornalista, sim, é só você querer e disputar essa oportunidade que depende de você.

Mas eu quero dizer, Eliane, por experiência própria, que você pode, sim, se tornar uma grande jornalista. Mas, para isso, você precisa querer muito, se esforçar, persistir e acreditar até o fim, mesmo que você encontre no seu



caminho pessoas que tentem desencorajá-la.

E, para que você e tantos outros jovens cheguem à universidade, criamos, em 2005, a Política Nacional de Juventude. Ela reúne um conjunto de políticas estruturantes com programas específicos, como o ProJovem, o ProUni, o programa Segundo Tempo, além de políticas de expansão das escolas técnicas e das universidades públicas.

Então, querida Eliane, você começa no ProJovem e pode chegar à faculdade de Jornalismo pelo Programa Universidade para Todos, o ProUni, ou você pode ingressar em uma universidade pública porque ampliamos as vagas nas instituições públicas e também de ensino superior. É por meio de várias ações e programas combinados que o Brasil tem enfrentado o desafio de incluir milhares de jovens como vocês na escola e no mercado de trabalho. Porque vocês são os talentos de que o Brasil precisa para construir um presente e um futuro melhor.

Agora, ainda para a imprensa, eu vou dar algumas informações. Se eu fosse presidente tinha alguém que vinha aqui me oferecer água, como eu estou no final do mandato... você viu que eu tenho que agachar sozinho, pegar minha água. Os meus assessores já estão todos pensando na próxima Presidência.

Olhe, preste atenção aqui: o ProJovem Urbano atende atualmente... ô Beto, eu vou falar aqui se não for verdade eu te pego depois, hein? O ProJovem Urbano atende atualmente cerca de 25.400 jovens em todo o estado do Ceará. Desses, 13 mil, só no município de Fortaleza. Dos 12.400 jovens atendidos pelo estado do Ceará – por meio de um termo de adesão pactuado com o Governo Federal –, 3 mil ingressaram em abril de 2009 e o restante, 9.400, começou a estudar no dia 24 de maio deste ano. Dos 13 mil jovens atendidos pela prefeitura - também por meio de um termo de adesão pactuado com o Governo Federal - 6.194 ingressaram em 2008 e 2009 e 7 mil começaram a estudar no dia 24 de maio deste ano.

Importante ressaltar que o ProJovem original existe em Fortaleza desde



2005 e que já qualificou 13 mil jovens. Desses, 10 mil concluíram o curso. São esperados 10 mil jovens para a aula inaugural. Aqui já é eu que estou falando de mim mesmo.

Eu quero dar um outro dado para vocês: O ProJovem foi implementado em julho de 2005. Em seu formato original, atendeu 241.235 jovens, em 27 capitais e 29 municípios nas regiões metropolitanas das capitais. Em 2008, o Programa passou a ser chamado ProJovem Urbano e ampliou o atendimento para 96 municípios com população superior a 200 mil habitantes e para 22 estados que atendem municípios com população inferior a 200 mil habitantes.

Em 2008 e 2009, o Programa atendeu 340.787 jovens. Neste ano, o ProJovem Urbano já atende a 156.361 jovens, que estão em sala de aula desde o dia 24 de maio deste ano. O ProJovem Urbano destina-se a jovens de 18 a 29 anos, que sabem ler e escrever, mas não concluíram o ensino Fundamental. Ele integra a Política Nacional de Juventude e está vinculado à Secretaria Nacional de Juventude da Secretaria-Geral da Presidência da República. O currículo do ProJovem Urbano abrange três dimensões: ensino fundamental, qualificação profissional no nível de formação inicial e participação cidadã. Em 18 meses, os jovens concluem o ensino fundamental e passam a ter, então, a qualificação profissional.

Todos os profissionais que trabalham no ProJovem Urbano em estados e municípios – gestores, educadores, pessoal de apoio, agentes de matrícula – são pagos com recursos do governo federal. O processo de formação inicial e continuada por que passam os gestores, os educadores e o pessoal de apoio também é custeado pelo governo federal. Atualmente, são cerca de 29 mil pessoas que estão envolvidas na coordenação e na educação do ProJovem.

Os jovens participantes do Programa recebem auxílio financeiro de R\$ 100,00. Mas, para isso, devem ter frequência igual ou superior a 75% das aulas presenciais e entregar 75% dos trabalhos previstos para o mês. A frequência, bem como a entrega dos trabalhos, é monitorada mensalmente pela



Coordenação Nacional do ProJovem Urbano por meio do Sistema de Monitoramento e Avaliação.

Com relação ao perfil nacional dos jovens – prestem atenção agora – 61% são do sexo feminino e mais de 60[%] deles já têm filho. Ou seja, no Brasil inteiro, 60% das mulheres que estão no ProJovem são meninas que já têm pelo menos um filho. Portanto, a maioria desses jovens já é pai ou mãe e está na condição de chefe de família.

Cerca de 70% deles cursaram até a quinta, sexta ou sétima série do ensino fundamental. A grande maioria entra na escola regular na idade correta, mas depois desiste da escola. Aqui, um dado importante: os alunos têm alcançado índices de proficiência similares ao do ensino fundamental regular diurno. Isso significa que esses jovens aprendem e que o projeto pedagógico tem atingido seu objetivo.

Dito isso, acabarei o meu discurso escrito e vou, agora, ter uma prosa de verdade com vocês. Eu espero... espero que os companheiros da imprensa tenham gravado as informações sobre o ProJovem, porque acho que isso merece uma matéria importante. O jornalista que fizer a melhor matéria, que eu vou ler depois de amanhã, vai ganhar, se for mulher, um abraço e um beijo e, se for homem, dois abraços.

Bem, companheiros e companheiras. Espera aí... Ô, gente, não é porque agora o Ceará tem um time que está em primeiro lugar que vocês vão ficar metidos a besta aqui. Afinal de contas, afinal de contas, vocês estão conversando com um torcedor de um time que tem o Ronaldão, que não é mole. Se preparem, porque depois da Copa do Mundo o Corinthians vem aqui, no tal do Castelão, para enfrentar o Ceará. E aí, e aí vocês vão perceber quem é que tem “café no bule”, quem é que tem. Vocês vão ver “a cobra piar”, porque... Gente... Meu amor, deixa eu terminar, que eu desço aí, vou te dar um abraço e tirar uma foto, querida. Eu estou de olho em você, não parei de olhar para você até agora.



Olhem, agora falando, falando da minha alegria, Prefeita, da minha alegria, Governador, da minha alegria, companheiros do Ceará, de Fortaleza, de estar aqui. Cadê a relação das cidades que eu dei para o assessor? Ele já deve ter ido entregar para os candidatos à Presidência para 2010, porque aqui é assim, minha filha: candidato, quando vai chegando ao final do mandato, nem vento bate nas costas, você olha para os assessores, eles já estão olhando para quem vai ser... Pega aqui, ô Marcos, pega aqui, meu filho, está entupido.

Ô, gente, antes de eu falar, eu quero saber o seguinte: tem muita gente aqui do Crato? Quem são os alunos do Crato que estão aqui? Tem pouquinho gente do Crato, hein? Vamos levantar a moral do Crato aí, gente! Quem é de Iguatu que está aqui? Quem é de Barbalha? Barbalha se mobilizou. Quem é de Cedro? Quem é de Icó? Quem é de Nova Olinda? Quem é de Quixelô? Quem é de Várzea Alegre? Quem é de Jaguaribe? Quem é... Aqui já é do Polo de Sobral. Vamos ver quem é que está aqui, do Polo de Sobral. Quem é de Cariré? Frecheirinha e Varjota? Sobral? Ipu? Reriutaba? Jijoca? Ubajara? São Benedito? Nova Russas? Trairi? Ô, gente, vou ver se tem alguém de Garanhuns aqui. Quixeramobim? Itaira? Paramoti? Itaitinga? Arneiroz? Eu acho que tem gente, em algum lugar, gritando para toda cidade. Catarina? Caridade? Redenção? Itapiúna? Quixeré? Baturite? Ah, Baturité... Baturite é lá em Pernambuco. Aquiraz? Russas? Maranguape? Maracanaú? Tauá? Crateús? Cascavel? Itapipoca? Acabou... E Fortaleza?

Ô gente, olhe, a alegria... a alegria de estar aqui com vocês é o que justifica a gente ser um político ou a gente brigar tanto para ser presidente da República.

E eu queria que vocês que voltaram a acreditar em vocês mesmos, muitas meninas, já mães – e mães solteiras –, por causa da irresponsabilidade, por causa do preconceito de a gente não ter uma educação sexual correta na escola, dentro de casa e nos meios de comunicação, por puro preconceito e por puro tabu que a gente tem neste país. Meninas que deveriam estar



brincando de meninas já são mulheres, mães, e estão diante de desafios extraordinários. Porque o desafio de ser mãe é uma coisa muito séria e é uma coisa muito nobre e, portanto, vocês, que já são mães, devem se espelhar, em primeiro lugar, na vida de vocês, para que vocês não permitam que haja qualquer retrocesso. Uma mulher encontra homem em qualquer lugar do mundo. Um homem encontra mulher em qualquer lugar do mundo. Agora, oportunidade de estudar e vencer na vida, a gente precisa procurar como procura agulha em um palheiro, e a gente precisa priorizar primeiro a nossa formação, para depois a gente priorizar outras coisas na vida.

Eu tenho a convicção de que vocês, companheiros e companheiras do ProJovem Urbano, quando estiverem em dúvida se devem estudar ou não, vocês lembrem que este país tem um presidente da República que nasceu em uma cidade do Nordeste brasileiro, lá em Garanhuns, de uma família muito pobre, que veio conhecer pão aos sete anos de idade, que ganhou a sua primeira bola de futebol aos 20 anos, depois de comprar uma. Este presidente, que não teve o diploma universitário, que estudou até a 4ª série e fez um curso do Senai, este presidente que perdeu três eleições para presidente da República, este presidente não desistiu nunca, este presidente não desistiu jamais na adversidade. Quando eu fui candidato, em [19]89, a coisa que mais me deixava triste é que eu chegava na universidade e tinha professor e estudante que votava em mim, eu passava na rua de Fortaleza, eu passava na agricultura de São Paulo, e as pessoas mais pobres faziam assim para mim, porque as pessoas não acreditavam que um igual a eles pudesse chegar lá. Eles não acreditam que um igual a eles pudesse se transformar em presidente da República. Porque presidente da República, governador, prefeito, vereador, deputado, era tido como coisa só para gente chique. Pobre, o máximo que era permitido era ir ao palanque bater palmas para eles.

É importante lembrar que a maioria dos políticos brasileiros só gosta de pobre em época de eleição. Em época de eleição, em época de eleição, pobre



vira mais chique do que banqueiro. Em época de eleição, ninguém fala mal de pobre, fala mal de banqueiro, fala mal de empresário, um político fala mal do outro, mas o pobre é coisa nobre. Depois da eleição, eles ganham e nunca mais eles querem conversar com pobre, a não ser até a próxima eleição.

Pois bem, gente, vocês precisam botar na cabeça que vocês serão o que vocês quiserem, e depende única e exclusivamente de vocês. Nenhuma mulher e nenhum homem podem desistir daquilo que eles querem por causa da adversidade: “Ah, hoje está chovendo, eu não vou a tal lugar”. “Ah, hoje eu estou com cólica, não vou sair de casa”. “Ah, minha mãe e meu pai brigaram, eu vou ficar em casa”. “Ah, eu briguei com o namorado, eu vou ficar deitada num sofá, vendo televisão, e não vou para a aula”. Quem tiver esse comportamento será um fracasso na sua passagem pela Terra.

A verdade, a verdade é que Deus nos colocou no mundo com uma cabeça e com uma inteligência, com dois olhos para a gente enxergar tudo, dois ouvidos para a gente ouvir tudo, e mãos para a gente trabalhar, escrever e andar. E uma parte precisa de nós, da nossa vontade.

Eu, quando perdia eleição, muitas vezes eu chegava ao PT, as pessoas diziam assim para mim: “Ô, Lula, para, não é, meu? Já perdeu três, pô. Para. Nós já cansamos de você, sabe? Só perde, só perde, só perde, só perde. E vai para os debates e fala ‘menas’ laranja, sabe? Não fala nem chique, não fala... Para de concorrer”. Tinham alguns, Franklin, que queriam que eu aprendesse algumas palavras em inglês. Tinha uns que falavam o seguinte: “Se o Lula for à televisão e falar duas palavras em inglês, vai ser chique e todo mundo vai votar nele”.

Tudo isso é bobagem. O que é verdadeiro é aquilo que a gente tem na alma, a gente define o que a gente quer ser na vida e a gente trabalha, a gente trabalha. Se for necessário, para sustentar uma família, a gente corta grama, a gente carrega pedra, a gente come qualquer coisa, mas o que a gente não pode é desistir de procurar um futuro melhor para nós e para os nossos filhos.



É levantar todo dia da cama, levantar, por pior... Eu lembro, Governador, eu lembro que eu tinha 17 anos de idade quando eu perdi este dedo aqui, eu trabalhava na Metalúrgica Independência. Eu trabalhava das duas às dez, das dez às seis da manhã e das seis às duas. E, muitas vezes, eu levava marmita para dentro da fábrica e, quando eu abria a minha marmita, eu não tinha mistura, era só feijão e arroz. Eu não sei se vocês já comeram marmita esquentada com ovo frito à noite. O desgraçado do ovo fica com hepatite, de tão branco que ele fica. E, muitas vezes, muitas vezes, eu sozinho na mesa almoçando, eu chorava e eu falava: “eu não vou desistir, eu vou vencer, eu vou lutar, eu vou brigar”, e tudo o que eu conquistei na vida foi a troco de muita disposição, de muita briga, de enfrentar muita adversidade.

Então, o apelo que eu quero fazer para vocês é como se vocês fossem meus filhos, porque todos vocês têm idade de serem meus filhos. É que não há nenhuma razão para a gente desanimar, não há nenhuma razão. O que nós precisamos é levantar todo santo dia de manhã, levantar com uma disposição de vencer na vida. Se não deu certo num dia, vai dar no outro. Mas a gente perseverar todo santo dia. E as mulheres que têm filho, quando elas estiverem desanimadas, elas têm que olhar na cara do bruguelinho que ela colocou no mundo, do galeguinho dela e dizer: “Se eu não tive coragem de lutar por mim, eu vou lutar por você, e vou vencer, para que você tenha uma vida melhor do que a minha!” É assim que a gente tem que fazer.

Então, meus queridos, eu quero que vocês saibam uma coisa: eu vou deixar a Presidência no dia 31 de dezembro agora. Vocês podem ficar certos de uma coisa: quem imaginar que eu vou deixar a política e vou viajar para o “estrangeiro”, vai quebrar a cara. Quem imaginar que eu vou deixar a política e vou ficar em casa, enchendo o saco da Marisa, vai quebrar a cara. Eu continuar fazendo política, vou continuar andando por este país, e vou continuar ajudando o povo brasileiro a conquistar definitivamente a sua cidadania.



Eu acho que o povo brasileiro jogou fora uma parte do século XX, e nós não temos o direito de desperdiçar o século XXI. Quase todos vocês têm a idade dos meus filhos, quase todos vocês. E quando eu comecei a fazer universidade neste país... Eu já sou o presidente que mais fez universidade, que mais fez escolas técnicas neste país. E eu fiz porque eu quero que vocês tenham aquilo que eu não tive, eu quero que vocês tenham a oportunidade que eu não tive e eu quero que vocês tenham aquilo que eu consigo dar para os meus filhos.

É este país que nós vamos construir, governador; é este país que nós estamos construindo, prefeita, e não há tempo para desanimar. Para mim, é o seguinte: não tem dia feio, não tem dia feio, pode ter certeza. Porque quem acorda de cabeça baixa, achando que está tudo desgraçado, esse não merece nada. É levantar. Por mais que a situação não esteja boa, levante, olhe para o céu, agradeça a Deus de estar vivo e vamos à luta, porque somente a luta é que vai ajudar a gente a vencer na vida.

Um grande abraço, um grande beijo. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de comemoração dos cinco anos do programa de microcrédito
rural Agroamigo**

Fortaleza-CE, 08 de junho de 2010

Pense num “cabra” esperto. Companheiro Roberto Schmidt, se eu tivesse um nome desses seria presidente do Banco Central americano ou alemão. Vem aqui, olha para o Gilson, do Tesouro, fala do Guido Mantega, fala do Luciano Coutinho e olha para mim e me dá uma facada de 10 bilhões. Imediatamente mandou confeccionar uma plaquinha para mim e eu nem dei o dinheiro ainda.

Eu quero cumprimentar o companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará, e cumprimentando o Cid Gomes eu quero considerar cumprimentados todos os companheiros e companheiras que estão na chamada tribuna de honra.

E dizer para vocês que é sempre gratificante participar de uma festa de cinco anos de um programa que deu certo, ou que está dando certo e que pode ficar muito melhor se tiver mais o dinheiro que o Schmidt precisa. Se o Schmidt fosse um jogador de bola, ele diria para mim: “Presidente, o banco precisa dar o seu melhor. E o banco dando o seu melhor, precisa de mais R\$ 10 bilhões”.

Bem, um dado importante no discurso do companheiro Roberto Schmidt – eu não sei se todos vocês prestaram atenção – é que quando ele estava elogiando os tomadores de dinheiro do Agroamigo, ele disse que a inadimplência era muito baixa, de apenas 3,3%, porque ainda tem um resíduo de caloteiros contumazes do BNB, de outras épocas. Porque houve um tempo em que neste banco aqui tinha gente que tomava dinheiro emprestado e já ficava a ficha sem assinar no cofre, para dizer: não precisa pagar. Como o pobre só tem como patrimônio a sua honra e o seu nome, em qualquer



circunstância, as camadas mais pobres da população darão menos calote do que as camadas mais poderosas economicamente da Federação. Isso é uma coisa sagrada, vale para o Nordeste, vale para a França, vale para os Estados Unidos, vale para todos os países do mundo: quem lida com a honra e quem lida com o seu patrimônio como nome [quem lida com o seu nome como patrimônio] tem vergonha de dever, ao passo que alguns têm um prazer imenso quando tomam dinheiro emprestado em um banco público, e têm um prazer ainda maior quando não pagam o banco público do nosso país.

Portanto, esse dado seu, Roberto, é muito significativo, ou seja, antes a gente emprestava pouco dinheiro para muitos, e emprestava muito dinheiro para poucos, e a inadimplência era de 37%. Quando você começou a emprestar dinheiro para muitos, você começou a ter uma inadimplência menor. O que é importante é que o Agroamigo, ele vem fluir o crédito para pessoas que jamais tinham pensado, na vida, em entrar num banco ou contrair um empréstimo, por menor que seja, num banco brasileiro.

Eu acho, então, que nós estamos diante de um reconhecimento excepcional, e posso dizer para vocês – porque, possivelmente, seja a última vez que eu venho a um evento no BNB como presidente da República do Brasil –, posso dizer para vocês que não tem nada mais fácil e não tem nada mais barato do que a gente fazer investimento para a parte mais pobre da população brasileira, não tem nada. Eu espero que para o próximo governo, o que aconteceu no BNB, no Basa, no Banco do Brasil, na Caixa Econômica Federal e no BNDES sirva de estímulo para que as pessoas façam infinitamente mais do que nós fizemos nesses oito anos.

Cid Gomes, você, como eu e outros companheiros aqui presentes, muitas vezes fazemos um esforço extraordinário para emprestar 300 milhões, 400 milhões, 1 bilhão, 4 bilhões para um grande empreendimento. Esse grande empreendimento, depois de pronto, ele vai gerar empregos para mil pessoas, para 500 pessoas, para 600 pessoas, dependendo da atividade econômica



[para] que a gente estiver fazendo esse financiamento. Eu acho que nós temos que fazer financiamento para o grande, para o médio, para o pequeno e para o micro [empresário]. Mas pense nessas pessoas que fizeram o uso da palavra e nessas pessoas que receberam, aqui, o seu prêmio. Pense numa pessoa dessas pegando R\$ 1 mil. Significa que com R\$ 100 mil você atende cem pessoas; significa que com R\$ 1 milhão você atende mil pessoas; e vai multiplicando. Imagine o que a gente atende com R\$ 1,3 bilhão: a gente atende, praticamente, 1 milhão de pessoas. Vejam a capacidade produtora, transformadora do que significa a gente criar condições de crédito para os pequenos neste país.

Foi exatamente uma descoberta extraordinária que nós fizemos no Brasil. Quando eu cheguei à Presidência do Brasil, mais precisamente em março de 2003, todo o crédito disponibilizado para o Brasil inteiro era de apenas R\$ 380 bilhões. Nós éramos um país de economia capitalista, sem capital, sem financiamento e sem crédito. Nem socialismo e nem capitalismo dará certo se você não tiver uma política de financiamento do setor produtivo. Hoje, somente o Banco do Brasil tem toda a quantidade de crédito que o Brasil inteiro tinha em 2003, e o Brasil inteiro chegou, este mês, a quase R\$ 1,5 trilhão de crédito disponibilizado para o desenvolvimento do país.

Isso que o Roberto Smith disse aqui, que nós saímos de escassos R\$ 262 milhões emprestados pelo BNB, em 2002, para R\$ 22 bilhões, em 2010 – de 260 milhões para 22 bilhões –, é o que aconteceu na Caixa Econômica Federal; é o que aconteceu no Banco do Brasil; é o que aconteceu no BNDES, que emprestava, quando muito, 40 bilhões, e no ano passado emprestou R\$ 139 bilhões; e é o que vai acontecer no BNB, porque eu acho que você vai ter os seus 10 bilhões para poder fazer as coisas. Eu estou falando já olhando para a cara do Gilson, que comece a trabalhar, porque eu acho que é um feito inusitado, Gilson: o crédito está crescendo no Nordeste. Está crescendo para os grandes empreendimentos, está crescendo para os médios



empreendimentos, está crescendo na indústria, está crescendo na agricultura, está crescendo na construção civil e, graças a Deus, está crescendo também para o pequeno e o micro empresários, e [para] o pequeno e o micro produtores agrícolas deste país.

Se a gente continuar nesse ritmo, a gente pode, nos próximos dez anos, passar pelo Nordeste e perceber que aconteceu aqui no Nordeste uma revolução que ainda não estava contada nos livros de história. Imaginem o que vai acontecer no estado do Ceará. Além de receber a Copa do Mundo em 2014, investimento de aproximadamente 623 milhões para todo o conjunto da Copa, e depois [para] o estádio, uns 400 milhões... Agora que o Ceará está cheio de trique-trique, com o Ceará em primeiro lugar no Brasileirão, estão todos “cheios”, todos pensando que vão derrotar o Coringão no dia 14... O Ronaldão está vindo para cá supimpa, mais leve que uma pena, mais ágil que uma águia, e com uma sede de gol para vazar essa defesa do Ceará, que ainda não foi vazada. Mas como eu também tenho uma quedinha para que o Nordeste, no esporte, cresça mais, eu chego quase a torcer [para] que dê um OXO aqui, que ninguém ganhe de ninguém, porque nós todos somos filhos de Deus e, portanto, precisamos estar bem.

Mas o Ceará está recebendo, do PAC... até o dia 31 de dezembro, todos os investimentos públicos e privados neste estado chegam a quase R\$ 23 bilhões. Se a gente pegar o que vai acontecer de 2014 para a frente, já está no PAC 2 uma previsão de mais R\$ 26 bilhões, se não me falha a memória, para o PAC 2. Serão R\$ 46 bilhões no PAC, para o estado do Ceará. Muitas coisas já aconteceram, muitas coisas estão para acontecer. Eu queria até pedir aos cearenses que quando tiverem um tempo de folga deem uma visita nas obras de construção do Canal do São Francisco, uma obra que Dom Pedro queria fazer, em 1847, e não permitiram que ele fizesse, e que nós vamos fazer para poder garantir água potável para 12 milhões de pessoas que moram na parte mais seca do Nordeste, e para suprir uma deficiência histórica de água em



Fortaleza, porque você tem o arco rodoviário no Rio de Janeiro, você tem o anel rodoviário em São Paulo, e aqui vai ser um arco de água, porque nós vamos fazer... tem um projeto, nós já concordamos com o projeto, e vamos fazer praticamente um arco de água em toda a cidade de Fortaleza. É cinturão, cinturão de água, para que nenhum cearense nunca mais se queixe de falta d'água nesta cidade ou neste estado. E é uma obra, é uma obra que está andando muito rapidamente. E é uma obra... Tem nove mil pessoas trabalhando hoje, tem nove mil pessoas trabalhando hoje, e nós pretendemos ver se é possível inaugurar uma primeira parte ainda este ano. Mas se não der, eu irei de xereta na inauguração, no ano seguinte.

Uma coisa que o Cid vai comigo, vai ser no dia 28, se não me falha a memória, acho que é 28 ou 21, não sei, em Salgueiro, onde a gente vai dar ordem de serviço para vários trechos da Transnordestina, de... que vai pegar... Vocês sabem que Transnordestina vai ligar Suape a Pecém, e vai ligar Missão Velha a Suape, aqui, vai vir o trecho, e Eliseu Martins, no Piauí, também, ou seja, esta obra, esta obra tem uma história que um dia vai ser contada num livro. Muita gente participou desta obra, e o companheiro Ciro Gomes foi o companheiro que fez a engenharia financeira, o BNDES participou muito, o ministro Guido Mantega participou muito, os governadores participaram de forma extraordinária. Só eu, pessoalmente, já fiz 30 reuniões dessa obra e, cada vez que a gente faz uma reunião, tem um problema. Primeiro, é o problema natural de projeto, ou seja, depois do projeto aprovado, constatou-se que o projeto era, tornava a ferrovia economicamente inviável, teve que se refazer o projeto, porque o dinheiro financiado para o primeiro projeto não daria para terminar o projeto da ferrovia, teve que ser refeito o projeto pela empresa dona da ferrovia. Depois, tinha problema, também, sempre, entre BNB e BNDES e o dinheiro do Finor, estava sempre um querendo ficar com um dinheiro no bolso, sentado em cima, e a coisa não ia. Depois que tudo resolvia, tinha o problema do Ibama estadual, do Ibama nacional, que exigia isso e



exigia aquilo. Depois que tudo estava pronto, entrava o Ministério Público e encontrava isso, encontrava aquilo. Quando tudo estava resolvido, entrava o Tribunal de Contas da União e dizia que tinha que fazer isso e fazer aquilo. Quando tudo parecia que estava pronto, as desapropriações, que parecia que estavam prontas, não estavam prontas, quando estavam prontas no Ceará não estavam em Pernambuco, quando estavam em Pernambuco não estavam no Piauí, e quando parecia que estavam prontas em todo lugar, não estavam prontas em nenhum lugar ainda. E quando tudo andava, que a gente fazia licitação, uma empresa que perdia entrava com processo, e a Justiça parava a obra até ser resolvido... Meu caro doutor Presidente do Tribunal de Justiça: Ah, se Vossa Excelência fosse presidente da República ou governador do estado! Para fazer uma obra neste país está difícil! E pior é que a culpa não é de ninguém, a culpa não é de ninguém. A culpa é de todos nós, porque durante 25 anos o Brasil não pôde fazer obras porque a gente teve que ficar pagando a dívida externa.

De 1975... o Geisel entrou, em [19]79 o Geisel saiu. O Geisel foi o último presidente a fazer investimento neste país. Então, [durante] 25 anos a gente estava acabando com a Engenharia no país. Engenheiro se formava, mas não ia trabalhar de [como] engenheiro. Ele ia trabalhar de [como] analista financeiro no sistema financeiro brasileiro. A gente não tinha mais pedreiro, a gente não tinha mais azulejista, a gente não tinha mais armador. O Brasil estava despreparado para uma fase de crescimento, que nós retomamos a partir de 2003.

Pois bem, a culpa não é de ninguém porque somos nós, os deputados, os senadores, que vamos fazendo lei, e lei, e lei, e lei. Uma lei vai atropelando a outra e vai atropelando a outra, e quando a gente pensa em xingar alguém, a gente xinga a gente mesmo porque é a gente que faz as leis, e vai criando dificuldades. Você tinha um exército de execução falido, mal remunerado e desmotivado, e você tinha uma baita de uma máquina de fiscalização bem



remunerada. É só ver quanto ganha um engenheiro no Tribunal de Contas e ver quanto ganha um engenheiro numa obra aqui no estado do Ceará. Um engenheiro de 30 anos deve ganhar R\$ 3 [mil], 4 mil, e um menino de 22 anos deve ganhar R\$ 19 mil no Tribunal de Contas.

Então, a máquina de fiscalização está poderosa e a máquina de execução está amarrada e amordaçada por todas as teias de aranha que nós criamos neste país. Esse é um dado concreto e objetivo, e digo isso com o conhecimento de quem trabalha 24 horas por dia para tentar desenterrar as obras deste país. Quando a gente pensa que está tudo pronto, a gente visita uma obra, a oposição fala: “É política, não pode visitar”. Só eles que podem visitar o que não está feito. O que está feito eles não querem que a gente visite. Bem, não tem problema.

O dado concreto é que nós temos, aqui no Ceará, ainda um porto, que eu espero... um estaleiro, que eu espero que seja feito aqui – Deus abençoe que seja feito aqui, porque este estado não pode prescindir de um estaleiro –, e temos ainda a refinaria, a refinaria de 300 mil barris/dia. Para os cearenses que pensam que eu coloco muita coisa em Pernambuco e nada no Ceará, a refinaria daqui é de 300 mil barris, e a de Pernambuco é de apenas 200 mil barris. Portanto, a refinaria daqui é muito maior. Será um investimento de R\$ 22 bilhões. Agora, por que nós não começamos ainda a terraplanagem? Já era para ter começado. Não começamos porque se levantou o problema da existência de uma comunidade indígena no local. A Funai tem que pedir um estudo antropológico, depois o Ministério Público pede mais não sei o quê, e está numa fase de conversação com o governador, para ver se a gente, ainda este ano, começa a terraplanagem. E falo isso à vontade porque a Petrobras – o Miguel sabe disso –, se dependesse da Petrobras, a Petrobras não tinha interesse de fazer refinaria, porque ela acha que as que tem já estão prontas. Mas a gente acha que não é só a Petrobras que decide, é o interesse nacional,



e nós precisamos exportar derivados de petróleo e não petróleo agora, com a descoberta do pré-sal.

Essa é uma coisa extraordinária, além da siderúrgica, que já começou a terraplanagem, ou seja, não é pouca coisa, porque atrás da siderúrgica deve vir mais um polo industrial, atrás da siderúrgica deve vir um polo petroquímico... da refinaria, um polo petroquímico. E, junto com a ferrovia, cearense para cá, cearense para lá, carga para cá, carga para lá, o Porto de Pecém funcionando às mil maravilhas, além do Programa Minha Casa, Minha Vida. Quantas casas tem o Ceará? Quarenta e uma mil casas para o Ceará. Esse baixinho vai ter que trabalhar muito para fazer todas as casas que o povo precisa.

Então, eu penso que nós vivemos um momento de ouro neste país. Eu acabo de receber uma informação aqui, de que o PIB deste primeiro trimestre foi de 2,7%, ou seja, anualizado dá um PIB de 9%, o que é um crescimento exuberante. Acho que o Brasil merecia e precisava disso.

Vocês viram que eu fui esculhambado quando eu disse que a crise seria só uma marolinha aqui no Brasil, e alguns diziam que o Brasil ia afundar. O Brasil foi o último a entrar na crise, o primeiro a sair da crise. O Nordeste brasileiro, as classes D e E estão consumindo mais do que as classes A e B de São Paulo ou do Rio de Janeiro, numa demonstração de que o Nordeste aos poucos vai constituindo a sua cidadania, recuperando a sua dignidade e vai dizendo ao mundo: “Nós não queremos ser mais exportadores de pedreiro, nós queremos ser exportadores de engenheiros, de médicos, de dentistas, de inteligência do Nordeste brasileiro”.

Bem, e tudo isso é resultado de uma política pensada e planejada para tentar envolver todos os brasileiros. Você veja, quando a nossa companheira que fez uso da palavra, que saiu, aqui, agora, a nossa companheira que fez o acordo, que disse que pegou três créditos... Já está dando entrevista ali, já ficou chique. Logo, logo, está sendo contratada para fazer novela. Bem, vocês vejam, vocês vejam o seguinte: há algum tempo se pensava que uma pessoa



como essa não sabia falar. E vejam o que essa mulher fez com três empréstimos, imagina a hora que o Roberto Schmidt baixar um pouquinho o juro e emprestar um pouquinho mais, imagina o que vai crescer essa companheira, esses companheiros e outros companheiros que estão aqui, porque o que o povo precisa é apenas de oportunidade, é apenas que o governo dê atenção a eles.

Eu pedi para fazer uma coisa aqui, só para dar um número para vocês, para vocês perceberem o processo de transformação que está acontecendo no país. O crédito consignado foi resultado de uma discussão entre o governo e o movimento sindical. O crédito consignado, hoje, tem R\$ 120 bilhões na mão do povo pobre deste país, trabalhador, aposentado, que vai ao banco, pega seus R\$ 1.000,00, seus R\$ 1.500,00. Um dia, vieram falar para mim: “Ô, Presidente, precisa tomar cuidado com o crédito consignado porque tem avô que está tomando dinheiro emprestado para dar para o neto gastar”. Ora, meu Deus do céu, eu lá vou me preocupar que um avô está dando dinheiro para o neto? O cara que vem fazer a queixa não sabe o que significa um neto com avô, ou seja, quando a gente é pai, a gente é ríspido, duro, na educação do filho, quando a gente é avô, a gente fica meio besta. Se o avô puder emprestar dinheiro para o neto, ótimo. Só espero que o neto também seja inadimplente com ele, ou melhor, adimplente, adimplente.

Bem, mas, de qualquer forma, nós fizemos um programa que é um orgulho meu - além do Agroamigo, além do Crédito Amigo [Crediamigo], além do DRS, do Banco do Brasil -, que é o programa Luz para Todos. Aqui no Ceará deve ter tido 140 mil ligações, 150 mil ligações. É porque quando a gente pensou... é que quando a gente universalizou aqui, em 2009, a gente descobriu mais um pouco de gente espalhada, porque vai aparecendo mais gente. Mas, vejam uma coisa, guardem esse número que eu vou dar para vocês, aí, que é o seguinte. Pensem numa coisa: vocês sabem quanto nós já colocamos de fios neste país, esses cabos? Um milhão e cem mil quilômetros



de cabos. Essa quantidade de quilômetros de cabos daria para enrolar o planeta Terra 27 vezes. É tudo que nós já colocamos de fios no programa Luz para Todos. O programa Luz para Todos já gerou 351 mil empregos. Já colocamos 5 milhões e 860 mil postes, e 863 mil transformadores, uma parte deles fabricada aqui no estado do Ceará.

O programa Luz para Todos, ele é importante porque nós utilizamos a mão de obra local, tanto na construção de postes... Agora descobrimos mais uma: um poste de madeira pesa 390 quilos. Então, para levantar um poste de madeira, precisa [de] dez homens, 12 homens, 15 homens. Um poste de cimento custa... pesa 1 tonelada, precisa de 40 homens para levantar. Nós, agora, estamos colocando lã de vidro... postes de lã de vidro na Amazônia. Pesa só 130 quilos. Eu e você, Cid, sozinhos, se tomarmos umas canas, a gente pode tomar e levantar aquele poste... Obviamente que com capacete, para não cair na cabeça da gente... Esse programa Luz para Todos, o programa de crédito consignado, o programa Agroamigo, o programa DRS, o programa Minha Casa, Minha Vida são... o Bolsa Família, para não falar... os CRAS, são programas de inclusão social que mostram o resultado: 31 milhões de pessoas saíram das classes D e E para ir para a classe C, e 20 milhões de pessoas deixaram a extrema pobreza. Isso, em apenas, oito anos. Na verdade, não foram nem oito anos – o primeiro ano, vocês sabem que a gente perde –, praticamente em sete anos. Nós introduzimos a maior classe média que o Brasil já teve: mais de 50% dos brasileiros, hoje, estão na classe média. Então, as pessoas estranham: é mulher pobre indo ao cabeleireiro, fazendo treque-treque, fazendo manchas, fazendo arrepiado, fazendo o que quiser, o que ela achar mais bonito... mecha, fazendo mecha. É pintando unha de pé, é pintando unha de mão, é pintando os lábios. Todos os sábados ela vai para o cabeleireiro e volta chique, o marido fica com ciúmes. Vocês viram que aquela mulher para quem eu entreguei o cheque, aqui, e a primeira coisa que eu fiz foi um tchau? Era para o marido dela, lá atrás! Eu vou saber se o bicho é brabo e



está aí me esperando? Eu falei: deixa logo eu cumprimentar ele aqui, para ele saber que eu sou de paz.

Então, companheiros e companheiras, eu participo deste programa aqui com a convicção e com a consciência de que... Houve um tempo que diziam que era muito difícil governar este país. Tinha gente que sofria, tinha gente que dizia “esqueçam de mim”, tinha gente... Eu, sinceramente, não vou dizer para vocês que é fácil governar o Brasil, mas que é gostoso fazer as coisas em que a gente acredita darem certo, é!

Vocês... Vocês imaginam... Quem governou antes de mim deve ter um pouco de mágoa, e eu compreendo, porque este país já teve advogado, médico, dentista, engenheiro, gente que falava uma quantidade de línguas... Ele falava tanto, que tinha hora em que ele nem sabia qual falava, nem ele se entendia, porque a língua trombava, assim, no espelho. Eu saí de Caetés, sem diploma universitário, ganho a Presidência da República, e já sou o presidente que mais fez universidades no Brasil, que mais colocou alunos na escola, que mais fez escolas técnicas.

Quando nós chegamos ao governo, a Olimpíada de Matemática tinha 274 mil alunos das escolas privadas, e o Ceará era um dos estados que mais tinha alunos na Olimpíada de Matemática. Em 2004, eu propus fazer a Olimpíada de Matemática nas escolas públicas. Sabem o que me disseram? “Ô Lula, criança de escola pública não participa, Lula. Eles não têm motivação”. Vamos fazer! Começamos a fazer em 2005. Primeiro, se inscreveram 10 milhões, depois 13 [milhões], depois 14 [milhões], depois 17 [milhões], 19 [milhões], e este ano já se inscreveram mais de 20 milhões, é a maior Olimpíada de Matemática do mundo. Isso porque as pessoas não acreditavam que era possível fazer. Nós, agora... Espero que o senador Inácio Arruda, que é relator, faça aprovar, o mais rápido possível a Universidade Afro-Brasileira, na cidade de Redenção, uma universidade que é uma forma de a gente trazer uma universidade a mais para o Ceará, é a forma de a gente pagar um pouco a



dívida que a gente tem, histórica, com o povo africano, e nós não vamos pagar em dinheiro, nós vamos pagar devolvendo para eles... Se eles trabalharam tanto, aqui, para a gente ser o que é hoje, a gente vai fazer uma universidade que tem metade de africanos e metade de brasileiros, na cidade de Redenção, aqui no Ceará, que é onde começou o primeiro movimento pela libertação dos escravos deste país. Então, eu vou fazer um apelo para o Inácio: converse com os senadores, meu filho, mesmo com aqueles, mesmo com aqueles que não gostam de nós. Converse com eles e fale para eles que o Lula quer lançar a pedra fundamental, com o Cid, antes de deixar a Presidência, rapaz! Faça isso por mim, Inácio! Você que é um guerreiro da nossa turma, faça isso! Convença os nossos adversários: “Vamos lá, é bom”. Uma universidade a mais para o Ceará é tudo o que o Ceará quer.

Então, eu... Caro Roberto, eu estou feliz, querido, feliz. Feliz, porque eu vou sair daqui agora com o Cid, e nós vamos ali na aula inaugural do ProJovem. São, acho que 25 mil alunos de todo o estado, que estão estudando. É um programa em que a gente recupera jovens de 17 a 24 anos, jovens que tinha parado de estudar. A gente está dando uma ajuda de R\$ 100 para ele voltar a estudar, e ele aprende... termina o ensino fundamental e ele aprende uma profissão. Aqui no Ceará são 25 mil jovens. Hoje, nós vamos fazer uma aula inaugural para uma penca de milhares de jovens. E, depois, nós vamos inaugurar uma outra coisa aqui, no Ceará, o banco de cordão umbilical e placenta, ou seja, célula-tronco, porque antigamente era coisa só de país rico e só do Sul do país, agora está no Nordeste e, no Nordeste, em Fortaleza, ou seja, porque eu acho que é a forma de a gente agradecer ao povo nordestino, que tanto trabalha, que tanto se dedica e que, muitas vezes, não recebe de volta aquilo que ele trabalhou.

Então, eu quero primeiro agradecer aos nossos queridos acionistas do BNB, tomadores de empréstimo do BNB, a razão de ser do BNB. Quero agradecer a todos vocês que vieram aqui, que têm alguma coisa a ver com o



BNB, não sei se todos esses de camisa verde já pegaram um dinheirinho do BNB ou todos aqueles de camisa branca. Mas, de qualquer forma, eu quero dizer para vocês: vai melhorar. Quanto mais, “mió” [melhor], e nós aprendemos a gostar, o povo nordestino está aprendendo a gostar de coisa boa, ele percebeu que ele tem direito, ele percebeu que ele pode ter acesso às coisas que antes apareciam só na televisão, na novela das oito, na novela das nove, na novela das sete, na novela das seis, na Malhação, não sei das quantas, ou seja, porque todo mundo quer a mesma coisa aqui, sempre, não é? Quem tem TV a cabo vê coisa pior ainda.

Então, eu acho que o Nordeste, a autoestima está alta, o orgulho está alto. E eu posso dizer para vocês: não tem mais retorno. Neste país, dentro de 15 ou 20 anos, a gente vai ter o Brasil mais socialmente justo, mais igual, do Oiapoque ao Chuí, passando pelo nosso querido Nordeste.

Por isso, Roberto, parabéns pelo sucesso do Programa Agroamigo. Espero que logo, logo, a nossa querida Petrobras venha, com a sua empresa de biodiesel, fazer novos investimentos, plantar mais mamona, girassol, dendê, pinhão manso, e gerar mais empregos. Está produzindo a fábrica de Quixadá, Hilário? Está produzindo, mas está com soja, não é? Está com soja, muita soja, precisa mamoma, mamona, pinhão manso, dendê, caroço de algodão e qualquer outra coisa que gere mais emprego, para a gente ter carro, aí, tocado a óleo diesel.

Eu fui, agora, ao Rio de Janeiro, andei num Mercedes-Benz com biodiesel feito de álcool, de cana-de-açúcar. Então, o Brasil está na moda. Vamos ser campeões do mundo, vamos ser campeões do mundo, todos estaremos torcendo para o Brasil. Eu irei à África do Sul, representar vocês todos, no dia 11. Lamentavelmente... É verdade, eu vou no dia 11, vou estar lá, e vou olhar para vocês e fazer assim para vocês: Tchau... Se perder, eu me escondo, se ganhar eu estou lá. Não, mas eu vou, porque o Brasil vai ser a próxima Copa do Mundo e eu tenho que sair de lá com a chave da Copa do



Mundo.

Gente, que Deus abençoe vocês. Roberto, parabéns a você, à diretoria do banco, aos funcionários do banco, e parabéns a todos os agricultores que acreditaram neste banco. E parabéns aos premiados, não sei porque vocês foram premiados mas, de qualquer forma, até eu ganhei uma placa. Isso está mais ou menos como o Prêmio Nobel do Obama: ganhei sem saber por que ganhei mas, de qualquer forma, ganhei. Isso é uma coisa extraordinária.

Obrigado, gente. Que Deus nos abençoe.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao banco de sangue de cordão umbilical e placentário – Rede BrasilCord

Fortaleza-CE, 08 de junho de 2010

Bem, primeiro, estava decidido, cinco minutos atrás, que nós não iríamos falar, que era só uma visita para a imprensa registrar para o povo do Ceará e do Brasil que ter um banco da qualidade deste banco de sangue não é mais um privilégio apenas dos Estados Unidos, da Alemanha, de São Paulo ou do Rio de Janeiro, que o Nordeste também pode ter o seu banco de sangue. Isso é uma coisa extraordinária.

Segundo, já que todo mundo falou, eu penso que nós, que fomos constituintes e que aprovamos a criação do SUS, nós sabemos o quanto nós apanhamos durante tantos anos, “que o SUS era uma porcaria, que não valia nada, que não prestava para nada e que não sei das quantas”. Na verdade, o SUS resistiu pela competência de milhares de profissionais brasileiros que acreditaram que era possível criar um sistema de saúde público capaz de cuidar da população com mais qualidade e com mais dignidade. Nós ainda não chegamos ao que nós queremos.

Mas quando você chega num estado como este, do Ceará, ou chega num outro estado do Norte do país e você percebe que por aqui também estão chegando essas coisas que, teoricamente, aqueles que governaram o Brasil algum tempo atrás diziam que só podia ter nos Estados Unidos, que só podia ter não sei onde, a gente pode dizer: não, também no Ceará o povo pode dizer “nós podemos”. “Nós podemos, nós queremos, nós criamos e nós vamos ter o nosso banco de sangue aqui, da melhor qualidade e com os melhores profissionais deste país”, até pelo sucesso da quantidade de transplantes que vocês estão fazendo.



A segunda coisa que eu acho importante é que nós estamos vivendo um momento no Brasil que eu considero, assim, um momento meio mágico. Vocês haverão de se lembrar que algum tempo atrás a gente sentava num bar para jantar com os nossos amigos, ou a gente ia à casa de um amigo visitar, ou a gente sentava com o amigo para tomar cerveja, o prazer de todos nós era ficar falando mal do governo e ficar dizendo que as coisas não funcionavam: “Isto aqui não presta, tudo aqui...” Até a cerveja brasileira, eu falava: “Não, a importada é melhor”. Nós tínhamos a mania de achar que nós éramos cidadãos de segunda categoria e que tudo que vinha de fora era de primeira categoria. Era assim este país.

Não sei se vocês perceberam que hoje o nosso PIB teve um crescimento exuberante. Não é tudo o que nós queremos, mas é um crescimento estupendo, que há muito tempo o Brasil não conhecia algo similar.

Mas, mais importante é que eu fui hoje no BNB, e o presidente do BNB disse uma coisa que deve ter deixado o Cid orgulhoso e eu orgulhoso, porque quando nós chegamos no governo, em 2003, a gente constatou que o BNB tinha emprestado, em 2002, R\$ 260 milhões. Era todo o dinheiro que o BNB tinha emprestado em 2002, com inadimplência de 37,5%. Em 2010, ou melhor, em 2009, o Banco emprestou R\$ 22 bilhões, com inadimplência de 3,3%, numa demonstração de que prevaleceu aquela máxima que a gente aprendia desde pequeno: o povo mais pobre é bom pagador porque ele só tem o nome como patrimônio, só tem o nome como patrimônio e a cara dele, que ele tem vergonha de dever. E a gente percebe que é exatamente nos grandes empréstimos que tinha um percentual maior de dívida.

Isto aqui é uma coisa que explica o momento que o Brasil está vivendo. O Nordeste tinha menos mestres, agora tem mais mestres; tinha menos doutores, agora está tendo mais doutores. Um banco como este, que era só para uma parte do Brasil, está vindo para cá.

Quando o companheiro Franklin Martins resolveu adotar a política de



distribuição dos recursos federais para publicidade do governo e que ele adotou o critério técnico... O que é o critério técnico? É dar para todos aquilo que todos têm direito. Teve gente que tinha muito, que perdeu 30%.

Quando nós resolvemos, no Ministério da Cultura, que o dinheiro da Cultura não poderia ir apenas para São Paulo e para o Rio, não é porque a gente tem nada contra o Rio ou contra São Paulo. É porque a gente tem muita coisa a favor do Acre, do Amazonas, do Pará, do Ceará, de Pernambuco, da Bahia, de todos os outros estados do Brasil que têm direito de ter uma partilha do dinheiro da Cultura.

Então, o país está ficando mais igual, está ficando mais justo. Ainda falta muito porque o desajuste é secular. Então, para você fazer um ajuste e tornar os estados mais iguais, vai demorar alguns anos ainda. Mas a verdade é que nós temos um começo exuberante.

No ano passado, depois da crise, me deu uma alegria uma pesquisa sobre consumo no Brasil. Aí, a manchete era a seguinte: “Povo pobre das classes D e E, do Norte e do Nordeste, consomem mais do que as classes A e B da região Sul do país.”

Vocês estão lembrados que no dia 23 de dezembro de 2008 eu fui para a televisão fazer oito minutos de discurso, convocando o povo brasileiro a consumir. Era impossível que um socialista, que sempre foi contra a sociedade de consumo, fosse à televisão pedir para o povo consumir. Por que eu fui? Porque toda a imprensa mundial fazia um terrorismo tão grande da crise, que dizia que o povo não estava comprando com medo de perder o emprego e não poder pagar. Aí eu fui para a televisão para dizer: Se você não está comprando porque está com medo de comprar e não poder pagar porque você vai ficar desempregado, você vai ficar desempregado exatamente se você não comprar. Então, compre com responsabilidade, que a fábrica vai produzir, a loja vai vender, você vai comprar e a economia continua girando.

O dado concreto é que a parte que até então não podia comprar foi às



compras. E é orgulho eu poder dizer que foram os pobres deste país que não permitiram que o Brasil entrasse na crise econômica, como entraram os Estados Unidos, como entrou a Alemanha, como entrou a Europa toda, porque aqui o povo atendeu, o governo tomou todas as medidas, nós compramos bancos, compramos bancos privados, compramos bancos de estados, nós desoneramos o IPI, desoneramos máquina de lavar roupa. Nunca vi as mulheres, como queriam comprar máquina de lavar roupa! Quando nós desoneramos, as mulheres entraram quase... se o marido lavasse louça, elas não iam comprar a máquina.

Então, nós estamos vivendo um momento excepcional, excepcional e eu acho que ainda falta muito por fazer, falta muito. Mas o fato de a gente estar aqui inaugurando um banco de sangue destes, saber que os cordões umbilicais e as placentas que iam ser jogados fora agora podem vir para cá, serem colocados num tubo de hidrogênio... nitrogênio, a quantos graus?

_____ : A 190, menos 190.

Presidente: Dá para tomar cerveja nesse negócio aí. A 160 graus...

_____ : Menos 190.

Presidente: ...abaixo... Menos 190! Então, é uma coisa realmente motivo de orgulho.

Eu tinha pedido para o Temporão: eu quero que você fale, Temporão, para a imprensa publicar, porque às vezes a gente não fala, a imprensa não sabe, e não publica a razão. É motivo de orgulho, não apenas para o estado do Ceará, que tem um time em primeiro lugar, disputando palmo a palmo com o Coringão, como saber das qualidades, das qualidades da Saúde aqui no estado e a disposição do Governador de fazer os investimentos.



Nós, em nível federal, queremos entregar 500 Unidades de Pronto Atendimento até o final do nosso mandato. É uma... 36 serão aqui no estado do Ceará. Vai ter uma ligação direta com o Samu. Eu, agora, em julho, está na hora de a gente buscar mais 1.850 ambulâncias das 3.200 que nós compramos, e fico feliz com a política de Saúde na área de odontologia. Eu, sinceramente, sempre achei um crime que a boca não fosse tratada como uma questão de saúde pública, sempre achei. Uma vez, eu fui à Escola Paulista de Medicina, eu acho que eles ficaram meio nervosos comigo porque eu não tinha ainda requinte para ser muito cuidadoso com as palavras. Não, não... Mas aí eu disse, porque estavam lá os médicos famosos, todo aquele pessoal de São Paulo, mais famosos do mundo, pelo menos famosos em São Paulo. Eles podem pensar que são do mundo, mas são de São Paulo. Bem, mas aí eu fui falar da saúde bucal e falei: o Brasil é um país engraçado. Por onde sai a comida, é tratado como uma questão de saúde pública, por onde entra não é. É exatamente pela boca que entram quase todas as doenças que nós temos.

Aí eu vim aqui inaugurar um centro de saúde bucal. Eu, na verdade, me enganei com o centro porque eu imaginava que a gente inaugurando um centro em Sobral, em Juazeiro ou em qualquer lugar, que o povo todo iria àquele centro. É um ledor engano. Quem vai àquele centro é o pessoal que mora perto da periferia urbana da cidade. O pessoal do meio do mato não tem tempo de vir.

Eu descobri uma coisa, viu, vou te contar esta... aquele rapaz ali, o Ministro do Desenvolvimento Agrário, é o companheiro que fez... Eu fui para a Alemanha, ele fez uma revista maravilhosa sobre agricultura familiar no Brasil, e eu, muito orgulhoso da minha política de saúde bucal. Quando eu estou no avião vendo a revista, para mostrar para os alemães, eu vejo, numa página dupla, uma galega – deve ser descendente de alemão ou de italiano –, uma galega bonita, uma senhora de uns 50 anos, e ao lado dela um crioulo tipicamente brasileiro, sem nenhum dente na boca. Eu voltei meio puto da vida,



e eu falei: Ô, companheiro, não dá para você colocar um cara com dente na boca, para tirar foto sorrindo, meu querido, para eu levar a revista para a Alemanha? Bem, conclusão: esses dias ele me trouxe a foto do negão já com uma prótese, uma prótese. Por que, por que [para] rico é prótese e [para] pobre é dentadura? É prótese também, maravilhosa, feita pelo programa nosso, medido, moldes tirados, experimentado várias vezes, até que coube na boca. Maravilhosa!

Aí, outro dia, lá em Pernambuco, um cidadão foi conversar comigo e falou: “Presidente, eu não consigo mais comer castanha de caju, mais amendoim, eu não tenho dente”. Ele é um trabalhador que mora num acampamento lá, Fazenda do Trabalhador. Chamei o governador e falei: Governador, manda colocar um dente neste homem aqui, rapaz, tem dentista lá, de graça. Mandou. Aí eu fui à inauguração do navio lá, estava aquele meu companheiro com a dentadura brilhando, parece que ele tinha engraxado, sabe? Aí, ele falou assim: “Ô, Presidente, queria lhe agradecer, porque eu já estou comendo amendoim, estou mastigando coisas que eu não mastigava, Presidente. É tudo mais gostoso. Agora, Presidente, posso lhe fazer um pedido? Me dê um carro de presente”.

Então, agora o Temporão vai me dar um carro de presente, porque como nós descobrimos que muita gente do campo não vai à cidade cuidar dos dentes, nós estamos encomendando 160 ambulâncias para fazer ambulatório odontológico, consultórios móveis, para que a gente vá para o meio do mato olhar a boca das pessoas e tratar as pessoas.

Bom, é isso, é isso. Eu não sei se verei vocês antes das eleições de 2010, não sei se verei vocês antes de terminar o meu mandato, mas, de qualquer forma, eu só posso desejar boa sorte nas eleições de 2010 e, quem sabe, quem sabe, quem sabe, a gente se veja no ano que vem. Mas, aí, eu falei para o Cid: eu quero ir tomar um banho numa praia de... Jericoacoara! Eu só ouço falar, mas vou arrumar uma sunguinha cor-de-rosa e vou à praia de



Jericoacoara tomar um banho.

No mais, querido Secretário, parabéns. Cid, parabéns. A nossa Diretora, que disse que é minha fã desde o tempo em que estudava, portanto... não é isso?

Então, gente, olha, que Deus abençoe todos vocês e que o Ceará continue avançando. Parabéns, querido Temporão.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de apresentação das ações de fortalecimento da Política
Nacional de Atenção às Urgências**

Natal-RN, 09 de junho de 2010

Bem, eu quero, primeiro, dizer a vocês da alegria de estar outra vez nesta querida capital do Rio Grande do Norte, a nossa querida Natal. Eu estava falando para a Governadora que eu tenho um sonho, que quando eu deixar de ser presidente eu vou vir aqui em uma praia chamada praia de Pipa. Eu só vejo por fotografia, mas eu, um dia, vou passar uns três dias [para] fazer inveja a quem estiver trabalhando no governo.

Eu quero cumprimentar o nosso querido Iberê Ferreira, governador do estado do Rio Grande do Norte. Fique certo, Governador, de que eu estarei torcendo para que você possa se recuperar definitivamente dessa doença.

Quero cumprimentar a nossa querida Wilma de Faria, ex-governadora do Rio Grande do Norte,

Quero cumprimentar o nosso ministro José Gomes Temporão, ministro da Saúde; o Luiz Barretto, ministro do Turismo; o Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário; e o companheiro Franklin Martins, ministro da Comunicação Social,

Quero cumprimentar o deputado Robinson Mesquita de Faria, presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte,

Quero cumprimentar a senadora Rosalba Ciarlini,

Quero cumprimentar o senador Garibaldi Alves,

Quero cumprimentar os deputados federais Fátima Bezerra, João Maia, Henrique Alves e Sandra Rosado,

Quero cumprimentar a prefeita de Natal, Micarla de Sousa,

Quero cumprimentar o Paulo Eduardo da Costa Freire, vice-prefeito de



Natal,

Quero cumprimentar o Jonei Anderson, diretor da *UPA 24h Dr. Ruy Pereira dos Santos*, por meio de quem eu quero cumprimentar todos os profissionais da área da Saúde,

Quero cumprimentar a Ana Brito, viúva do nosso saudoso Dr. Ruy Pereira dos Santos,

Quero cumprimentar os moradores de Pajuçara,

Quero cumprimentar prefeitos, aqui, das cidades vizinhas, do interior,

Quero cumprimentar os vereadores,

Cumprimentar os secretários,

Cumprimentar a nossa querida imprensa,

Depois, Prefeito, é importante levar a imprensa para visitar, para visitar e ver o que vai acontecer na UPA. Eu... Todo mundo que for consultado vai receber um cartãozinho destes, UPA 24h. Obviamente que eu espero e peço a Deus que vocês demorem muito para vir à UPA e não fiquem doentes.

Mas, eu estava vendo dois caboclos tentando brigar aí. Eu, eu comecei a intuir que, se duas pessoas vieram em um evento desses - na frente do Presidente da República, do Governador, da Prefeita, de senador, de deputado e do povo de Natal - e resolveram brigar, é porque eu acho que eles estavam discutindo quem seria o primeiro a ser atendido aqui na UPA 24h. Não, não existe outra explicação.

Bem, eu... eu queria, primeiro, pedir desculpas aqui, porque não existe o hábito de um presidente da República pedir desculpas, porque as pessoas se acham muito importantes. Mas eu tinha que estar aqui cedo, vocês estão aqui há muito tempo, e eu só pude chegar agora porque eu estava tendo que fazer um telefonema ao Primeiro-Ministro da Turquia para resolver um (falha no áudio) de uma votação que vai ter hoje na ONU, no Conselho de Segurança. E é muito difícil a ligação, caía a linha, ele falava e eu não entendia nada, eu



falava e ele não entendia nada. Então, tinha que ter intérprete para o português, para o inglês, para todo mundo. Mas, de qualquer forma, conseguimos tomar uma posição conjunta.

Então, eu quero pedir desculpas a vocês, em primeiro lugar, porque muita gente chegou aqui às 8h da manhã, às 8h da manhã, não é fácil, nem para ver o Corinthians a gente espera tanto. Quero... Quero dizer para a Prefeita que eu cheguei quando ela estava no meio do discurso, e eu não entrei aqui porque eu achei que seria deselegante cortar o discurso no meio, porque a gente termina esquecendo o que a gente está falando e... Eu, pelo menos, esqueço. Então, eu quero pedir desculpas a vocês.

Bem, mas eu penso que nós estamos hoje aqui para comemorar uma coisa importante. Depois que terminar este ato, certamente vocês vão ter possibilidade de fazer uma visita à UPA que foi inaugurada aqui, e vocês vão perceber que vai ter 500 dessas no Brasil, e aqui no estado do Rio Grande do Norte serão onze: quatro em Natal e sete em cidades do interior. Pelo menos até 2010 é o que nós podemos fazer. Depois, o que nós podemos esperamos é que as pessoas que virão vão fazer mais 500, mais 500, até que a gente tenha um sistema de saúde que cuide dignamente do povo brasileiro, das mulheres, dos homens e das crianças. A segunda coisa é que eu entreguei para o Governador a chave de uma ambulância. O estado do Rio Grande do Norte vai ter 77 ambulâncias: 69 novas e 8 que nós vamos trocar por umas velhas [trocar umas velhas] que têm aí - nós vamos tirar e colocar novas -, e vão ficar 77 ambulâncias para cobrir todo o estado do Rio Grande do Norte. Nós sabemos o que sofre um prefeito de uma cidade pequena quando tem que levar um morador da sua cidade para a capital, para ser tratado. Às vezes não tem ambulância, às vezes tem que contratar particular e às vezes tem que pagar dinheiro que a prefeitura não tem, e nem sempre a ambulância é adequada.

Nós vamos ter dois tipos de ambulância aqui: nós vamos ter uma ambulância dessas que são as básicas, que tem, lá, cama, que tem o “negócio”



para medir a pressão, que vai ter o médico e o enfermeiro – essa é a básica. Mas vai ter uma sofisticada, tão sofisticada que, quando a pessoa, Deus queira que não entre nunca, mas, se entrar lá dentro, vai querer ficar, de tão boa que é. Eu não sei se essa ambulância é aquela que o médico pode se conectar com o hospital e tirar, por exemplo, a pressão, passar direto a radiografia. Vão ser cinco dessas, altamente sofisticadas, para casos mais graves. Se acontecer uma desgraça na estrada, se alguém, de noite, acontecer um problema em casa, as ambulâncias estão aí para atender o povo. E essas 77 ambulâncias, Governador, vão cobrir 95% das necessidades do estado do Rio Grande do Norte, o que é uma coisa extremamente importante.

Bem, dito isso, eu queria dizer para vocês que ontem eu fui a um estado do Nordeste, irmão do Rio Grande do Norte, ao Ceará, inaugurar uma coisa que vão ter outros pelo Nordeste afora, que foi um banco de sangue que vai coletar o cordão umbilical e a placenta das mulheres para que a gente possa ter possibilidades de cuidar de uma pessoa que tenha leucemia, de uma pessoa que precisa fazer um transplante de medula, a gente poder fazer isso. Isso não existia no Brasil. Foi esse moço, esse moço que construiu, no Brasil, a partir de 2003.

Antes, quando uma pessoa, mesmo que rica, precisava fazer um transplante de medula, tinha que ir ou para a Alemanha ou para os Estados Unidos comprar, e custava US\$ 32 mil cada vez que você comprava o necessário para fazer um transplante. Agora, nós tínhamos apenas... não tínhamos... O rico, quando ele... Já faz alguns anos, quando uma pessoa rica ou bem de vida, quando nasce uma criança, já manda cortar o cordão umbilical e já manda guardar, paga R\$ 80,00 por mês. Mas isso é para rico. Para pobre, pobre vai ao hospital ter um filho, os “bichos” tiram a criança, cortam o umbigo e jogam fora. Agora não! Agora, agora, nós vamos ter... Já tem cinco na região Sudeste, inauguramos o primeiro do Nordeste, em Fortaleza, vamos inaugurar mais uns cinco ou seis. Já falei para o Ministro que, nessa semana mesmo, vou



ligar para o Luciano Coutinho e mandar ele colocar a mão no bolso e pegar mais R\$ 30 milhões do BNDES e colocar para a gente montar outros bancos de sangue, para que o pobre que estiver doente possa ter o mesmo tratamento que o rico tem neste país.

Eu sei, Temporão, a diferença do tratamento do rico para o pobre, eu sei. Porque hoje eu sou Presidente, quando eu tenho um problema qualquer, você sabe: eu vou para São Paulo, em São Paulo eu passo em uma quantidade de máquinas – nem médico conversa comigo, é só máquina, máquina: fotografia do busto, fotografia da perna, do joelho, da cabeça, do tornozelo, de tudo que vocês possam imaginar. É máquina, máquina atrás de máquina. Para o pobre não tem isso, não tem isso. Eu, quando cortei esse dedo aqui, eu cortei esse dedo [às] 2h20 da manhã. Eu poderia ter um “cotozinho” aqui para coçar o ouvido, pelo menos, poderia ter tirado só a metade, mas como eu estava fedendo à graxa, com macacão, o médico achou mais fácil arrancar logo tudo. Para que ficar cuidando de um cotó? É assim que faz com o pobre. Ainda hoje, o pobre não é tratado corretamente. Eu sei do seu esforço, Temporão, para melhorar a questão da saúde; eu sei da dignidade dos profissionais da área da saúde; eu sei do sacrifício que eles fazem para trabalhar; eu sei o quanto criticaram o SUS, quando nós criamos o SUS, na Constituição de [19]88, eu sei o quanto nós fomos criticados por que criamos o SUS, e hoje, o SUS é uma referência mundial. Tem poucos países do mundo que tem a qualidade de tratamento que faz o SUS, as pessoas veem transplantes por aí, pensam que são os hospitais ricos que fazem. A maioria dos transplantes é paga pelo SUS, é paga pelo dinheiro arrecadado para manter o SUS.

Nós vamos ter aqui, neste estado, praticamente cobertura total de saúde bucal. Nós temos, aqui, 851 equipes de dentistas para tratar da saúde bucal, porque qual é o problema que nós temos? É que o povo pobre não tem dinheiro para ir a um dentista. Se vai fazer uma obturação, custa caro para



“desgrama”, às vezes, a gente nem pergunta para fazer orçamento. Tratamento de canal, nem pensar! Ortodontia, nem pensar! Então, eu disse ao Temporão: Temporão, vamos fazer com que o tratamento de saúde chegue ao pobre na questão da saúde bucal, dos dentes, porque a gente cuida do tornozelo, da canela, da unha do pé, e do dente o SUS não cuidava. Agora, com a saúde bucal, nós estamos montando – eu não sei se aqui, em Natal, tem – o Brasil Sorridente. Se tiver o Brasil Sorridente, nós queremos montar em cada cidade... Mas nós cometemos um pequeno erro: a gente montou na cidade e se esqueceu das pessoas que moram bem distante da cidade. Portanto, nós já compramos 160 ambulâncias, que vão vir equipadas com cadeira de dentista, com motorzinho moderno, com água, para que a ambulância vá lá no meio do mato pegar o companheiro que nunca pôde ir ao dentista, e tratar do seu dente. E aí, são os prefeitos que sabem onde está essa gente. Não é o presidente da República, que está lá em Brasília.

É por isso que nós precisamos ter essa ação entre o governo federal, entre prefeitos e entre o governador. Eu digo todo dia que quando o presidente da República fica brigando com o governador, o presidente da República fica brigando com o prefeito, o governador [fica brigando] com o prefeito, sabe quem ganha? Ninguém. Sabe quem perde? É o povo, que não é respeitado em seu cotidiano. Então, nós temos que trabalhar em conjunto. Não importa se é corintiano, se não é, se é ABC, se não é, não importa, não importa de que partido seja. O que importa é o seguinte: a pessoa ganhou as eleições, tem que parar de futricar, trabalhar, e o presidente da República tem que respeitar o resultado da urna, o governador tem que respeitar e o prefeito tem que respeitar. Se todo mundo agir assim, vai ser muito melhor para o povo de Natal e para o povo de quase seis mil municípios neste país.

Portanto, meus queridos companheiros e companheiras, é uma alegria. Nós, agora, vamos assinar o decreto de concessão do aeroporto, vamos assinar a concessão. Este moço aqui vai fazer a doação de máquinas agrícolas



para os pequenos produtores aqui; este moço aqui, que é do Turismo... Eu não sei que diabo que o Turismo fica fazendo investimento em saneamento básico. É coisa da prefeitura, é coisa da Governadora, é coisa do Ministério das Cidades, não do Turismo. Mas por que ele tem que fazer? Porque tem lugares importantes aqui que recebem muito turista do Brasil inteiro, e nós, então, precisamos fazer investimento em uma coisa que político não fazia. Micarla, você é nova na Administração, eu vou lhe contar uma coisa: no Brasil, a classe política não gostava de fazer investimento em obra de saneamento básico. Não gostava, porque ninguém gostava de enterrar manilha para coletar o esgoto da casa de cada um, porque em uma manilha não dá para a gente colocar o nome da mãe da gente, do tio da gente, do pai da gente: “Ponte não sei o quê”, “viaduto não sei o quê”. A manilha está lá embaixo da terra, ninguém quer fazer.

Pois bem. Eu posso te dizer uma coisa, posso te dizer uma coisa assim, olhando na cara de toda a classe política deste estado: aqui, neste estado, eu sou capaz de colocar os outros dedos aqui no fogo se em toda a história deste estado foi investido metade do que nós estamos investindo hoje em saneamento básico, aqui neste estado e nesta capital.

Drenagem. Eu sei que você mandou um projeto de drenagem. Este país não colocava dinheiro em drenagem porque a ignorância da classe política era tanta que eles preferiam ter como referência o nome de um parente numa ponte, e não uma criança com saúde, brincando na rua, sem pisar em esgoto a céu aberto. Essa coisa mudou, essa coisa mudou, e mudou muito. E vai mudar muito mais porque nós aprendemos que investir em saneamento básico... Estou aqui com o Ministro da Saúde. A cada real que a gente investe em saneamento básico, a gente está economizando três ou quatro reais na área da Saúde. Então, significa melhorar a qualidade de vida para as pessoas que mais precisam neste país. Se você tem projeto e qualquer outro prefeito tem projeto de drenagem, pela primeira vez vocês vão ter dinheiro para financiar



drenagem nas cidades brasileiras, para que a gente possa cuidar mais e melhor do povo brasileiro.

Por último, eu queria dizer a vocês uma coisa importante. Vocês viram ontem os jornais... eu ainda não falei a respeito, mas hoje eu consegui ver alguns jornais, e o pessoal está dizendo assim: “Brasil tem crescimento *made in China*”. O Brasil está crescendo igual à China. O Brasil vai gerar, este ano – só para vocês terem ideia –, este ano nós vamos gerar, com carteira assinada, mais de dois milhões de novos empregos neste país. Então, a matéria de hoje, a matéria de hoje, ela retrata o crescimento do Produto Interno Bruto brasileiro no primeiro trimestre. É algo muito importante, mas a gente tem que tratar isso com muita humildade. A gente não pode sair por aí batendo bumbo, não. A gente tem que continuar trabalhando com seriedade. Se alguém pensa que, por conta das eleições, eu vou rasgar nota de R\$ 5, “pode tirar o cavalo da chuva”, porque eu sei, eu sei o que eu passei para chegar até aqui. Eu sei o que tentaram fazer comigo em 2005. Eu sei quantos torciam para que eu não desse certo neste país. Eu sei quantas pessoas iam dormir à noite dizendo “Por que esse peão não acaba logo? Por que esse peão não vai embora?”. Eu sei quantas matérias fizeram contra mim. Agora, com a ajuda de vocês, essas pessoas vão ter que aceitar algumas coisas.

Eu, meu caro governador, eu e o José Alencar somos, na história republicana, o primeiro presidente e o primeiro vice que não têm diploma universitário. Aqui já teve advogado, médico, dentista, usineiro, já teve tudo o que você possa imaginar. Eu e o José Alencar somos os únicos que não tivemos diploma universitário.

Mas, veja a ironia do destino: eu já sou hoje o presidente da República que mais investiu em universidades, na história do Brasil. Aqui no Rio Grande do Norte, vocês sabem quantas escolas técnicas, quantas universidades e quantas extensões universitárias nós estamos criando, aqui vocês sabem. Aqui vocês sabem o que significa o ProUni.



Aliás, este mês, eu vou participar de uma festa que, para mim, se depois da festa eu cair morto, agradeço a Deus. Nós vamos entregar – eu, o Temporão e o Fernando Haddad, ministro da Educação –, nós vamos entregar os primeiros 540 diplomas de médico para pessoas da periferia que estudaram no ProUni. Vai ser, vai ser... Eu não vou morrer do coração porque eu sou corintiano, e como eu sofro muito lá, eu vou ficar... Mas, entregar, entregar diploma para médicos da periferia, pobres, 40% negros da periferia, meninos e meninas que estavam proibidos de estudar, desenganados, que entraram no ProUni, Temporão – já são 706 mil jovens brasileiros fazendo o ProUni –, e entregar para eles um diploma de médico, é coisa porreta, é coisa muito porreta, porque médico [Medicina] é o curso mais caro da universidade. Quanto é que está um curso, hoje, de Medicina? Olha, um curso de Medicina deve estar uns R\$ 5 mil por mês, para pagar. Qual é o pobre que pode estudar? Só pode ser médico filho de rico ou japonês, que também tem que ser filho de rico. Pobre, do Nordeste, está predestinado...

Hoje os prefeitos sabem, quando querem levar um médico para o interior, precisa pagar 15 ou 20 mil reais. A prefeitura não tem condições, porque também, Temporão, as pessoas querem trabalhar perto da praia, querem trabalhar na Avenida Paulista, querem trabalhar na Avenida Copacabana. Ninguém quer ir roer osso, essa é a verdade. Se fosse como eu, criado com mocotó e com pirão com aquela farinha grossa, roendo osso, certamente essas pessoas iriam trabalhar na periferia.

Mas, eu vou, vou falar a última coisa agora. Ontem, Garibaldi, eu tive uma notícia que vocês precisam ter orgulho. Quando eu tomei posse na Presidência da República, no mês de março de 2003 o ministro da Integração, na época o Ministro Ciro Gomes, me procurou para comunicar que o Banco do Nordeste tinha emprestado apenas R\$ 262 milhões. Preste atenção, Garibaldi, R\$ 262 milhões, e tinha 37,5% de inadimplência, ou seja, não emprestava dinheiro e, do pouco que emprestava, as pessoas ainda não pagavam.



Pois bem, no ano passado, nós fechamos o BNB com R\$ 22 bilhões de empréstimos e apenas 3% de inadimplência, e só para o AgroAmigo, só para o AgroAmigo que nós emprestamos R\$ 1,3 bilhão para o pequeno agricultor - que pega R\$ 1 mil, R\$ 800,00 - nós emprestamos R\$ 1,3 bilhão para um milhão de agricultores nordestinos, e muita gente aqui, do Rio Grande do Norte. E sabe qual é a inadimplência? Menos que 3%. Significa que o pobre deste país paga, porque nós temos como patrimônio a nossa honra, o nosso nome e nós temos vergonha de pegar e não pagar.

Eu aprendi... Aprendi, meu caro governador, meu caro Henrique Alves, que não tem nada mais fácil e não tem nada mais barato do que governar para pobre, porque rico vai ao governo, ele quer logo R\$ 1 bilhão, R\$ 2 bilhões, R\$ 3 bilhões, e, às vezes, faz uma fábrica e gera 200 empregos. Nós temos que ajudar a emprestar esse dinheiro, mas você imagina, com R\$ 1,3 bilhão nós emprestamos dinheiro para um milhão de pessoas. Se a gente tivesse que emprestar para um empresário, era só um que pegava o dinheiro. Um milhão pegou dinheiro, ou seja, nós estamos fazendo o que Jesus nos ensinou: fazendo a multiplicação dos pães para que os pobres possam ter acesso àquilo que, até então, era só de uma parcela da sociedade brasileira.

Eu... Eu não sei se a minha assessoria tem, mas uma coisa que eu gosto de falar... Eu estou falando e a minha assessoria nem olha para mim, eles já estão de olho em quem será o próximo Presidente, já estão querendo agradar a quem vai ser, porque... Então, veja, eu não sei, mas eu queria dar um dado aqui para vocês. Nós... Sabe quantos... sabe quanto de fios, ou seja, desses cabos que passam na rua, quantos cabos.... quanto de cabo nós já gastamos no programa Luz para Todos, Henrique? Sabe, Fátima? Já gastamos... Já investimos um milhão e cem mil quilômetros de fios, um milhão e cem mil quilômetros. Para você ter ideia, daria para enrolar a Terra vinte e sete vezes. Já pensou eu subindo numa nave espacial e enrolando esse fio no sol? São 27 voltas na Terra, o que nós já colocamos de fio para levar energia



na casa do povo mais longe. Já foram gerados, só no programa Luz para Todos, minha querida Wilma, 351 mil empregos, desde que o Programa começou. Nós já utilizamos 5 milhões e 860 mil postes, esses postes da rua. Foram 5 milhões e 860 mil postes só para o programa Luz para Todos. E sabem quantos transformadores? 863 mil transformadores.

Esse Programa, esse Programa já atendeu 2 milhões e 300 mil pessoas, ou melhor, 2 milhões e 300 mil casas. Há casas mais longe, no campo, que não tinham energia elétrica. As pessoas ficavam à base do candeeiro. Nós não vamos conseguir fazer tudo. Nós já cumprimos a meta. O Rio Grande do Norte foi o primeiro a ser universalizado, mas depois que a gente fez, a gente foi descobrindo novas pessoas, e nós pretendemos zerar. Eu quero estar vivo quando a gente apagar o último candeeiro deste país, o último candeeiro. Depois que a gente coloca luz, as pessoas compram televisão, uma casinha de farinha, uma geladeira.

Você sabe, ô Guilherme, eu morava num bairro em São Paulo, eu não tinha geladeira. Sabe o que eu fazia? Pegava, comprava cerveja quente no supermercado, que é mais barata... a cerveja quente no supermercado é mais barata do que a cerveja gelada no bar. Então, eu pegava a cerveja quente, descia, num balde, dentro de um poço, deixava lá uns 40 minutos dentro do poço, depois pegava... Não estava gelada, mas para quem tinha vindo de Garanhuns, estava bom. Tomava e estava bem da vida.

Agora, eu fico imaginando uma pessoa pobre do Amazonas, depois que chegou o programa Luz para Todos, abrir a geladeira e pegar uma aguinha gelada para beber. Não tem coisa melhor do que isso, não tem coisa melhor! Eu não estou falando cerveja, eu não estou falando nada porque eu não posso fazer propaganda de bebida. Mas que uma geladinha também é boa, é. É boa, é boa, e Deus, e Deus sabe que é bom, sobretudo em um estado que faz um calor como este.

Então, companheiros e companheiras, eu quero dizer aos companheiros



aqui... Eu queria chamar a atenção para uma coisa, olhem... Eu queria chamar a atenção para uma coisa. É que vocês... eu estou ali com o Emir do Catar ali, está ali o Emir do Catar, ou o príncipe da Arábia Saudita está ali com uma bandeira... nem sabia que lá na Arábia Saudita tinha o número 13, mas tem. Bem, eu queria pedir uma coisa para vocês, olhem: é que vocês... rapaz, a Farmácia Popular... Está aqui o pessoal da Farmácia Popular. A Farmácia Popular é uma coisa que cada município pequeno... essa é uma coisa que os prefeitos podem ajudar. A Farmácia Popular, tem aquelas que são feitas pelo governo, a gente compra um prédio e faz a farmácia, coloca gente para trabalhar e vender remédio, e tem aquela, em uma cidade pequena, se tiver um farmacêutico particular, ele pode, na sua farmácia particular, criar um balcãozinho e escrever "Farmácia Popular", e vender remédio, que a gente paga 90% e a pessoa paga apenas 10%. Se a pessoa for comprar um remédio que custa R\$ 10, o governo paga R\$ 9 e a pessoa paga só R\$ 1. Qualquer prefeito pode convencer o farmacêutico da sua cidade a fazer, na sua farmácia, uma parte normal e uma parte "Farmácia Popular". Nós já temos quantas no Brasil, Temporão? Dez mil... Treze mil, mas ainda pode se fazer muito mais. Portanto, eu quero, eu quero agradecer à companheira que falou da Farmácia Popular. A Farmácia Popular, Temporão, você não estava no governo ainda, mas quando eu pensei em criar a Farmácia Popular, é porque essa gente humilde, mais pobre, às vezes pega uma receita e morre com a receita na cabeceira da cama porque não tinha dinheiro para comprar. E agora as pessoas vão receber...

Gente do céu, eu queria pedir para vocês: não permitam, não permitam que o processo eleitoral estrague o que está acontecendo no Brasil, não permitam. Não permitam porque... Veja, eu, da minha parte, da minha parte, nós vamos manter a estabilidade econômica, da minha parte, eu vou controlar a inflação. Eu farei qualquer coisa para não deixar a inflação voltar, porque quando a inflação volta, ela come é o bolso do pequeno, é o bolso daquele que



trabalha. Então, o Brasil nunca viveu um momento tão excepcional como este, e agora que a gente construiu isso nós vamos levantar a cabeça e vamos manter este país com esta ordem, com este crescimento, com este desenvolvimento. Eu tenho certeza de que este estado extraordinário não só já contribuiu, como vai continuar contribuindo.

Eu quero, então, me despedir de vocês dizendo... desejando um grande abraço a cada mulher, a cada homem, a cada prefeito, e dizer para vocês: continuem acreditando, que este país jamais voltará a ser o que foi. Este país aprendeu a gostar de si próprio, este país tem autoestima e este país hoje é respeitado no mundo. E eu acho que nós conseguimos isso.

Eu queria aproveitar que o seu Modinha está aí, dar um abraço no seu Modinha, aqui no microfone, essa figura simpática, com esse chapeuzinho aí que não caberia na minha cabeça porque eu tenho a cabeça maior do que a dele.

Um abraço, gente, e que Deus abençoe cada um de vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura de ordem de início da duplicação de seis lotes da BR-101

Maceió-AL, 09 de junho de 2010

Se for ler todos esses papéis aqui, vai chegar ao final do ano e nós vamos estar aqui, lendo. Eu já estou vendo a turma do “chapéu de palha” aí, já estou vendo levantando o chapéu. Eu estou com esses “oclinhos” aqui, mas não estou cego, não, estou de olho em vocês, companheiros.

Olhem, primeiro eu queria cumprimentar nossos companheiros,

O governador Teotônio Vilela,

Os nossos senadores Collor e Renan,

Os nossos deputados federais,

Eu queria cumprimentar a nossa querida prefeita Rosiane Santos, prefeita de São Miguel dos Campos,

Cumprimentar o nosso general Vicente Magalhães, comandante do 1º Batalhão de Engenharia,

Cumprimentar o Pagot,

Os empresários,

Mas, sobretudo, cumprimentar o povo de Alagoas.

Eu queria, primeiro, dizer para vocês que o Brasil vive um momento, eu diria, dos mais importantes da sua história. Vocês estão lembrados que quando eu tomei posse, eu disse que primeiro a gente ia fazer o necessário, depois a gente iria fazer o possível, e quando menos esperássemos, nós estaríamos fazendo o impossível. E disse que se, ao terminar o meu mandato, todos os brasileiros estivessem tomando um café de manhã, almoçando e jantando, eu já poderia morrer tranquilo.



Hoje, nós estamos aqui ainda embevecidos pelas notícias econômicas publicadas pela pesquisa do IBGE e divulgadas ontem. Dentre as coisas mais importantes, além do crescimento do PIB ter sido um número importante, mas o que me chamou mais atenção foi o crescimento do investimento em 26% no mesmo período. Significa que nós tínhamos razão quando nós afirmávamos que a crise econômica que causou 7 milhões de desempregados nos Estados Unidos, a crise econômica que causou mais de 8 milhões de desempregos na Europa, aqui ela não passou de uma marolinha. E ela só foi mais grave porque alguns setores industriais, sobretudo a indústria automobilística, que representa 24,5% do PIB industrial, exagerou no medo, recebendo orientação das matrizes dos Estados Unidos ou da Alemanha, pisou no breque com muita força e fez com que, nos meses de novembro, dezembro e janeiro, a gente tivesse uma redução, inclusive no número de trabalhadores na indústria automobilística.

O que aconteceu é que, como o governo tomou medidas imediatas, já em março, a indústria automobilística brasileira batia recorde atrás de recorde, tanto de produção quanto de venda ou quanto de licenciamento. E, até hoje, a indústria brasileira, no mês de abril, produziu mais do que a indústria automobilística alemã, passando a ser a quarta indústria automobilística do mundo. Obviamente que, quando a Alemanha se recuperar, vai produzir mais do que nós.

Mas o dado concreto é que quem [o que] salvou este país foi o fato de o governo ter acreditado no povo mais pobre, de o governo brasileiro ter chamado o povo à responsabilidade de consumir, e o povo foi às compras e, ao mesmo tempo, o governo ter tomado as atitudes de desonerar, tirar imposto de vários produtos que nós considerávamos importantes. Então, os números de ontem me deixam extremamente feliz e me deixam extremamente satisfeito, porque nós podemos afirmar hoje, olhando na cara do mais humilde alagoano,



do mais pobre ou do mais rico, e dizer: finalmente este país voltou a ser um país respeitado, com autoestima, e o povo, sobretudo, está consciente.

Bem, se não bastasse isso, muitas vezes a gente vê a imprensa... Eu estou preocupado aqui com o discurso, porque o Renan e o Collor têm que voltar para Brasília para votar hoje, porque está votando o Pré-Sal, e eu não quero ser responsável de perder dois votos. Então, eu queria dizer para vocês que a imprensa brasileira fala muito de macroeconomia, e no começo ela não acreditava muito no governo, aí nós começamos a aparecer muito no New York Times, no Financial Times, na revista Times, no Le Monde, e, quando tudo dá no New York Times, dá aqui no Brasil também. Vocês estão lembrados que o Chico Mendes era um seringueiro lá de Xapuri, um pobre coitadinho, meu amigo há mais de 30 anos, era candidato a vereador, tinha 300 votos, era candidato a prefeito, tinha 300 votos, saiu no New York Times, virou uma personalidade importante no Brasil. Então agora, como o Brasil está saindo no New York Times, as pessoas começam a lembrar que este país é importante. Este país é a oitava economia do mundo. Este país não ia para frente quando a elite que governava este país agia de forma subordinada aos países mais ricos do mundo. Eu aprendi uma coisa no movimento sindical: ninguém respeita quem não se respeita, ninguém. Se a gente quiser o respeito da gente dentro da casa da gente, a gente tem que respeitar os outros. A gente respeita os filhos para eles nos respeitarem, a gente respeita a nossa mulher para ela nos respeitar, e assim a gente vai conquistando o respeito no mundo. Hoje, as grandes nações do mundo sabem que têm que respeitar o Brasil porque o Brasil respeita elas. Nós não devemos nada a ninguém.

Veja, eu tenho orgulho de poder dizer, não foram todos os presidentes do Brasil que puderam dizer: a gente não deve nada a ninguém. Pelo contrário, eles devem à gente, eles devem, porque nós não só devolvemos o dinheiro para o FMI como emprestamos US\$ 14 bilhões para eles poderem emprestar para os países pobres.



Então, nós temos uma série de políticas, Renan, que você acompanha, o Collor acompanha, os deputados acompanham, que muitas vezes aparecem pouco na imprensa, mas na verdade é o que dá suporte ao crescimento do país. Primeiro, o povo pobre do Norte e do Nordeste, nos meses de abril e março deste ano, consumiram mais do que as classes A e B do Centro-Sul do país, ou seja, os pobres do Norte e do Nordeste consumiram mais alimento, produto de higiene e de limpeza.

A segunda coisa importante é que hoje nós temos mais de 50% da nossa população na classe média. E por que isso aconteceu? Porque hoje o Pronaf financia, e depois nós vamos dizer que a Medida Provisória 472, se não me falha a memória, foi aprovada na semana passada, eu não sei se contempla todo mundo da agricultura, mas, se não contemplar, nós vamos ter que fazer mais remendo em outras medidas provisórias até chegarmos no tempo certo e resolver o problema da agricultura. Mas o Pronaf era uma coisa que atendia apenas os trabalhadores do Sul – e quando eu falo do Sul, a grande maioria do Rio Grande do Sul, que estava organizada –, o Pronaf quase nem chegava a São Paulo, quase nem chegava ao Paraná, era uma coisa do Sul. E nós, hoje, estamos vendo que, não apenas o Pronaf, mas o Agroamigo, do BNB, atende, hoje, 1 milhão de pequenos agricultores no Nordeste brasileiro, investindo R\$ 1,3 bilhão com o programa Agroamigo, que é uma coisa extraordinária. E só para os nossos deputados saberem e para os nossos senadores saberem, em março de 2003, quando nós fomos fazer o primeiro levantamento do BNB, o BNB tinha emprestado, em 2002, apenas R\$ 262 milhões. No ano passado, nós fechamos com R\$ 22 bilhões emprestados ao empresário e ao agricultor do Nordeste brasileiro, e já me reivindicaram mais 10 bilhões, porque querem chegar a 32 bilhões no ano de 2010.

A Caixa Econômica dobrou. A Caixa Econômica saiu de 9 bilhões para 47 bilhões de financiamento. O Brasil tinha apenas, Renan, 380 bilhões de crédito, no Brasil inteiro, em março de 2003. Hoje, o Brasil tem 1,5 trilhão de



crédito neste país. Somente o crédito consignado, somente o crédito consignado, que empresta dinheiro para os trabalhadores e para aposentados, já colocou no mercado R\$ 120 bilhões, que está circulando empréstimo para gente que nem conseguia entrar no banco até outro dia – porque estava cheio de guardas, e qualquer um que entrasse que não tivesse terno e gravata já era considerado ladrão. Hoje, o cidadão entra com uma alpargata havaiana e é tratado com respeito, porque o gerente está lá para receber essa gente e tratar com respeito.

Mas, veja, tem um programa que eu me orgulho muito. Ontem, nós lançamos os Plano Safra – anteontem. O Plano Safra significa um financiamento para a agricultura de R\$ 116 bilhões, dos quais 100 bilhões para o setor empresarial e 16 bilhões para a agricultura familiar. Quando nós chegamos ao governo, o máximo que tinha sido emprestado era R\$ 2 bilhões e 400 milhões.

Mas tem uma coisa que me chama a atenção: o investimento que nós já fizemos, de R\$ 10 bilhões, sem que o povo pobre pague nada, que é o Programa Luz para Todos. Eu vou dar um número para vocês, para vocês verem (falha no áudio) extraordinária: o Programa Luz para Todos já colocou de fio, neste país, de cabo, já colocamos 1 milhão e 100 mil quilômetros. Isso dá para enrolar a Terra 27 vezes. Quando eu deixar a Presidência, eu vou entrar em um foguete e vou enrolar, em volta da Terra, dá para enrolar 27 vezes [com] todos os fios que nós colocamos no Programa Luz para Todos. Geramos 351 mil empregos no Programa Luz para Todos, nós colocamos 5 milhões, 860 mil postes no Programa Luz para Todos e colocamos 863 mil transformadores.

E o Programa Luz para Todos, aqui em Alagoas, teve muita gente que recebeu o Programa Luz para Todos. Quando chega o Luz para Todos, logo vem uma televisãozinha para o pessoal ver a cara do Presidente, xingar o Presidente, logo, logo, para ver um joguinho do Corinthians, logo, logo, para



ver uma novelazinha, logo, logo, para ver um tal de Asa, que está na série B aí, para ver um tal de CSA.

Bem, o dado concreto é que a primeira coisa que o povo faz, quando chega o Luz para Todos, é comprar uma televisão, 83% comprou televisão; 79% das pessoas compraram geladeira. Imagina o que é uma pessoa acostumada a guardar comida embaixo da pia e ver a comida apodrecer, a matar um porquinho, tirar a banha, colocar em uma lata de 20 litros e quase que pré-cozinhar as carnes e jogar dentro da lata de banha, vai tirando os “taquinhos” para ir comendo durante o dia inteiro, aí abre uma geladeira e coloca lá, e depois pode tomar até uma geladinha, até uma geladinha.

Bem, o Programa Luz para Todos aqui em Alagoas atendeu 350 mil pessoas, essa é uma coisa que eu acho extraordinária. Nós tínhamos o compromisso de atender dois milhões, quando nós fomos a campo, nós descobrimos que os números do IBGE estavam errados. Nós descobrimos, quando nós atendemos dois milhões de casas, nós descobrimos que tinha mais quase 900 mil casas, e assumimos o compromisso de entregar pelo menos 85 ou 90% dessas casas até o final do nosso mandato. Nós estávamos usando poste de madeira, ele pesava 390 quilos, precisava de muita gente para levantar; poste de cimento pesa uma tonelada, demora muito mais e muito mais gente para levantar. Aí, agora, nós estamos colocando poste de lã de vidro, que pesa apenas 130 quilos, qualquer um de nós aqui, se tomar uma canjebrina, a gente levanta esse poste e coloca o Luz para Todos na casa das pessoas.

Então, é um programa, é um programa que, na minha opinião, é uma verdadeira revolução neste país. E nós fazemos de graça, porque em alguns estados, no Amazonas, tem ligação que custa R\$ 7 mil, e nenhuma empresa privada vai levar energia ao Amazonas, que tem cinco quilômetros de uma casa para outra. Eles gostam mesmo é de fazer na cidade, onde colocam um poste só e puxam 500 fios para 500 casas. Não, é o governo que vai levar para



as pessoas, que são brasileiras, que moram no meio do mato e que a gente tem obrigação de levar para elas a mesma cidadania que para quem mora aqui em São Miguel.

Vocês estão lembrados que quando nós criamos o Programa Bolsa Família alguém dizia assim: “Ah, isso é esmola, isso é esmola”. É esmola para quem enche a cara de uísque numa boate e dá R\$ 100,00 de gorjeta, é esmola, mas para uma mãe de família que tem dois ou três filhos dentro de casa e pega o dinheiro para comprar comida é quase que um milagre. E quem tem muito não sabe o milagre da multiplicação que aqueles que têm pouco fazem com este país.

Pois bem, companheiros e companheiras, eu vim aqui, hoje, para fazer uma coisa que eu considero uma mudança na qualidade do estado de Alagoas e uma coisa que significa permitir que os investidores estrangeiros que quiserem investir e os brasileiros saibam que não vão poder dizer que Alagoas não tem infraestrutura nos próximos 10, 15 ou 20 anos. Porque quando nós começamos a fazer a BR-101, a primeira coisa que nós fizemos foi ter uma briga com os preços muito altos de alguns setores empresariais, e nós, então, demos os primeiros lotes para que o Batalhão de Engenharia do Exército pudesse fazer e dar uma certa moralizada no pedaço. Nós começamos a fazer em Pernambuco, na Paraíba e no Rio Grande do Norte. Aqui, o trecho de Alagoas e o trecho de Sergipe não tinham projeto, nós tivemos que fazer o projeto. Depois, o projeto foi feito errado, tivemos que refazer o projeto. E agora está tudo pronto.

Essa ordem de serviço que a gente vem dar aqui, quando eu virar as costas, não agora de noite, pelo amor de Deus, vão descansar, mas amanhã, as máquinas têm que estar trabalhando. Porque, veja, porque... Em 2004, eu fui dar ordem de serviço lá em Osório, no Rio Grande do Sul, porque essa estrada aqui, ela vai até o Rio Grande do Sul, gente. E eu fui lá dar ordem de serviço. Quando eu dei a ordem de serviço, o trabalhador que recebeu a ordem



de serviço do Fernando Henrique Cardoso, em 2002, me devolveu a ordem dele porque foi dada a ordem de serviço e não aconteceu nada.

Eu já vi, aqui, o meu Ministro dos Transportes, o meu Presidente, aqui, do Dnit dizer: “É, está chovendo muito, não vai dar para começar a trabalhar”. E eu estou com um calor desgraçado, suando aqui. É verdade que tem um período de chuva, mas, veja, é preciso que cada morador daqui tenha a responsabilidade de ajudar a fiscalizar se esta obra vai sair ou não. Porque, veja, são R\$ 1 bilhão e 400 milhões, não é pouco dinheiro. É tanto dinheiro que todo mundo aqui, junto, nunca nem viu perto essa quantia – R\$ 1 bilhão e 400 milhões. Nós dividimos, como disse o nosso Ministro, em seis lotes. Por que seis lotes? Para a gente colocar seis empresas diferentes para trabalhar, cada uma faz um pedaço, e elas se encontram. Nós demos o primeiro lote, em Flexeiras, é o lote 1, em Pernambuco e Alagoas, que é 46 quilômetros, e o valor do investimento, R\$ 179 milhões; lote dois, de Flexeiras a Rio Largo, extensão 45 quilômetros, valor R\$ 221 milhões; lote três, de Rio Largo a São Miguel dos Campos, a nossa cidade aqui, pois bem, são 47 quilômetros, valor da obra R\$ 301 milhões; lote quatro, de São Miguel dos Campos a Teotônio Vilela, extensão 31 quilômetros, valor R\$ 177 milhões; lote cinco, de Teotônio Vilela a São Sebastião, extensão 42 quilômetros, valor R\$ 291 milhões; lote seis, de São Sebastião a divisa de Alagoas com Sergipe, extensão 37 quilômetros, valor R\$ 187 milhões. E amanhã eu vou a Sergipe dar a ordem de serviço em cinco lotes em Sergipe para chegar logo até a Bahia.

Aí eu quero é que o brasileiro... Eu, por exemplo, quando não for presidente, vou estar de férias, pegar um carro lá de Fortaleza e pegar a BR-101 para fazer inveja a qualquer estrada alemã e passar em todos os estados, chegar até a Bahia, tomando banho de praia, água de coco e uma geladinha de vez em quando. E eu espero, eu espero poder encontrar com vocês, para nós nos tratarmos de companheiros.

Aqui em Alagoas, aqui em Alagoas nós temos uma outra obra



importante que esteve paralisada muitos anos, que é o Canal do Sertão, e esse Canal do Sertão está saindo. Eu espero poder, antes de deixar o mandato, vir inaugurar o trecho até Arapiraca pelo menos, para a gente poder dar um mergulho e mostrar que o mar... que o sertão está virando mar de verdade, e que a gente vai poder já começar o primeiro processo de irrigação nesse primeiro trecho do Canal do Sertão. Da mesma forma que nós estamos fazendo o Canal do São Francisco, da mesma forma que estamos fazendo a Transnordestina e da mesma forma que nós vamos interligar o Brasil.

Porque o Nordeste brasileiro não quer ser mais tratado como o primo pobre deste país. Nós somos cidadãos brasileiros. Foi nesse pedaço de chão que nós expulsamos holandeses, que nós expulsamos franceses, e nós somos tão brasileiros quanto qualquer outro, nós não queremos mais ser olhados como se nós só prestássemos para trabalhar de pedreiro, nós queremos ser engenheiros, nós queremos ser médicos, nós queremos ser pesquisadores, nós queremos ser doutores. E é por isso que o Nordeste é a parte do Brasil que mais cresce, é por isso.

Hoje eu liguei para a Bahia, o Governador estava radiante, porque o PIB da Bahia cresceu mais do que a média nacional, certamente o PIB de Alagoas também cresceu mais, o consumo no Nordeste está crescendo mais, e nós queremos que cresça para que o Brasil seja totalmente igual, que a gente vá para São Paulo para passear e não para trabalhar de pedreiro ou construir ponte, como a gente era acostumado a fazer.

E, agora, nós temos uma coisa mais importante, gente: é que nós aprendemos a fazer as coisas, é que as coisas estão caminhando corretamente. Nós ainda temos muita dificuldade, por exemplo: na BR-101, nós temos um problema aqui com a comunidade indígena, que quando chegar lá vai ter problema. Então, eu estou falando aqui, na frente do Ministro do Transporte, para não ficar esperando chegar lá para resolver. Tem que chamar a Funai e resolver logo.



Da mesma forma tem problema do que mais, aqui? Tem dois problemas na BR-101. Tem a questão ambiental, que é um outro problema, também, na Rodovia 101, que a gente tem que resolver agora, porque vão ser cinco frentes de trabalho trabalhando, ou seja, são cinco empresas diferentes, o Batalhão do Exército, cada uma contratando trabalhador. E eu queria pedir ao Governador e ao Ministro dos Transportes que, pelo amor de Deus, convençam as empresas a contratarem a maioria dos trabalhadores no trecho em que a estrada está sendo feita.

O Brasil está precisando de formação de mão de obra. Então, eu fui agora em São Paulo entregar diploma para 1.550 pessoas, 77% mulheres, que as empresas do Programa Minha Casa, Minha Vida estão formando as mulheres para trabalharem de pedreiro, para ser azulejista, para fazer qualquer coisa. Porque acabou esse negócio de que tem trabalho de homem e trabalho de mulher. A mulher está ficando mais competente do que nós e ela, portanto, tem que ter a garantia do seu emprego.

Uma outra coisa importante, além do trabalho, é o seguinte: é que a gente pode conversar com a empresa, Paulo Sérgio, para contratar a maioria do pessoal da região, porque na hora em que essas pessoas começam a ganhar um salário, elas vão consumir no comércio daqui, o comércio daqui vai crescer, vai vir empresa para cá, ou seja, não pode é a empresa trazer trabalhador de Pernambuco para trabalhar em Alagoas, trabalhador de Minas Gerais para trabalhar em Alagoas, isso é uma coisa que a gente pode conversar com os empresários, pode fazer parceria e a gente pode formar gente.

No mais, meus queridos e queridas companheiras, eu quero agradecer, porque falei demais, e quero dizer para vocês o seguinte, companheiros: eu penso que o Brasil se encontrou consigo mesmo. Eu não sou mágico, eu não fiz mágica na economia, eu apenas trabalhei com seriedade. É importante que o povo de São Miguel saiba: eu sou o primeiro e o único Presidente da



República deste país que não tem um diploma universitário, mas já sou o presidente que mais fez universidade, que mais fez escolas técnicas e que mais investiu.

Nós saímos de um orçamento da Educação de [R\$] 20 bilhões, Renan, para R\$ 60 bilhões, ou seja, nós triplicamos o orçamento, ainda precisa melhorar. Nós aprovamos o piso dos professores de R\$ 901,00, e tem ainda cinco governadores que entraram na Justiça para não pagar, porque acham que é muito novecentos, mil e poucos reais. Eu, sinceramente, eu sinceramente acho que a gente precisa voltar a valorizar a professora. No tempo em que a professora era a razão do poeta, dos grandes poetas brasileiros, era a música dos grandes músicos brasileiros. A gente tinha orgulho de olhar para a professora e chamar a nossa professora quase como se fosse uma deusa. Mas na hora em que a gente deixa de pagar salário para eles, eles não têm vontade de trabalhar, trabalham mal humorados e vão cuidar dos nossos filhos na escola, que às vezes vão para a escola porque tem uma merenda escolar. Às vezes é a professora que tem que criar, cuidar do piolho da criança, às vezes é a professora que tem que cuidar da caspa da criança. Então, é preciso que a gente respeite essa profissão tão importante para o crescimento do nosso país.

Um abraço, gente. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na assinatura de decretos de concessão de aeroporto, de criação de ZPEs e de convênio com o governo do RN e entrega de equipamentos aos Territórios da Cidadania

Natal-RN, 09 de junho de 2010

Ainda bem que o Iberê deixou um pouquinho de tempo para mim, aqui. Sabe que eu estou feliz de o Iberê ter falado bastante? Porque ele está se recuperando de uma doença grave e eu, quando cheguei, ontem à noite, no aeroporto, eu fui para o hotel preocupado com o Iberê, eu falei: “Será que ele está bem de saúde mesmo?”. E ainda falei para a nossa companheira Wilma: “Será que o Iberê está bem mesmo?”. Ela falou: “Está”. Eu falei: “Mas eu estou achando ele tão abatido”. Aí, quando o “bichim” pegou o microfone aqui, sarou, sarou. Esse é o problema de político: não pode ver microfone que a gente sara de qualquer doença. Mas fico feliz, Iberê, que você está com fôlego para falar.

Bem, eu penso, meus queridos companheiros, Governador, ex-Governadora, deputados, ministros e povo do Rio Grande do Norte, eu penso que nós precisaríamos marcar na nossa caderneta a data de hoje, para que a gente pudesse saber o que vai acontecer com este estado, nos próximos dez anos, nos próximos 12 anos ou nos próximos 15 anos.

O desenvolvimento de uma cidade, de um estado ou de um país não tem o mesmo tempo que tem a vida humana; na vida humana dez anos é muita coisa, mas no desenvolvimento de um projeto de desenvolvimento, às vezes dez anos é apenas o começo. E vocês sabem por quanto tempo vocês esperaram esse aeroporto. E o ministro Jobim – eu não escutei ele falar... mas esse aeroporto é o único aeroporto do Brasil que vai poder pousar aquele famoso Airbus 380, aquele que tem as asas tão grandes que não caberia dentro do estado de Sergipe, de tão grande que é o avião, e vai pousar aqui.



Mas o que é importante é que junto com o aeroporto, que vai fazer a licitação para a concessão, nós assinamos duas ZPEs, a tão sonhada Zona de Processamento de Exportação. Ora, e por que é importante? Porque existe muito tempo que nós estamos tentando aprovar essas ZPEs. Os estados mais desenvolvidos, que já têm indústria, não queriam que fosse aprovado, para que a gente não trouxesse para o Nordeste e para o Norte do país a mesma chance que eles já tiveram há 30 ou 40 anos.

Ora, e nós não podemos aceitar a ideia de que o Brasil pode ser dividido em regiões que podem tudo e regiões que não podem nada. Quando a gente pegava as estatísticas do IBGE, a gente ficava analisando as estatísticas, quando as estatísticas falavam de investimento em educação, da boa qualidade da escolaridade, da quantidade de mestres, de doutores, dos investimentos em pesquisa, era tudo para uma banda do Brasil. Quando falava na pesquisa, do analfabetismo, da mortalidade infantil, de morte de mulher por parto, aparecia o Nordeste em primeiro lugar.

Nós não estamos querendo tirar nada de ninguém. Nós apenas queremos dizer que o povo nordestino é brasileiro e tem o mesmo direito que todo e qualquer povo de qualquer canto do Brasil. Nós queremos dizer que o povo da região Norte do país, que os índios deste país, que os negros deste país, que os quilombolas deste país são brasileiros tanto quanto aqueles de olhos azuis, que moram nas regiões mais ricas do país. Nós queremos apenas que todos sejam tratados como cidadãos e cidadãos brasileiros, que todos tenham a oportunidade de trabalhar, de ganhar seu salário, de estudar, de comer, de ter acesso à cultura, é só isso que nós queremos. E, por isso, esse aeroporto é uma obra marcante para o estado, porque, junto desse aeroporto, devem vir muitas indústrias produzirem produtos de alto valor agregado, porque ninguém vai exportar trator dentro do avião, vai exportar pecinha pequena, vai exportar peça de alto valor agregado e vai criar uma nova indústria no estado do Rio Grande do Norte. É isso que nós estamos fazendo



para o nosso querido Nordeste brasileiro.

É importante lembrar, companheiro Iberê, que se dependesse da Petrobras, a gente não teria nenhuma nova refinaria, porque as refinarias que já existiam no Brasil davam conta de atender a demanda de combustível no Brasil. A decisão de fazer novas refinarias é uma decisão do governo. E as duas grandes refinarias – uma no Maranhão e outra no Ceará – são apenas para produzir para exportação. E nós achamos que o Brasil, com a descoberta do pré-sal, não deve ficar exportando óleo cru para a China, para os Estados Unidos, nós temos que exportar produtos derivados do petróleo, com alto valor agregado, para que a gente possa fazer do petróleo que está a 7 mil metros de profundidade, no oceano brasileiro, a recuperação da dignidade do povo brasileiro, a recuperação do atraso educacional a que o nosso povo foi submetido, a recuperação do atraso em ciência e tecnologia. E é por isso que nós precisamos, então, fazer refinarias pensando apenas em exportar produtos de alto valor agregado.

Mais importante ainda, companheiros e companheiras, é que nós imaginamos que isso está acontecendo no Nordeste inteiro. E o resultado disso é que no ano passado, quando a crise americana e a crise europeia trouxeram graves problemas de consumo nos Estados Unidos, onde sete milhões de pessoas perderam seus postos de trabalho; que trouxeram graves problemas na Europa onde, nos países europeus, mais de oito milhões de desempregados ficaram, apenas em um ano, desempregados ou sem posto de trabalho; este país, este país, no ano da maior crise mundial, nós criamos 905 mil empregos com carteira assinada, no ano passado. E este ano, nos quatro primeiros meses, já criamos quase 1 milhão de empregos, ou melhor, 1 milhão e 100 mil empregos. Nós poderemos chegar a 2 milhões de empregos no final do ano. Então, vou terminar o meu mandato, meus queridos companheiros, com quase 14 milhões e meio de empregos gerados neste país, com carteira profissional assinada.



Todos vocês sabem: a construção civil brasileira estava predestinada a não crescer, porque não existia nem contratação de obra por parte do governo, nem financiamento por conta dos bancos privados e, muito menos, financiamento por conta dos bancos públicos estaduais. Desde o governo Geisel – e eu estou vendo políticos aqui que vêm daquela época ainda – desde o governo Geisel, Lavoisier, desde o governo Geisel - foi o último governo que fez investimento em infraestrutura neste país, de 1975 a 1979. E fez investimentos e, por conta daqueles investimentos, contraiu uma dívida, em dólares, monumental, que depois os americanos, para recuperar as finanças americanas, aumentaram os juros de 3% para 21%, e aumentou a dívida brasileira que a gente ficou 25 anos sem poder fazer nenhum investimento.

Se eu perguntar para qualquer político aqui, no palanque... pode perguntar para os nossos adversários, de outros partidos políticos, qual foi a grande obra que o governo deles fez, para ver se eles lembram de uma obra feita nos últimos 20 anos, neste país. Para saber se lembra. E não é que os governantes não queriam fazer, era que o país tinha que acordar e deitar pensando na dívida externa que a gente não podia, não podia fazer nada. Vocês estão lembrados? Todo ano desciam aqui uma mulher e um homem no aeroporto, era a mulher e o homem do FMI, para dizer o que é que a gente tinha que fazer, o que é que a gente podia fazer, o que é que a gente tinha que pagar, o que é que a gente tinha que investir. Eu mesmo estou “cacunda” de carregar faixa “Fora FMI”.

Hoje, sem precisar dar nenhum grito, sem precisar dar nenhum grito, nós chamamos o presidente do FMI, há três anos, e falamos: “Companheiro, nós não precisamos mais do seu dinheiro. Tome aqui o que é seu e nos deixe ser donos do nosso nariz”. E, hoje, temos US\$ 250 bilhões de reserva, ali, guardadinho, e emprestamos 14 bilhões para o FMI. E agora, nessa crise da Europa, aí, e da Grécia, emprestamos 280 milhões para a Grécia. Nós somos pobres mas somos orgulhosos, ou seja, e um país... a gente aprende, na vida



da gente, com o filho da gente, com a mulher da gente: se a gente quiser ser respeitado, nós temos que aprender a respeitar os outros. E eu quero respeitar todo mundo, mas quero que eles me respeitem e quero que eles respeitem este país, que este país não é pequeno, este país é uma grande nação, e este país não pode ficar subordinado ao que pensam os americanos, ao que pensam os europeus. Porque teve um tempo que tinha uma classe dirigente brasileira que tudo que era feito lá fora era bom, e tudo o que era feito aqui dentro não prestava. Pois, para nós, é importante a gente levantar a cabeça e agradecer a Deus, porque se tem um país que merece a gente ter orgulho é deste país chamado Brasil, onde nós nascemos e criamos os nossos filhos.

E uma coisa importante é que nós descobrimos que é possível fazer as coisas. Hoje, meu caro Iberê, hoje, talvez seja o meu último ato de inauguração de obras como presidente da República, no estado do Rio Grande do Norte, porque daqui a pouco começa a campanha e dificulta tudo. Então, hoje, talvez, seja o meu último ato de inauguração de uma obra. E eu saio daqui, vou para Maceió, de Maceió vou para Aracaju, de Aracaju vou para Salvador. Em cada lugar, eu vou tendo consciência de que os nossos adversários nas campanhas políticas, poderiam eles fazer comparação, não nós. Quando eles criticarem a gente, eles digam o que eles fizeram quando governaram. Digam, digam, porque eles vão ter que entender que governar este país é a gente olhar também para a parte pobre deste país.

Pode perguntar, Wilma, pode perguntar: os grandes empresários, os grandes banqueiros, os grandes latifundiários nunca ganharam tanto dinheiro como ganharam no meu governo; as grandes empresas nunca ganharam tanto dinheiro como ganharam no meu governo. Mas o pobre também ganhou o direito à cidadania, o direito de estudar.

Então, eu fico com orgulho, e não tenho humildade, não, de saber que um torneiro mecânico que perdeu três eleições, ganha a Presidência e, com sete anos, já é o presidente da República que mais fez universidade, que mais



fez escolas técnicas e que mais colocou aluno na escola. Eu vou entregar, eu vou entregar, este mês, diploma para os primeiros 540 jovens que se formaram em medicina pelo ProUni, jovens da periferia, que jamais poderiam pagar R\$ 4 mil ou R\$ 5 mil numa universidade particular, para estudar medicina, nem para estudar qualquer outra coisa, e estão lá estudando de graça, e vão ser médicos, para cuidar do povo deste país com mais respeito.

Então, meu caro Iberê, esse é um dia, um dia importante, porque eu acho que este aeroporto e as ZPEs mudam um pouco a história deste estado. Não vai acontecer amanhã, que é um processo, é um processo que vai de concessão, que vai de implantação, de convencimento de empresas virem implantar aqui. Mas, aí, o Governador vai ter que viajar para outros países para divulgar o estado, para oferecer as oportunidades, mostrar o que tem de infraestrutura. E é assim que nós queremos desenvolver o país.

Eu tenho consciência, mas a consciência absoluta de que nós fizemos, em oito anos, o que os nossos adversários não fizeram em 30, 40 ou 50 anos, eu tenho consciência disso. Porque este país era governado para 35 milhões de brasileiros, este país era governado para 40 milhões de brasileiros e não era governado para os 190 milhões de brasileiros. E eu sei que falta muito para fazer, falta muito. Porque quanto mais a gente faz, mais a gente descobre o quanto falta fazer.

O dado concreto é que nós aprendemos a fazer, e o dado mais concreto é que o povo aprendeu a gostar de ser tratado com respeito, o povo aprendeu... Esse menino, o Guilherme, o nosso ministro, falou do Pronaf. O Pronaf não foi criado no nosso governo, não, o Pronaf foi criado ainda no governo Fernando Henrique Cardoso, em [19]98. Mas a verdade, a verdade é que o Pronaf não chegava ao Nordeste brasileiro, o dinheiro era anunciado e parava na região Sul do país, não chegava nem em São Paulo, Jobim, parava aonde tinha mais organização. Onde que era? No Rio Grande do Sul, que tinha mais cooperativas, mais organização. O pessoal ia ao banco e pegava o



dinheiro. O Nordeste não pegava nada. E ontem, no BNB, eu ouvi dizer que só o Agroamigo já emprestou [R\$] 1,3 bilhão para 1 milhão de pequenos produtores, pessoas que pegaram R\$ 1.000,00, R\$ 2.000,00, R\$ 500,00, R\$ 1.500,00. E as pessoas pagam. Porque essa é uma coisa nobre neste país: o pobre, ele só tem como patrimônio a sua cara, a sua dignidade e o seu nome. Quando ele vai a um banco e ele pega 10 mil réis, ele quer devolver aqueles 10 mil réis. E tem gente que pega 1 bilhão e não quer pagar. O pobre paga. A inadimplência é quase zero no BNB, por conta dos empréstimos feitos aos pobres.

No ano em que eu cheguei à Presidência, o BNB emprestou apenas R\$ 262 milhões, e teve 37% de inadimplência. Agora, o ano passado, nós fechamos o ano emprestando R\$ 22 bilhões. Uma diferença muito grande, de R\$ 22 bilhões para [R\$] 262 milhões. E sabe quanto de inadimplência? 3,3% apenas, ou seja, quase nada de inadimplência.

O Brasil inteiro... Esse é um dado importante, Iberê, para a gente saber o que está acontecendo neste país: o Brasil inteiro, em 2003, tinha como crédito para empréstimos e financiamento apenas R\$ 380 bilhões, apenas R\$ 380 bilhões era o dinheiro disponibilizado para o crédito, no Brasil. Eu, que era um socialista inveterado, fiquei pensando com meus botões: como é que a elite brasileira diz que este país é um país de economia capitalista, sem capital, é um país de economia de capitalista, sem crédito, sem financiamento? Hoje, sabe qual é o crédito do Brasil? Um trilhão e quinhentos bilhões de reais. E o país, na hora em que ele percebeu que as coisas começaram a funcionar, o país começou a dar certo, o país começou a dar certo.

Quando veio a crise, uma coisa que me dá muito orgulho – mas orgulho daquele mesmo, de vontade de chorar –, quando veio a crise, Europa vai quebrar, não sei quem vai quebrar, Estados Unidos vão quebrar, quebra o banco Lehman Brothers, quebra não sei quantos, eu falei: “Eita, (incompreensível), que é agora que a gente morre”. Porque teve uma



crisezinha na Rússia, a gente quebrou, teve uma crisezinha na Ásia... na Malásia, a gente quebrou, teve uma no México e a gente quebrou. Eu falei: “Agora, pegou Estados Unidos, pegou a Europa, estamos desgraçados”. Tentem lembrar do que eu falei: “Essa crise vai ser uma marolinha no Brasil”. Mas me bateram, a chamada “imprensa especializada” me bateu, aqueles “analistas econômicos de ar condicionado” me bateram.

E eu dizia: “O Brasil vai ser o último a entrar na crise e vai ser o primeiro a sair da crise”. E, depois, a gente pega... Depois... E ainda alguns companheiros do Brasil não queriam reconhecer, aí começa a dar *New York Times*, começa a dar *Le Monde*, começa a dar *El País* e começa a dar revista inglesa, jornal americano, jornal alemão, jornal francês, aí os nossos amigos articulistas reconheceram e tiveram que se dobrar à realidade: a crise foi menor no Brasil, chegou por último e acabou primeiro do que nos outros países.

E o que me deu orgulho é que quando saiu a pesquisa, no final do ano passado, sobre o consumo do país, o que aconteceu? As classes D e E do Norte e do Nordeste brasileiro consumiram mais do que as classes A e B da região Sudeste do país. Significa que quem tinha dinheiro se acovardou e guardou, e quem era mais pobre foi às compras.

Vocês estão lembrados que eu fui, dia 23 de dezembro de 2008, na televisão, no auge da crise, fazer apologia do consumo: “Ô, meus companheiros, se vocês estão com medo de perder o emprego e não conseguir pagar a dívida que você fez, vá às compras, porque se você está com medo de comprar e perder o emprego e não poder pagar, você vai perder o emprego é se você não comprar, porque, se você não comprar, a fábrica não produz, a loja não compra, você não compra, a roda-gigante da economia começa a parar. Então, vamos às compras com responsabilidade”. E o povo pobre foi ao *shopping*. Que chique! O povo pobre foi ao *shopping* comprar. E qual é o resultado que a gente tem? É que 31 milhões de brasileiros passaram para a classe média. É uma coisa fantástica! E 20 milhões saíram da pobreza



absoluta.

Então, ainda falta muito, companheiro Iberê, muito. Mas a verdade é que nós demos um passo extraordinário, nós demos um passo gigantesco. O país está maduro. Vocês viram o crescimento do PIB, ontem? Eu nem leio, a imprensa está falando tão bem que eu nem leio. A imprensa falou tão mal de mim o tempo inteiro que quando fala bem eu nem acredito, deixa lá.

O que é importante, o que é importante é que falem o que quiserem falar, quando o povo está sentindo na sua barriga que tem mais comida, e no seu bolso que tem mais um dinheirinho, não há notícia negativa que faça o povo acreditar, o povo sabe o que está acontecendo neste país. O cidadão pode falar mal de mim porque também ninguém pode ser unanimidade, mas nunca se vendeu tanto carro como se vendeu, nunca se vendeu tanta cerveja como se vendeu, nunca, nunca se vendeu. As empresas estão tão... e nunca se vendeu tanta roupa, sapato, ou seja, o povo brasileiro está vivendo um pouco melhor. E ainda falta muito.

E esse aeroporto, e essas ZPEs são um novo tempo na história do desenvolvimento do estado do Rio Grande do Norte. Eu tenho 64 anos de idade, espero daqui a 10 anos estar vivo, forte, bonito, danado, para vir aqui... Eu vou passar um final de semana na Praia da Pipa, vou. Eu vou porque a Wilma disse que é a praia mais bonita do mundo. Então, vou lá na Praia da Pipa, ver se é bonita mesmo. Mas eu vou acompanhar o Brasil, vou continuar viajando e, se Deus quiser, meus companheiros, Henrique, Fátima, companheiro Rosalvo, companheiros, eu... minha querida Wilma e Iberê, eu tenho fé em Deus que voltarei aqui para, juntos, a gente ir ver as empresas se implantando em torno desse aeroporto e gerando os empregos e a distribuição de riquezas que o povo tanto precisa.

Gente, que Deus abençoe todos vocês, que Deus nos abençoe. E viva o Rio Grande do Norte! Viva o Brasil!

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do 82º Encontro Nacional da Indústria da
Construção (Enic)**

Maceió-AL, 09 de junho de 2010

Meu querido amigo governador do estado de Alagoas, Teotônio Vilela
Filho,

Meu querido companheiro ex-governador de Alagoas, Ronaldo Lessa,
Ministros que me acompanham neste encontro,

Deputado Fernando Toledo, presidente da Assembleia Legislativa de
Alagoas,

Deputados federais Fernando Chucre, Givaldo Carimbão e Francisco
Tenório,

Meu querido companheiro Cícero Almeida, prefeito de Maceió, que, junto
comigo, demonstra uma humildade tremenda de falar dos números
(incompreensível) pesquisa,

Minha querida companheira Maria Fernanda, presidente da Caixa
Econômica Federal,

Meu querido companheiro Paulo Safady Simão, presidente da Câmara
Brasileira da Indústria da Construção Civil [Câmara Brasileira da Indústria da
Construção],

Meu querido Marcos Holanda, presidente do Sindicato da Indústria da
Construção Civil de Alagoas [Sindicato da Indústria da Construção do Estado
de Alagoas],

Meu caro José Carlos Lyra de Andrade, presidente da Federação das
Indústrias do Estado de Alagoas,

Empresários, empresárias,

Companheiros da imprensa,



Eu acho que o nosso companheiro Téo, no afã de vender as boas coisas de Alagoas para os congressistas, acabou com o congresso. Amanhã, meu caro Marcos Holanda e meu caro Paulo, vocês vão ter que sortear alguma coisa aqui para obrigar o pessoal a vir aqui pela manhã, porque ele ainda nem falou do pessoal comer siri mole, nem falou. Mas, certamente, o que ele falou é melhor do que uma reunião de trabalho.

Eu, sinceramente, ô Paulo, trouxe um discurso bem preparado, com muitos números, mas eu já me sinto representado aqui pelo discurso do companheiro Paulo Sérgio, pelo discurso do governador, pelo discurso do Cícero, pelo discurso do Paulo, pelo discurso do Marcos Holanda, pelo discurso que vocês vão fazer amanhã, depois de amanhã. Eu vou apenas dizer algumas palavras porque eu vou ainda para Sergipe hoje e amanhã tem atividade em Sergipe. Depois eu vou para Salvador e depois eu tenho que voltar para Brasília.

Queria dizer da minha alegria de estar vendo aqui o meu amigo Roberto Ponte, constituinte junto comigo em 1987,

Nosso querido companheiro Renato Rabelo, grande companheiro, presidente do PCdoB, que está aqui em Alagoas,

Meus companheiros e companheiras,

Eu penso, Paulo, que merece elogios o fato de vocês estarem fazendo o congresso no Nordeste brasileiro, sobretudo num estado pequeno como Alagoas. Este estado foi, durante muitos anos, o estado carimbado como o estado que nasceu para não dar certo. Eu lembro que este estado teve um governador que renunciou ao seu mandato depois de sair de uma reunião com o Ministério da Fazenda, no governo passado. Eu lembro que as pessoas tinham dificuldade de querer ser governador do estado de Alagoas porque era o estado que só aparecia nas páginas de jornais, ou com corrupção, ou com bandidagem, ou com crime organizado, ou com uma série de coisas e era um



estado que tinha dificuldades.

Eu penso que, como a gente aprendeu desde pequeno que em casa que não tem pão todo mundo briga e ninguém tem razão, e o Brasil passou, durante 25 anos, por uma situação muito difícil. A gente não pode deixar de avivar a nossa memória: o último presidente da República deste país que teve condições de fazer investimento foi o governo Geisel. E o governo Geisel conseguiu fazer investimento porque o dólar estava muito barato e nós tomamos dinheiro emprestado nos anos [19]70 para fazer uma boa política de desenvolvimento, e teve coisas muito importantes que aconteceram neste país. Só que depois, Paulo, nós fomos vítimas, porque tomamos dinheiro emprestado a uma taxa de juros muito pequena. Depois o Paul Volcker, secretário do Tesouro americano... presidente do Banco Central americano, para resolver o problema do déficit fiscal americano, elevou a taxa de juros a 21%, o dólar, e o Brasil ficou sufocado durante duas décadas e meia, porque depois do Geisel não pôde ter continuidade muita coisa, e nós passamos, então, a ter que ficar dependendo da boa vontade do FMI para fazer as coisas.

Paulo, vocês poderiam dizer aqui no Encontro, que durante 20 anos a construção civil brasileira só decaiu. É só pegar de 1975 para cá, a construção civil brasileira começou a entrar numa queda de perder quase metade dos empregos que tinha gerado na década anterior. Muitos empresários brasileiros passaram a ganhar dinheiro no exterior. Tinha empresas, pouco tempo atrás, que tinham mais, muito mais investimentos no exterior do que no Brasil, porque o governo federal não contratava obras porque não tinha dinheiro, o governo estadual não contratava obras porque não tinha dinheiro, as prefeituras não contratavam obras porque não tinham dinheiro, os empresários não podiam fazer investimento porque não tinham crédito.

Vamos lembrar... para a gente lembrar, Paulo, o seguinte: quando nós chegamos à Presidência da República, nós constatávamos que o Brasil tinha apenas R\$ 380 bilhões disponibilizados para crédito no Brasil inteiro, R\$ 380



bilhões. A Caixa Econômica Federal tinha R\$ 5 bilhões para financiamento de casas. O BNB tinha emprestado, em 2002, apenas R\$ 262 milhões. O dinheiro disponibilizado para saneamento básico foi apenas R\$ 260 milhões. O BNDES era o banco que, primeiro, demorava uma exorbitância para conseguir estudar um projeto e o máximo que ele conseguia liberar era por volta de R\$ 38 bilhões. Vamos ver o que aconteceu nesses últimos anos. O Brasil saiu de uma... de um crédito de R\$ 380 bilhões para ter hoje R\$ 1 trilhão e 500 bilhões disponibilizados para crédito. A Caixa Econômica, da nossa querida Maria Fernanda, saiu de R\$ 5 bilhões para R\$ 47 bilhões no ano passado, e estão com desejo de fazer R\$ 55 bilhões este ano. O BNB saiu de apenas R\$ 262 milhões para R\$ 22 bilhões, e hoje o Banco do Brasil, sozinho, tem disponível para crédito tudo o que o Brasil inteiro tinha em 2003. O BNDES que, quando liberou muito, liberou R\$ 39 bilhões, no ano passado chegou a R\$ 139 bilhões, e este ano já estamos pensando em chegar a mais de R\$ 150 bilhões.

Ora, então, era uma heresia o discurso do governo, o discurso dos empresários e o discurso dos trabalhadores. Nós falávamos de um estado e de um país de economia capitalista, sem financiamento, sem crédito, e não é possível capitalismo sem capital, não é possível. Na medida em que você disponibiliza crédito, as coisas acontecem.

Ontem, no BNB, lá em Fortaleza, o BNB disponibilizou R\$ 1 bilhão e 300 milhões para um milhão de pequenos investidores no Nordeste brasileiro. São pessoas que pegam R\$ 900, R\$ 1.000, R\$ 1.200, R\$ 1.300, mas que geram um posto de trabalho. Nós não tínhamos crédito para as pessoas. Você sabe quanto, Paulo, que o crédito consignado já disponibilizou na praça brasileira para financiar o crédito pessoal? R\$ 120 bilhões. Aí as pessoas ficam tentando descobrir por que as coisas estão dando certo no Brasil. Quem foi prefeito, aqui, Téo, quem foi prefeito neste país sabe que a gente tinha, em Brasília, uma coisa chamada “fila burra”. Anunciava-se dinheiro para saneamento básico, os coitados dos prefeitos colocavam, sem saber, projetos embaixo do



braço, iam para Brasília, chegavam lá, entregavam no Tesouro para avaliação ou na Caixa Econômica, ou sei lá onde entregavam. Ora, o primeiro projeto não estava certo, portanto, não podia pegar o dinheiro. Em vez de dispensar o que não estava certo e contratar o segundo, utilizava aquele que não estava certo para não emprestar para o segundo, e ficava três, quatro anos um prefeito empacando os outros que tinham direito de pegar dinheiro. Essa era a realidade do nosso país.

Durante duas décadas, tudo o que a gente pegava de dinheiro era para pagar dívida. Era proibido falar em investimento. Então, inventou-se uma discussão, Paulo, que o Estado tinha que ser o Estado mínimo, que o Estado era inoperante, que o Estado era um fracasso. Agora, quando aconteceu a maior crise econômica depois do *crack* de [19]29, foi o Estado que conseguiu retomar a economia, e no Brasil foi o Estado, foi o Estado que tomou a decisão de comprar banco.

Vocês sabem quanta oposição eu enfrentei quando tomei a decisão de comprar a Nossa Caixa, em São Paulo, do governador Serra, e diziam para mim: “Lula, você é republicano demais. Você vai comprar a Nossa Caixa, vai dar dinheiro para o Serra fazer campanha”. Eu dizia: não me importa o que o Serra vai fazer com o dinheiro. O povo de São Paulo haverá de tomar conta do dinheiro. O que eu não posso é deixar o Banco do Brasil numa posição de não poder ajudar o Estado brasileiro a enfrentar a crise.

Eu queria resolver o problema do carro usado porque a gente não tinha *expertise* no Banco do Brasil. Nós não sabíamos financiar carro usado. Aí começaram a falar para mim: “Lula, você tem que formar gente do Banco do Brasil. Temos que contratar gente especializada”. Eu falei: vai demorar quanto? “Um ano”. E a crise é agora. Então, tomamos a decisão: vamos comprar logo essa tal de *expertise*, e compramos 50% do Banco Votorantim, que era quem tinha a maior carteira de carros. Por que nós utilizamos os bancos públicos, Paulo? Porque nós, quando liberamos o compulsório e devolvemos R\$ 100



bilhões do compulsório para os bancos brasileiros financiarem os bancos pequenos e comprarem carteira dos bancos pequenos, o que aconteceu? Os bancos grandes pegaram o dinheiro e foram comprar título do governo.

Então, o Estado não pode ser empresário, mas o Estado tem que ser o fiscalizador e o regulador das coisas. Se o presidente Bush tivesse tomado uma decisão ainda no mês de julho de 2008 e tivesse gasto US\$ 60 bilhões, ele não tinha deixado o *Lehman Brothers* quebrar e causar a desgraceira que causou na economia mundial. Agora nós vimos o que aconteceu: a demora em tomar decisão fez a Grécia quebrar, e se não tomar decisão logo faz a Espanha, faz Portugal e faz a Itália.

Então, a arte de governar é a arte de fazer com que o Estado haja no momento certo em que tem que agir. Não é ficar criando empresa estatal ou querendo discutir apenas a corporação dentro do Estado, não. É saber qual é o papel do Estado como indutor.

Nós sabemos o que significaram, Paulo, as medidas que nós tomamos na construção civil. Você está lembrado, no primeiro mandato... Ora, meu Deus do céu, como é que a gente queria que os bancos privados entrassem na construção civil, no financiamento de casas, se um cidadão comprava uma casa, não pagava e a gente não podia tomar a casa. Não podia tomar, porque quem fez a lei achava que estava protegendo o dono da casa. Mas quem é que vai vender casa se não pode tomar se o cara não pagar? Isso aqui não é uma instituição de caridade, é uma instituição de financiamento. Ora, se pode vender um carro e tomar um carro, por que vende uma casa, não pode pagar, e a casa não é devolvida?

Nós, nós, você sabe, que tivemos o apoio de muitos setores da construção civil, fomos para o Congresso e o Congresso ajudou a mudar a lei. Hoje, os bancos privados, que raramente investiam em habitação, estão investindo hoje. A verdade, Paulo, é que nem a Caixa Econômica estava preparada, os empresários não estavam preparados para...



Eu lembro, quando eu fui discutir, Paulo – você participou de duas reuniões –, quando a gente foi discutir o Minha Casa, Minha Vida. A gente queria um milhão de casas. Neste, agora, a gente queria três. Aí pediram para ir um pouco devagar, para a gente ir crescendo junto, porque a gente vai crescendo e vai aprendendo. Muita gente não estava mais interessada em investir porque não tinha retorno e não tinha garantia.

Hoje, eu acho que nós temos a Caixa Econômica com solidez. Não precisa ninguém brigar com a morosidade da Caixa Econômica, que eu brigo mais do que todos vocês juntos. Todo mundo sabe que eu brigo com a Maria Fernanda... Com ela, eu não brigo muito porque homem brigar com mulher não é legal. Eu brigo muito é com o Hereda, que está aqui atrás. Eu lembro das discussões que nós fizemos para construir o Minha Casa, Minha Vida, a quantidade de penduricalho que tem, o tanto de cobranças que tem: é um real, dois reais, 1%, 2%. O pobre, ele pagava mais de seguro do que de prestação da casa.

Então, eu penso, Paulo, que neste congresso aqui é importante que a gente consiga balizar e mapear os avanços que nós tivemos e mapear o que falta fazer, para que a gente possa aprimorar ainda mais. Este país aprendeu a gostar de si próprio, este país não quer mais voltar ao seu tempo das vacas magras, em que desciam uma mulher e um homem do FMI dizendo o que o Ministro da Fazenda tinha que fazer, os investimentos que tínhamos que fazer. Nós, agora, viramos donos do nosso nariz. Nós, agora, somos gente. Nós somos um país que tem um presidente e tem 190 milhões de caras. Não sou eu que sou o cara, são os caras que hoje são os empresários, são os trabalhadores, são os intelectuais.

Nós estamos num outro patamar, e é importante que um congresso como este faça a sua pauta de reivindicação e aponte novas referências, novas coisas que o governo tem que fazer, e o governo, humildemente, tem que conversar com as pessoas. Acabou, Paulo, aquela fase em que o cidadão era



eleito, achava que sabia tudo e não conversava com mais ninguém. Você participa do Conselho e você sabe como a gente faz. Você sabe que, na crise econômica, o Guido Mantega criou um conselho, que toda semana se reúne com ele, para a gente discutir o que fazer, para a gente ouvir quem vende, quem compra, quem produz. Eu fiquei muito feliz quando vi ontem, Marcos Holanda, que o PIB da construção civil chegou a 14,9% e tem perspectiva de ser maior ainda para o próximo ano.

Então, veja, era... eu fico com pena dos governantes que vieram antes de mim. Fico com pena porque todos estavam atrofiados. Se perguntar para algum de vocês: lembrem de alguma obra grande que foi feita depois de Itaipu. Não é que os presidentes não quisessem fazer. Todo mundo queria fazer. O problema é que o Estado não tinha condições de financiar, os empresários não tinham crédito, não tinham crédito.

Então, eu penso, companheiros e companheiras... Vocês vejam a evolução da nossa relação, companheiros e companheiras. Outrora, quem sabe eu não os chamasse de companheiros e companheiras e vocês também não aceitassem que eu os chamasse de companheiros e companheiras. Nós aprendemos, nós aprendemos que os empresários e os trabalhadores precisam do Estado e que o Estado precisa muito dos empresários e dos trabalhadores, e os três juntos constroem uma sociedade democrática, uma sociedade republicana, uma sociedade dona do seu nariz, uma sociedade com estabilidade.

Você sabe, Governador, do carinho que eu tenho pelo Nordeste, porque eu nunca me conformei de o Nordeste ser tratado como se fosse a cidadã... os homens e mulheres de segunda categoria. Só aparecia nas estatísticas do IBGE como maior número de mortalidade infantil, maior número de analfabetismo, maior número de esquistossomose, maior número de água não potável, de cidades sem saneamento básico, sem coleta, sem tratamento. Eram esses os indicadores do IBGE, e nós precisamos mudar, investir em



saneamento básico. Os empresários sabem há quantas décadas este país não tinha financiamento para cuidar de saneamento básico, para fazer drenagem, Marcos, há quantos anos! Este país aprendeu, desgraçadamente, que investir em coisas que põe embaixo da terra não dá futuro. Só em agricultura. Mas esse negócio de enterrar manilha, “que não dá para colocar nome de pai, nome de mãe, nome de ex-presidente, ex-prefeito, isso não dá certo. É bom fazer uma ponte!” As pessoas não se davam ao luxo de descobrir que o maior orgulho para um governante não é ter uma ponte com o nome da mãe ou do pai, mas é ter uma criança andando descalça, pisando na terra limpa, sem pegar doença e não pisando em esgoto a céu aberto.

Eu penso, companheiro Paulo, companheiro Holanda, eu penso que nós construímos uma relação muito forte, uma relação de seriedade, uma relação de sinceridade, uma relação de parceria, onde ninguém precisa mentir para ninguém e ninguém precisa enganar ninguém. Nós fazemos aquilo que está ao nosso alcance, e a construção civil brasileira – seja a construção civil leve, seja a construção civil pesada – vive um momento mágico neste país, em todas as cidades, em todos os estados, na cidade pequena ou na cidade grande. Isso porque nós arrumamos a casa e o Brasil agora está colhendo os frutos daquilo que plantou. Possivelmente isso venha desde o tempo em que o Brasil foi descoberto: alguém foi fazendo uma coisinha certa ali, outra errada.

O dado concreto é que nós estamos vivendo este momento e não vai poder parar mais, porque agora nós nos comprometemos a fazer a Copa do Mundo de 2014. São 14 cidades com estádios novos, são políticas de mobilidade urbana que nós temos que fazer, são hotéis para as pessoas virem para cá. E ainda mais: ganhamos as Olimpíadas para 2016. É mais um megaevento internacional que vai precisar de mais mobilidade urbana, de mais metrô, de mais corredor de transportes, de mais hotéis. Nós precisamos aproveitar essa oportunidade.

Você, companheiro... O companheiro Governador disse... O Téo disse



que aqui não tem engenheiro. Ô Téo, este país, em 1989, tinha praticamente 48 ou 50 mil escritórios de projetos neste país. Este país chegou em 2002 apenas com oito mil porque as pessoas se formavam engenheiras e iam trabalhar como analistas no sistema financeiro, iam trabalhar como qualquer coisa, porque não tinha emprego, e as escolas pararam de investir em Engenharia. Agora nós estamos retomando isso, estamos formando engenheiros nas universidades públicas, e estamos formando muito.

A nossa reitora que está aqui sabe a revolução que tem na educação brasileira. Saímos de 20 bilhões para 60 bilhões no orçamento da educação. Já construímos 12 universidades federais novas, 105 extensões universitárias; 706 mil alunos pelo ProUni; e o Reuni duplicou, em apenas dois anos, o número de renovação de vagas nas universidades federais, que era de 113 e passou para 227 mil vagas. Eu só tenho um compromisso agora com a universidade: é a autonomia universitária, que eu quero ver se entrego este ano ainda. Não sei se outros governantes vão gostar, mas eu vou fazer, nós vamos fazer.

A coisa mais extraordinária, Paulo, é que quem vier depois de mim sabe que mudou o patamar. A pessoa vai dizer: “Espera aí, se um torneiro mecânico, que não tinha diploma universitário, não era doutor como eu, não era... fez 12 universidades novas, por que eu não faço?”. Tem que fazer 13, tem que fazer 14, tem que fazer 15, porque este país precisa sair do atraso a que ele foi submetido. Nós não queremos continuar sendo exportadores de soja, de minério de ferro, (incompreensível) de carne, de suco de laranja. Não! Nós queremos exportar inteligência, exportar conhecimento, e só é possível isso através da educação.

Os empresários brasileiros, Paulo, têm que ser provocados – aquela boa provocação – para acreditarem na inovação. Você sabe que apenas seis mil empresas estão investindo em inovação. Não é que ninguém queira investir. É que as pessoas não sabem para onde vão, não sabem o caminho das pedras.



Eu fiquei horrorizado, Paulo, quando o Ministro da Ciência e Tecnologia me disse que o dinheiro disponibilizado muita gente não procurou, e não procurou não é porque não queira inovar. É porque não sabia como fazer. Eu assumi o compromisso, com a CNI, de que nós precisamos trabalhar juntos para que a gente possa motivar os empresários a investirem em inovação, porque isso é aumentar a nossa possibilidade de colocar valor agregado e maior competitividade nos nossos produtos.

Portanto, meus companheiros, eu quero dizer a você, Paulo e ao Marcos Holanda, que eu desejo a vocês um sucesso extraordinário. Por favor, atendam o apelo do Governador só depois das 18h, só depois das 18h. Trabalhem durante o dia, produzam novas ideias, porque o Brasil atingiu uma situação que, daqui para a frente, nós só podemos melhorar, só temos como melhorar.

Portanto, parabéns. Feliz congresso. Eu sei que amanhã o governo estará aqui representado, vai ter muita gente debatendo, e nós temos muita coisa para mostrar. Eu acho que o Brasil atingiu esse patamar, de um país que agora pode manter a estabilidade, controlar a inflação e fazer investimentos, porque sem o Estado bancar parte do investimento... Esse é o dado novo do IBGE, Paulo, esse é o dado novo: o investimento em 26%, ou seja, cresceu em relação ao mesmo período do ano anterior. Significa que nós estamos numa situação confortável, significa que a crise da Europa, eu penso que não vai chegar aqui. Eu não vou falar que é uma marolinha, não, porque essa nem vai chegar aqui. Nós estamos preparados e eu aprendi, de pequeno; aprendi, de muito pequeno, com muito sofrimento: quem tem poupança, aguenta o tranco em momentos difíceis. Nós, hoje, temos US\$ 250 bilhões.

Eu lembro – eu vou contar só isso para terminar –, eu estava na Índia quando a Índia atingiu US\$ 100 bilhões de reservas. Eu estava conversando com o Primeiro-Ministro da Índia, e eu fiquei com uma inveja desgraçada. O Palocci era ministro da Fazenda, e eu falei: puxa vida, Palocci, já pensou o dia em que a gente tiver US\$ 100 bilhões de reservas? Passaram três anos, a



gente tem US\$ 250 bilhões de reservas. Isso eu, isso eu quero debitar [creditar] na conta da confiança do povo brasileiro, na conta dos trabalhadores, dos empresários, na conta do Congresso Nacional, que muitas vezes é acusado, é achincalhado, mas a verdade é que se a gente for espremer o que o Congresso faz, o saldo é altamente positivo nas coisas que nós quisemos aprovar neste país.

Então, eu quero agradecer a vocês e dizer que é meu último congresso como Presidente. Espero que vocês... tem um problema que é o seguinte: político sem mandato, nem vento bate nas costas. Político sem mandato é que nem desempregado. Na família da gente, se tem uma pessoa desempregada, quando você vê que ela vai andando na rua para ir à sua casa, você já dá um jeito de fechar a janela e falar: “ó, vai vir pedir alguma coisa”. Eu acho... Mas eu espero que vocês me convidem...

Cícero, você é o seguinte: você tem mandato até 2012. Eu venho a Alagoas desde 1980. Nunca me convidaram para colocar os pés na água de Alagoas. Eu vou ao Rio desde 1975. Nunca me convidaram para colocar os pés na areia de Copacabana. Eu só vejo em filme. Pois bem, depois do dia 1º de janeiro, meu filho, você pode preparar, você pode preparar uma jangada, que tem um lugar que a gente vai, chega no meio do mar, a gente para, e ainda tem um cara que serve uma “geladinha” para a gente. E quando eu não for, quando eu não for mais presidente, quando eu não for mais presidente, eu posso parar e beber sem ter que dar contas, sem prestar contas a ninguém. Obviamente que da mesma forma que quem beber não pode dirigir, quem beber precisa tomar cuidado com a água.

Mas, de qualquer forma, do fundo do coração, eu quero, Paulo, dizer para vocês que foi uma grata alegria. Tem alguém, que um dia deixou de ser presidente, e falou: “Esqueçam de mim”. Tem alguém que acha que é chato ser presidente. Eu achei gostoso. É uma pena que o mandato é curto. O mandato só é longo para a oposição, que fica esperando. Quero te dizer que eu tenho



consciência de que eu não fiz tudo, mas tenho consciência de que nós fizemos muito. Nós, Paulo, nós construímos. Nós: eu, você e tantos milhões de brasileiros que acreditaram que era possível viver o momento que a gente está vivendo.

Então, muito obrigado, do fundo do coração, por tudo o que nós construímos juntos neste país. Eu peço a Deus que vocês continuem construindo, porque o Brasil não jogará fora o século XXI, como jogou a metade do século XX, quando o Brasil foi a economia que mais cresceu no mundo, de 1950 a 1980, e quando esse crescimento foi aferido, o povo estava mais pobre. Nós precisamos crescer, mas crescer distribuindo um pedaço de pão para cada um, porque assim todo mundo vai continuar crescendo.

Que Deus abençoe todos vocês, e bom congresso.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante entrega do Palácio Rio Branco, lançamento do Plano de Reabilitação do Centro Antigo de Salvador, entrega de diplomas do Próximo Passo, assinatura de decreto e de contratos do PAC Cidades Históricas

Salvador-BA, 10 de junho de 2010

Ô Wagner, ô Wagner, eu quero te dizer o seguinte: eu, há muito tempo, não via uma anarquia generalizada como essa aqui. Possivelmente é a anarquia mais democratizada e mais organizada que eu estou vendo, nesses últimos anos.

Mas eu queria, eu queria, primeiro, dizer aqui, por etapa, porque aqui nós anunciamos a área de preservação ambiental; aqui nós anunciamos o Programa Próximo Passo, que é a formação profissional para trabalhadores que vão trabalhar nas obras do PAC e nas obras do Programa Minha Casa, Minha Vida; aqui nós anunciamos investimento do Ministério do Turismo e do Ministério da Cultura, para que a gente possa recuperar o Centro Histórico de Salvador; aqui nós anunciamos o Programa Minha Casa, Minha Vida, trazendo, Wagner, quantas casas? Quatro mil, cento e quarenta novas casas aqui, para o estado da Bahia, das quais quase 1.700 serão feitas aqui em Salvador e, depois, a gente vai ter Ilhéus, Lauro de Freitas e outras cidades por aí, que o Wagner, depois, vai falar.

Agora, tem também os companheiros barraqueiros de praia, que estão com uma placa aqui pedindo ajuda. Então, eu queria apenas comunicar a vocês o seguinte: olha, primeiro, eu liguei, antes de descer para cá, eu liguei para a nossa companheira Alessandra, que é a secretária que cuida do Patrimônio da União. Então, ela me disse, ela me disse que o problema das praias é um problema constitucional, que a praia... é proibido colocar coisa fixa nas praias.



Então veja, então veja, companheiros, companheiros, assim não *hablaremos, nosotros no nos entendimos*. Bem, o problema, o problema é o seguinte, veja: obviamente que nem o Presidente da República, nem o companheiro barraqueiro, nem o Prefeito, nem o Governador têm autoridade para descumprir a Constituição, temos que ter claro isso. Agora, ao mesmo tempo, tanto o Prefeito quanto o Governador, tanto o Presidente da República quanto o Poder Judiciário têm responsabilidade de garantir aos homens e mulheres que viviam nas suas barracas de trabalhar dignamente, vendendo as coisas nas praias de Salvador e do Brasil.

Então, eu não tenho como fazer, com um passe de mágica, dizer para vocês [que] vai ser assim. Eu já pedi para que a Secretária, na segunda-feira, esteja no meu gabinete, para a gente conversar para ver o que pode ser feito. Vou conversar com o Prefeito. Porque, veja, nós temos a obrigação de cumprir a Constituição, mas a obrigação de garantir o ganha-pão para cada um de vocês, para que vocês possam levar para casa o sustento da família. Então, o meu compromisso com vocês é que vocês me deem um voto de confiança para resolver esse negócio junto com o Governador, junto com o Prefeito, e vocês não sofrerem as sequelas, porque a gente quer cumprir a lei.

A segunda coisa importante que foi anunciada aqui é esses dois meninos, esses dois meninos que receberam o diploma aqui – aquela menina e aquele menino. Nós estamos com um programa de formação profissional, porque tem acontecido uma coisa muito grave no Brasil: por conta do PAC e por conta do Minha Casa, Minha Vida, está faltando pedreiro, está faltando azulejista, está faltando armador, está faltando engenheiro, está faltando uma série de coisas. Então, nós estamos formando essa juventude e estamos pedindo para que os empresários que ganharem a licitação de obras do PAC, estamos pedindo para os prefeitos que vão fazer o programa Minha Casa, Minha Vida, que a gente pegue esses jovens para trabalhar, ganhar um salário e viver condignamente. Nós já formamos 176 mil jovens [oferecemos 172 mil



vagas] e vamos formar muito mais jovens.

A terceira coisa importante, companheiros, é a questão das zonas de preservação que nós assinamos aqui. O Brasil se comprometeu, lá na Dinamarca, em dezembro do ano passado, que nós vamos reduzir o desmatamento no país em até 80%, na Amazônia, e nós assumimos o compromisso de que vamos reduzir a emissão de gases de efeito de estufa em até 39% até 2020. Quando a gente vem aqui e demarca mais uma área de preservação, é porque a gente vai cumprir aquilo que nós assinamos, custe o que custar. Nós vamos controlar, para evitar o desmatamento.

A terceira coisa é que quando a gente vem aqui assinar mais dinheiro para a cidade e inaugurar esse Palácio, a gente vem dizer em alto e bom som que o país da destruição acabou, o país de desleixo acabou, o país da irresponsabilidade acabou. Nós, agora, queremos recuperar o Centro Histórico de Salvador, mas não vamos recuperar tocando de lá os pobres que moram lá, nós vamos recuperar trabalhando junto com eles, oferecendo oportunidade para eles. Não é para tirar os pobres para mandar para 300 quilômetros de distância e colocar lá um escritório de alguma pessoa rica. Nós não queremos. Também não queremos fazer um acordo com a fábrica de tintas e passar na frente dos prédios, apenas colorir os prédios para tirar fotografia. Não é isso que a gente quer fazer. A gente não quer respeitar a aparência, a gente quer respeitar a dignidade do povo pobre que mora no Pelourinho e no Centro Histórico de Salvador.

A última coisa, companheiros, a última coisa que eu considero muito importante, queridos. O que o companheiro quer aqui, em São Caetano, gente? Ah, um hospital? Ah. Wagner, ô Wagner, cadê o hospital de São Caetano, rapaz? Deixa eu falar uma coisa para vocês, deixa eu falar uma coisa para vocês: eu não sei se vocês – é importante isso –, eu não sei se vocês têm alguma coisa por escrito sobre o hospital. Vocês já? Ah, esse baixinho pegou? Foi esse baixinho que pegou? Vocês viram que esse rapaz está ficando bem



baixinho, barrigudinho, está com a canela ficando fina de tanto pegar papel aí. Eu... Olhem, deixa eu falar: se estiver com ele e tiver endereço de vocês, vocês, na semana que vem, receberão a minha resposta da reivindicação de vocês.

Eu tenho... Companheiros, olhem, é o seguinte: as pessoas estão apertando aqui na frente, está pressionando mulheres e homens aqui na frente, é importante dar um passinho para trás, gente, vamos lá, um passinho para trás, um passinho para trás, porque daqui a pouco está machucando as pessoas.

Olhem, ô Wagner, eu estou vendo ali um companheiro dizendo para você me convidar para comemorar, depois de julho, aqui na Bahia, no cargo de Presidente. Olhem, eu vou ver a minha agenda, porque no dia 2 de julho eu embarco para Cabo Verde, depois eu vou para Guiné Bissau, depois eu vou para Guiné Equatorial, depois eu vou para o Quênia, depois eu vou para a Tanzânia, depois eu vou para o Zâmbia e, depois, eu vou para a África do Sul, para trazer a Copa do Mundo para o Brasil, porque nós seremos hexacampeões.

Olhem, mas vamos ver. Eu vou ver, Wagner, realmente achei a ideia interessante. Eu gostaria de vir aqui, você nunca me convidou, você nunca me convidou. Eu vou ver se eu venho aqui, dia 2 de julho, para andar um pouco aí, (incompreensível).

Olhem, companheiros, deixa eu dizer para vocês uma coisa: a vontade de reivindicar é muito grande, mas eu tenho que ir embora para Brasília, porque eu tenho uma galega lá me esperando, ela é brava, ela é brava. Ela já telefonou três vezes para mim aqui.

Mas eu queria dizer para vocês: olhem, eu certamente voltarei aqui mais vezes. Certamente eu voltarei mais vezes aqui. Agora, eu queria dizer para vocês que faltam menos de seis meses para eu deixar a Presidência da República. Eu tenho consciência do que nós fizemos no Brasil e tenho



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

consciência do que falta fazer neste país. O que eu queria que vocês entendessem é que, mesmo deixando a Presidência da República, eu não vou me aposentar da política, eu vou continuar fazendo política.

Então, eu queria me despedir de vocês, queria, aqui, me despedir do nosso companheiro Rodrigo – o Rodrigo, para quem não conhece, é o irmão do Caetano Veloso –, e eu quero que você dê um grande abraço para a minha namorada, dona Canô, que está com 102 anos de idade. Fale para ela que quando eu vier aqui com tempo, que o galego colocar na agenda, eu vou lá fazer uma visita para ela.

Gente, um grande abraço. Que Deus abençoe todos vocês. Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração de unidades habitacionais do residencial Sebastião Celso de Carvalho e de entrega de ônibus do Programa Caminho da Escola

Aracaju-SE, 10 de junho de 2010

Hoje, pela quantidade de gente que já falou... Sabe como é que meu coração fica quando me chamam de “meu lindo”...

Eu vou economizar palavras, pela quantidade de gente que já falou, e vou economizar, aqui, na nominata. Não sei se o Marcelo Déda sabe, quando houve a Revolução do México, a primeira decisão do governo revolucionário foi abolir a nominata dos discursos. Eles diziam: “Cidadãos e cidadãs mexicanos” e fim de papo. Se eu for ler a nominata, com todo mundo aqui, eu vou perder cinco preciosos minutos do meu discurso.

Então, eu queria, cumprimentando o Marcelo Déda e cumprimentando o nosso querido Prefeito, eu quero cumprimentar todos os companheiros deputados, secretários, vereadores, ministros que estão aqui na tribuna.

E vou também tentar ser muito breve no meu discurso – Dedinha, pode pegar o que está escrito aqui, que eu não vou ler – e vou começar, Déda, por onde você terminou. Quando você falava do *crack*, tinha uma senhora ali que tinha levantado uma cartolina, e ela pedia para mim: “Presidente, ajude a cuidar do meu filho”. E eu até falei para a Eliane, para saber o que era que a mulher queria. E quando você começou a falar do *crack*, ela começou a chorar, possivelmente é porque o filho dela está envolvido com o *crack*. E eu acho, companheiro Marcelo Déda, que nós estamos diante de um problema da maior importância. E um problema que não existem ainda especialistas para cuidar, não se sabe ainda qual é o melhor tratamento para o *crack*.

Eu fiz uma reunião, há coisa de um mês atrás, com o Ministério da



Justiça, com o Ministério da Saúde, com o Ministério da Educação, com outros órgãos do governo federal, e nós estamos fazendo uma quantidade de coisas, separadas entre si, e tomamos a decisão de unificar todas as possibilidades de políticas públicas do governo federal para construirmos, junto com os governos estaduais e com os governos municipais, uma proposta de enfrentamento a essa questão do *crack* na vida da sociedade brasileira.

O *crack* é a droga de menor duração, os seus efeitos. Segundo alguns, algumas pessoas dizem que o efeito do *crack* é de 5 a 15 minutos. E não se sabe ainda quantas tragadas ele tem que dar para ser considerado um viciado definitivo. Dizem que é apenas uma tragada, depois de 15 minutos ele já está sentindo necessidade da segunda. E é uma droga perversa, porque é uma droga que chegou muito rapidamente aos pobres deste país, da periferia não apenas das capitais, mas das cidades pequenas do interior também. Então, o combate às drogas, Marcelo Déda, nós temos que construir o que nós vamos fazer. Daí porque, os meus agradecimentos, pelo fato de o governo de Sergipe ter lançado ontem, já, uma campanha para enfrentar essa questão do *crack*, aqui no estado de Sergipe.

Nós já disponibilizamos, no governo federal, R\$ 410 milhões para atender aos prefeitos que tiverem projetos e apresentarem os projetos, porque nós temos que construir clínicas especializadas, as pessoas têm que ser internadas mesmo, e nós não sabemos se a rede pública tem condições de dar conta desse problema. E pasmem: o *crack* é o subproduto do combate à cocaína. Na medida em que você criou dificuldades para a exportação de éter e de acetona para transformar a coca na cocaína, você criou as condições para que, na impossibilidade de produzir a cocaína, as pessoas vendam a pasta, grosseiramente trabalhada, que nada mais é do que o *crack* que está espalhado pelo mundo afora. Vou dar um exemplo para vocês: no Rio de Janeiro, o chamado crime organizado, os traficantes de drogas das favelas não permitiam que o *crack* entrasse nas favelas do Rio. Ele não entrava nas favelas



do Rio. E os traficantes não deixavam, porque, se entrasse, ia competir com a maconha, ou com a cocaína que eles vendiam. Então, o *crack* estava mais na periferia de São Paulo e outras periferias do país afora. Agora, também já entrou no Rio de Janeiro.

Então, nós... Eu assumi o compromisso, Marcelo, primeiro, de que nós vamos fazer uma reunião com todos os governadores dos estados, todos... vamos fazer uma reunião com todos os prefeitos das capitais, em um primeiro momento, eu vou fazer reunião com as centrais de movimento popular, com as centrais de favelas, com as centrais de trabalhadores, porque o combate ao *crack* não é uma coisa do governador, não é uma coisa da polícia, ou não é uma coisa do médico. Tem que ser um compromisso assumido pela sociedade brasileira. Todos nós temos obrigação de cuidar. A mãe que tem um filho com problema em casa precisa denunciar e nós não podemos tratar apenas como se fosse um caso de polícia. É, antes de tudo, uma questão de saúde, e nós precisamos tentar trabalhar para dar a esse jovem ou a esse menino a oportunidade de voltar a ter uma vida normal na sociedade.

Por isso, Eliane, parabéns pelo trabalho. Eu estou levando o filme, vou assistir no avião, agora, para Salvador, e eu espero que contribua para que a gente possa combater.

Uma coisa importante, Marcelo Déda, é que ontem eu encontrei com um grupo de deputados e, em Brasília, na Câmara dos Deputados, foi criada a Frente Parlamentar Anti-Crack [Frente Parlamentar Mista de Combate ao Crack]. Então, eu acho uma coisa importante, que aí não tem que ter partido, não tem que ter idade, não tem que ter origem e classe social, não tem que ter religião, é um problema que todos precisam trabalhar para a gente não permitir que essa praga venha atingir a esperança e o que nós estamos construindo neste país.

A segunda coisa, meus companheiros e companheiras, eu não vou falar aqui do que já falou o Fernando Haddad, do que já falou o ministro dos



Transportes, do que já falou o Marcelo Déda, o Edvaldo e tantos companheiros. Eu vou tentar dizer para vocês do momento que nós estamos vivendo no Brasil. Nós ainda temos muita coisa para fazer, nós estamos aqui inaugurando um conjunto habitacional que as casas já foram entregues por causa da chuva, foram entregues em abril, essas casas, e na nossa frente tem um conjunto de pessoas – 180 famílias – que moram ali, no manguezal, e que estão aqui em uma situação de degradação habitacional, repartindo espaço com ratos e baratas, e as crianças correndo o risco de ficar doentes. O que eu pedi para o Edvaldo e para o Marcelo Deda é que, quando a desgraça é muita, a gente vai pegando a desgraça pior e diminuindo. Se a gente tivesse casa pronta, já poderia... a gente tentar viabilizar a mudança, mas se não tem, eles ficaram de, em trinta dias, apresentar um projeto e a gente incluir o manguezal nessa área... De tirar vocês de lá, porque tem que sair de lá. Ambientalmente não é mais correto fazer a ocupação do manguezal e a gente arrumar um terreno e construir as casas para 180 famílias.

Ora, para quem está fazendo um milhão do Minha Casa Minha Vida, para quem está fazendo, já, para os próximos quatro anos, mais dois milhões de casas do Minha Casa Minha Vida, cento e oitenta a mais, cento e oitenta a menos, não vão fazer falta para ninguém. Eu tenho o compromisso do vice-presidente da Caixa, o companheiro Hereda, e tenho o sorriso da Maria Fernanda, agora, que é um sorriso de concordância com a casa. Então, agora é trabalhar. O Edvaldo e o Déda vão cuidar disso e eu espero vir para inauguração das casas de vocês.

Mas, o momento que nós estamos vivendo é assim... Eu queria agradecer àquela moça, porque ela está desde que eu cheguei aqui, pendurada ali, cai chuva, cai chuva e aquela moça pendurada com a camisa de São Cristóvão, mostrando a camisa de São Cristóvão. Eu tenho a minha, não vou colocar agora, porque eu estou de guaiabeira, se eu colocar por cima, eu vou ficar mais gordo do que eu estou ainda, mas posso lhe dizer que, no que



depende do Ministério da Cultura, no que depende do governo federal, nós iremos fazer para que a Unesco transforme São Cristóvão em patrimônio da Humanidade. Inclusive o Ministério da Cultura me parece que está colocando R\$ 40 milhões no Monumenta para a gente recuperar vários prédios históricos aqui, no estado de Sergipe. E também, os companheiros que estão ali com aquela faixa do UCA (Um Computador por Aluno). Nós escolhemos – que cidade que é, Marcio? Nós escolhemos, no Brasil, um grupo de cidades, acho que são 300 cidades, não é isso, Fernando? Acho que são 300 cidades no Brasil, cidades pequenas, e nós vamos distribuir gratuitamente 150 mil computadores que fazem parte do programa cada aluno, um computador [Um Computador por Aluno]. Esse é um projeto-piloto, é um projeto-modelo que a gente vai ver, depois de algum tempo, quais as falhas que ele vai ter. Aqui em Sergipe, eu acho que são seis cidades ou cinco cidades. Até Caetés, na minha Garanhuns, vai ter computador para todas as crianças. Então, é uma experiência que, se der certo, a gente vai trabalhar para que um dia toda criança possa ter um computador na escola, trabalhar e estudar muito mais do que estuda agora.

Por último, Marcelo Déda, dizer para você que eu saio da Presidência da República daqui a seis meses, menos de seis meses, com a convicção de que nós fizemos uma longa e árdua caminhada e que os resultados são excepcionais. Eu tenho consciência, Déda, que nem você, que diz ser meu amigo há 30 anos, nem você acreditava que nós pudéssemos fazer tudo o que nós fizemos. Às vezes... Porque, veja, a imprensa está aí, os nossos companheiros da imprensa, nós temos adversários, mas se a imprensa quiser, os adversários quiserem, podem escolher qualquer área que eles quiserem. Podem escolher ciência e tecnologia, habitação, saneamento básico, combate à pobreza, geração de emprego, investimentos em educação, o que eles quiserem, quilômetros de asfalto, megawatts, linha de transmissão, tudo o que



eles quiserem e comparar os oito anos nossos com 20 anos dos outros governos, podem comparar.

Aliás, aliás, nesse estado aqui, nesse estado aqui, que tem “cabra desaforado”, era importante fazer um levantamento: antes de mim, os outros presidentes, quanto de dinheiro trouxeram para este estado? Fazer uma comparação. Façam uma comparação: quanto dinheiro os outros presidentes colocaram aqui? Nós não estamos colocando aqui, porque Marcelo Deda é do PT ou porque Edvaldo é do PC do B. Não! Vá a São Paulo e pergunte para o Cassab, que é do DEM; vá a São Paulo e pergunte para o Serra, que é nosso adversário; vá ao Rio de Janeiro e pergunte para o prefeito anterior; vá a qualquer cidade. Não tem importância quem seja o prefeito e a que partido ele pertença. Quanto mais inimigo, procure e veja se algum dia os prefeitos deste país foram tratados com a dignidade que eu os trato lá em Brasília. E faço isso porque eu acho que a política brasileira está ficando empobrecida e, durante muito tempo, apodrecida, e que neste país se um prefeito fosse do partido que não era do presidente, morria de sede, morria a pão e água, não via nada. Se um estado fosse adversário do presidente, não via nada, nada. E eu quero que pergunte para a governadora do Rio Grande do Sul, sendo minha adversária, se faltou recurso para ela. Alagoas, está aqui perto, pergunte ao companheiro Téo se ele recebeu menos dinheiro do que Marcelo Déda. Porque eu aprendi, com muito sacrifício, que a gente pode fazer política sem perder o caráter, a gente pode fazer política sem perder a vergonha. Fazer política não é uma relação de um clube de amigos não, é uma relação civilizada entre um chefe de Estado da nação e um chefe de estado do estado. E a relação não é pessoal, é relação entre os entes federados. Eu não quero saber se o Déda gosta ou não gosta de mim, eu quero saber se o povo do estado precisa ou não daquela obra que está sendo pedida.

Então, eu acho que nós, nós estamos mudando o padrão da política brasileira. Não é uma coisa fácil. Eu falo isso com orgulho, porque eu tive que



passar por todos os desafios que um ser humano tem que passar. Vocês imaginam a quantidade de preconceitos a [de] que eu fui vítima. E, às vezes, às vezes, ô Déda, eu compreendo.

Em [19]89, eu perdi as eleições porque a parte mais pobre da população votou contra mim. Eu ia para o interior, eu encontrava gente da classe média que fazia assim para mim; eu encontrava um coitado, que estava com uma colher de pedreiro rebocando, ele fazia assim para mim. Eu ia para São Paulo, no interior, passava num pequeno proprietário rural, ele fazia assim para mim; passava no cortador de cana, ele fazia assim para mim. Eu sei por que eu perdi, porque esse pessoal tinha medo de mim. As pessoas falavam: “Ele vai tomar tudo que a gente tem, ele é comunista”.

Eu lembro que uma vez eu estava em Casa Amarela, em Recife, e eu fui visitar um barraco de uma mulher. A mulher tinha um barraco com menos de três metros quadrados, não tinha absolutamente nada, e ela falou: “Ah, eu não posso votar, porque você vai tomar tudo o que eu tenho”. Aí, eu fiquei chateado, eu fiquei chateado, mas aí eu fui para casa pensando: o que aquela mulher tinha que eu ia tomar dela? E, aí, eu me dei conta de que as pessoas têm valores diferenciados das coisas. Para mim, aquele barraco dela não era nada; para ela, era o máximo do máximo dela.

Eu fui, Marcelo Déda, eu fui entregar uma casa, Maria Fernanda estava comigo, eu fui entregar uma casa agora, também, em Recife. E eu estava dando uma bronca na Maria Fernanda, e estava dando uma bronca no Hereda, e estava dando uma bronca no ministro das Cidades. O tamanho da casa, 39 metros ou 38 metros [quadrados]. Eu estava puto da vida, se não podia fazer um pouquinho maior. E estava dando [bronca], aí chega a dona da casa. Ela falou: “Presidente, não fique nervoso não, Presidente, porque essa casa, diante da casa que eu morava, eu estou no céu, Presidente. Isso aqui é um palácio”. E, aí, ela me abraçou e começou a chorar e falou: “Eu estou chorando, e vou pedir desculpas, porque eu nunca votei no senhor”. E ela disse que não votava



porque na época de eleição os deputados iam lá e falavam que o Lula era do diabo, que o Lula era do demo, que o Lula era comunista e não votava; que eu tinha barba, que eu não tinha dedo, que eu era analfabeto, que eu era... Aí, então, uma coisa que nós vencemos, e eu acho que esse é o grande legado que nós vamos deixar para o Brasil, é fazer a parte mais pobre da população, aquela que durante cinco séculos aprendeu que ela não podia nada, nós ensinamos a ela: “Você pode, é só você querer. Você pode e pode tudo”. Então, eu acho que esse é o grande legado. Mas além do grande legado, se as coisas não estivessem dando certo, não é por ser pobre que as pessoas iam gostar de mim, não é porque fui metalúrgico que as pessoas iam gostar de mim. As pessoas gostam porque percebem que as coisas estão acontecendo. Hoje, o brasileiro sente mais orgulho de ser brasileiro do que em qualquer outro momento, e eu digo com orgulho – era o Fernando Haddad que deveria dizer, mas ele não disse –, então eu digo com orgulho: precisou chegar na Presidência da República um presidente que não tem diploma universitário para ser o presidente que mais fez universidades neste país, mais fez escolas técnicas.

Agora, eu me pergunto é por que os outros não fizeram, eles eram tão sabidos. Eu conheço um reitor, Fernando Haddad, eu conheço um ministro da Educação que tinha sido reitor. Eles sabem tudo, por que não fizeram? Sabe por que não fizeram? Porque eles não tiveram dificuldade na vida, não tiveram dificuldade. Então, eles convivem, Marcelo Déda, eles convivem no meio ambiente de pessoas que fizeram universidades, são todos iguais, eles não têm nenhuma obrigação de saber que tem uma parcela diferente da sociedade. Tem uma parcela que não fez, não é porque não quis, é porque não pôde. Veja, esse Fernando Haddad é muito humilde, mas foi esse menino que criou o ProUni. O ProUni, Marcelo Déda, o ProUni tem este ano, até agora, 706 mil alunos estudantes. Este ano, nós vamos entregar os primeiros 540 diplomas para alunos do ProUni que se formaram em Medicina. Quem imaginava, quem



imaginava um filho de pobre neste país estudar Medicina? O curso de Medicina custa pelo menos R\$ 5 mil e nós temos 540 mulheres e homens da periferia, todos estudantes de escolas públicas, que vão ser doutores e que vão ganhar um jaleco de presente para exercer a sua função. Na verdade, o Paulo Freire dizia que não existe ninguém burro, ou seja, quando a pessoa come e a pessoa tem oportunidade, todo mundo é inteligente, todo mundo é inteligente.

Vocês estão lembrados que, quando nós criamos o ProUni, escreveram em manchetes de jornais: “Lula nivela a educação por baixo”, ou seja, nós estamos reduzindo o nível da educação, porque estamos colocando o pobre em universidades. Depois de três anos, na primeira avaliação do Ministério da Educação, em 15 áreas, os melhores alunos eram exatamente os pobres do ProUni. Eram exatamente, porque tiveram oportunidade. E eu, Déda, eu repito as coisas porque a imprensa de Sergipe não estava comigo ontem, em Fortaleza, não estava comigo em Natal, e eu vou dizer algumas coisas, por que o mundo e o Brasil estão mudando.

Vocês estão lembrados que no dia 22 de dezembro de 2008, quando a gente lia as manchetes de jornais “que o mundo ia acabar porque o povo não estava consumindo, porque a economia ia quebrar, o povo ia perder o emprego” e, portanto, o povo não comprava. No dia 22 de dezembro de 2008, fui para a televisão fazer um pronunciamento de oito minutos, e fui fazer a apologia do consumo. Eu, que a vida inteira fui contra o consumismo, fui para a televisão dizer para o povo pobre: olhe, você está com medo de comprar, fazer dívida e perder o emprego e não poder pagar. Então, eu queria lhe dizer: se você não comprar, aí sim é que você vai perder o emprego, porque a empresa não vai produzir, porque a loja não vai vender, você vai perder o emprego e vai piorar a situação.

Veja que coisa interessante, veja que coisa interessante: na pesquisa feita pelo IBGE, no ano passado, sobre o consumo, as classes D e E do Nordeste, que ascenderam para a classe C, consumiram mais do que as



classes A e B da região Sul do nosso país.

Então, essa é uma coisa que a gente precisa saber, Déda, porque antigamente... Albani, você que é empresário precisa ouvir isso: antigamente, o dinheiro do BNB não existia. O BNB, em 2002, em 2002 o BNB emprestou R\$ 262 milhões e teve 37% de inadimplência. No ano passado, o BNB, que tinha emprestado apenas R\$ 262 milhões, emprestou R\$ 22 bilhões e teve apenas 3,3% de inadimplência. Às vezes... Eu conheci um programa que eu queria que vocês conhecessem, chamado Programa Agroamigo. Com R\$ 1 bilhão e 300 milhões, nós estamos financiando 1 milhão de pessoas. Veja, Déda, esse é um dado que precisa ser lembrado, para vocês ficarem alerta: com R\$ 1 bilhão e 300 milhões nós estamos ajudando 1 milhão de famílias a viver por conta própria. E todo mundo sabe que, às vezes, a gente empresta 1 bilhão para uma única pessoa fazer uma única fábrica, que vai gerar 200 empregos, 150 empregos, 300 empregos. Ora, eu acho que a gente tem que ajudar essa empresa também, mas o que eu quero dizer é que quando a gente dá pouco dinheiro para muitos, a gente está fazendo distribuição de renda; quando a gente dá muito dinheiro para poucos, a gente está fazendo concentração de riqueza e aumento da miséria no nosso país.

Agora, veja, está lá a nossa Caixa Econômica, a nossa Maria Fernanda, simpática, elegante. Mas a Caixa Econômica, em 2002, era como um elefante que estivesse machucado: grande e pouco útil. A Caixa Econômica Federal, em 2005, emprestou R\$ 5 bilhões. Sabe quanto emprestou no ano passado, Albano? R\$ 47 bilhões, nove vezes mais, nove vezes mais. E, este ano, eles querem emprestar R\$ 55 bilhões.

O BNDES, que tem aquele nome pomposo, Banco Nacional de Desenvolvimento [Econômico e] Social, o BNDES, quando emprestava muito, emprestava US\$ 38 bilhões, para os mesmos empresários, eram sempre os grandes que pegavam. O ano passado, o BNDES emprestou R\$ 139 bilhões. E o que é importante, até os catadores de papel de São Paulo ganharam



financiamento de R\$ 200 milhões do BNDES. O BNDES está financiando essas carrocinhas elétricas que Itaipu está produzindo, para os catadores de papel andarem empurrando, não com a mão mais, apertando um botão e a bateria vai dirigindo o carrinho deles. Duzentos milhões nós financiamos. Essa é uma coisa extraordinária. O Banco do Brasil, com o Desenvolvimento Regional, com o DRS, o Banco do Brasil tem mais de 1 milhão de pequenos proprietários aí, recebendo ajuda.

É este país que não aparece na imprensa, é este país que não aparece na televisão, é este país que muita gente tenta esconder. E, aí, quando faz pesquisa, que o Lula tem 86%, é este país que está dando essa popularidade ao nosso governo. Não é o chamado “país do formador de opinião pública”. Porque houve um tempo, Déda, que inventaram um tal de “formador de opinião pública”, era um cidadão que colocava uma gravata, ia à televisão, falava quantas... sabe? É formador de opinião pública. E essa moça da Central do Desenvolvimento Popular que veio aqui, bonita e elegante, não é formadora de opinião pública.

Então, as pessoas não percebem que o povo está ficando mais sabido, mais inteligente. O povo não quer mais intermediário, o povo quer falar pela sua boca, pensar pela sua cabeça, enxergar pelos seus olhos e tomar a decisão por conta própria. O povo está ficando... Onde é que já se viu o pessoal aqui, do Manguezal, que estava ali se molhando, ficar aqui na frente, tão pertinho do Presidente, assim? Tão pertinho! Em outros tempos, em outros tempos... Mas nem aqui você estava. Sabe por quê? Porque nós descobrimos que ser presidente da República é uma coisa muito passageira, não é profissão, é quase um sacerdócio. O que é importante é, quando terminar o mandato, eu poder encontrar com essa companheira em algum lugar e ela não virar as costas para mim e falar: “Companheiro Lula, obrigada”. E eu dizer: “Obrigado, companheira”.



Essas coisas é que contam na política nacional, e é isso que uma parte da elite brasileira não quer saber. Eles não querem entender que está mudando. E mudou, mudou. As mulheres, hoje, as mulheres... Eu sou de um tempo... Eu fui formar, agora, 10 mil jovens do ProJovem, 10 mil pessoas que estavam em um estádio. Dessas 10 mil pessoas, 60% eram mulheres, e 60% eram meninas que já tinham tido filho, e que elas estavam vendo no ProJovem a oportunidade de elas voltarem a conquistar a cidadania que elas não tinham. E se a gente não estende a mão, a desgraça estende a mão; se a gente não estende a mão, a desesperança estende a mão, e aí, é um caso perdido para a sociedade. Portanto, eu, quando deixar a Presidência da República, eu vou ficar pensando o seguinte: quando eu cheguei, dia 10 de março, eu mandei o Banco do Brasil... Eu mandei o Ministro da Fazenda, o Palocci, me dar uma informação de quanto a gente tinha de crédito no Brasil. E o Brasil inteiro, 190 milhões de habitantes, 8,5 milhões quilômetros quadrados, todo o sistema financeiro brasileiro, nós tínhamos de crédito R\$ 380 bilhões. Eu, um socialista moderado, ficava dizendo: “Meu Deus do Céu, como é que os meus adversários são capitalistas, dizem que o Brasil é um país de economia capitalista e que, primeiro não tem capital, segundo não tem crédito, terceiro não tem financiamento”. O capitalismo não pode dar certo e muito menos o socialismo se não tiver crédito, se não tiver dinheiro para investir.

Pois bem, sabe quanto o Brasil tem de crédito hoje, companheiro Marcelo Déda? Saímos de R\$ 380 bilhões para R\$ 1,5 trilhão de crédito. Eu estava vendo aqui, uma grande empresa do Nordeste, a Queiroz Galvão, mas eu estou citando a Queiroz Galvão porque é uma grande empresa que vai participar do consórcio de Belo Monte. Mas você pode pegar as empresas de construção civil de Sergipe, pode pegar todas, Déda. Pode pegar as empresas de construção civil. Pode pegar as de Pernambuco, pode pegar as do Amazonas, pode pegar do Acre, pode pegar do Rio Grande do Sul, pode pegar as grandes, as médias e as pequenas. Eu duvido, e falo aqui, falo aqui olhando



para a imprensa: eu duvido que todas essas empresas já tiveram a quantidade de trabalho que tem no nosso governo. Duvido, duvido que elas já tenham ganho a quantidade de dinheiro que ganharam em nosso governo. A gente não tinha nem engenheiro, nem engenheiro, Déda. Engenheiro se formava em Engenharia e ia trabalhar de analista do sistema financeiro, porque esse país ficou 25 anos sem construir obras. Eu, se perguntasse aqui, qual é a grande obra que você sabe que fez o Figueiredo? Qual foi a grande obra que fez o Fernando Henrique Cardoso? Qual foi a grande obra que fez o Sarney? E não é que eles não queriam fazer, gente, é que o país tinha se endividado muito, em [19]75, nós tomamos muito dinheiro em dólar emprestado, porque estava barato. Aí, o homem do Tesouro Americano, um tal de Paul Volcker, que voltou agora, esse homem tinha emprestado muito dinheiro em dólar para o Brasil, a Europa tinha emprestado muito dinheiro. Aí, o dólar estava a 3% de juros e elevaram para 21% os juros para resolver o problema fiscal nos Estados Unidos e aí nós entramos em uma fase desgraçada em que todos nós já carregamos faixa: “Fora daqui, o FMI!”, não é isso?

Foram 20 anos em que esse país não fez uma estrada, não fez uma ponte, a única hidrelétrica foi a de Xingo, que já estava pronta de outros pedaços, ou seja, o Brasil ficou atrofiado, as empresas de construção civil foram investir na Argentina, no Equador, no Peru, em vários lugares e não no Brasil. Não tinha obra. A Caixa Econômica diminuiu os investimentos em casas, o saneamento básico ninguém fazia, porque, no Brasil, os políticos não gostavam de fazer drenagem e nem saneamento básico, porque não dá para colocar o nome da mãe em uma manilha. Tem que colocar em uma ponte, e as pessoas... As pessoas não percebem, a pessoas não percebem que não tem nada mais forte do que a imagem de uma criança brincando numa rua que não tenha esgoto a céu aberto, mas as pessoas não investiram em esgoto. E pode pegar, pode fazer um levantamento de 100 anos. Eu duvido que nesses 100 anos alguém investiu em saneamento básico 30% do que nós investimos em



oito anos, duvido. No máximo, se coletava e jogava esgoto *in natura* dentro do mar, mas não tinha tratamento para jogar o esgoto tratado.

Então, eu tenho consciência, Marcelo Déda, companheiros, de que quando eu deixar [a Presidência] e encostar a cabeça no travesseiro, eu vou ter certeza de que cumpri uma missão. Sabendo que ainda falta muita coisa, muita, mas muita coisa. Para a gente recuperar o século XX, não vai ser em oito anos do século XXI, vai precisar mais anos e mais gente comprometida com essa situação.

Então, este país vive um momento, eu diria, bom. A gente vai ter uma Copa do Mundo; a gente vai ter uma Olimpíada; a gente vai ser a quinta economia do mundo dentro de seis ou sete anos; o Brasil, lá fora, hoje, é respeitado; as pessoas sabem que este país é um país que tem que ser levado a sério. O Obama só cometeu um erro, de achar que eu era “o cara”. Não, eu sou o Presidente, “o cara” são os 190 milhões de brasileiros que têm orgulho, que têm alma e que querem construir este país.

Por isso, companheiro Marcelo Déda, eu... todo ato que eu participo agora é o último, todo ato é o último, é o último, já estou ficando com saudades, já estou ficando. E eu já estou pensando: quando eu terminar, o que eu vou fazer? Eu vou querer tomar um banho de praia que eu não consegui tomar, tomar uma cervejinha sem ninguém me encher o saco e dizer: “O Presidente está bebendo”. Tomar uma geladinha, porque filho de Deus tem direito de tomar uma geladinha à beira de praia. Espero que o Prefeito e o Governador me convidem para vir a Atalaia comer um caranguejinho, uma casca de caranguejo. Mas tem que limpar o caranguejo! Não, porque tem um problema, tem um problema: é que lá em São Paulo, para a gente comer caranguejo, a gente compra o bicho, tem gente que não quer matar dentro do caldeirão, então enfia uma chave de fenda na barriguinha do bicho, que ele morre na hora. Dizem que com a chave de fenda, ele perde, solta uma enzima, então, tem que ser na panela, fica mais gostoso. Mas lá, para a gente jogar na



panela, a gente mata o bicho, depois pega uma gilete, tira todo aquele pelinho dele, todo aquele pelinho dele, depois a gente pega, abre aquele negócio, tira tudo aquilo que é amarelo, que a gente acha que é outra coisa e vocês acham que é gordura: “Isso aqui é substância”. O Marcelo Déda chega a comer que os beijos ficam sujos daquele... Nós limpamos tudo com escova, nós comemos apenas a essência. Mas aqui a gente ainda tem que quebrar com o martelinho, assim, e tomar.

Então, Marcelo Déda, eu tenho fé em Deus que, sem nenhuma preocupação com a roupa que eu vou estar, sem nenhuma preocupação se o jornalista está fotografando ou não, eu quero sentar, com uma sunga especial que eu vou comprar, e vir aqui à Praia do Atalaia tomar uma bela de uma cerveja, comer um belo de um caranguejo e poder tirar proveito que eu não consegui tirar até agora. E dizer para vocês: tenham certeza de que eu vou continuar fazendo política. Se alguém pensa: “Ah, o Lula vai parar”. Não, eu vou parar de ser Presidente, mas política está aqui no meu sangue e eu vou continuar viajando este país e tentando ajudar este país a melhorar.

Que Deus abençoe todos vocês. E obrigado pela tolerância de ficar aqui, embaixo dessa chuva, até agora. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura oficial da 40ª Assembleia Nacional da Associação
Nacional dos Serviços Municipais de Saneamento (Assemae)**

Uberaba-MG, 14 de junho de 2010

Bem, eu queria cumprimentar os nossos queridos companheiros,
ministros Marcio e Luiz Dulci,

Os deputados federais Aelton Freitas e Elismar Prado,

O nosso querido companheiro, prefeito da cidade de Uberaba,
companheiro Anderson Aduato, ex-ministro dos Transportes, por meio de quem
cumprimento todos os prefeitos aqui presentes,

Quero agradecer ao nosso querido companheiro Lourival dos Santos,
presidente da Câmara Municipal de Uberaba, e agradecer a todos os
vereadores pelo título que me deram,

Quero cumprimentar o senhor Vicente Andreu, presidente da Agência
Nacional de Águas,

Quero cumprimentar o Arnaldo Luiz Dutra, presidente da Associação
Nacional dos Serviços Municipais de Saneamento Básico,

Quero cumprimentar cada companheiro e companheira aqui presente,

E dizer para vocês que, mais uma vez, eu tenho um discurso aqui, que
está razoável, mas eu temo que os oradores que me antecederam já o
degustaram aqui e já falaram quase tudo que eu tinha para falar nele, aqui.
Esse é o problema de trazer discurso por escrito. Mas, também, não vai
precisar muito de discurso, não, porque eu vou ser breve, muito breve, porque
vocês estão percebendo, pela cara, que nós estamos cansados.

Primeiro, eu queria dizer para vocês que eu agradeço a Deus todo dia o
fato de ser filho de um país em que tem gente que levanta todo dia preocupado



em discutir coisa séria no país, como saneamento básico, e vocês existem para discutir isso e fazem isso durante muito tempo.

E eu sei quantas vezes discutir saneamento básico neste país foi tratado como se fosse uma coisa de terceira importância, de quarta importância. Afinal de contas, eu digo sempre onde eu posso que não era fácil você conseguir convencer um administrador público que ele tinha que enterrar dinheiro colocando manilha embaixo da terra. Não era fácil, não era habitual. E por isso eu disse ao Anderson, quando cheguei aqui, que nós estamos criando uma nova geração de prefeitos, uma nova geração de administradores públicos que começam a levar a sério a preocupação com o saneamento básico.

E falo com a convicção de um presidente que desde que criou o Ministério das Cidades tem brigado, porque vocês sabem que a elaboração de um orçamento num governo, numa prefeitura ou num estado é sempre uma guerra para que a gente crie uma carteira de financiamento de saneamento básico, ou mesmo de dinheiro do Orçamento Geral da União, para que a gente possa ir, num crescendo, até a gente resolver definitivamente o problema do saneamento no Brasil.

Queria dizer aqui, Marcio, frustrado de saber que, há dois anos, a gente aprovou uma lei, que precisava apenas aprovar a regulamentação, e eu, que sou o responsável de fazer o decreto, fico sabendo apenas hoje, porque o pessoal lá de trás reclamou e porque o Aelton falou, que o decreto ainda não foi regulamentado porque tem ministro que ainda não assinou.

É difícil, porque é preciso saber quais as razões que levam uma lei que foi aprovada por unanimidade no Senado e por aclamação na Câmara... teve alguém que não regulamentou isso em três meses, ou quatro meses ou cinco meses, qual foi o problema que teve no Conselho que essa lei não foi regulamentada, quais os interesses que tem detrás disso. Então, portanto, eu queria te dizer uma coisa, Marcio: aquilo que não foi regulamentado em dois



anos será regulamentado na próxima semana, para que a gente possa mudar de discussão.

Às vezes... Eu conto sempre esses casos para vocês saberem que governar, muitas vezes, é mais difícil do que a gente pensa, pelos próprios problemas que nós criamos. Um dia desses, eu ia ter uma Conferência de Ciência e Tecnologia. E um belo dia, faltando dois dias para a Conferência de Ciência e Tecnologia, o ministro Sergio Rezende me procura e fala: “Presidente, pelo amor de Deus, Presidente. Eu já mandei para tal ministério a criação do Instituto da Mata Atlântica, a criação do Instituto do Pantanal e a criação do Instituto do Cerrado, do Semi-Árido nordestino, Presidente, e há nove meses e meio, Presidente, eu espero e isso não sai”. Mas por que não sai? “Não sei, Presidente, ninguém me fala por que não sai, mas não sai”. Aí, eu liguei para uma suposta pessoa, que eu achava que era quem tinha responsabilidade, e eu disse para a pessoa: amanhã eu vou ter a Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia. Então, o que você não fez em nove meses e meio faça até amanhã, porque eu quero assinar a criação dos três institutos.

Não tem explicação a gente estar há dois anos sem regulamentar, Marcio, não existe. Se eu procurar uma explicação, eu não encontro. A não ser que alguém não queira que chegue à mesa do Presidente, a não ser que tenha gente que não queira que chegue à mesa do Presidente. Olha, se tem alguém que não quer que chegue à mesa do Presidente, aí sim é que precisa chegar, aí é que precisa chegar à mesa do Presidente, para a gente decidir o que fazer.

Então, eu queria dizer para vocês o seguinte: eu acho, companheiros, que nós, brasileiros, somos devedores da existência de vocês, nós somos devedores. Porque, tem alguém que levanta a cabeça todo dia para dizer: “Olha, é preciso fazer investimento em saneamento básico. Gastar dinheiro em coletar esgoto e tratá-lo é a gente cuidar da saúde de forma preventiva, e não tentar gastar ou cuidar da saúde depois que a desgraça já está feita”. Eu vim aqui hoje, e acho que foi providência de Deus eu ter vindo aqui hoje, porque



senão, quem sabe, eu ia passar mais algumas semanas, talvez eu não esteja na Conferência das Cidades, porque talvez já tenha viajado para a África, e aí eu nem ia ficar sabendo que ainda não foi regulamentado.

Então, é uma coisa que eu coloco como prioridade, porque já morei em casa em que tomávamos banho 17 pessoas em um banheiro, que não tinha descarga, que não tinha papel higiênico, que não tinha chuveiro, que era um balde que a gente enchia d'água para depois dar descarga no banheiro, era outro balde que a gente enchia para tomar banho. E, ali, o poço estava há dez metros do banheiro que a gente fazia as nossas necessidades. Já morei em lugar que dava enchente de 1 metro e meio, de 1 metro, de 40 centímetros, de 30 centímetros. Já vi o que é sanguessuga grudar na perna da gente, já vi o que é rato boiar.

Então, saneamento básico deixou de ser uma coisa para rico, é uma coisa para a sociedade brasileira, independentemente da origem social das pessoas. Não é mais possível que a gente veja essas praias maravilhosas que tem no Brasil, e quando você vai atrás, você descobre cidades que têm coleta, mas não têm tratamento de um quilo de esgoto, ou seja, irresponsabilidade total, histórica, de não tratar de uma coisa que causa doença.

Eu digo sempre, companheiros, que, às vezes, o político, ele estava acostumado a fazer uma ponte porque ele podia colocar o nome da mãe, da avó, da tia, do tio, do vizinho, na ponte: "Ponte Lulinha da Silva. Ponte não sei das quantas". E na manilha não dá para colocar. O administrador não percebeu que não tem glória maior, troféu maior para um prefeito do que ele saber que na cidade dele as pessoas estão tomando água de qualidade, que uma criança pode andar descalça que não vai pisar em esgoto a céu aberto e que, portanto, não vai ficar doente. Graças a Deus, nós temos uma geração que começa a pensar nisso com mais seriedade.

É por isso que eu não tenho medo de dizer que, em oito anos de mandato, nós colocamos mais dinheiro para cuidar de saneamento básico do



que alguns colocaram em 40 anos, 20 anos ou 30 anos. E como a gente está muito atrasado, como a gente está muito atrasado, tudo o que a gente fizer ainda é pouco diante do que a gente tem que correr para tirar o tempo perdido.

Eu, de vez em quando, subo numa favela. Acho que na história do Brasil, desde que Cabral aqui chegou até ontem, não teve nenhum político que subiu na favela 10% do que eu subo, e não me falta um pedaço. E cada vez que eu chego a uma favela, eu tenho dito para os governadores, para os prefeitos: nós precisamos adotar um discurso, Anderson, de reparação. O que nós estamos fazendo é reparação, reparação de administradores irresponsáveis, que permitiram que o povo ocupasse lugares inadequados, na encosta de morro, na beira de rio, ou seja, a pessoa sabia que não podia, mas deixava. E aí não tem ideologia, não, aí é vereador de direita, de esquerda, é vereador do PT, do PCdoB, do PTB, do PMDB, do PSDB, do DEM, do tudo, é partido político, porque todo mundo acha que isso é bonito na época da eleição, agora, quando vem a desgraça e cai uma chuva como aquela de Niterói, que leva duzentas pessoas, ninguém tem responsabilidade por aquilo, ninguém assumiu, ninguém pediu e ninguém deixou.

É preciso, é preciso que a nossa geração seja uma geração mais responsável. É bonito a gente cuidar da cidade? É. Toda cidade tem que estar cuidada, tem que ter jardim, tem que ter pintura no meio-fio – lá em São Paulo, a gente fala de sarjeta. Tudo isso tem que ser feito, mas é preciso não jogar o lixo embaixo do tapete. É preciso levar água potável, é preciso coletar o esgoto e é preciso tratá-lo antes de jogá-lo outra vez nos rios.

Então, eu vim aqui para dizer para vocês o seguinte, olhem: eu peço a Deus que essa nova geração de prefeitos que vai vir, de governadores que vão ser eleitos agora e dos governantes gerais, que tenha a mesma preocupação que nós tivemos nesse período. Não é secundário, não é, eu diria, banal, a gente colocar saneamento básico como uma das prioridades do nosso país.

Agora, é preciso que a gente também diga a verdade: a gente não



tinha... as prefeituras não estavam preparadas sequer para fazer projeto, sequer para fazer projeto as prefeituras estavam preparadas. Eram poucas as prefeituras que estavam preparadas, até porque houve um tempo atrás que tentaram dizer a esta nação que quem tinha que cuidar de tratamento d'água, de coleta de esgoto e tratamento de esgoto era a iniciativa privada, que o Estado não tinha que se meter nisso, porque não sabia fazer. E aí muita gente pensou até em ganhar dinheiro fazendo isso.

O que aconteceu de fato e de concreto? Se o Estado não assume o papel de fazer, as pessoas vão ficando para trás, porque as pessoas só querem fazer investimento onde tem muito retorno, onde tem muito lucro. E, normalmente, quem precisa mais é a parte mais pobre da cidade, que ainda não tem sequer coleta, que não tem absolutamente nada. É um contrassenso. E nós, tanto no PAC 1 quanto no PAC 2, a somatória dá praticamente R\$ 85 bilhões para cuidar de saneamento básico.

E demora, companheiros, demora. Eu acho que num congresso como este, vocês deveriam, dentre as coisas que vocês vão discutir, discutir novos marcos regulatórios para a gente poder facilitar a construção de uma coisas dessas. Tentar discutir porque, muitas vezes, muitas vezes... Eu aprendi uma coisa no governo: não basta ter dinheiro. Não basta. Às vezes tem dinheiro e não se sabe como gastá-lo, às vezes tem dinheiro. As prefeituras pequenas não sabem fazer projeto, não sabem fazer projeto. Então, é preciso ter estrutura para fazer projeto para essas prefeituras menores. Às vezes, as prefeituras pequenas não sabem nem como fazer uma prestação de contas. Então, nós precisamos preparar.

Vocês estão lembrados que nós criamos, na Caixa Econômica, em cada superintendência, um escritório para atender prefeito, para ver se ajuda os prefeitos a fazerem os projetos. Às vezes o prefeito quer o dinheiro, você pergunta: "Tem projeto?". "Não". Passa um ano, você encontra com o prefeito: "Fez o projeto?". "Não". "Por quê?". Porque não tinha ninguém para fazer o



projeto para o prefeito. Além das coisas que, quando tem o projeto, aí tem gente que pede preço demais, aí tem as empresas, que uma processa a outra, aí tem o Tribunal de Contas, aí tem o Ministério Público, aí tem todo mundo, que sempre todo mundo quer meter o dedinho para atrapalhar.

O Brasil é assim. É assim, e nós precisamos mudar, aprendendo com a experiência de vocês. Fizemos uma lei, temos que regulamentar. Agora, é preciso que a gente, também, discuta novas formas de facilitar com [para] que as coisas aconteçam, porque é muito difícil.

Eu vou contar para vocês: eu tenho pena dos prefeitos, sobretudo das cidades menores. Porque um prefeito como o Anderson, com essa pinta dele, chega a Brasília, está cheio de ministro que ele conhece, está cheio de deputado que ele conhece, ele pode chegar e falar até com o Presidente da República, não é isso? Pode até falar. Agora, chega um “capiauzinho”, de uma cidade de 10 mil habitantes ou 15 mil habitantes, primeiro que ele não tem nenhum amigo deputado, não tem nenhum amigo deputado. Segundo, se não tem e vai procurar, o cara fala: “E nas próximas eleições, cadê os meus votinhos? Estão garantidos?” Se ele vai para Brasília sem falar com deputado, ele começa a ficar que nem barata tonta, a correr naquela Esplanada dos Ministérios, em cada ministério ele encontra um sindicalista fazendo protesto. É vero, é, porque Brasília é fantástica. Brasília, no fundo, no fundo, as pessoas pensam que Brasília existe apenas para atender os funcionários públicos que trabalham ali para nós. Então, é todo dia. Eu nunca vi tanto caminhão de som. E, agora, os sindicalistas não têm mais que fazer sacrifício, não. Antigamente, para eu ser ouvido, eu tinha que fazer uma passeata de 30 a 40 mil trabalhadores, xingar todo mundo para ser atendido pelo Ministério do Trabalho. Hoje, eles não conseguem mais juntar gente, eles contratam um cara com uma corneta, para ficar fazendo... parece que está na África, jogando o campeonato mundial. É verdade, Dulci: vai um cara na frente e coloca a faixa, tem o colocador de faixa, vai lá e enche de faixa. Na frente da minha casa está



cheio de faixa, enche de faixa. Aí, vai um outro com uma corneta para, de hora em hora, fazer: “fom, fom, fom, fom”. E, agora, contrataram o do rojão, é o que solta uns três, quatro rojões por dia, lá.

Então, eu acho que o coitado do prefeito que chega a Brasília, ele, às vezes, é atendido por alguém de quarto escalão, quinto escalão, que fala assim: “Pode deixar, Prefeito, que daqui a pouco está resolvido”. Termina o mandato do coitado, ele é reeleito, perde a eleição e fica quase como nosso decreto para regulamentação: demora esse tempo todo que está demorando.

Olhem, eu estou aqui brincando com algumas verdades, porque a melhor forma de você dizer as verdades é brincando, porque se você estiver muito sisudo, você já encontra um outro bicudo aí do lado, que já fica de cara feia e já levanta uma placa, ali, para regulamentar uma lei qualquer que está ali. Olha, eu estou até vendo.

Eu, no fundo, no fundo, queria dizer para vocês o seguinte: eu acho que nós estamos avançando muito no Brasil, eu acho que nós avançamos muito, mas muito mesmo. Eu posso contar para vocês a diferença do meu primeiro mandato para o segundo mandato. É uma coisa extraordinária a qualidade de produção dos ministros e a qualidade de produção dos prefeitos. Os prefeitos, hoje, estão ficando espertos, gente. A gente anuncia: tem dinheiro para drenagem. Nunca se falou em drenagem neste país. Você já ouviu falar quantas vezes em drenagem? Quando nós começamos a falar em drenagem, os prefeitos, agora, já aparecem com um projeto. Os “bichinhos” estão espertos. Depois que nós acabamos com a fila burra e eles sabem que tem dinheiro, podem pegar e fazer também não brincam mais. As pessoas se prepararam e as coisas estão fluindo com muito mais facilidade.

Você veja que o Anderson veio aqui, meu amigo, ex-ministro, me agradeceu, me agradeceu, me agradeceu e, em vez de falar: “Obrigado”, pediu mais um tanto aí. É assim.

E eu quero te dizer, Anderson, que é com muito orgulho, que quando eu



deixar a Presidência, que eu encostar a cabeça no travesseiro, eu dormirei tranquilo, porque nenhum prefeito, independente de qualquer partido a que ele tenha pertencido, jamais deixou de ser atendido pelo governo federal por conta de divergência política. Quando a gente não tem, a gente não tem; mas quando a gente tem, a gente tem.

Eu... Portanto, eu quero agradecer a vocês e dar os parabéns a vocês. Eu me sinto confortável quando eu venho a um ato como esse e os companheiros colocam as verdades boas e ruins, as coisas que foram positivas e as coisas que foram falhas, porque a gente não pode nunca, no governo, correr o risco de ter apenas puxa-sacos dizendo que as coisas estão bem e alguém não alertar a gente de que: “Olha, está bem, mas tem uma pedra ali, no caminho, que se não olhar para baixo vai quebrar o nariz”.

E eu quero que vocês saibam que em se tratando de saneamento básico, eu tenho isso na minha consciência, de que é tão importante quanto a gente fazer um hospital, quanto a gente contratar uma equipe médica ou comprar uma máquina poderosa para fazer exame. É tão importante quanto isso. Eu acho que até mais importante, porque a gente evitaria que essa pessoa ficasse doente por quase nada neste mundo.

Eu, como vim de Pernambuco, eu quando vim de Pernambuco, eu tinha as perninhas dessa grossura, sete anos de idade, e a barriga desse tamanho. Eu não sabia se era lombriga, se era esquistossomose, que diabo que era, mas eu sei que a barriga era desproporcional às canelas, sabe? E eu acho que, naquele tempo, a gente... saneamento básico... Eu vinha, 13 dias tomando água do Rio São Francisco, não tinha... era agachar, pegar e beber... Ainda para fundar o PT, em [19]80, eu peguei um barco para ir a Cametá, no Pará, era num barco, pegando água do rio, bebendo e comendo farinha com frango. Ainda estou com a barriguinha um pouco grande, mas agora já pode ser de outros experimentos e não mais de comer aquela coisa poluída que eu comia.

Olhem, sinceramente, obrigado por vocês existirem, por vocês nos



cobrarem e por vocês serem praticamente a lanterna do farol da nossa responsabilidade com o saneamento básico. Vocês vão debater cinco dias, aqui. Eu queria dizer para vocês: não tenham preocupação de colocar no papel aquilo que vocês acham que a gente ainda não (falha na gravação) candidatos por aí, alguma coisa nova já pode ser colocada no Orçamento para 2011. Se a gente não fizer agora, vai para o Orçamento de 2011, que só vai ter grana em 2012. Para que perder dois anos, se a gente pode ganhá-los em cinco dias que vocês estão discutindo aqui?

Por isso, meus companheiros, que Deus abençoe vocês. Bom congresso, bom seminário. E até o próximo, se eu for convidado, mesmo sem ser presidente da República. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do Gasbel II**

Queluzito-MG, 14 de junho de 2010

Meu querido companheiro Márcio Zimmermann, ministro de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Nosso querido companheiro senador da República, Hélio Costa,

Deputado Júlio Delgado e nossa companheira Jô Moraes,

Nosso querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro amigo Paschoal Fausto Valle, prefeito de Queluzito, na pessoa de quem saúdo os prefeitos aqui presentes,

Vereador Sebastião Astrogildo de Moraes, presidente da Câmara Municipal de Queluzito,

Nossa querida companheira Maria das Graças Foster, diretora de Gás e Energia da Petrobras,

Nosso querido companheiro Sergio Machado, presidente da Transpetro,

Nosso querido companheiro João Antônio de Moraes, coordenador da Federação Única dos Petroleiros, na pessoa de quem cumprimento todos os trabalhadores,

E também cumprimentar o nosso maestro Firmino Teodoro da Silva, do grupo de Folia de Reis de Queluzito, que foi embora sem me dar tempo de pedir para ele cantar uma música. Fica para a próxima.

Eu queria ouvir a Bandeira do Divino, mas não foi possível, e eu queria mostrar, Moraes – eu até procurei minha assessoria para trazer para você,



enquanto você estava falando – uma matéria que foi publicada num jornal brasileiro de hoje com a manchete dizendo: “Petrobras *made in Brazil*”. Uma coisa importante, para que os 190 milhões de brasileiros compreendam o que está acontecendo no Brasil, é que oito anos atrás já estava determinado, pelas pessoas que governavam este país, que a Petrobras não tinha gás e, portanto, a Petrobras tinha que se contentar apenas com o gás da Bolívia. Já estava determinado que a engenharia brasileira e a Petrobras não tinham competência para fazer novos navios, novos estaleiros, e também já estava determinado que o petróleo da Petrobras estava acabando.

Vocês se lembram – eu fui candidato a presidente em [19]89, eu fui candidato a presidente em [19]94, em [19]98 –, eu perdi três eleições para ganhar a primeira, e por conta de ser candidato muitas vezes, a gente vai aprendendo muitas coisas. Uma delas, que eu dizia em [19]89, é que o petróleo no mundo ia acabar em 80 anos e que no Brasil, possivelmente, nós tivéssemos gás para 50 anos, ou melhor, petróleo para 50 anos.

Vejam o que aconteceu. A Petrobras, que não tinha condições de fazer uma plataforma de petróleo no Brasil, está fazendo, e 75 dos componentes de uma plataforma, hoje, são produzidos dentro do Brasil, gerando emprego para brasileiros, gerando melhores condições de vida para brasileiros. Os estaleiros brasileiros, que não produziam mais navios... é importante vocês saberem que em 1970 a indústria naval brasileira era a segunda indústria naval do mundo, a gente só perdia para o Japão. Ela chegou a ter, em 1970, 50 mil trabalhadores trabalhando na indústria naval. Em 2002, quando eu ganhei as eleições, a gente só tinha 1.900 trabalhadores trabalhando na indústria naval. Nós resolvemos ter uma política de incentivar a Petrobras a contratar navios, de recuperar a indústria naval brasileira e de fomentar os incentivos para que a gente criasse novos estaleiros.

Pois bem, não faz 30 dias, eu fui a Pernambuco inaugurar o primeiro estaleiro contratado, o primeiro navio feito no Brasil, de grande porte, um navio



que cabe dentro dele um milhão de barris de petróleo – 50% da produção de petróleo do Brasil, por dia, cabe dentro do navio – e o navio foi feito por brasileiros, mulheres e homens, que cortavam cana no Nordeste brasileiro, meninos e meninas analfabetos... Meninos e meninas de 20 anos, 22 anos, analfabetos, cortadores de cana foram preparados, formados e viraram profissionais para construir um extraordinário navio. A coisa que mais me emocionou naquele estaleiro foi a gente trazer de volta os dekasseguis, ou seja, os descendentes de japoneses que estão no Brasil, que foram trabalhar no Japão e, com a crise econômica no Japão, eles ficaram desempregados e voltaram para o país deles para trabalhar e sustentar a família. Essa foi uma coisa, Sergio Machado, que me deixou muito emocionado.

Então, esta manchete aqui é uma manchete que me deixa cheio de orgulho, é uma manchete do jornal O Globo. Não é normal, mas é uma boa manchete. Nós estamos provando que ninguém é melhor do que nós, nós estamos provando que ainda temos muito para aprender e muito para fazer, mas estamos provando que quando um povo, uma nação, uma empresa, um presidente resolvem fazer as coisas, elas acontecem. Portanto, eu vou colocar num *poster*, na minha sala, a “Petrobras *made in Brazil*”, para todo mundo ter mais orgulho da Petrobras.

Com relação ao gasoduto. O gasoduto é uma das formas de melhorar as condições de desenvolvimento do estado de Minas Gerais, é a possibilidade de melhorar a qualidade dos investimentos, a qualidade da produção dos produtos advindos da existência de um gasoduto que vai conseguir transportar, para Minas Gerais, o equivalente a quase 13 milhões de metros cúbicos. Ora, o gasoduto, ele vai, primeiro, poder ajudar a gente a fazer termelétrica, se for necessário, ou a trabalhar com a termelétrica já existente em Juiz de Fora. Segundo, a indústria de cerâmica pode se desenvolver. Obviamente que Queluzito é uma cidade pequena, tem dois mil habitantes, dois mil e poucos habitantes, mas está perto de uma região com uma bacia leiteira importante,



que tem empresas importantes..., que tem cidades mais importantes a 15 ou 20 quilômetros de Queluzito.

Portanto, nós, agora – governo de Minas, governo federal, deputados, senadores e prefeitos da região –, precisamos começar a trabalhar para que as indústrias comecem a vir para cá para ajudar a utilizar o gás que vai estar passando neste gasoduto aqui. Ele foi feito para a gente utilizar e nós só vamos utilizá-lo quando houver desenvolvimento do estado de Minas Gerais e desta região por onde passa o gasoduto.

Mas, também, quem vai ganhar são as siderúrgicas existentes em Minas Gerais porque, com os fornos sendo aquecidos com gás, a qualidade do aço fica melhor, e nós, então, estamos dando a Minas Gerais uma oportunidade extraordinária de aproveitar mais uma fonte energética para poder aumentar, ainda mais, a riqueza de Minas Gerais.

Nós estamos pensando em fazer um outro gasoduto, e aí vamos ter que trabalhar em parceria, mais uma vez, governo de Minas e governo federal. Por quê? Porque se nós aumentamos a nossa rede e nós trouxemos mais gás para Minas Gerais, significa que a empresa de gás de Minas Gerais vai ter que aumentar a sua rede interna para poder distribuir esse gás. A Petrobras, quando foi feita a Constituição, que foi feita toda a política de gás, a Petrobras não distribui gás ao consumidor. Ela distribui às empresas estaduais, que são quem fazem a distribuição interna. Aí nós vamos precisar construir, com o governo de Minas Gerais, o aumento dos gasodutos, daquelas veias que disse o Gabrielli aqui, no estado de Minas Gerais, para a gente aumentar a oferta de gás à população.

Mas Minas Gerais pode ganhar um novo gasoduto, porque nós decidimos fazer uma fábrica de amônia em Uberaba, e essa fábrica de amônia vai precisar de gás, porque precisa do gás, e aí nós vamos ter que levar, do gasoduto de São Carlos até Uberaba, que são mais duzentos e poucos quilômetros de gasoduto que vão ser feitos. Já tem um acordo prévio que o



gasoduto vai ser construído pela Gasmig, porque nós assumimos o compromisso de fazer a fábrica de amônia e a Gasmig assumiu o compromisso de fazer – Cemig, Cemig –, fazer o nosso querido gasoduto.

Bem, se isso for feito... vocês perceberam que quando eu falei “amônia”, nós estamos entrando numa outra revolução que dizem que o Brasil não tinha condições de fazer. É a revolução, é a revolução da produção de fertilizantes no Brasil. Vocês sabem que o Brasil importa 80% de todo o fertilizante que nós utilizamos. De ureia, então, nós importamos 100%, porque a ureia precisa de gás e a gente não utilizava gás. Agora a Petrobras, que há cinco anos dizia que não podia fazer, agora, depois do Plangás, ela já está dizendo “Eu posso fazer”, e ela vai fazer uma fábrica de ureia também, para que nos próximos quatro ou cinco anos a gente tenha independência e não precise ficar dependente de comprar ureia da Rússia ou de outro país qualquer, depois do Oceano Atlântico. Então, isso é uma outra revolução. E como esta região aqui é uma região agrícola e uma grande bacia leiteira, o que nós esperamos é que a ureia seja um fertilizante extraordinário para os nossos produtos agrícolas e para a grama que a vaquinha come, que vai melhorar muito a qualidade e, portanto, vai aumentar muito a produção do leite.

O que nós, o que nós, o que nós estamos fazendo, na verdade, é tentando mostrar para vocês que essa veia de que o José Sergio Gabrielli falou não é apenas ligar o coração à cabeça, não. Essa veia vem até a unha do pé. Quando mexe a unha do pé é por causa da veia que ele falou, que sai lá do coração, que leva sangue para a nossa inteligência, mas que também leva sangue para o nosso calcanhar poder pisar no chão e movimentar a canela. Vocês imaginem que os nossos jogadores não poderiam fazer os gols que vão fazer se essa veia não estivesse funcionando bem. Quando eu misturei, quando eu misturei o gasoduto com a bacia leiteira é porque não tem nenhum sentido a gente vir aqui falar de gasoduto, gasoduto, e vocês ficarem perguntando: “Mas o que é que eu vou fazer com esse gasoduto que está



passando aqui e está levando coisa lá para o Vale do Aço, o que é que vai ficar aqui?”. Aqui vai ficar a esperança de que a gente, nos próximos anos, traga para esta região o desenvolvimento que o Brasil inteiro necessita e que Minas tanto merece.

Um abraço, gente, e até a próxima vez.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(S211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia simultânea de inaugurações, ordens de início e licitações de rodovias do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) no estado de Minas Gerais

Uberlândia-MG, 14 de junho de 2010

Bem, primeiro dizer uma coisa. Quando a maré está boa, tem um momento na vida da gente em que a gente diz o seguinte: em casa que não tem pão todo mundo briga e ninguém tem razão. Eu estou aqui, em Minas Gerais, entregando uma quantidade de obras e recebo um bilhetezinho, assim, dizendo: “Presidente, com mais 33 quilômetros de rodovia, o senhor duplica da divisa de Minas com Goiás até a cidade de Catalão. Velomar, prefeito de Catalão”, que veio aqui, a Minas Gerais, pegar uma boquinha. Mas, de qualquer forma, ô Dulci, pega isso aqui para a gente estudar o pedido do Prefeito de Catalão.

Bem, eu quero, primeiro, cumprimentar o companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades, e o companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República.

Quero cumprimentar o ex-ministro, companheiro e senador Hélio Costa,
Quero cumprimentar os deputados federais – que tanto nos ajudam em Brasília – Elismar Prado e Gilmar Machado,

Quero cumprimentar o prefeito de Uberlândia, Odelmo Leão, na pessoa de quem cumprimento os prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar o companheiro Hideraldo Caron, diretor de Infraestrutura Rodoviária do Dnit,

Quero cumprimentar o Darci Miranda, nosso querido Timbó, na pessoa de quem cumprimento todos os trabalhadores das obras rodoviárias do PAC em Minas Gerais,



Quero também cumprimentar o nosso querido ministro Paulo Sérgio Passos, que está na região de Patos de Minas,

Quero cumprimentar a senhora Maria Beatriz Savassi, prefeita de Patos,

Quero cumprimentar o companheiro Alexandre Padilha, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais, que está na cidade de Guaxupé, falando para toda a região.

Também cumprimentar o Roberto Vieira, prefeito de Guaxupé,

Quero cumprimentar também os companheiros que estão em Curvelo, fazendo uma visita e entrega de obra na região de Curvelo,

O nosso companheiro Luiz Antonio Pagot, diretor-Presidente do Dnit,

E o nosso companheiro José Maria Penna Silva, prefeito de Curvelo,

Quero também cumprimentar os deputados que estão lá com os nossos Ministros,

E quero dizer também que, além dessas obras todas, já foi feito vestibular para os estudantes... Vai fazer o vestibular para que o pessoal comece, no ano que vem, com as duas extensões universitárias em Monte Carmelo e Patos de Minas.

Bem, o fato de falar por último é bom quando tem dois oradores. Mas, depois de você ouvir quatro prefeitos, ouvir dois ministros, o Presidente do Dnit, ouvir o Hideraldo, falando das mesmas obras, eu só tenho um número que eu quero que vocês registrem.

O nosso companheiro Hideraldo disse que, quando nós assumimos o governo, nós tínhamos apenas R\$ 1 bilhão para fazer obras em todo o território nacional – R\$ 1 bilhão para 8,5 bilhões de quilômetros quadrados. Hoje nós estamos anunciando [R\$] 2 bilhões e 700 milhões apenas para uma parte do território do estado de Minas Gerais, uma pequena parte.

Eu penso, companheiros prefeitos e companheiros que vieram a esta solenidade, que está ficando cada vez mais visível que as coisas no Brasil



estão mudando. Nós saímos de uma fase de encruamento, uma fase em que a gente praticamente não podia fazer absolutamente nada, porque não tinha dinheiro para fazer nada. Uma fase que tinha sido paralisada, em 1979, com o fim do governo Geisel. O Geisel foi o último Presidente da República, de [19]75 a [19]79, que fez investimentos em obras de infraestrutura. Setenta e cinco a [19]79 ou é [19]75 a [19]80? A [19]80. O último presidente que investiu em infraestrutura e, naquela época, o dólar estava muito barato, se tomou muito dinheiro emprestado, então, o Geisel fez grandes programas de investimento. Um deles, para a gente não esquecer, é o Proálcool, o Proálcool que começou exatamente nessa época de [19]75.

Pois bem, só que dinheiro emprestado, quando você toma, você tem que pagar. Se você não controla a taxa de juros, você fica a mercê de quem controla. E o que aconteceu com a nossa dívida externa? A gente tinha contraído uma dívida muito grande, tínhamos feito muitas obras, mas o dólar, que é a moeda americana, para resolver um problema de déficit fiscal americano, o que eles fizeram? Nós tínhamos tomado o dólar emprestado a 3% ao ano e esse dólar passou, foi para 21% de juros ao ano, e ficou praticamente impagável. A minha geração política, a do Zaire Rezende, passou metade da nossa vida gritando, nas faixas nas ruas: “Fora FMI. Fora FMI”, porque a gente não podia pagar a dívida do FMI.

Eu falo sem maldade, porque eu acredito que todos os presidentes queriam fazer muitas obras. Eu acho que todo presidente gostaria de fazer grandes obras. Mas a verdade é que todos eles que vieram antes de mim, depois do presidente Geisel, que tinha endividado o país... nem o Figueiredo, nem o presidente Sarney, nem o Fernando Henrique Cardoso, nem o Itamar, nem o Collor conseguiram fazer grandes obras, porque o Estado estava quebrado e a gente vivia por conta de pagar a nossa dívida ao FMI.

Eu vou dar um dado para vocês: a Ferrovia Norte-Sul começou em 1987 – eu era deputado constituinte quando o presidente Sarney anunciou a Ferrovia



Norte-Sul –, passou todo o governo Sarney, passou todo o governo Collor, passou o governo Itamar, passou todo o governo Fernando Henrique Cardoso, em 17 anos eles fizeram 215 quilômetros daquela ferrovia. Nós, em oito anos, vamos fazer 1.500 quilômetros daquela Ferrovia Norte-Sul. Vamos anunciar, no PAC 2, o projeto ligando Anápolis até Estrela d'Oeste, em São Paulo, para a pessoa, Hélio, sair do Porto de Itaqui, no Maranhão, chegar ao Porto de Santos de trem. Nós vamos construir como se fosse uma espécie de espinha de peixe, com rodovias, ferrovias e hidrovias transversais, para que a gente possa fazer com que o Brasil tenha um sistema intermodal de transporte que coloque o Brasil de forma mais competitiva no mundo.

A segunda coisa importante, companheiros, é que o país também não tinha crédito, o país também não tinha crédito. Só para vocês terem noção de como era difícil a questão do crédito, o Brasil inteiro, para cuidar de 190 milhões de brasileiros que precisavam de crédito, o Brasil só tinha R\$ 380 bilhões de crédito, ou seja, era um país que não tinha muito dinheiro em circulação para emprestar para as pessoas. Nós saímos de R\$ 380 bilhões de crédito para R\$ 1,5 trilhão de crédito neste ano, ou seja, saímos de 20% de crédito para 45% de crédito do PIB brasileiro.

Eu vou dar um outro exemplo muito prático: o Banco do Nordeste. O Banco do Nordeste, em 2002, só tinha emprestado R\$ 262 milhões e teve uma inadimplência de 37%. Eu fui agora lá: no ano passado, ele, que tinha emprestado apenas R\$ 262 milhões, emprestou R\$ 22 bilhões e a inadimplência caiu para 3,3%, em uma demonstração de que na hora em que você empresta para mais gente as pessoas pagam.

Eu vou dar um outro exemplo: nós emprestamos R\$ 1,3 bilhão para 1 milhão de pessoas, para pequeno produtor. E sabe o que aconteceu? A inadimplência é quase zero, porque pobre só tem como patrimônio a cara dele e o nome, e o pobre gosta de pagar.

Bem, aqui nós estamos falando de construção civil. A Caixa Econômica,



em 2002, a Caixa Econômica emprestou, para financiar casa, apenas R\$ 5 bilhões. No ano passado, ela emprestou R\$ 47 bilhões e este ano vai emprestar R\$ 55 bilhões.

Eu poderia, eu poderia, Odelmo, avocar você, e qualquer prefeito, de qualquer partido político, e eu tenho certeza que os prefeitos que governaram as suas cidades antes de eu chegar à Presidência da República comeram o pão que o diabo amassou. Eu tenho a certeza de que os prefeitos sofreram muito. O Zaire está aqui, o Zaire participava de uma Marcha de Prefeitos para ir para Brasília. Em vez de o Presidente recebê-los era a polícia e cão pastor alemão que recebiam os prefeitos. Ninguém gostava de receber prefeito. Por que não gostavam de receber prefeito? Porque o prefeito ia lá reivindicar. E para que eu vou atender prefeito, então?

O que eu fiz? Vou terminar o meu mandato, e eu participei, com exceção de 2006, eu participei de todas as Marchas dos Prefeitos feitas neste país. Eu e todo o meu governo. A gente ia lá, em 19 ou 20 ministros, ouvia os prefeitos, atendia parte daquilo que a gente podia atender, aquilo que não podia atender nós falávamos que não dava para atender, mas nós criamos uma relação civilizada. Eu nunca perguntei para o prefeito de qualquer cidade de que partido que ele era. Não me interessa saber, o que me interessa é saber que ele é o prefeito e é representante do povo porque foi eleito.

Então, este país, este país mudou, e mudou, e não vai parar de mudar. Vocês estão lembrados que, em 2003, eu disse no meu discurso de posse: “Eu, primeiro, vou fazer apenas o necessário. Depois, eu vou fazer o possível. E quando a gente menos imaginar, nós estaremos fazendo o impossível”. Vocês vejam que várias obras que foram inauguradas hoje, que várias obras em que foram dadas ordens de serviço, os prefeitos das cidades que falaram é que falaram: “Eu não acreditava que fosse possível acontecer essa obra”.

Vejam, aconteceu tanta coisa neste país que eu, com apenas oito anos de mandato, já sou o presidente da República que mais fez universidades no



Brasil e que mais fez escolas técnicas neste país. Então, é uma coisa, é uma coisa que me orgulha. Além da criação do ProUni, que já colocou 706 [mil] jovens na universidade, 706 mil jovens da periferia. Este ano, eu vou entregar os primeiros 540 diplomas de medicina para alunos pobres da periferia que chegaram à universidade neste país. Nós, em oito anos, Zaire, em oito anos, nós fizemos uma vez e meia [a quantidade] de escolas técnicas, de tudo o que foi feito no Brasil em 93 anos.

Portanto, eu acho que o Brasil se encontrou consigo mesmo. Hoje, nós gostamos mais de ser brasileiros, nós não nos achamos mais inferiores a ninguém, nós achamos que somos todos iguais, não tem essa de porque ser americano e europeu é melhor do que nós. Não tem ninguém melhor, pode ter igual. Nós gostamos de nós como nós somos, com os nossos defeitos, com as nossas virtudes, e podem ficar certos de que daqui a seis ou sete anos o Brasil será a quinta economia do mundo. Quando se pensar em produzir alimento para sustentar os pobres que estão comendo, chineses, indianos e africanos, não tem país do mundo que tem a quantidade de terra agricultável que tem o Brasil; não tem país do mundo que tenha o controle da tecnologia da agricultura tropical que tem o Brasil, através da Embrapa; não tem país do mundo que tenha a combinação de sol e chuva promovendo a fotossíntese que a agricultura precisa para sobreviver.

Portanto, é com muito orgulho, Prefeito, é com muito orgulho, Senador, é com muito orgulho, companheiros, que eu estou em Uberlândia, nesta cidade maravilhosa, nesta cidade extraordinária. Acho que eu não preciso dizer para vocês a importância do Sul de Minas, eu não preciso dizer para vocês a importância do Triângulo Mineiro, eu não sou obrigado a repetir para vocês o que essa região importa economicamente e culturalmente para o nosso país. Portanto, tudo o que nós estamos fazendo, tudo o que foi anunciado pelos ministros não é nenhum favor do governo federal a Uberlândia, é que Uberlândia merece, porque o povo daqui trabalha, paga imposto e nós temos



que devolver o imposto em forma de benefícios.

Quero, então, agradecer a vocês. Espero que todos vocês estejam muito otimistas com a possibilidade de o Brasil, amanhã, ganhar da Coreia – ganhar e ganhar bem, ganhar e ganhar bem – e que a gente possa estar, no dia 11 de julho, lá na África do Sul, para trazer mais um caneco para o nosso time.

Gente, eu não posso falar de campanha, eu não posso falar de candidato. Eu só quero dizer para vocês: um grande abraço, que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante assinatura de contratos do Programa Minha Casa, Minha Vida

Manaus-AM, 16 de junho de 2010

Eu vou falar daqui mesmo. Eu ouvi uma conversa de refinaria, não entendi o que foi esse negócio de refinaria.

_____ : Não, surgiu um boato aqui, Presidente.

_____ : Tem um documento aqui, Presidente, para entregar para o senhor (incompreensível)

Presidente: Mas de onde você ouviu isso?

_____ : (incompreensível)

Presidente: Não, mas deixa eu fazer uma pergunta, meu filho: de onde você ouviu um boato que você transforma em um documento?

_____ : Não, não só existem boatos. Existem informações privilegiadas...

Presidente: De quem?

_____ : (incompreensível)

Presidente: Mas deixa, deixa eu contar uma coisa, deixa eu contar uma coisa para vocês. Olhe, primeiro, preste atenção numa coisa, companheiro. A Petrobras, ela manterá todos os investimentos para a modernização das suas



refinarias, porque a Petrobras produz gasolina com teor de enxofre inadequado, produz óleo diesel com teor de enxofre inadequado, e nós estamos modernizando em todos os estados da Federação, para que a gente possa cumprir com as decisões do acordo inclusive, feito, do Ministério do Meio Ambiente com a indústria automobilística, de a gente se adequar às emissões de enxofre que sejam adequadas à sobrevivência humana. Portanto, não haverá nenhum corte de investimento nos investimentos da Petrobras.

Bem, eu vim falar do Minha Casa, Minha Vida.

Eu quero cumprimentar o nosso governador Omar Aziz,

O ex-governador Eduardo Braga,

O nosso companheiro, ministro interino das Relações Exteriores,
companheiro Patriota,

O Wagner Rossi, da Agricultura,

O Márcio Zimmermann, de Minas e Energia,

O Marcio Fortes, das Cidades,

Cumprimentar o companheiro Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República,

Cumprimentar o ex-ministro e companheiro, senador Alfredo Nascimento,

O companheiro senador Jefferson Praia,

A deputada Vanessa Grazziotin,

O companheiro Amazonino Mendes, prefeito de Manaus,

A nossa querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho,
presidente da Caixa Econômica Federal,

Cumprimentar... Você continua sendo presidente do Inpa ainda, ô Marilene? Já saiu?

Cumprimentar o ex-prefeito,

Cumprimentar o Ricardo Gontijo, que fez uso da palavra.



Vou ser muito breve aqui – porque no início eu tinha pedido que só falasse a Caixa Econômica Federal, nós já falamos em seis aqui – para dizer para vocês o seguinte. O Brasil está passando por um momento de provação: se nós somos capazes ou não de fazer as coisas que precisam ser feitas. Ontem ou antes de ontem, eu fui à região de Uberlândia, fui fazer um conjunto de inaugurações, um conjunto de ordens de serviço para a construção de novas estradas e recapeamento de novas estradas, e, Alfredo, o ministro Paulo Sérgio, que era o teu chefe de gabinete, estava na cidade de Passos, eu estava em Uberlândia, o [representante do] Dnit estava em Curvelo e o outro ministro estava em Guaxupé. Então, nós fomos inaugurar um conjunto de obras. Ontem eu fiquei sabendo de uma notícia, que a gente só fica sabendo de quando em quando. É que quando eu tomei posse, o ministro [Ministério] dos Transportes, como um todo, só tinha para investir, no ano de 2003, R\$ 1 bilhão para o Brasil inteiro, e somente antes de ontem, na região de Minas Gerais – envolvendo a região de Guaxupé, Curvelo, Uberlândia e Passos –, nós investimos três vezes o que nós investimos no Brasil inteiro sete anos atrás, ou seja, R\$ 2 bilhões e 700 milhões.

Esta moça que acabou de falar agora, ela deu um número para vocês, que somente até agora – portanto, mês 6 – nós já fizemos mais investimentos do que nós fizemos no ano inteiro de 2008, somente em seis meses. Mas prestem atenção: em 2003, a gente só tinha R\$ 5 bilhões para investir em habitação. Este ano... No ano passado investimos R\$ 47 bilhões, e ela, agora, está metida a querer investir R\$ 55 bilhões este ano.

Meu caro Ricardo, quando eu decidi construir o programa Minha Casa, Minha Vida, a primeira atitude minha foi pedir para a ministra Dilma Rousseff chamar um grupo de empresários e discutir a possibilidade de a gente lançar um grande programa habitacional. Para minha surpresa, para minha surpresa, os empresários disseram à Dilma que só tinham condições de fazer investimento, de fazer um programa de 200 mil casas. Então eu disse para a



Dilma: olhe, você diga aos empresários que 200 mil casas não é programa. É fazer o que a gente já faz hoje. Eu estou querendo saber se nós temos estrutura para mudar de patamar, para fazer um milhão de casas. Os empresários com quem ela conversou ficaram muito ressabiados com o desafio porque achavam que não tinham estrutura. Eu pedi, então, para a Dilma conversar com o ministro Guido Mantega, com a Caixa Econômica Federal, para saber se era possível a gente montar a estrutura. A verdade é que ninguém acreditava que fosse possível fazer. A última vez, antes de eu decidir, a Dilma me trouxe a informação de que era possível construir com o Ministério da Fazenda - não sei se com a estrutura da Caixa Econômica Federal - a construção de um programa de 500 mil casas por ano. Eu falei: Dilma, isso não é grande programa, eu quero um grande programa, Dilma. Eu quero um milhão de casas próprias, para a gente provar que é possível fazer.

Bem, vai que vai, meu caro, vai que vai, vai que vai, vai que vai, vai que vai, vai que vai, nós descobrimos que a dificuldade de fazer casas no país era que nós estávamos habituados a fazer a mesmice desde o BNH, em 1966. E não se inovava, não se criava nada, então era melhor ficar todo mundo fazendo o que fazia sempre. Para que criar dor de cabeça? E nós descobrimos uma quantidade de coisas absurdas que tinha para o financiamento de casa própria, que não era culpa de ninguém, individualmente, que era culpa da estrutura, era culpa da estrutura que estava montada no país. Ou seja, nós chegávamos ao absurdo de cobrar, de seguro de vida de uma casa, mais do que a prestação da casa.

Então, nós tomamos a decisão de fazer uma limpeza, foram quase dois meses de reunião, Maria Fernanda, dois meses de reunião discutindo artigo por artigo, desmontando as coisas, até que nós construímos o projeto de um milhão de casas. Esse projeto de um milhão de casas tem, certamente, um forte subsídio do governo brasileiro, tem um forte subsídio do Tesouro Nacional. Se não tivesse o subsídio, a gente não conseguiria fazer essa



quantidade de casas.

Pois bem, mas mesmo com tudo isso, nós mapeamos o Brasil, proporcionalmente para cada estado, e decidimos uma quantidade de casas para cada estado. Então, o Amazonas tem uma quantidade de casas, me parece que o projeto total era de nove mil e poucas casas, quase 10 mil casas, das quais um tanto seria de zero a três salários mínimos, outro tanto seria de três a seis, outro tanto seria de seis a dez salários mínimos. Porque nós queríamos privilegiar a parte a sociedade que mais tinha dificuldade de ter acesso à casa, que eram os companheiros de zero a três salários mínimos.

Pois bem, nós fizemos isso, começamos a trabalhar, começamos a trabalhar, todo mês a gente tinha uma reunião de avaliação, em que eu aproveitava para desabafar as minhas angústias com meus companheiros. E foi indo, a gente percebeu que na Caixa tinha muita gente que não estava habituada e, portanto, não preparada para fazer isso. Nós tínhamos que contratar muitos engenheiros, tivemos que contratar muita gente. Teve algumas pessoas da Caixa, que a primeira coisa que fizeram foi entrar em greve quando a gente começou o Programa, foi entrar em greve, numa forma irresponsável, irresponsável. Entrar em greve num momento em que, depois de 20 anos sem a Caixa criar nada novo, na hora em que a Caixa apresenta um programa para ajudar a parte mais pobre da população, determinadas pessoas acharam que era a hora de fazer greve e obter as coisas que precisavam obter ou que tinham direito de obter. Eu achei uma irresponsabilidade.

É como muitas usinas de brita. Nós tínhamos muitas usinas que estavam quebrando, neste país, porque não tinham para quem vender brita. Aí a gente começa a fazer obra, eles dobraram o preço da brita neste país, dobraram o preço da brita neste país, de forma irresponsável. Tem algumas pessoas, no Brasil, que acham que o Estado brasileiro deve existir e funcionar só para as pessoas que trabalham para o Estado, e o povo que se dane. E não é assim.



Foi um trabalho imenso, e eu dizia para a Maria Fernanda: mande descontar os dias. Você quer ver um cara aprender a fazer greve é ele perder os dias. Eu fiz greve na minha vida, e fiz as maiores. Eu fazia assembleia com 100 mil trabalhadores, e eu nunca aceitei que um trabalhador pedisse para eu reivindicar dias parados. Greve era guerra, não eram férias. Se o cara faz greve e recebe os dias parados, recebe o domingo e ainda vai reivindicar hora extra, que diabo de greve é essa? Então eu dizia para os trabalhadores, Maria Fernanda, eu dizia para 100 mil pessoas: se quer fazer greve, eu vou perguntar. Você pode levantar a mão ou não levantar a mão. Agora, se você levantar a mão, não espere que eu vá fazer piquete na porta de fábrica e não espere que eu vá pedir para o patrão os dias parados. Se você quiser que eu vá fazer piquete ou quiser ganhar os dias parados, pode ir trabalhar já, não precisa entrar em greve.

Foi com essa responsabilidade que eu me transformei num importante dirigente sindical neste país, porque eu tinha coragem de começar uma greve e tinha muito mais coragem de terminá-la. Nunca tive medo de ir para uma assembleia falar: a greve acabou e acabou porque o sindicato quer que acabe, porque essa greve está nos levando ao desgaste. Agora, está cheio de gente que decreta greve e não tem coragem de ir para a assembleia mandar parar a greve. Então, aí não é liderança, me desculpem. Líder é líder nos bons e nos maus momentos. É assim que a gente constrói uma liderança.

Pois bem, nós tivemos muita dificuldade, muita dificuldade, muita dificuldade, as casas não saíam, contratava, e xingava o Hereda. O Hereda ia... ficava lá de cara feia, e de vez em quando vinha a Maria Fernanda. A gente nunca vai brigar com uma mulher como a gente briga com um homem barbudo. O dado concreto é que levou tempo, levou tempo para a coisa engrenar.

Pense numa coisa demorada para analisar projeto, é a Caixa Econômica Federal. Pense! Agora, pense por que... Agora, pense por que eles demoram, pense por que eles demoram. Eles demoram porque nós que fazemos as leis,



porque nós que fazemos as leis, nós criamos uma série de obstáculos. Se um companheiro da Caixa libera um projeto e, sobre aquele projeto, um deputado faz uma acusação ou o Ministério Público, o companheiro da Caixa tem seus bens colocados em disponibilidade e ainda tem que encontrar advogado e pagar do seu bolso para poder se defender. Então, as pessoas preferem não liberar. É justo, porque nós é que criamos as condições para que, sobre um funcionário que libere, recaia muita, muita suspeita. Basta que um picareta acuse de corrupção, para um funcionário se lascar. E somos nós que cuidamos disso, Vanessa, somos nós. Quando a gente está no Congresso Nacional, a gente acha que pode tudo do ponto de vista de fiscalização, e vai criando...

Eu lembro que uma vez eu vetei uma lei, eu vetei uma lei, Eduardo, que foi aprovada, que dizia o seguinte: o funcionário que liberar um projeto e esse projeto cair sob suspeição, esse funcionário será – como é que se fala? – exonerado, terá seus bens disponibilizados e vai responder a processo. Essa é a chave para o cidadão sentar em cima e falar: “Esse Lula só tem quatro anos de mandato. Por que é que eu vou fazer as coisas que ele pede? Eu não vou fazer, deixa ele se lascar. Quando ele sair, vem outro...” Porque é assim. Vocês imaginem, o governo é a locomotiva; a máquina pública é a máquina, a máquina. O funcionalismo público está lá, a máquina, a estação do trem, parada, e o trenzinho vem – “pipipi” –, vem o Lula, vem o Fernando Henrique Cardoso, vem o Collor, vem o Itamar, vem o Sarney, vem o Getúlio, vem o Brizola, todos nós ficamos só quatro anos, e máquina está lá, “impávido colosso”. A gente buzina, faz fumaça, grita daqui, entra passageiro, sai passageiro, a máquina está lá. Então, ele fala: “Eles são passageiros, por que é que nós vamos perder a cara?”

Ô gente, eu vou contar uma coisa para vocês, eu vou contar uma coisa. Hoje... eu vou contar isso para entrar no assunto que eu queria falar aqui. Hoje, vocês sabem que mudou o negócio de greve, mudou. Agora, você não precisa mais fazer greve. No meu tempo, a gente fazia passeata de milhares de



peessoas; o governo podia ter medo. Hoje, não. Hoje as pessoas contratam, primeiro, um cara para colocar faixa. Aí vai um cara na frente, enche de faixas. Aí, contratam um cara com uma corneta, para ficar como esses... vuvuzela, aí, da África do Sul “fon-fon-fon”, o dia inteiro, e contratam um outro para soltar rojão de três em três horas. Parece aquela meninada que está avisando “ó, vem a polícia aí”, para o narcotráfico correr nas favelas. Então, virou uma coisa meio maluca.

Então, companheiros, nós estamos diante de uma, diante de uma coisa, eu diria, quase revolucionária, que é testar a nossa capacidade de fazer as coisas bem feitas neste país. Quando nós separamos as casas por faixa salarial, nós estamos descobrindo o que, hoje? Que todo mundo quer fazer casa de zero a três [salários mínimos], todo mundo quer fazer. Não, é porque é maioria, aqui também é maioria, aqui também é maioria de zero a três [salários mínimos], em Pernambuco é de zero a três [salários mínimos], em São Paulo é de zero a três [salários mínimos], na maioria. Acontece que, acontece que nós temos um milhão de casas para fazer. Então, o que nós agora vamos ter que tomar decisão, companheiro Marcio e companheira Maria Fernanda? Nós estamos, já, com quase 500 mil já resolvidas, já contratadas e já em execução. Nós temos mais 900 mil projetos na Caixa sendo analisados e nós temos, já, o fim das casas de zero a três [salários mínimos]. Nós agora temos que ir para outra. Já tem gente querendo fazer contrato com o governo para pegar o PAC 2. Tem gente que fala: “A gente não pode fazer de três a dez [salários mínimos], vamos então dar um pulinho, a gente sai do PAC 1 e vai para o PAC 2, a gente já pega de zero a três [salários mínimos] do PAC 2.” Não, não é possível fazer assim.

Então, nós vamos ter que discutir, companheiro Marcio, companheira Maria Fernanda, vamos ter que premiar os estados que melhor elaboraram projetos e que apresentaram as melhores propostas. Porque, senão, você não pode ficar com casa pronta para ser feita, tem um estado que está demorando,



tem outro que está rápido, você prejudicar quem está rápido para aguardar quem está esperando? Não! Nós vamos ter, nós vamos ter que premiar os que tiveram mais competência, mais agilidade, e que fizeram mais rápido. Então, nós vamos logo, logo, ter uma discussão para a gente fazer... “desentrusar” logo esse um milhão do PAC 1 para a gente só entrar no PAC 2 quando a gente tiver zerado o PAC 1. Eu fico muito feliz que a gente tenha, em apenas um ano, resolvido o problema de um milhão de casas. Não feitas ainda.

Eu queria dizer à companheira Maria Fernanda, ao Marcio, aos governadores, aos prefeitos, que é preciso tomar cuidado com a qualidade das casas. Olhe, olhe, eu estou dizendo isso porque, eu estou dizendo isso porque o que eu estou falando aqui eu falo nos meus discursos. Eu fui lá inaugurar casas no Rio de Janeiro. E se é um prediozinho, pelo amor de Deus, nós temos que ter uma varandinha de, pelo menos, 1m². Eu não sei o quanto vai encarecer, mas gente, o cara já mora em um apartamento de 40m². Se a mulher resolve dar umas bordoadas nele, ele não tem uma válvula de escape, meu filho! Ele tem que ter um lugarzinho. Se ele... Bem... além de outras coisas! Tem dia em que as pessoas não estão bem, e as pessoas precisam de uma varandinha. Um metro, um metro, não precisa de dois metros, não precisa de uma sacada para colocar um daqueles negócios compridos de tomar banho de sol. Não! É a valvulazinha de escape, tanto para a mulher como para o homem, para o cara sentar. O cara fuma, o cara fuma, a mulher não gosta que ele fume, ele tem lá... Ele não precisa sair para a rua, ele vai lá na sacadinha dele e dá a baforada dele. Você que fuma muito, Amazonino, você tem que ter a sacadinha. Então, essa é uma coisa que eu tenho pedido ao Marcio, pedido à Maria Fernanda para levar em conta.

Outra coisa é o seguinte. Quando a gente constrói um conjunto habitacional de três mil casas ou duas mil casas, na verdade nós estamos fazendo, de uma só vez, uma cidade. Nós estamos fazendo uma cidade, porque duas mil casas significa você ter – quatro por casa –, significa você ter



oito, nove, dez mil pessoas. Então, significa que junto àquele conjunto tem que ter escolas suficientes para as crianças, tem que ter arborização para as crianças, tem que ter saneamento básico para a sociedade, tem que ter escola... posto de saúde para as pessoas, tem que ter área de lazer para as pessoas. É preciso... Eu falei escola, meu amor, falei. Eu falei... Hein? (incompreensível). Tem que ter alguma coisa, porque se a gente não cuidar disso, sabe o que a gente pode criar? A gente pode criar uma favela de tijolos. Vocês imaginem, eu fui a uma casa... Onde foi que nós fomos? Lá... Governador Valadares. Eu fiquei arretado. Pense! Fizeram um monte de casinhas, aquelas casinhas não tinham muro. Então, eu fiquei pensando: imaginem duas vizinhas aqui, os cachorrinhos se pegando lá embaixo, as duas grudadas no cabelo, uma brigando por causa do cachorro da outra... por causa de um murinho de meio metro de altura, um muro para separar, para alguém querer criar uma galinha, criar alguma coisa. Até para garantir a cidadania. Pode ser um murinho com uma lajota só de pé, assim, mas tem que ter.

Outra coisa: eu cheguei em uma casa, a casa não tinha acabamento por dentro. Assim, a casa é feita, é entregue, o cimento meio rústico... Não são todas assim, tem casas de qualidade. É um programa que tinha, que acho que nem tem mais, tem? Não tem forro, não tem piso, o piso é meio rústico. “Ah, para o cidadão acabar”. É só quem não sabe como mora pobre, para imaginar que ele vai entrar dentro de casa para depois acabar a casa. Não tem onde entulhar as coisas. Você quer ver como pobre guarda sujeira é [fazer] mudança. Cada vez que eu ia mudar de uma casa, era um tanto de coisa que a gente tinha, que eu não sabia onde, “peste”, estava aquilo, mas aparecia no caminhão de mudança.

Então, eu acho que nós temos que reparar um pouco, ter um cuidado, fazer... Ô meu Deus do céu, eu fui a uma casa esses dias... a Maria Fernanda brinca comigo, mas eu estava em uma casa em Recife, esses dias, e a janelinha era pequena. Eu fiquei logo pensando, o cidadão morando na casa



com a mulher dele, namorados, Dia dos Namorados, lua cheia, o cara querendo botar a mão no ombro da mulher e ficar olhando a lua. Não cabiam os dois, gente! Na janela só cabia um! Eu falei: pelo amor de Deus, façam uma janela um pouquinho maior, um pouquinho maior. Não custa nada, gente! Não é porque é pobre que a gente tem que tratar... Você vai à casa de rico, você vai à casa de rico, tem porta que quando abre parece um campo de futebol. E por que é que o pobre tem que ter só uma pequenininha assim?

Então, eu tenho ponderado ao Marcio, à Maria Fernanda para conversarem com os empresários para a gente melhorar um pouco a qualidade, gente! Melhorar, para dar tempo de as pessoas... Gente, eu morei em casa de 33 metros quadrados. Eu, quando casei, em... quando eu fui morar com a Marisa, a minha casa, ela tinha 33 metros quadrados. Eu sei que desgraça que era, quanta joelhada eu dei na cabeceira da cama para passar para o meu lado, para dormir, eu sei. A cozinha, se eu abrisse a porta da geladeira, eu não podia acender o fogão. Eu morei muito tempo assim, muito tempo. Então, eu sei como é que é a vida destas pessoas aqui. É preciso a gente cuidar, cuidar... Ninguém quer nada de luxo. O Marcio estava em uma reunião, uma vez, eu fui discutir a gente baratear material de construção civil, Maria Fernanda. Baratear, vender no depósito mais barato, vender tudo o que for possível mais barato. Aí uma pessoa falou assim para mim. Eu falei: azulejo e cerâmica, está barateando? “Ah, não, Presidente, porque azulejo e cerâmica é coisa de rico”. Ô gente, eles não sabem que se pobre pudesse, colocava azulejo até na cabeça, de tão bom que é ter azulejo. Quem é que não quer ter azulejo até o teto? O chuveiro com azulejo... Todo mundo quer.

Então, eu só queria ponderar que a gente fosse melhorando... Esse um milhão de casas, mais dois milhões de casas é um processo de a gente ir aperfeiçoando, com a participação dos movimentos sociais, que tiveram... É importante lembrar, Marcio, que esses movimentos tiveram muita importância na construção do projeto. E as casas que têm sido construídas por mutirão, viu,



Ricardo, seria importante que você visse algumas casas construídas por mutirão, feitas por eles, têm sido casas de qualidade, tem sido feito casas de qualidade.

Então, eu acho que a gente pode fazer, a gente pode fazer melhor. Ninguém está querendo nada de mais. Nós estamos querendo apenas fazer o essencial para uma pessoa entrar dentro e falar: “Agora, sim, eu sou cidadão brasileiro, sou tratado e respeitado como todo mundo”. Dinheiro tem, o governo está gastando... Gastando, não. Estamos fazendo muito investimento, não é pouca coisa. Não é pouca coisa o que nós estamos fazendo, e vocês sabem que a gente não mede sacrifícios.

O programa Luz para Todos já gastou R\$ 12 bilhões. Eu duvido que qualquer governo, daqueles formados não sei onde, tivesse a pachorra de colocar R\$ 12 bilhões para levar luz para a casa de pobre que não pode pagar energia. Duvido. E aqui para o estado do Amazonas está vindo uma fábrica, está vindo uma fábrica para construir postes de lã de vidro, é mole? Um poste que pesa 130 quilos contra 390 de um poste de madeira e uma tonelada de um poste de cimento. O programa Luz para Todos, só para vocês terem ideia, já utilizou 1 milhão e 100 mil quilômetros de fios, dá para enrolar a Terra sete vezes. Eu, agora, quando sair da Presidência, já que eu não tenho mais o que fazer, vou enrolar a Terra com os fios que a gente fez. Cinco milhões e oitocentos e sessenta mil postes, 786 mil transformadores, e a energia vai de graça para os pobres deste país. Tem gente que fala: “Mas, Lula, levar energia, tem sete quilômetros de uma casa para outra? Você já viu quantos postes vão, quantos fios vão? Ora, eu não tenho opção. Esse cidadão é brasileiro, ele tem o direito de ser tratado tão bem quanto aquele que mora longe. Ou eu levo luz para ele ou eu convenço ele a vir morar na cidade e dou uma casa para ele. Como eu acho importante que ele fique morando lá porque está ajudando a tomar conta da Amazônia, está vivendo na sua origem, na sua terra natal, eu quero ajudá-lo.



Então, companheiros e companheiras, eu vou dizer para vocês uma coisa: nós chegamos, nós chegamos a um nível que nós não temos o direito de jogar fora. O acúmulo que nós construímos nesses últimos anos foi uma coisa muito importante e não foi mérito do Presidente da República, não. Isso aqui foi uma construção que nós fizemos juntos, porque foram 68 conferências nacionais, 68 conferências nacionais... Eu fiz conferência de qualquer coisa que você possa imaginar, Amazonino. Mas, antes de chegarem os delegados lá em Brasília, eles faziam conferências municipais, conferências estaduais e faziam a conferência nacional. O povo da cidade sabe, o povo da cidade sabe que grande parte das políticas que nós colocamos em prática são eles que constroem, são eles que constroem, e nós agradecemos a isso.

Por isso, eu acho que o estado do Amazonas tem que se preparar, porque se ele foi ágil e preparou mais casas, nós podemos discutir mais casas ainda para o estado do Amazonas, porque eu tenho, eu tenho fé em Deus, eu tenho fé em Deus que nos próximos anos a gente pode, um dia, anunciar que acabou o déficit habitacional neste país. Tenho fé em Deus! E tenho fé em Deus também que a gente possa ter casa... Diferentemente do que a gente tinha 30 anos atrás, a gente ter casa, a gente ter água encanada, a gente ter coleta de esgoto e a gente ter tratamento de esgoto, para que não seja jogado *in natura* no rio Amazonas, no rio Negro ou no Oceano Atlântico. Essa é uma coisa que nós vamos ter que mudar.

Portanto, companheiros e companheiras, eu, mais uma vez, quero parabenizar a atitude da Caixa Econômica Federal, porque a Caixa evoluiu de forma extraordinária, evoluiu, e eu penso que vai evoluir muito mais, porque todos nós estamos aprendendo, e quanto mais os governadores e os prefeitos forem exigentes, mais nós temos condições de acertar.

Por último, companheiros, prefeitos, governadores, (incompreensível), nós estamos começando uma luta muito séria contra o crack no Brasil. Vocês sabem que o crack é uma droga, eu diria, quase mortal porque, diferentemente



das outras drogas, ele causa um efeito muito maior e o efeito da droga é de apenas cinco a 15 minutos. Portanto, a pessoa tem que fumar o cachimbo várias vezes. E nós ainda não temos especialização, no mundo, para cuidar do crack, não temos no mundo. Nós estamos começando um programa em que a gente vai ter que envolver governadores de estados, prefeitos, movimento sindical, movimento social, igreja católica, igreja evangélica, Congresso Nacional, assembleia legislativa, ou seja, todo mundo e a sociedade organizada, para ver se a gente consegue derrotar essa praga. Ela é muito grave porque como é muito barata, ela chega aos pobres com muito mais eficácia, e ela é resultado do combate à cocaína. Na medida em que diminui a venda de acetona e de éter e, portanto, você não pode fazer a “coca” refinada, as pessoas estão vendendo a pasta, a pasta, eu diria, bruta, e é a pasta bruta que é a desgraça. Só para vocês terem ideia, no Rio de Janeiro o crime organizado não deixava o crack entrar nas favelas porque competia com eles. Pois o crack já entrou também nas favelas do Rio de Janeiro. Não é mais uma droga da capital, é uma droga que está chegando às cidades do interior. Então, é um inimigo que não tem partido, não tem religião e não tem time de futebol. Todos nós, juntos, temos que dar as mãos para a gente derrotar essa praga que pode trazer um prejuízo enorme ao futuro da sociedade brasileira.

Um abraço, companheiros, e até a próxima vez, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de atos em conjunto com o presidente do Peru,
Alan García**

Manaus-AM, 16 de junho de 2010

Meu caro amigo e companheiro Alan García, presidente do Peru,
Meu caro Omar Aziz, governador do estado do Amazonas,
Meu caro embaixador José Antonio García Belaunde, ministro das
Relações Exteriores do Peru, por meio de quem cumprimento os demais
membros da delegação peruana,

Embaixador Antônio Patriota, ministro interino das Relações Exteriores,
por meio de quem cumprimento os demais membros da delegação brasileira,

Senhores parlamentares,

Prefeito Amazonino Mendes, de Manaus,

Senhores empresários,

Senador Alfredo Nascimento, aqui presente,

Senhoras e senhores,

Companheiros da imprensa,

Eu penso que como nós deixamos a imprensa participar daquela reunião
com os ministros, nós vamos precisar falar menos, e vai ter duas perguntas,
me parece, de cada lado, dos jornalistas.

Mas eu queria dizer ao meu querido companheiro Alan García da alegria
de mais uma vez estar recebendo ele como chefe de Estado do Peru, aqui no
meu país, e dizer ao Alan García que eu sou um latino-americano ou um sul-
americanista juramentado. Eu, sinceramente, não posso compreender como é
que tanta gente que governou os nossos países, ao longo de tantos séculos,
permitiu que nós ficássemos tão distantes e permitiu que as nossas relações



privilegiadas fossem com o Norte e não com o Sul. Uma parte do nosso continente dependia da Coroa espanhola e outra parte dependia da Coroa portuguesa. Mas, mesmo já fazendo mais de 200 anos que todos conquistaram a independência, ainda assim nós ficamos dependentes do lado mais rico do planeta e não ousamos construir, entre nós mesmos, uma política que pudesse alicerçar o crescimento da América do Sul, da América Latina e o desenvolvimento de cada um dos nossos países.

Houve um certo tempo na América Latina em que era muito fácil: você não precisaria fazer muita coisa, porque era só você ficar fazendo crítica ao império, seja o império americano ou seja aos países ricos da Europa; que você justificava a ineficácia da sua economia; que você justificava a pobreza; que você justificava uma série de coisas. Poucas vezes nós paramos para discutir os problemas criados por nós mesmos, pelas nossas elites dirigentes, pela corrupção praticada no nosso continente, pela subserviência política e intelectual nossa aos chamados países desenvolvidos, e isso significou um atraso enorme para o desenvolvimento da América do Sul.

Eu penso que nós vivemos hoje um novo momento. É certo que você não vai conseguir mudar 500 anos de história em 10 anos, 15 anos ou 20 anos. Tem um período de construção, de maturação, de elaboração de novas doutrinas para que a gente possa construir as nações sul-americanas com uma cabeça sul-americana, pensando no desenvolvimento do nosso continente.

Eu, Alan, estou fazendo uma experiência muito rica. Nós vamos inaugurar a Unila, que é uma universidade latino-americana, onde os professores serão latino-americanos, o currículo será latino-americano e os alunos serão latino-americanos, ou seja, serão estudantes, professores e o currículo dos países da América Latina. A nossa ideia é que a gente tenha pelo menos 10 mil alunos e que haja uma mistura da América Latina, para que a gente aprenda a nossa história, para que a gente possa, a partir daí, criar uma parte de latino-americanos com conhecimento mais profundo dos nossos



problemas e das nossas soluções.

Não queremos fazer isso para ser contra quem quer que seja. Eu aprendi a fazer política, na minha vida, não sendo contra; eu aprendi a fazer política, na minha vida... Eu acho que sou, dos políticos brasileiros, o que menos criticou os outros pelas mazelas do Brasil. As mazelas do Brasil dependem, em parte, da elite política que governou este país e que permitiu que elas acontecessem, que aceitou a influência indevida, que aceitou que as coisas não fossem corretamente feitas durante séculos neste país. Portanto, eu não quero jogar a culpa nunca em cima de ninguém, eu prefiro olhar os meus defeitos e, a partir daí, construir as coisas novas que nós precisamos construir.

Eu estou muito feliz com a sua visita ao Brasil, porque eu conheço o Alan García há muito tempo. Em 1989, quando eu fui derrotado na eleição brasileira, o único telefonema que recebi foi do companheiro Alan García, depois do resultado, e ele tinha me recebido enquanto candidato, em Lima, no Palácio do Governo.

Eu acho que, depois de tanto tempo, somente hoje é que eu ouvi falar, pela primeira vez, que o Brasil passou oito anos sem comprar couve-flor do Peru, porque nós temos um problema de alguém, no Brasil, que não queria que a gente comprasse. Somente hoje eu fiquei sabendo que tem exigência fitossanitária para comprar cimento. Como eu não conheço ninguém que coma cimento, a não ser que o cidadão queira se suicidar, eu, sinceramente, estou levando isso na minha cabeça. Você vai ouvir muito falar nesse negócio do fitossanitário, porque eu quero descobrir quem é o cidadão insano que resolveu pedir investigação sanitária para comprar um saco de cimento. Nós temos que descobrir na Receita Federal, na Polícia Federal, no Ministério da Agricultura, nos produtores de cimento quem é o insano que pediu que houvesse uma exigência sanitária, fitossanitária, para vender cimento para o Brasil.

A pessoa que fez isso, Alan, é tão de má-fé que não sabe quantos governadores da região Norte do país, sobretudo eu poderia te dar um estado,



que é o Acre. Aquele povo sofre para comprar brita, para comprar cimento, para comprar tijolo – quando o rio está cheio, consegue chegar, quando não está cheio, não chega –, é tudo três, quatro vezes mais caro do que em qualquer parte do país, e alguém se acha no direito de dizer: “Olha, vamos pedir um exame fitossanitário no saco de cimento que vem do Peru”. Quer dizer, sinceramente, é uma coisa que demonstra como nós ainda temos que melhorar para podermos ser tratados como países altamente civilizados, altamente modernos.

Eu poderia pegar um outro exemplo: certamente um companheiro de alguma região do estado do Amazonas, de Rondônia ou do Acre deve comprar um quilo de cebola a US\$ 3, US\$ 4 ou US\$ 5, que venha de São Paulo, quando ele poderia comprar a US\$ 1, que está lá, vizinho dele, ou seja, uma cebola não pode andar 5 mil quilômetros de avião, é muito luxo carregar cebola de avião, quando ela pode vir num carrinho de mão, pode vir de bicicleta, pode vir montada num cavalo, e custar mais barato. Essas coisas é que vocês, companheiros ministros, estão desafiados a fazer a revolução. A revolução é essa. Não adianta ficar lendo grandes teorias desenvolvimentistas, grandes teorias marxistas para fazer uma revolução. É essa a revolução que nós precisamos fazer: fazer apenas aquilo que nós conhecemos, o óbvio. Eu digo todo dia: se cada governante do mundo, se cada burocrata do mundo fizesse apenas o óbvio, nós não teríamos problema na humanidade. O problema é que tem sempre um manual e o manual está sempre feito para criar um obstáculo em vez de facilitar as coisas.

Eu penso que essa quantidade de acordos que nós assinamos aqui vai permitir que a gente avance um pouco mais. Certamente todo mundo sabe da crise energética que passa o mundo, todo mundo sabe da questão do clima, todo mundo sabe que as grandes potências ainda estão quase que tentando responsabilizar os países como nós que temos reservas, e muitas reservas florestais, a sermos quase que os únicos a pagar pelo controle da questão do



clima.

Eu fui a Copenhague, Alan, e países que têm industrialização há 200 anos querem ter a mesma responsabilidade que um país que começou a se industrializar na semana passada, ou seja, como se eles não tivessem responsabilidade pelo gás de efeito estufa que eles já jogaram no planeta há 200 anos ou há 300 anos.

Nós, aqui na América do Sul, temos a vantagem de termos a possibilidade de produzir a energia mais limpa do mundo em grandes quantidades. É só juntar o poder e o potencial de gás que nós temos, é só juntar o poder hídrico que nós temos de construir energia, é só discutirmos a possibilidade de construir a energia eólica, é só ver o potencial de construir energia através de biomassa, ou seja, nós temos um potencial de produzir energia limpa que nenhum continente do mundo tem, nenhuma parte do mundo tem.

Acho que esses acordos que foram assinados aqui, entre Brasil e Peru, propõem uma possibilidade excepcional de a gente começar a não ter medo de nós, a construirmos as coisas conjuntamente. Por exemplo, tem 7.200 megawatts que podem ser construídos em parceria do Brasil e Peru, sempre tendo em conta que a energia, prioritariamente, é para atender ao povo peruano porque, se não for assim, nós nem começaremos a construir essas hidrelétricas. Entretanto, nós temos regimes de chuvas diferenciados e, se houver uma interligação do nosso sistema, nós poderemos nos atender, beneficiando o povo peruano e beneficiando o povo brasileiro.

De forma que eu estou, Alan, feliz. Quero agradecer a presença dos empresários, que estão desde ontem trabalhando aí, foram dois dias de trabalho, quero agradecer aos empresários peruanos, aos empresários brasileiros, e quero dizer para vocês o seguinte: nós mudamos, a cada quatro anos ou cinco anos, aqui no Brasil ainda pode demorar oito anos, mas vocês não mudam, vocês são empresários, vocês são técnicos que vão a vida inteira



ser empresários e técnicos e que, portanto, a vocês cabe a responsabilidade de impulsionar aquilo que é demonstrado na vontade política do presidente Alan García e na minha. Nós assinamos os documentos, mas se vocês não andarem, a gente tem pouca chance de obter sucesso.

Então, querido amigo Alan García, obrigado, mais uma vez, por ter vindo ao Brasil; obrigado, mais uma vez, por acreditar que juntos nós poderemos construir uma aliança muito forte e que juntos nós poderemos construir uma América do Sul e uma América Latina muito mais consolidadas.

Obrigado.

(\$211A)



Primeira intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante discurso do presidente do Peru, Alan García

Manaus-AM, 16 de junho de 2010

Bem, o meu compromisso com o presidente Alan García é que nós iremos inaugurar a Transoceânica, desde que a gente possa andar umas duas ou três horas de carro até chegar... para ver a qualidade da estrada, viu, ô Marcelo. Você, você tome cuidado que nós vamos fiscalizar a estrada.

Presidente Alan García: (em espanhol)

Presidente Lula: A segunda coisa, para os empresários peruanos e para os empresários brasileiros, para os ministros do Peru e para os ministros brasileiros e, sobretudo, para a imprensa brasileira: não tem ninguém aqui nesta mesa que possa ser testemunha viva da evolução das relações Brasil-Peru como o presidente Alan García. E por que ele é a testemunha mais importante disso? Porque o Alan García foi presidente do Peru entre 1985 e 1990 ou [19]89, e o Alan García sabe que na primeira Presidência dele... eu não sei se ele veio alguma vez ao Brasil ou algum presidente brasileiro foi ao Peru, porque não havia o hábito de nós, sul-americanos, nos visitarmos, não havia o hábito. O nosso comércio era muito pequeno, a nossa relação era, de um lado, com o império europeu, de outro lado, com o império americano. Nós não tínhamos uma tradição de comércio entre nós. Eu penso que nesses 25 anos, 30 anos que se passaram, a evolução foi muito grande, sobretudo nos últimos 12 anos ou dez anos, na América do Sul. O que nós conseguimos fazer nesses últimos dez anos em nível de crescimento de comércio bilateral entre nossos países foi uma coisa extraordinária, e poderíamos fazer muito mais... se nós nos livrarmos dos preconceitos, se nós facilitarmos as dificuldades



burocráticas, nós poderemos crescer muito mais.

Eu vou dar um exemplo aos companheiros peruanos e brasileiros, e para a imprensa. Nós temos cidades peruanas vizinhas à cidades brasileiras. Entretanto, às vezes, para exportar uma coisa que o Peru poderia vender para um estado brasileiro, às vezes essas coisas têm que ir até São Paulo para voltar para o estado do Acre, para voltar para Rondônia ou aqui para o Amazonas. Às vezes, a gente tem que trazer de São Paulo, a 4.500 quilômetros, uma coisa que poderia ser comprada ali, de um produtor vizinho, para que a gente mantenha uma balança comercial equilibrada.

O presidente Alan García deve saber que eu tenho pautado os meus discursos de comércio internacional pela manutenção do equilíbrio entre a balança comercial dos dois países. Não importa que o Brasil... e não é importante que o Brasil tenha um grande superávit com o Peru. O ideal é que a gente tenha um comércio equilibrado que, em um ano, um possa ter déficit, no outro ano, o outro tenha um déficit, para que haja um incremento do crescimento econômico dos dois países. Portanto, o Brasil precisa facilitar as importações que a gente tem que fazer do Peru. Por exemplo, o Peru produz... Eu fiquei sabendo que nós levamos oito anos para poder fazer um acordo para importar couve-flor do Peru. Não é possível que demore tanto tempo! Eu sou uma pessoa que come sardinha quatro vezes por dia e por ano, ou melhor, por mês... toda semana, pelo menos quatro dias, eu como sardinha porque eu adoro sardinha, e eu estou sabendo que vocês são grandes produtores, que jogam até fora, quando o Presidente do Brasil poderia estar comprando sardinha do Peru para comer. E o Alan García assumiu o compromisso de me mandar uma caixa de sardinhas, de presente, para eu comê-las.

Poderia falar da cebola, poderia falar da cebola. O Acre é vizinho de algumas cidades peruanas e poderia comprar cebola ali, do lado. Não, nós temos que comprar a 6 mil quilômetros de distância, uma coisa que não tem, não tem, não tem sentido para a política de integração, não tem sentido para o



equilíbrio comercial e não tem sentido para o preço. Obviamente que uma cebola que vem de 5 mil quilômetros de distância fica muito mais cara do que uma cebola que está ali, a 50 quilômetros de distância. Então, somente a falta de bom senso é que dificulta as coisas. Possivelmente as nossas aduanas precisem ser melhor formadas, é preciso que a gente mexa em muita coisa.

Mas, de qualquer forma, a questão energética... Meu caro Alan García, numa primeira reunião que eu tive, algum tempo atrás, com os países da América do Sul, discutindo a integração energética, a gente chegava à conclusão de que a América do Sul tem um potencial hídrico a ser explorado, de 264 mil megawatts. Não é pouca coisa se você imaginar que isso que nós temos para explorar é mais de duas vezes e meia... mais de uma vez e meia aquilo que o Brasil utiliza de energia hoje. E nós não exploramos isso. Nós somos um continente – o Brasil tem fronteira com dez dos doze países – em que a gente poderia produzir as hidrelétricas, ter linhas de transmissão – os períodos de chuva são diferentes – e a gente poderia se apresentar ao mundo como a parte do mundo com mais segurança energética de todo o planeta Terra, se a gente utilizar o potencial que nós temos.

Eu acho extremamente importante que no acordo que nós fizemos aqui, no protocolo, a gente dar ênfase à questão energética, à necessidade de o Brasil ajudar a financiar, ajudar a construir e ajudar a usar a energia que pode ser produzida no Peru, à exploração do potencial de gás do Peru. O Peru tem muitos fertilizantes que o Brasil pode utilizar, sobretudo, me parece que muito potássio, coisa que o Brasil tem pouco. Nós queremos que as empresas brasileiras ajudem as empresas peruanas a produzir e a gente ser consumidor daquilo que for excesso de produção no Peru.

De forma, presidente Alan García, que eu fico feliz, acho que os nossos empresários estão dando uma demonstração de que, na medida em que os empresários comecem a conversar, comecem a se entender... Porque a verdade é essa: os empresários brasileiros não davam nenhuma importância



para os empresários peruanos e os empresários peruanos tinham medo dos empresários brasileiros. Essa era a verdade, porque durante quase um século os países vizinhos do Brasil aprenderam que o Brasil era um império e, portanto, era preciso todo mundo ter medo do Brasil. E o pior é que quem falava isso era o “império”. Era o “império” que dizia: “Olha, cuidado com os empresários brasileiros, eles são perigosos, não façam negócio com o Brasil”. E tudo para a Europa ou para a América do Norte.

Agora eu penso que nós nos descobrimos, acho que nós nos descobrimos. Eu estou muito feliz, Alan García, com a possibilidade da inauguração da Interoceânica porque eu acho que é a grande veia arterial da integração Brasil-Peru. Eu fico imaginando um brasileiro que quiser ir a Cuzco, ele sair de São Paulo, pegar estrada asfaltada, chegar no Peru, andar mil quilômetros, chegar em Cuzco e poder voltar de carro. Se quiser tomar um banho de praia em Lima, já vai tomar um banho de praia em Lima; volta para o Brasil, vai tomar um banho de praia no Brasil. É uma coisa maravilhosa, e como eu estive lá, no começo dessa obra, pode ficar certo de que eu estarei lá em novembro, em dezembro. Ou depois que terminar o meu mandato, se você me convidar, estarei lá para participar da inauguração dessa obra a que eu dou um significado extraordinário, pela importância que ela tem para a integração.

Mais uma vez, querido Alan, bem-vindo ao Brasil e bem-vindo à nossa querida Manaus.

Presidente Alan García: (em espanhol)

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Segunda intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante discurso do presidente do Peru, Alan García

Manaus-AM, 16 de junho de 2010

Permita-me ilustrar uma coisa que o senhor está *hablando*. A impressão que eu tenho é que o preço do saco de cimento lá, para aquela região do Brasil, deve estar custando R\$ 30, R\$30. Quanto é que é, os R\$ 30... quantos dólares? US\$ 16, US\$ 17... US\$ 14... não! US\$ 15. Quanto é o saco de cimento no Peru?

Presidente Alan García: US\$ 6.

Presidente Lula: Tem uma explicação, tem uma explicação porquê estão exigindo exame (incompreensível) solitário para cimento. É porque se o cimento peruano entrar, vai entrar muito barato e o monopólio vai perder, e que, portanto, nós vamos ter que trabalhar isso com muita força. O pessoal não tem noção do sacrifício que Acre, Rondônia... agora, Rondônia, não. Agora, Rondônia está montando uma estrutura toda, com as hidrelétricas, mas Acre e uma parte do Amazonas sofrem com o preço de material que tem que vir de outras regiões do país. Nem pedra o Acre tem, nem pedra. Tem que comprar de fora. Poderia comprar ali, vizinho do Peru.

Presidente Alan García: (em espanhol)

Presidente Lula: Bem, e agora, vamos dar entrevista, não é isso? Ou almoçar primeiro? Não... tem a assinatura, tem a assinatura, não é isso? Assinatura de atos, depois a conversa com a imprensa. Como a imprensa já ouviu tudo aqui, nem sei se a imprensa vai querer mais. A pergunta nunca será sobre o que nós



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

conversamos.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
34ª Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento
Econômico e Social**

Palácio Itamaraty, 17 de junho de 2010

Vocês estão... todos vocês estão esperando alguém falar: “Gente, está na hora do almoço, vamos almoçar”.

Bem, quero cumprimentar o meu querido companheiro José Alencar,

Cumprimentar o companheiro Padilha,

Cumprimentar os ministros aqui presentes,

Mas queria, sobretudo, cumprimentar os companheiros do Conselho e as companheiras do Conselho.

Vocês viram eu dando uma bronca no Artur. Eu estava dizendo para o Artur que quando se usa paletó de três botões, é o botão de cima e o do meio; o da ponta, de baixo, você não precisa abotoar. Ele abotoou ao contrário: abotoou os dois de baixo e deixou os de cima abertos. Não fica bem na foto, Artur, e um operário qualificado como você precisa se vestir adequadamente. Afinal de contas, está viajando para Toronto, para tentar resolver as coisas da Vale do Rio Doce [Vale], é isso?

Bem, é muito difícil a gente chegar em uma reunião em que já falou o Ministro da Economia, já falaram outros conselheiros, e a gente falar sem saber o que eles falaram. Você corre o risco de repetir ou de fazer comentários que desmintam aquilo que já foi dito ou falar pior do que o que já foi falado.

Bem, eu vou tentar, Guido, não entrar na sua seara de Economia, e dizer para vocês que é gratificante que vocês tenham colocado como tema principal, no novo ciclo de desenvolvimento do país, a questão da educação. Se não existisse Conselho, nós teríamos que criá-lo só para chegar a essa



conclusão, porque se em outros momentos da história do Brasil tivesse um Conselho como este, que se preocupasse em discutir inovação tecnológica, que se preocupasse em discutir um novo modelo de desenvolvimento, que se preocupasse em discutir a educação, possivelmente nós seríamos hoje o que nós estamos nos propondo a ser daqui a dez ou 15 anos e estaríamos pensando numa política muito mais avançada, do ponto de vista do conhecimento, do que nós estamos discutindo hoje.

A educação, meu caro Neri, é um dos motivos do meu orgulho. Eu tenho muitos orgulhos pelo fato de ter passado pela Presidência, e a educação é uma coisa de muito orgulho. Até estava dizendo para o Padilha que é uma pena que a gente não tenha arrumado um tempo para trazer o Ministro da Educação para fazer uma exposição para vocês do que está acontecendo na educação brasileira. Pasmem, mas é verdade: eu e o José Alencar, dois brasileiros sem diploma universitário, já passaremos... já estamos hoje com o carimbo do presidente e do vice que mais universidades fizeram no Brasil e mais extensões universitárias. São 12 universidades novas já funcionando; duas para começar – uma da América Latina e uma afro-brasileira – que falta só uma comissão no Senado; e 105 extensões universitárias, levando pelo Brasil afora aquilo que era o sonho de muita gente durante muito tempo e que a gente não conseguiu. E 214 escolas técnicas: parece pouco, mas é uma vez e meia tudo o que foi feito no século XX. Em 93 anos se fez 140; em oito anos, nós faremos 214. É uma pequena diferença.

Se nós tivermos um sequenciamento de governo, que aposte na educação e continue esse ritmo de investimento, nós poderemos estar convictos de que, mais uma geração, e nós estaremos iguais a qualquer outro país que sirva de exemplo para nós hoje. Não apenas na questão da educação universitária.

O ProUni foi, talvez, uma das coisas mais extraordinárias já pensadas por um governo, e executadas. O ProUni já colocou... atualmente nós temos



706 mil alunos no ProUni, e este ano eu vou entregar os primeiros 540 diplomas de Medicina para jovens pobres da periferia que fizeram Medicina através do ProUni. Não pode ter nada que dê mais orgulho a um presidente que não tem diploma, ver um filho do Brasil tendo diploma, que nem o José Alencar teve e nem eu tive. Certamente, se tivéssemos não estaríamos aqui porque estaríamos pensando em outra coisa. Pelo fato de não termos diploma, só pensamos em ser presidente e vice-presidente, e chegamos aqui com muito sacrifício.

Bem, mas eu participei e gostaria que vocês... Eu estou falando para o Padilha ver se pega com o Ministro da Ciência e Tecnologia, para mandar para cada conselheiro, um filme de oito minutos feito pelo Ministério da Ciência e Tecnologia apresentando tudo o que foi feito em ciência e tecnologia. Outra coisa que é extremamente interessante: nenhum governo, nenhum governo e muito menos a sociedade brasileira como um todo tem noção do que foi feito em ciência e tecnologia no Brasil.

Uma coisa a que vocês precisam prestar atenção é que – quem sabe, por culpa do próprio governo, quem sabe, por culpa dos próprios empresários ou, quem sabe, por culpa da comunicação – nós não conseguimos gastar o dinheiro colocado para inovação tecnológica no Ministério da Ciência e Tecnologia porque os empresários talvez não saibam como ter acesso ao dinheiro. O dado concreto é que, outro dia, nós só tínhamos seis mil empresários brasileiros investindo em inovação. Significa que nós estamos começando do zero e é preciso que a gente faça esse desafio. Os R\$ 41 bilhões que nós colocamos no PAC Ciência e Tecnologia, ao fechar o ano, no dia 31 de dezembro, à meia-noite, nós teremos utilizado todos os recursos do PAC Ciência e Tecnologia.

É importante a gente saber que o Brasil já passou a Rússia e já passou a Holanda na publicação de textos científicos em revistas especializadas. Não é pouca coisa! Eu queria que vocês recebessem esse filme para assistir em



casa, que vocês vão ter a mesma surpresa que eu tive na Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia. Nem eu tinha dimensão da quantidade de coisas que nós conseguimos fazer neste segundo mandato.

Uma outra coisa que eu acho que é importante, se vocês tiverem tempo, quando terminar este Conselho aqui, quem puder ir à Concha Acústica fazer uma visita à Feira da Agricultura Familiar, porque é importante, Guido – eu conheço a discussão que se faz no Brasil sobre macroeconomia –, mas é importante a gente conhecer o que está acontecendo na microeconomia, aquela que, às vezes, não aparece na primeira página dos jornais; aquela que, muitas vezes, não aparece no noticiário de televisão; aquela que, muitas vezes, não chega no debate acadêmico. Ela fica na periferia da sociedade, criando os seus efeitos, e a gente só sabe que ela existe quando o Neri vem aqui e diz que 30 e poucos milhões de brasileiros ascenderam à classe média. Aí a gente fica sabendo que além do aumento da massa salarial, que além da geração de quase 14 milhões de empregos, tem algo no subterrâneo da política econômica brasileira que faz um efeito extraordinário junto aos segmentos mais pobres da sociedade, e que nem sempre todo mundo conhece.

Eu vou dar um exemplo para vocês, e eu vou repetir porque para mim isso é sagrado. O programa Luz para Todos, ele exigiu que o governo brasileiro investisse R\$ 12 bilhões até agora. Totalmente gratuito. Se pegar o levantamento do Ministério de Minas e Energia, a gente vai constatar que muitos estados não cumpriram sequer os 20% que eram obrigação dos estados. Quem quiser saber é só ir ao Ministério de Minas e Energia, sobretudo a imprensa, para saber quantos estados tinham que colocar 20%, e nem isso colocaram. E o governo não deixou de colocar nenhum centavo por conta disso, porque nós partíamos do pressuposto de que o cidadão tem direito à energia na casa dele.

O que acontece quando ele recebe energia? Nós já fizemos ligações em 2,4 milhões casas, Guido. Isso significa atender... Se pegar uma média de



quatro pessoas por família... no campo tem um pouco mais – [uma média] de cinco pessoas -, nós estamos falando de 12 a 13 milhões de brasileiros que saíram do século XVIII e entraram para o século XX, ou melhor, século XXI, quase num passe de mágica.

O que acontece quando chega o programa Luz para Todos? Oitenta e três por cento compram televisor; 79% compram geladeira; 50% compram aparelho de som; mais de 80% compram liquidificador. Então, vocês imaginam que aquilo que parece apenas levar luz na casa de uma pessoa, gera um dinamismo na economia... talvez gere mais emprego na cidade do que no campo. Os números são todos do tamanho do Brasil, parecem fabricados em Itu. São 5.860 mil postos, são 1,1 milhão de quilômetros de fios e são 789 mil transformadores, tudo isso gerando emprego lá onde tem o programa Luz para Todos.

Eu poderia dar o exemplo de uma coisa, Guido, que também não se fala muito. O Bolsa Família, as pessoas pararam de falar. Pararam de falar porque descobriram que o Bolsa Família é uma realidade que mudou a vida de muita gente neste país.

Mas eu fui, nessa semana, lançar um programa, comemorar cinco anos de aniversário de um programa chamado Agroamigo. O Agroamigo é um programa do BNB, o Banco do Nordeste. Ele atende, praticamente, a região Nordeste do Brasil, e agora já está chegando com outro programa, chamado Crédito Amigo [Crediamigo], nas favelas do Rio de Janeiro. Esse programa investiu, Guido, nos últimos anos, [R\$] 1,3 bilhão só no ano passado, para atender um milhão de pessoas. Prestem atenção no dado, que essa é a revolução: 1,3 bilhão para um milhão de pessoas. Você imagina não quantos empregos, mas com [R\$] 1,3 bilhão nós garantimos que um milhão de pessoas tivessem trabalho. Às vezes, a gente empresta 5 bilhões para uma empresa, faz uma megaempresa, e gera 200 empregos, 300 empregos quando ela está funcionando. E nós vamos precisar continuar investindo nessas empresas. Mas



é preciso que, ao fazer o grande crédito, a gente não se esqueça de que, do ponto de vista social, o pequeno crédito tem mais efeito do que determinados créditos que a gente faz, que são necessários. Por exemplo, o crédito para perfurar o pré-sal é uma coisa extraordinária, e nós temos que fazer, e fazer cada vez mais. Mas, do ponto de vista dos benefícios sociais, esse pequeno crédito tem uma força incomensurável. Gostou [do] “incomensurável”? Uma força extraordinária.

Veja, o que é mais importante, Guido, que você precisa colocar nos seus discursos – eu vi uma parte aí, não sei se tem –, é o seguinte: é a questão do crédito. Eu vou repetir isso porque é importante a gente repetir. Tem gente que fala: “Ah, mas você falou a mesma coisa duas vezes”. Eu vejo a propaganda da Coca-Cola, é a mesma, desde que eu me conheço por gente. E se mudar, o cara vai comprar outro. Então, eu vou falar o mesmo discurso. Uma coisa importante é a questão do crédito, é a questão do crédito. O BNB, Guido, quando nós tomamos posse, o BNB tinha emprestado, em 2002, R\$ 262 milhões e ele tinha uma inadimplência de 37,5%. Hoje, o BNB – no ano passado, na verdade – emprestou R\$ 22 bilhões e tem uma inadimplência de 3%, ainda com resíduo da inadimplência que nós herdamos. Junto às pessoas do Agroamigo, a inadimplência é menor ainda.

Eu digo com muito orgulho: as pessoas mais pobres gostam de pagar, porque elas têm vergonha de dever. No mundo mais rico, dever significa que você é um grande empreendedor, um grande investidor. Então, se você não dever, você não é nada, você tem que dever. Mas, para o pequeno, ele só tem como patrimônio o nome. E não tem nada que envergonhe mais o pequeno do que o nome dele sujo na praça.

Então, nós poderíamos pegar, Guido, o programa do BNDES. Quem é de vocês que imaginou o BNDES participar de uma reunião com catadores de papel embaixo de uma ponte lá em São Paulo e colocar R\$ 220 milhões de crédito para catador de papel? Era muito mais fácil chamar a polícia, mandar



tirar os catadores de papel. Quando, para nós, o mais fácil é tratar essas pessoas como cidadãos. E uma coisa fantástica é que essas pessoas, ao receberem ajuda, ganham uma autoestima tão extraordinária que elas não querem deixar de ser catadores de papel. Eles não sentem vergonha, Toninho, de eu passar com você no seu carro e jogar uma lata de cerveja, como às vezes se joga, e eles pegarem. Eles não têm vergonha, aquilo virou para eles uma profissão. Eles têm crédito do BNDES, certamente do Banco do Brasil, certamente da Caixa Econômica Federal. Nós financiamos até uma carrocinha que nós fizemos em Itaipu, que ele não precisa mais puxar nem empurrar, ele agora só aperta um botãozinho, ela vai andando e ele vai guiando.

Ou seja, é muito fácil cuidar dos pobres, Neri, e é por isso que a gente colhe resultados. Eu brinco muito com a questão do crédito. Porque, quando nós chegamos aqui no governo, o crédito no Brasil, em todo o mundo... Você ouvia falar: “Não, porque, no Brasil, esse Lula é socialista. Nós somos um país de economia capitalista. O que esse Lula veio fazer aqui?”. País de economia capitalista muito chinfrim, porque esse país tinha de crédito, no Brasil inteiro, R\$ 380 bilhões. E foi esse governo “socialista”, com o Zé Alencar mais à Esquerda do que eu, que nós chegamos a 1,5 trilhão de crédito em sete anos de governo. Algumas vezes mais, R\$ 1,5 trilhão de crédito. Nós podemos saltar... O BNDES, que quando emprestava muito emprestava R\$ 38 bilhões, para emprestar no ano passado R\$ 139 bilhões. Eu não te falei ainda que o BNB quer que o Tesouro aporte mais R\$ 10 bilhões para atender à demanda do crédito.

Companheiros, olhem, se a gente adentrar o mundo das dificuldades neste país... o Minha Casa, Minha Vida... o Minha Casa, Minha Vida, nem os empresários, nem o governo e nem a Caixa Econômica acreditavam que era possível a gente aceitar o desafio de fazer o lançamento de um programa de 1 milhão de casas, nem os empresários, nem a Caixa Econômica Federal e nem o governo. Quando eu fiz a proposta de fazer 1 milhão de casas, o Guido



flexibilizou para 500 mil casas, e eu falei: 500 mil casas não é um grande programa, tem que ser um grande programa. E o que a gente descobre entrando no mundo da pequenez brasileira? É que um cidadão que comprava uma casinha de 38 metros quadrados, ele pagava mais de seguro de vida da casa do que da prestação, ou seja, a quantidade de penduricalhos que estavam pendurados... Eu lembro de uma pergunta que eu fiz à minha companheira Maria Fernanda. Eu falei: Maria Fernanda, ele paga seguro de vida? Quantas pessoas morrem antes de vencer o financiamento? “Ah, é muito baixo, Presidente”. Porra, se é muito baixo! – desculpem o palavrão – se é muito baixo, se é muito baixo, por que tem que ter o seguro de vida?

Guido, você não sabe o sucesso do programa. Você sabe, você tem participado de avaliação. Agora, eu estou com um dilema, porque nós distribuimos o programa Minha Casa, Minha Vida por salário... por renda, não é isso? Proporcionalmente por estado e por renda, privilegiando de 0 a 3 [salários-mínimos]. Mas agora já acabou todo mundo de 0 a 3 [salários-mínimos]. Sabe o que o pessoal está pedindo? Para que a gente passe para o programa... para o PAC 2, que a gente entre no programa Minha Casa, Minha Vida nº. 2 e deixe esse [programa Minha Casa, Minha Vida] 1, das famílias de 3 a 6 [salários-mínimos] e de 10 a 6 [salários-mínimos], parado. “Vamos pular para 0 a 3 [salários-mínimos]”. Não! Nós, agora, Guido, vamos ter que tomar uma decisão e privilegiar os estados que melhor trabalharam e que mais têm projetos, para a gente liberar todo o programa Minha Casa, Minha Vida... de 0 a 3 [salários-mínimos] e de 3 a 6 [salários-mínimos]... temos que criar, porque nós não podemos ficar fabricando casas que eram para ser fabricadas no ano que vem, e deixando casas paralisadas de 0 a 6 [salários-mínimos] e de 6 a 10 [salários-mínimos].

Mas esse programa, esse programa é o grande desafio para os empresários brasileiros, para o governo, para a agilidade da Caixa Econômica Federal, porque a gente não tinha hábito. O problema é que a gente não tinha



hábito, o Brasil estava desabitado a fazer essas coisas, não era maldade de ninguém, era que o Brasil não estava habituado. Alguns empresários da construção civil preferiram vender o seu trabalho e ficar vivendo de renda. Quando nós chegamos aqui, nem o Exército Brasileiro, através do seu Batalhão de Engenharia, tinha máquina para fazer nada, nem caminhão, nem caminhão. Por isso que as empresas não vendiam caminhões, porque nem o Exército comprava. As empresas brasileiras...

Guido, você vai passar para a história como o Ministro da Fazenda que melhor e mais em dia paga as contas do governo. Nesse governo a gente paga na hora. Antigamente as pessoas não sabiam se ia ter a obra, as pessoas contratavam, não sabiam se iam receber e ficavam os empresários fingindo que trabalhavam, o governo fingindo que pagava e demitiam. Então, esse momento que nós estamos vivendo é um momento, Neri, que vai causar muita surpresa a muita gente no país. Muita gente que vê a economia apenas pelo que escreve algumas pessoas vai se surpreender muito com as coisas que estão acontecendo neste país, com a evolução do crescimento e do avanço da sociedade brasileira e, sobretudo, da educação.

Artur, nós estamos muito mais avançados do que nós esperávamos que fôssemos estar agora, sabendo que nós temos um século de atraso e precisamos fazer muito mais. Não é que eu esteja contente com o estágio, não. Eu estou contente com o que foi feito, mas sabendo que nós podemos fazer infinitamente mais.

Então, eu quero, companheiros, agradecer a vocês pela colaboração. Acho que pensar a educação é uma responsabilidade de todos, acho que pensar a educação é um desafio que está... e que vocês poderiam ajudar, empresários. Vocês poderiam adotar alguns jovens das Olimpíadas de Matemática. Nós temos alguns milhares de gênios, tem menino tetraplégico que é tetracampeão de medalhas de ouro nas Olimpíadas de Matemática, e esse menino já comprou uma casa da [para a] mãe, porque o governador do



Ceará incentivou ele a dar palestras e criou as condições para ele dar palestras. Então, nós temos aí alguns milhares de gênios nesse país, que nós precisamos garantir que eles tenham bolsas de estudos. Alguns empresários poderiam adotar, aí, um grupo desses meninos e, quem sabe, um gênio que a gente tem inveja tantas vezes lá de fora, a gente pudesse criar aqui, se a gente adotasse parte desses jovens. Nós damos bolsa do Finep para eles, mas eu acho que se a gente puder dar mais é melhor. Se a gente puder garantir que alguns deles tenham bolsas nas universidades particulares seria importante, porque são gênios que, daqui a pouco, a gente vai ver, eles estão trabalhando em Harvard, estão trabalhando em Priston, estão trabalhando não sei onde, porque alguém deu a chance que aqui no Brasil a gente não quis dar.

De forma, meus queridos companheiros, que eu queria dar os parabéns a vocês pelo tema e queria dar, sobretudo, parabéns para a evolução de pensar educação como a melhor forma de transformar o Brasil nessa grande nação que todos nós queremos ser.

Um abraço, que Deus nos abençoe, e parabéns ao Conselho.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura da VII Feira Nacional da Agricultura Familiar e Reforma Agrária e lançamento do Plano Safra da Agricultura Familiar 2010/2011

Brasília-DF, 17 de junho de 2010

Bem, companheiros, vocês viram que eu tive que levantar o microfone, numa demonstração de que eu sou um pouquinho mais alto que o Guilherme, e mais baixo do que aquele baixinho ali, olha. Aquele baixinho parece o salário mínimo do meu governo.

Bem, quero começar cumprimentando minha companheira Marisa,

Cumprimentar o companheiro Marco Maia, presidente em exercício da Câmara dos Deputados,

Quero cumprimentar os ministros, companheiro Guilherme Cassel, que acabou de falar; o Wagner Rossi, da Agricultura; a Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; o nosso companheiro Luiz Dulci, da Secretaria Geral; o nosso Altemir Gregolin, nosso companheiro da Pesca; o Paulinho Vannuchi, dos Direitos Humanos.

Cumprimentar o companheiro Suplicy e a nossa senadora Serys,

Cumprimentar a deputada Emília Fernandes,

Cumprimentar o nosso companheiro Dida, presidente do Banco do Brasil – o nome dele é sofisticado: Aldemir Bendine, vulgo Dida, presidente do Banco do Brasil,

O Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste,

O Abidias Júnior, presidente do Banco da Amazônia,

O nosso companheiro Rolf – que eu nunca sei ler o sobrenome dele –, presidente do Incra,

Cumprimentar a nossa companheira Elisângela dos Santos Araújo, coordenadora-geral da Fetraf Brasil,



O companheiro Alberto Broch, presidente da Contag,
O Frei Sérgio, representante da Via Campesina,
O companheiro Manoel Cunha, presidente do Conselho Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras Extrativistas,
Cumprimentar todos os companheiros cooperativistas,
Cumprimentar todos os companheiros e companheiras, trabalhadores e trabalhadoras rurais,
Cumprimentar todas as autoridades que estão ali presentes. Eu estou vendo muitas autoridades, mas tem autoridade aqui, tem autoridade ali.
Cumprimentar... Tem autoridade aqui.

É o seguinte: esse microfone não solta o fio, então arruma um telefone [microfone] sem fio aí, porque...

Olhem, eu não sei, companheiro Guilherme, eu estou vendo o Miguel Rossetto ali e eu acho que o Miguel Rossetto é uma das pessoas que eu espero que seja essencial para o próximo período da agricultura familiar, sobretudo no que diz respeito à organização da produção de biodiesel, por conta da nossa Petrobras, a nossa Pbio.

Nós criamos uma empresa na Petrobras especificamente para cuidar do biodiesel, porque se não tiver a Petrobras para dar garantia ao pequeno produtor rural de que ele vai plantar e de que ele vai ter preço garantido para o produto que ele plantar, talvez o mercado, por si só, não resolva a situação do biodiesel na área da agricultura familiar.

Também quero cumprimentar o companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae, que deve colaborar muito com a agricultura familiar. Por enquanto, ele está muito urbano, mas é preciso colocar o “pé no barro” e andar um pouco o Brasil, para que o Sebrae possa ajudar também a agricultura familiar.

E dizer poucas coisas, porque eu estou atrasado para o outro



compromisso. E hoje é o meu último, é o meu último lançamento do Plano Safra como presidente da República, e eu já estou começando a sentir saudade de vocês.

Acho, acho que o que o companheiro Guilherme falou aqui foi pouco, diante do que nós fizemos e pouco diante daquilo que a gente precisa continuar fazendo neste país. Numa caminhada, a gente vai dando passo a passo, porque se a gente não der passo a passo, mesmo que a gente possa dar passo mais rápido ou mais lento, a gente pode cair e não prosseguir a nossa caminhada.

Nós estamos num momento primoroso e de muito orgulho do nosso país. Parece que finalmente valeu a pena a gente conquistar a nossa independência, em 1822. E, depois de tantos anos, parece que nós estamos nos tornando mais cidadãos e mais cidadãs. As pessoas mais pobres começam a ser tratadas com o respeito que sempre deveriam ter sido tratadas, os camponeses já não saem mais dos campos para ir para as cidades, pelo contrário, já tem gente voltando da cidade para o campo. E isso se deve aos efeitos das políticas públicas que foram criadas não por mim, mas por vocês, por vocês, e que nós tivemos apenas a grandeza de aceitar aquilo que vocês colocaram, ao longo da trajetória de vocês, aquilo que vocês, em dezenas de reuniões, acertavam com o ministro Guilherme, com o ministro Dulci, aquilo que era pauta de reivindicação que vocês entregavam, que passava pela mão de 19, 20, 21 ministros e que depois a gente devolvia para vocês aquilo que a gente podia atender ou não, cada conquista de vocês foi um milímetro avançado e a gente sente que a melhora é visível, a melhora é visível.

Antigamente, todo santo dia a gente discutia o êxodo rural, de pessoas que deixavam o campo e iam para a cidade, e hoje nós estamos vendo, com muito orgulho, que morar no campo, com o programa Luz para Todos, com o Pronaf trazendo crédito, com o Banco do Brasil ajudando mais os pequenos, com o BNB ajudando mais os pequenos, com o Basa ajudando mais os



pequenos, com a Caixa Econômica financiando casas para o povo que mora no campo também, a gente percebeu que as pessoas preferem morar no campo com muito mais tranquilidade e criar suas famílias sem os perigos de morar em uma grande cidade. Essa é uma coisa que ninguém vai conseguir apagar desses meus oito anos de mandato.

Então, uma coisa que é quase que um milagre, é quase que um milagre, o que fez o programa e o que faz o programa Luz para Todos nesse país. Já foram quase, Guilherme, 12 milhões de pessoas atendidas; ao todo foram 2,4 milhões de residências que receberam o programa Luz para Todos, uma verdadeira... Somente quem vive à base do candeeiro, somente quem sabe o que é dar comida para uma família à base de candeeiro, somente quem vê uma criança ler com os olhos em cima de um pavio de um candeeiro queimando é que sabe o significado do programa Luz para Todos. A verdade é que não é qualquer governo que faria o programa Luz para Todos, por que o Luz para Todos, analisado à luz de um especialista em economia, de um daqueles companheiros que a gente, de vez em quando, vê na televisão falando, um especialista – e tem uma coisa chamada especialista – que vai comentar, fazer a análise econômica, à luz de uma boa análise econômica, não é rentável o programa Luz para Todos e, portanto, não dava para fazer o Luz para Todos.

Pois bem, companheiros, é nessa hora em que o mercado não vê rentabilidade que aparece o Estado, que nunca deveria ter sido tratado como foi tratado ou desmontado, há um tempo, para levar R\$ 12 bilhões em forma de luz elétrica para mais de 12 milhões de pessoas. E se não fosse o Estado, nenhuma empresa privada teria interesse em levar, porque não era economicamente viável. Afinal de contas, para que levar um poste a cada 10 quilômetros de distância, uma casa da outra, para que colocar luz para aquela gente? Eles que aprendam a catar vaga-lume, e que fique clareando... manda a molecada ler correndo atrás de um vaga-lume, e vai lendo o seu livro. E nós



partimos do pressuposto de que esses brasileiros que moram lá nos “cafundós do Judas”, no lugar mais longínquo da Amazônia, têm que ser tratados como o mesmo respeito que o cidadão que mora na Avenida Paulista ou Copacabana, neste país. Não podem ser tratados diferente. E é por isso que nós não tratamos como gastos do governo o dinheiro do Luz para Todos, nós tratamos como investimento, porque, na hora que chega a luz, 83% das pessoas compram televisão, 79% das pessoas compram geladeira, 50% das pessoas compram aparelhos de som, e veja quantas pessoas compram liquidificador, fazem casa de farinha, compram moinho. A verdade é que o programa Luz para Todos significa muito mais do que aquilo que alguém entendia que era uma política benevolente do Estado, significa dar oportunidade para as pessoas deste país serem tratadas em igualdade de condições.

A gente não teria, Guilherme, chegado à situação que chegou. Você falou e falou muito bem do nosso Mais Alimentos, mas nós tínhamos discutido já. Nós precisamos saber onde é que está travado, e poderia depois do trator, financiar um “caminhãozinho” pequeno para o pessoal carregar a comida deles. Olha, o Guilherme está dizendo que já está na praça, já está na praça, porque entre a gente decidir, Guilherme, e acontecer... vocês viram esse decreto que eu assinei, aqui? Vocês viram? Isso, no primeiro mandato, no primeiro mandato nós fizemos a lei, e eu pensava que estava funcionando, e eu pensava que estava todo mundo que produz salaminho, que produz queijo, estava vendendo em qualquer lugar do Brasil. Aí, eu descobri que tinha um entrave. As corporações maiores tentando prejudicar as corporações menores. E este decreto é definitivo, agora, quem produzir o seu salaminho, a sua lingüicinha ou outra coisinha qualquer, vai poder vender em qualquer parte do território nacional, se tiver, se tiver dentro dos padrões sanitários que precisam ter, porque nós precisamos cuidar da saúde, também, do consumidor brasileiro.

Mas, companheiros e companheiras, eu penso que uma coisa importante aconteceu nesses oito anos de governo: acho que nunca houve, na



história do nosso país, uma interação entre o governo e a sociedade brasileira, e o governo e o movimento social organizado.

Eu não sei, companheiros sindicalistas, vocês que se negociaram com tantos governos, se houve algum momento, na história do Brasil, em que vocês foram tratados... não melhor, vocês foram tratados apenas como sempre deveriam ter sido tratados: com respeito, com dignidade, onde nós ouvíamos mais do que falávamos, muito mais do que falávamos. E não houve um só momento que qualquer companheiro deixasse de ser atendido pelo nosso governo.

Foram 68 conferências nacionais. Conferências que começam lá no município, que vão para o estado e que vêm para o governo federal. Algumas conferências envolveram 200, 300 mil pessoas e isso se transforma em coisas que nós vamos aprendendo com vocês, fazendo leis, fazendo decretos e melhorando a vida de cada um de vocês.

Vocês pensam que eu estou satisfeito? Eu não estou satisfeito, eu não estou satisfeito. Eu não estou satisfeito porque eu quero mais. Eu, como vocês, eu, como vocês, eu entendo que o ser humano não tem limite de desejo, nós não temos limite para conquistar as coisas, cada coisa que conquistamos, nós queremos um pouco mais. É assim na vida da gente, é assim na família da gente, por que tem que ser diferente no movimento social? Estão aqui os companheiros que falaram – a Contag, a Fetraf Brasil, o extrativismo, o Frei Sérgio –, [eles] sabem: eu nunca, nunca me incomodei que vocês fizessem qualquer que fosse a reivindicação, e duvido que algum ministro meu tenha destrutado vocês, por mais absurda que pudesse parecer a reivindicação. Até porque não tem reivindicação absurda, tem reivindicação que a gente pode atender e tem reivindicação que a gente não pode atender. E com a mesma lealdade que a gente diz sim, a gente diz não. É assim na minha casa e é assim no meu governo. Quando eu digo não para um filho meu, eu tenho coragem de dizer não para a Fetraf, para a Contag, para a Via Campesina e



para os extrativistas. Numa relação de lealdade, numa relação de companheiros, numa relação onde todos nós queremos uma única coisa: melhorar a qualidade de vida do povo brasileiro e melhorar o nosso país.

O nosso país está sendo respeitado. O nosso país está sendo respeitado porque nós tivemos coragem de ser um país que foi a Copenhague e apresentou a melhor proposta sobre o clima que um país apresentou. Nós nos comprometemos a diminuir o desmatamento na Amazônia em 80%, até 2020, e nos comprometemos a diminuir o efeito gás estufa em 39%. Foi a maior proposta e é por isso que nós chegamos a Copenhague com a autoridade de um país respeitado.

Nós, nós... Vamos dizer o seguinte: eu sou, eu sou o presidente da República que mais fez reserva no mundo, no mundo. Agora veja, eu, eu também acho que nós não podemos apenas ficar fazendo mais reserva, é preciso que a gente faça reserva e a gente comece a discutir o que fazer dessa reserva para que as pessoas possam tirar proveito dessa reserva. Porque, de vez em quando, a gente faz uma reserva e, de vez em quando, a gente é pego de surpresa com o desmatamento, com venda de madeira naquela reserva.

Então eu sugiro, Guilherme, que você, o Ministério do Meio Ambiente, o Mapa, se juntem para discutir o seguinte: qual é o destino que a gente vai dar a essa reserva? Transformar as reservas numa fonte não apenas de preservação, mas numa fonte de ganha-pão para quem toma conta dessa reserva. Por exemplo, por exemplo, ao criar uma reserva, em vez de a gente tentar tirar as pessoas que moram lá, é pagar um salário para essas pessoas tomarem conta da reserva e serem o guarda da floresta ou o guarda da reserva. Alguma coisa desse tipo nós temos que fazer, para fazer evoluir.

Eu quero, gente, hoje, é agradecer aos companheiros. Primeiro, eu quero agradecer a lealdade que vocês tiveram comigo, nesses oito anos. E quero dizer que quem pensa que vai se livrar de mim porque eu vou deixar a Presidência, vai cair do cavalo, porque eu vou continuar andando por este país,



vou continuar tomando café na casa de vocês; se for na hora do almoço, uma caninha produzida por vocês; se for muito cedo ou muito tarde, uma outra coisa qualquer, mas eu vou continuar andando.

Eu quero agradecer ao Banco do Brasil, porque quando nós ganhamos o governo – e pode ter certeza, Dida, que é a mais pura verdade –, quando nós chegamos ao governo, em 2003, nós tínhamos gerente do Banco do Brasil, lá na cidade, que não tinha mais hábito de atender pequeno. Quando chegava um matuto, com uma sandalhinha no pé, aquelas de dedo, cheio de... o calcanhar bem duro e a mão bem calejada, ele não sabia mais receber. Talvez não fosse nem culpa dele, é porque a orientação anterior era que era mais barato atender um só, com um charutão na boca do que atender 100 ou 200 pé de chão, que iam pedir R\$ 1 mil emprestado, R\$ 1,5 mil emprestado. Às vezes, até... Uma informação só: eu acho que houve uma evolução extraordinária no Banco do Brasil, eu sei do compromisso que o Banco do Brasil tem, o Banco do Brasil é uma coisa que é parte do orgulho brasileiro. Eu acho, Dida, que tudo que vocês puderem fazer para facilitar o acesso a crédito tem que fazer, porque essa gente paga mais do que outros. Essa gente tem como único patrimônio o orgulho e o nome e, portanto, é importante a gente fazer isso.

Quero agradecer aos companheiros do BNB, do Banco do Nordeste, porque eu fui, agora, a Fortaleza participar dos cinco anos do programa Agroamigo, e o Agroamigo é um sucesso extraordinário, atende a região do Nordeste. Nós, com R\$ 1,3 bilhão, atendemos um milhão de pessoas, pessoas que pegam R\$ 900, R\$ 1 mil, R\$ 1,5 mil, e pessoas que com R\$ 1,5 mil, depois de algum tempo, contratam alguém para trabalhar para elas. É um programa exitoso. Só que o Roberto Smith aproveitou que eu estava lá – eu nem falei para o Guido ainda, para o Guido não mandar ele embora –, e ele veio pedir mais R\$ 10 bilhões para poder cumprir os contratos que ele tem lá, com o povo lá.



Agora, veja que engraçado: antes de a gente chegar à Presidência, em 2002, o BNB emprestou apenas [R\$] 262 milhões. Eu vou repetir: [R\$] 262 milhões, e tinha uma inadimplência de 37,5 [%]. Agora, em 2009, ele emprestou R\$ 22 bilhões e tem uma inadimplência de apenas 3%, em uma demonstração de que vale a pena emprestar muito e emprestar para o pequeno. O Basa, que é o nosso primo menor, o nosso Banco da Amazônia, que também está emprestando, já esse ano, quanto? Eram 230 milhões, agora quanto vai ser? Nove bilhões a carteira, dos quais, quantos para agricultura familiar? De 40 milhões para 600 milhões. Uma pequena diferença, mas é assim mesmo.

Olha, quero, Guilherme, quero agradecer ao companheiro Guilherme e ao Dulci, porque o Dulci é o ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República e é o companheiro que, junto com o Guilherme, cuida dessas negociações com os trabalhadores urbanos, com trabalhadores rurais, sobretudo, do Plano Safra, é o Dulci e o Guilherme que cuidam, mas o Dulci cuida de outras coisas do movimento sindical. E eu acho que, quando a gente terminar o mandato, dia 31 de dezembro, a gente vai poder medir com clareza o que aconteceu no Brasil, o que aconteceu em outras partes do mundo e o que aconteceu no Brasil com a crise econômica, tudo vai ficar muito mais claro.

Eu quero agradecer, sobretudo, a um companheiro que, junto com o Guilherme, faz isso, aos companheiros do Incra. Não é fácil, não é fácil o trabalho do Incra, porque todo dia tem uma greve no Incra. Pense, pense num povo que gosta de greve, pense! E tem hora que eles fazem greve para a gente perceber que eles estão em greve, é a greve contra a greve. Mas eu acho que o trabalho foi extraordinário. Poderia ter sido feito muito mais, ou seja, colocar no campo 60% de tudo que foi assentado desde que o Brasil foi descoberto é algo motivo de orgulho, certamente tem dúvida, certamente tem companheiro que acha que não foi nada, mas assentar e desapropriar 47 milhões de hectares de terra é, algumas vezes, alguns países da Europa que



nós desapropriamos.

Eu tenho consciência de que nós fizemos muita coisa, e tenho consciência de quanto ainda falta para fazer. Falta tanto para fazer, que eu estou vendo um barbudo aqui, do meu lado, o meu companheiro Antônio, jornalista de Porto Alegre, faz mais de 20 anos que eu não vejo, era dono de um jornal da cooperativa, lá em Porto Alegre. Era Coojornal? Era Coojornal. Estás vivo, *hombr*e? Por que não passaste aqui, com aquela gaita?

Então, companheiros, olhem, de coração, eu já falei com a Marisa, eu, domingo, vou dar 20 contos pra ela, vinte pila e a gente vai vir aqui fazer uma compra, não é? Venho... A gente vai dar uma andada, para dar uma verificada na qualidade e no preço. Com 20 pila, eu acho que dá para ela comprar muita coisa, não dá não? Então, eu quero ver se domingo de manhã eu venho aqui visitar a feira, mas como cidadão brasileiro, não como presidente, sem microfone, para visitar a barraca... perto do almoço, porque se tiver alguma barraca que tiver uma “branquinha” eu posso experimentar, posso.

Então, companheiros e companheiras, do fundo do coração, eu duvido que tenha, na face da Terra, um presidente da República que tenha mais motivo de orgulho da relação que vocês têm com o presidente do que a que eu tenho com vocês. Eu acho que é uma coisa sincera, verdadeira, e eu considero vocês meus irmãos, meus filhos, meus companheiros. E eu sei que quando eu deixar a Presidência da República, quem vai me chamar de companheiro, em qualquer lugar do Brasil, são exatamente vocês, que me chamavam antes e me chamarão depois.

Então, um grande abraço e continuem trabalhando, porque se vocês não trabalharem, não reivindicarem, muitas vezes o governo não enxerga vocês.

Gente, que Deus nos abençoe. Boa feira. E estarei, com Marisa, para gastar 20 mil reais [20 reais] domingo, com vocês. Um abraço.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da ThyssenKrupp CSA Siderúrgica do Atlântico
Rio de Janeiro-RJ, 18 de junho de 2010**

Eu penso que depois de apertar este botão e começar a funcionar a fábrica, (incompreensível) que vocês possam se retirar para trabalhar.

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro, Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o companheiro Wilfried Grolig, embaixador da Alemanha no Brasil,

Cumprimentar o ministro Márcio Zimmermann, de Minas e Energia,

Cumprimentar... em nome dele cumprimentar todos os ministros que estão aqui,

Cumprimentar o Presidente da Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro,

O nosso companheiro Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Senador Dornelles,

Deputados Edmilson Valentim, Eduardo Cunha, Filipe Pereira, deputado Felipe Bornier e deputado Luiz Sérgio,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes,

A nossa querida companheira prefeita de Fortaleza, Luizianne Lins,

Quero cumprimentar o companheiro Ekkehard Schulz, presidente da ThyssenKrupp mundial,

O Sérgio Rosa, nosso companheiro presidente do Conselho de Administração da Vale,

Nosso companheiro Roger Agnelli, diretor-presidente da Vale, por meio



de quem quero cumprimentar todos os empresários aqui presentes,

Quero cumprimentar os queridos companheiros Andréia de Oliveira e Marcos Antônio de Oliveira Resende, representantes dos empregados da ThyssenKrupp, por meio dos quais cumprimento todos os funcionários da ThyssenKrupp,

Cumprimentar os companheiros da imprensa,

Dizer para vocês da minha alegria, da minha alegria porque não tem nada mais gratificante para um governante, seja ele prefeito, seja ele governador ou presidente da República, do que ele concluir um projeto, concluir uma obra. Esta obra que nós estamos concluindo aqui é uma obra que algumas pessoas não acreditavam que nós pudéssemos concluir, porque no Brasil, lamentavelmente – não é mais assim –, mas no Brasil as pessoas tinham o hábito de não acreditar que as coisas pudessem acontecer no Brasil.

Houve um tempo em que a gente vivia em uma maré de descrença tão grande, era uma energia negativa tão grande, que mesmo que as coisas estivessem para acontecer, não aconteciam, porque não há nação, por maior que seja, que aguente uma energia negativa. As pessoas se levantando mal-humoradas, as pessoas achando que no Brasil nada acontece, as pessoas achando que o resto do mundo era maravilhoso e que o Brasil não ia bem, e isso durante tempo. Eu ainda hoje vejo, da Seleção brasileira, as pessoas pensarem assim. A Alemanha ganhou um joguinho de 4x0 ou 4x1, “é a maior Seleção do mundo” – hoje perdeu para a Sérvia – e continua sendo a Alemanha, com amplas possibilidades de ir para a final da Copa. Se a gente analisar 80 anos da Copa, três países ganharam dois terços: Brasil, Alemanha e Itália. Outros quatro países ganharam seis vezes. Então, 60% das Copas ganhas, em 80 anos, foram para Brasil, Itália e Alemanha. Não é porque perdeu um jogo ou ganhou um jogo. “Ah, mas a Argentina está maravilhosa” – até enfrentar o Brasil, até enfrentar o Brasil.



Agora, a verdade, a verdade é que esta Seleção, diferentemente da de 2006... a de 2006 era só craque. A gente olhava, era tanta estrela que a gente não via o céu. O que é que deu? Fomos desclassificados. A de [19]82 e a de [19]86, do nosso saudoso Telê Santana, é tida, por quem gosta de futebol, como a melhor Seleção do mundo, o maior espetáculo. Caímos fora duas vezes. O Platini nos tirou uma vez e o Paolo Rossi nos tirou outra vez. Em [19]94 a gente foi com um time capenga, só tinha o Romário, que foi convocado nas últimas (incompreensível) e classificou o Brasil. Fomos lá, ninguém acreditava. Jogamos feio; ganhamos a Copa do Mundo. O que vale nesse negócio não é se o cara mexeu para cá, pedalou para cá; é se no final o cidadão levantar aquele caneco. É isso o que conta na Copa do Mundo.

Eu acho que é a Seleção que nós temos, são os jogadores que nós temos. Se a gente olhar bem, só tem um craque formado que não foi convocado, que é o Ronaldinho Gaúcho. Agora, não foi convocado porque não quis. Profissional de bola tem que jogar bem todas as vezes, para ser convocado. A gente não convoca mais pelo nome. Você convoca quem está jogando. Da mesma forma que a Vale não vai contratar um diretor porque o cara foi bom: ou ele está bom ou não será contratado. Ninguém convoca ninguém por história, senão eu e você seríamos convocados. Não, não tem... É por isso que eu sou otimista.

Mas, vejam, eu estava dizendo da mudança que houve no Brasil. Eu ainda era dirigente sindical quando eu aprendi uma lição de vida. Eu aprendi que um pai, um chefe de família, ele só é respeitado dentro de casa se ele souber respeitar a sua família. Se ele não souber respeitar, ele pode ser bravo... E não confundir medo com respeito: as pessoas podem ter medo, mas não têm respeito. Um dirigente político – um prefeito, um governador ou um presidente da República –, ele só será respeitado pelo seu povo e por outros chefes de Estado se ele se fizer respeitar.

O Brasil, durante muito tempo, Sérgio Cabral, durante muito tempo, o



Brasil achava que podia tudo “dar o jeitinho brasileiro”. O Brasil assinava contratos e não cumpria, o Brasil dizia que ia pagar e não pagava. Todo mundo achava aquele (incompreensível) de malandragem, que todos nós conhecemos, que isso fazia bem para o mundo. Mas quando a gente tem que fazer relações com outro Estado, a gente pode enganar uma vez, a gente pode enganar duas vezes, mas chega uma vez em que as pessoas falam: “Esse país não é sério e, portanto, eu não faço negócios com esse país”. É assim a vida política mundial.

Muita gente não acreditava no Brasil. Quando eu cheguei... os meus economistas, os meus companheiros que trabalhavam comigo antes de eu ser Presidente... eu fazia reunião, Sérgio, com 10, 12, 15, 20 economistas, os melhores do país, e em toda reunião – o Sérgio Rosa participava de algumas –, em todas as reuniões, no final, terminavam: “O Brasil não tem jeito, o Brasil está quebrado. Ah, o Brasil não vai para lugar nenhum, não tem jeito, não tem”. Eu falava: gente, mas se não tem jeito, por que é que vocês querem que eu seja Presidente? Vocês estão dizendo que acabou o Brasil. Tinha acabado coisa nenhuma!

Quando eu fui eleito Presidente, uma das primeiras pessoas que eu recebi foi o meu amigo Köhler, presidente do FMI, presidente da Alemanha e que renunciou ao mandato agora. Eu disse ao Presidente do FMI: olhe, a primeira coisa que nós precisamos é estabelecer uma relação de confiança entre nós. Eu não quero ser fiscalizado como se fosse alguém irresponsável, que a cada dois meses tem que vir uma delegação aqui perturbar. Eu vou cumprir com as minhas obrigações e eu quero que vocês cumpram com as de vocês.

Você está lembrado, Sérgio, que eu elevei o superávit primário. Naquele tempo, a minha oposição dizia: “Mas o Lula está elevando o superávit primário. Ele está dando dinheiro para banqueiro, quando deveria dar dinheiro para o pobre”. Acontece que se eu não fizesse superávit primário, eu não tinha,



primeiro, dado a ideia da seriedade da economia brasileira e certamente nós não teríamos chegado aqui hoje. Nós teríamos parado no meio, porque o Brasil não tinha dinheiro sequer para pagar as suas importações, sequer. O Brasil tinha, de reserva, 60 bilhões, dos quais 30 bilhões eram do FMI. Já, em 2005, eu tomei uma atitude e falei: sabe de uma coisa? Eu vou acabar com esse negócio de ficar devendo. Chamei o FMI e falei: eu quero devolver o dinheiro de vocês. “Não, Presidente, é importante que o senhor tenha o dinheiro como garantia. Fica com o dinheiro do FMI”. Eu falei: não, eu não quero o dinheiro. Pegue os seus 30 bilhões, pode levar embora, que nós não precisamos dele. Hoje o Brasil não deve nada ao FMI, eles nos devem US\$ 14 bilhões, que nós emprestamos para eles agora para resolver essa crise que aconteceu nos países ricos, e ainda temos US\$ 250 bilhões. Somos a sétima reserva mundial, portanto, nós estamos tranquilos.

Eu ouvi o Presidente da ThyssenKrupp falar em crise mundial. Não existe ainda uma crise mundial. Existia uma crise, que era a crise econômica do *subprime*, a crise do setor imobiliário americano, que desnudou o sistema financeiro internacional, que não tinha nenhuma regulamentação, e eu disse que a nossa crise seria apenas uma marola e que a gente iria dar a volta por cima muito rápido. Vocês viram que eu fui muito criticado, e aconteceu exatamente o que nós queríamos que acontecesse: o Brasil foi o último país a entrar na crise e foi o primeiro país a entrar [sair da] na crise.

Isso está demonstrado na recuperação da produção do setor siderúrgico; isso está demonstrado na recuperação da indústria automobilística; isso está demonstrado na quantidade de geladeiras, de máquinas de lavar roupa, de fogões que está sendo vendida; isso está demonstrado no crescimento do comércio, onde, no Brasil, as classes mais pobres, D e E, consumiram no ano da crise mais do que as classes A e B das regiões Sul e Sudeste do país; está demonstrado no comportamento da Vale do Rio Doce, que quando veio a crise econômica profunda, a Thyssen não podia mais



colocar todo o dinheiro e a Vale do Rio Doce entrou e colocou mais dinheiro, porque a Vale sabia que era importante essa parceria e o nosso projeto; que o governo cumpriu o compromisso com a ThyssenKrupp, dos US\$ 90 milhões que tínhamos compromisso para dragagem aqui. Tudo isso porque eu aprendi que a ThyssenKrupp só vai me respeitar se eu for sério e me fizer respeitar. Se ela perceber que eu não sou sério, ela não vai me respeitar.

Aqui neste país – é importante vocês, trabalhadores, saberem –, aqui neste país, desde 1975 – alguns de vocês nem tinham nascido ainda –, desde 1975 que este país não tinha investimento em infraestrutura. Somente depois de 2003 é que nós começamos a pensar em fazer infraestrutura, mas primeiro tivemos que arrumar a casa, porque a gente, quando começa a construir uma casa, tem que fazer parte por parte. Se não fizer o alicerce, não coloca o telhado; se não colocar a parede, não coloca o madeiramento; se não tiver o telhado, não adianta fazer casa. Então nós preparamos a casa, para chegar hoje em uma situação muito confortável.

A crise, meu caro amigo Presidente da ThyssenKrupp, a crise hoje é uma crise europeia, é uma crise da demora de tomada de decisão. Quando a gente descobre que um cliente está com... um paciente está com uma doença grave, a gente não manda esperar, a gente aplica logo o remédio. Não é possível que uma crise em um país do tamanho da Grécia provoque uma crise monstruosa na Europa toda, não é possível. Todo mundo sabe que se o presidente Bush tivesse, em 2008, no mês de julho, colocado US\$ 60 bilhões, não tinha quebrado o Lehman Brothers. Não colocou, depois teve que colocar quase US\$ 1 trilhão. Se a Europa inteira tivesse resolvido logo o problema da Grécia, nós não teríamos chegado na Espanha, na Itália, em Portugal, e nós teríamos descoberto logo que o sistema financeiro está um pouco apodrecido no chamado mundo rico.

É preciso... O Brasil, que foi muito fiscalizado, o Brasil deveria servir de exemplo. As pessoas deveriam vir aqui conhecer o sistema financeiro brasileiro



para as pessoas saberem que nós somos tão sérios ou mais sérios do que muitos que achavam que nós não éramos sérios. É só conhecer este país.

Nós vamos, agora, para o G-20, estou indo a Toronto no próximo dia 26. As decisões que nós tomamos na primeira reunião do G-20, a maioria não foi aplicada ainda. Aprovamos colocar dinheiro no FMI – sabe quem colocou dinheiro no FMI? O Brasil, a China, a Índia, os países ricos ainda não colocaram. Graças a Deus, os Estados Unidos começam a dar sinais de recuperar. Há uma coisa importante, é que nós temos hoje o mundo dividido em dois grupos: nós temos o grupo de que o Brasil faz parte, mais os Brics, mais os Estados Unidos, que acreditam que é preciso retomar o desenvolvimento, investindo na geração de emprego e distribuição de renda, e tem o grupo liderado pela Europa, que acha que tem que ter ajuste fiscal.

Não é possível. Este país aqui – só o Dornelles fez uns dez ajustes fiscais –, este país viveu duas décadas fazendo ajuste fiscal, e toda vez que se fala em ajuste fiscal, é mandar trabalhador embora, é cortar salário, é fazer um monte de coisas, quando, nessa crise, nós temos que fazer o contrário. Nessa crise, nós temos que investir e foi o que nós fizemos, foi o que nós fizemos, e é por isso que o Brasil está em uma situação confortável, em uma situação boa economicamente, é por isso que a ThyssenKrupp acreditou no Brasil e terminou o seu projeto. Ela poderia ter parado: “Não, estamos em crise, vamos parar, não precisamos mais investir, vamos aguardar o que vai acontecer”. Ela acreditou e eu agradeço, como Presidente da República, pelo fato da Thyssen ter acreditado, e teve como parceira uma companhia da seriedade da nossa querida Vale.

Eu tenho certeza de que vocês já sabem que esse povo... Você não vê, no mundo... Uma coisa extraordinária, Sérgio, é que você... Agora, a Alemanha tem um jogador, um brasileiro negro, de centro-avante. Mas é o seguinte: você não vê, no mundo, um público como este. Você chega à África, é só preto; você chega à Europa, é só branco; aqui, no Brasil, não: que maravilha, que



mistura de cores. Aqui, nós temos branco, preto, amarelo, meio amarelo, temos tudo. Isso aqui é a mistura mais extraordinária de europeu, de índio e de negro. Foi o cruzamento mais perfeito que deu esse povo aqui. Isso aqui é uma coisa multicolor, é uma coisa fantástica, não é uma cor só.

Eu penso que a autoestima do povo brasileiro está em um momento excepcional. O depoimento da menina que falou aqui é o depoimento que nós temos ouvido pelo Brasil inteiro, temos ouvido aqui, no Rio de Janeiro. Eu tenho consciência de que, nos últimos 30 anos, o Rio de Janeiro não recebeu metade dos investimentos que está recebendo agora, o Rio de Janeiro vivia para baixo, o Rio de Janeiro aparecia na imprensa apenas nas páginas policiais, e o Rio de Janeiro, hoje, é um dos estados com maior investimento. O povo carioca está ficando feliz, está percebendo que a bandidagem é uma minoria na sociedade e que nós haveremos de derrotá-los, porque a maioria quer trabalhar, quer viver em paz, quer estudar, quer ter acesso a lazer e a cultura.

Eu, o Sérgio Cabral e o prefeito Eduardo Paes já subimos mais em favela do que todos os presidentes da República e governadores. Porque em favela só subia policial, para matar o pobre; agora a polícia tem que estar lá para botar ordem, mas o Estado tem que está lá para fazer obra, o pobre quer escola, o pobre quer ter direito à cultura. E vocês vão visitar a Rocinha, vão visitar o Complexo do Alemão, vão visitar Pavão-Pavãozinho, Manguinhos, vocês vão perceber... na Cidade de Deus, como nós fomos esses dias, e vocês vão perceber que o Rio de Janeiro, haverá um dia, eu ainda estarei vivo, que nós tiraremos do nosso dicionário a palavra “favela” e tudo vai se chamar bairro ou vila, como a gente tem que chamar, e não favela, que é quase que uma apologia à desgraça humana que o Rio de Janeiro parecia estar predestinado. Não é verdade. O Rio de Janeiro é um estado que é orgulho deste país, porque foi a nossa capital, porque no mundo inteiro todo mundo conhece o Rio de Janeiro. Então, quando a gente faz investimento aqui, a gente não está



fazendo favor, a gente está devolvendo ao Rio de Janeiro o que é do Rio de Janeiro, como fazemos com São Paulo ou com Minas Gerais.

Não tem um estado no Brasil, hoje, que não tenha grandes investimentos, nenhum, de Roraima ao Rio Grande do Sul, do Acre ao Rio Grande do Norte, todos têm muitas obras e muitas obras em parceria do governo federal, governo estadual e prefeitos.

Uma coisa interessante e que eu tenho orgulho: aqui, neste estado, eu acho que quando o Sérgio Cabral... O Sérgio Cabral fez muita oposição a mim no primeiro mandato. Depois, quis o destino que a gente se encontrasse no segundo turno das eleições de 2006. Eu disse para o Sérgio: Sérgio, se a gente ganhar, a gente vai poder construir a mais extraordinária parceria entre o estado e a União, porque o Rio de Janeiro sempre esteve brigado com a União. Era não sei quem que brigava com não sei quem, não sei quem que brigava com não sei quem. Eu falei: se a gente não brigar, só tem um ganhador – é o povo do estado do Rio de Janeiro. É ele que vai ganhar se a gente não brigar.

E, aí, dizer para a Thyssen que podem ficar certos que este país vai ter mão de obra qualificada como nunca teve na sua história. É importante dizer para o Presidente da ThyssenKroup que eu, ainda falta seis meses para terminar o mandato, mas já sou o presidente do Brasil que mais fez universidade na história do Brasil. São 12 já inauguradas e duas para começar até o final do ano. Uma latino-americana, para ter aluno latino-americano e brasileiro, e outra para ter africano e brasileiro, lá no Ceará, na cidade de Redenção, onde os escravos começaram a primeira luta pela libertação da escravidão no Brasil. Nós temos 214 escolas técnicas prontas, mais de 150 funcionando, já. Em 100 anos, construíram 140 [escolas técnicas], em oito anos, nós vamos entregar 214 [escolas técnicas], e é pouco, pelo atraso a que o Brasil ficou submetido durante o século XX. Portanto, eu concordo com o governador Sérgio Cabral de que a Thyssen, certamente, cinco milhões de toneladas é apenas para começar, é como se fosse a sobremesa. Porque pode



ficar certo, e vou dizer olhando na cara do povo brasileiro, de que este país, no mais tardar, nos próximos dez anos será a quinta ou a quarta economia do mundo, ou seja, nós vamos crescer e vamos crescer muito, e vamos crescer com responsabilidade e com seriedade, não vamos brincar. Esses dias, vocês viram que eu sancionei a lei que deu aumento aos aposentados, de 7,7%. Mas só sancionei porque os ministros da Fazenda e do Planejamento acertaram comigo de cortar no orçamento o equivalente ao que vai importar o custo do aumento do salário, inclusive cortar de emendas parlamentares. Já que eles aprovaram, então têm que pagar um pouco também do aumento que nós estamos dando. Vamos cortar dos Ministérios, porque nesse momento eu não quero dar nenhum sinal de irresponsabilidade. Eu estou deixando a Presidência e quero entregar o país mais preparado do que eu encontrei, para que este país não sofra retrocesso, como historicamente nós sofremos.

Então, eu quero agradecer, companheiro Sérgio Cabral, pelo nosso trabalho, quero agradecer as cinco reuniões que nós tivemos com a Thyssenkrupp nesse período. E quero dizer que é um sonho realizado vir aqui concretizar e ver a cara de tanta gente boa que vai levar para casa o pão de cada dia às custas do seu trabalho e do seu suor. É assim que a gente vai vencer o crime organizado, a bandidagem e aqueles que não querem viver de trabalho.

É com muito orgulho, é com muito orgulho que eu digo à Thyssen, à Vale, ao Sérgio, ao Prefeito e a vocês: muito obrigado, e o Brasil saberá agradecer o que vocês fizeram acontecer neste país hoje.

Um abraço, que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na Escola Municipal de Rio Largo, durante encontro para tratar das providências sobre as enchentes

Rio Largo - AL, 24 de junho de 2010

Bem, alguém mais vai falar? Veja, na verdade, na verdade nós estávamos preparados... Fique aqui, Toninho. Na verdade nós estávamos preparados para ir, agora, a uma reunião com os prefeitos no aeroporto, falar... Eu vou ter que assinar algumas medidas provisórias, algumas coisas.

Primeiro, só dizer para vocês o seguinte: eu, eu fiz questão de ir a Pernambuco, com o governador Eduardo Campos, junto com o governador Téo. Trouxe, praticamente, uns 10 ministros meus, trouxe o Comandante do Exército, trouxe o Ministro da Integração, o Ministro do Planejamento, a Ministra-Chefe da Casa Civil, o Ministro da Saúde, o Ministro da Educação, o Ministro da Integração Nacional, que é para todo mundo ver *in loco* o que aconteceu. A gente não sente, de verdade, apenas vendo na televisão ou vendo na revista ou vendo no jornal. Quando a gente entra em uma casa, como eu entrei ali, na ilha, e encontra com a família que perdeu a casa, ou quando a gente entra lá, em Palmares, e a gente vai na rua ver a desgraceira que está na rua, é que a gente passa a ter noção da gravidade do problema que a televisão e que a imprensa, por mais que registrem, não passam para a gente o sentimento de gravidade que é o que aconteceu aqui no estado de Pernambuco e no estado de Alagoas.

Então, primeiro, dizer aos companheiros que nós não podemos construir casa no mesmo lugar que a água levou casa. A gente fica vendo, essas casas existem há 50 anos, 60 anos, algumas até há mais tempo, um dia a natureza vem mais nervosa e acontece a desgraça que aconteceu com todos vocês.

Então, nós estamos em um acordo com o Governador de Pernambuco,



o Governador de Alagoas, os prefeitos, de encontrar áreas fora da margem do rio, para que a gente possa reconstruir a casa de vocês de forma segura, e que vocês não sejam mais vítimas das enchentes.

Nós, vocês sabem que nós temos o Programa Minha Casa, Minha Vida, que tem muita casa, portanto, é 1 milhão de casas até este ano, mais 2 milhões de casas a partir do ano que vem, e, portanto, o que nós queremos fazer é transferência de parte dessas casas, algumas até que já estão projetadas, que já estão na Caixa Econômica Federal, conversar com os empresários para, em vez de fazer onde ia fazer, a gente transferir uma parte delas para as cidades que foram vítimas da enchente.

Agora, é preciso que a gente agilize o terreno, que a gente faça desapropriação, seja do estado, seja do município, que a gente coloque as pessoas em um lugar adequado, alto e que não seja a 20 quilômetros da cidade, que seja próximo da cidade. Inclusive, eu estou fazendo um apelo para que não haja especulação imobiliária, uma pessoa que tenha um terreno tentar elevar o preço 10 vezes, porque sabe que vai ser desapropriado. Essa é a primeira coisa: é a garantia da casa, das pessoas sobreviverem.

Nós também decidimos colocar, primeiro, o montante de recursos para financiar o comércio e as empresas da cidade. Nós estamos colocando R\$ 1 bilhão para financiar, sobretudo, o comércio da cidade, que o comércio faz parte da vida da cidade, e sem o comércio não tem emprego e, portanto, não tem vida a cidade.

Nós também disponibilizamos, eu vou assinar agora, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, para as pessoas que têm Fundo de Garantia, para poder retirar para ajudar a reconstruir parte daquilo que ele perdeu. Vamos cuidar da saúde, por isso veio o Ministro da Saúde aqui. São 47 milhões entre o estado de Alagoas e estado de Pernambuco, parece que 20 e poucos milhões para cada estado. O Ministro da Educação está aqui. Nós já temos um mapeamento das escolas estaduais, estamos agora fazendo um



levantamento das escolas municipais, porque nós queremos reconstruir todas as escolas em caráter de urgência, porque é importante que as crianças não percam o ano letivo. Nós sabemos que pode ter até 40 dias de férias, mas não pode ficar três meses sem escola para estudar, porque os desabrigados estão ocupando as salas das crianças.

Veja, a outra coisa na questão das pontes. Nós sabemos que muitas cidades tiveram a ponte destruída, algumas semidestruídas, outras destruídas, está aqui o nosso Presidente... Diretor-Geral do Dnit. Nós não queremos fazer uma discussão se a estrada é federal ou estadual. Se tiver uma ponte destruída, nós temos que reconstruir, para depois a gente ver de quem é a responsabilidade.

Com relação à pergunta curiosa sua, nós, hoje, depositamos na conta do Governador de Pernambuco e na conta do Governador de Alagoas R\$ 275 milhões. Por que nós fizemos isso? Porque se nós fossemos esperar o Toninho fazer um levantamento aqui, apresentar um projeto para o governo do estado, o governo do estado apresentar calamidade, ia levar seis meses, seis meses, e a maioria das cidades que foram atingidas, talvez os prefeitos não estejam preparados nem para fazer esses projetos. Tem dinheiro que a gente liberou cinco anos atrás que não saiu até hoje porque não tem projeto. Então, o que nós fizemos? Nós fizemos uma liberação de dinheiro, é quase um adiantamento, para que eles vão trabalhando as questões emergenciais enquanto vão preparando o projeto, para que a gente possa resolver o problema definitivo. É importante lembrar que nesses R\$ 275 milhões não está envolvido nem o dinheiro da saúde, nem o dinheiro da educação, que são... O da saúde [educação] eu não sei quanto é. Fernando Haddad?

Ministro Fernando Haddad: (incompreensível) cinquenta e dois milhões.



Presidente: Só para consertar a rede estadual que foi destruída são 51 milhões, que não estão nesses 275, fora o municipal. Da saúde já são 46 milhões também, então já tem aí para trabalhar uns 300 e poucos milhões de reais, o que dá para fazer muita casa. Aí também não está incluído o programa Minha Casa, Minha Vida, que é outro programa. Nós só queremos saber é do terreno, para que a gente possa construir a casa – e vocês sabem que não pode ser construída em um dia, nem em uma hora. Vocês sabem que para construir uma coisa a gente demora dez anos, e para destruir, em 15 minutos destrói, como a gente viu aí.

Então eu só quero dizer para vocês o seguinte, queridos: é um compromisso moral, é um compromisso político, é um compromisso humanitário a gente ajudar vocês a terem a casa de vocês de volta. Eu já disse aos dois governadores que não tem limite e disse aos dois, também, que nós não temos o direito de permitir que, por conta da eleição, em 3 de outubro, a gente possa fazer o povo perder uma hora no tratamento respeitoso que a gente tem que ter com o povo.

Está bem? Faltou alguma coisa? Então não falta nada. Não ia falar com a imprensa aqui, terminei falando, hein?

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do Seminário Perspectivas Profissionais na Área da Saúde para os primeiros formandos em Medicina do ProUni

Brasília-DF, 30 de junho de 2010

Bem, primeiro, eu quero cumprimentar minha companheira Marisa,

Cumprimentar o companheiro Fernando Haddad e a sua companheira. Finalmente reconhecestes. Porque eu, logo de cara, soube que a ideia do ProUni tinha sido apresentada por você, porque ele me contou. Mas como ele nunca me contou de público, eu não ousei contar, porque eu falei: tem uma disputa entre os dois para ver quem... Então eu fico feliz que finalmente você tenha reconhecido quem apresentou.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Temporão, ministro da Saúde,

Quero cumprimentar o nosso querido Eder Augusto Bernardo. Ô Eder, você não pode fazer as suas consultas em tão pouco tempo quanto você falou. Precisa fazer a consulta com mais entusiasmo. Aqui eu sei que você estava nervoso, você vai ficar nervoso quando pegar o primeiro cliente, principalmente se ele for o Presidente da República. Eu quero te cumprimentar.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro, Augusto Chagas, presidente da UNE,

Cumprimentar os nossos queridos meninos e meninas que representam outros estados e outras regiões da Federação, que deveria estar os nomes deles aqui, na minha nominata, mas não estão.

E dizer para vocês que faltam seis meses, a partir do dia 1º, Fernando, para terminar o nosso mandato. Eu não sei se até o dia 1º de janeiro nós vamos ter outra fotografia mais bonita do que essa para justificar a nossa



passagem pelo governo do Brasil. Porque o Brasil, historicamente, foi governado e pensado para atender uma pequena parcela da sociedade. Dava-se de barato que uma parte da sociedade tinha direitos e que poderia fazer curso de doutorado, de graduação, de mestrado, e que outra parte estava predestinada a terminar o ensino fundamental, com muito custo fazer o secundário, e com muito mais custo, ainda, arrumar um emprego. E havia quem pensasse... e era fácil a gente saber, a gente sabia pela origem social; não precisaria esperar nenhuma pesquisa do IBGE, porque a gente sabia em função da origem social, do salário e da renda da família, quem é que iria fazer o que neste país e, com raríssimas exceções, a gente tinha pessoas que conseguiam fugir à regra geral estabelecida durante séculos neste país.

Não é à toa que o Brasil, que é o maior país da América Latina, o mais importante, o mais rico, foi um dos últimos países a ter uma universidade. Houve um tempo em que quem quisesse se formar teria que ir até Coimbra, porque nós obedecíamos muito quem tinha nos colonizado.

Mas isso, depois da Independência, continuou. Vocês vão perceber na história do Brasil, vocês vão perceber presidentes da República que passaram por um mandato inteiro e que não fizeram uma única universidade. E os coitados da UNE gritando e se esgoelando: “Universidade pública e gratuita para todo mundo”, e não era feito. A verdade é que não era feito porque se criou o conceito, também, de que investir em educação era gasto.

Quando você vai fazer o Orçamento do governo federal, eu não sei se acontece na casa de vocês, quando recebe o pagamento, o pai ou a mãe se senta em torno de uma mesa para dizer o que vai pagar, o que é que tem, o que vai pagar, o que tem que comprar de novo. Se não houver uma definição de prioridade, o dinheiro vai pelo ralo e a gente não consegue fazer absolutamente nada, porque não é tudo que tem a mesma importância, você tem que definir o que é mais importante. Eu penso que foi correto nós definirmos a educação como uma coisa importante. E, creiam: nós estamos



muito longe de atingirmos o que nós precisamos fazer no Brasil para compensar os séculos que nós fomos esquecidos no investimento na educação. Portanto, nós estamos apenas no começo, mas é um começo importante.

Vocês vejam que, em oito anos, eu, o Fernando Haddad e o Zé Alencar já somos o Ministro da Educação, o Vice-Presidente e o Presidente que mais fizeram universidades federais neste país, e já somos o Vice-Presidente, o Presidente e o Ministro da Educação que mais fizeram escolas técnicas neste país. E eu falo com orgulho, porque quando as coisas acontecem erradamente os nossos adversários falam. Então, nós temos que falar com orgulho. E isso só aconteceu porque nós proibimos, no primeiro ano de governo, utilizar a palavra “gasto” quando fossemos falar de educação e instituímos, dentro do governo, que o dinheiro para educação deveria ser tratado como investimento, porque era o investimento que melhor daria retorno ao país, porque nós estávamos qualificando e preparando gente para colocar à disponibilidade do país inteligência, e não tem preço que pague isso. É por isso que, em 93 anos, todos os presidentes da República que governaram antes de nós fizeram apenas 140 escola técnicas, e nós, em oito anos, vamos entregar 214 escolas técnicas, ou seja, em oito anos, nós vamos entregar uma vez e meia tudo o que foi feito em um século.

E eu não falo isso com orgulho, porque eu acho que houve descaso com o Brasil. Houve descaso, porque este país foi governado por muita gente com diploma universitário, por muita gente que era advogado, que era professor, que era médico, que era empresário, que era fazendeiro. Portanto, eles sabiam do valor da educação, porque eles tinham recebido educação, mas me parece que não tinham nenhuma vontade de dar ao povo brasileiro a oportunidade que eles tinham tido de se formar.

Eu tinha uma inquietação que o Fernando Haddad resolveu ela com o ProUni. Eu tinha pedido para o ministro Walfrido, que era ministro do Turismo



na época, me fazer uma proposta para ver como que eu utilizaria o Fundo de Garantia para financiar bolsas de estudos para os alunos pobres da periferia. E foi dessa conversa com o Walfrido que, um dia, o Fernando Haddad entra na minha sala e fala para mim: “olha, nós...”, ele e o Tarso, “nós temos uma proposta, nós temos uma proposta”, e citou o nome da proposta: “Nós poderemos fazer um acordo com as universidades particulares, e o equivalente ao que teria de pagar de imposto a gente pode transformar em bolsas de estudos para as pessoas da periferia, normalmente, estudante de escolas públicas, uma parcela negra da população e também uma parcela indígena da população”.

No começo, nós tivemos problemas como disse o Fernando, como disse o companheiro da UNE, porque no Brasil tem um tipo de gente que acha que as pessoas não podem ter o mesmo direito que ele já teve. Eu lembro que no tempo de Perón, na Argentina, quando os pobres da Argentina começaram a ter ascensão e começaram a frequentar as boas praças, os ricos que frequentavam ficaram contra.

Eu lembro que, em São Paulo, em mil novecentos e quarenta e poucos, o governador Adhemar de Barros Filho fez, na cidade de Sertãozinho, uma escola de ensino fundamental na mesma qualidade da Escola Dom Pedro II, que tinha, me parece, em Ribeirão Preto, e a elite de Ribeirão Preto se revoltou, “porque não era justo fazer, em uma cidadezinha do interior, em uma comarca, uma escola da mesma qualidade da que tinha a elite de Ribeirão Preto”.

Assim o Brasil foi caminhando e ninguém se importando com isso. Quando o companheiro Fernando Haddad me convenceu de que esse Programa poderia ser uma revolução, nós enfrentamos esse segundo e maldito preconceito, que eu vou lutar até o último minuto da minha vida para ver se a gente derrota o preconceito, porque o preconceito é uma doença que está entranhada na cabeça das pessoas e que não é fácil a gente vencer os



preconceitos, é uma doença muito difícil. O preconceito e a inveja são duas doenças crônicas, que as pessoas pensam que não são doenças, Temporão. Precisa criar uma especialidade na Medicina: como curar a inveja e como curar o preconceito.

E qual era o preconceito? “Ah, o Lula vai rebaixar o ensino brasileiro, vai nivelar por baixo, porque trazer as pessoas da periferia para a universidade vai, vai... nós vamos ser um país em que os doutores serão menos doutores, os pesquisadores, menos pesquisadores, os médicos menos médicos”. E como Deus escreve certo por linhas tortas, no primeiro teste que foi feito pelo Ministério da Educação, em 15 áreas, os melhores alunos eram aqueles que tinham sido precocemente rejeitados por uma parte preconceituosa da elite brasileira. Isso é um motivo muito grande de orgulho.

Bem, eu confesso, Fernando, que eu tinha uma preocupação. Aliás, eu até te passei essa preocupação em Minas Gerais, de uma estudante negra que me dizia que ela estava sendo vítima de algumas gracinhas na escola em que ela estudava, porque era uma escola, uma universidade, de estudantes de um bom poder aquisitivo e que não se conformavam que ela estivesse, ali, estudando de graça. Isso também existe.

Como também existem coisas que nem eu resolvi e nem você recebeu. Eu te entreguei uma carta, um dia desses, que você ainda não me deu resposta, de uma... da PUC de São Paulo, de uma mãe que – acho que – por R\$ 20,00, R\$ 25,00 ou R\$ 30,00 o filho dela não conseguiu entrar no ProUni. E eu perguntei para o Fernando: Nós estamos calculando a renda bruta ou a renda líquida? Porque se a gente for descontar algumas coisas que as famílias pagam, eu acho que a gente poderia elevar um tiquinho de nada, essa renda para as pessoas poderem... porque a gente não desconta aluguel, não desconta previdência social, não desconta nada, e o salário bruto nem sempre é o salário que a gente leva para casa. Eu pedi para o Fernando fazer um estudo para ver se a gente consegue aumentar um pouquinho o potencial de



gente que possa chegar ao ProUni, porque é muito difícil fazer uma pessoa que ficou por R\$ 10,00 R\$ 15,00... Eu fui conversar, Fernando, eu fui tentar convencer o companheiro que é garçom no Palácio da Alvorada que queria que a filha dele entrasse no ProUni, e quando eu peguei o salário dele e comecei a falar que ela não tinha direito por isso, ele começou a falar: “Presidente, mas eu não levo todo meu salário para casa, Presidente. Desconta isso, desconta aquilo, o que eu levo é só isso, Presidente!”. Eu acho que nós poderemos tentar pelo menos deixar indícios de melhoramento disso para o próximo ano, quando tivermos um novo governo.

Eu comecei falando que a foto poderia ser essa. Essa, eu confesso para vocês, seria a foto da minha vida, vocês... Aliás, a imprensa, outro dia, eu fui, em São Paulo, nos catadores de papel, e foi a primeira vez que o BNDES emprestou R\$ 220 milhões para os catadores de papel. Imagina que coisa chique: um catador daquele de papel que, muitas vezes, a gente passa de carro e o despreza, que está fazendo a limpeza das coisas que nós sujamos e que, portanto, merecia o nosso respeito, nós criamos uma linha de crédito para ele – R\$ 227 milhões – para que ele possa... Fizemos um carrinho, em Itaipu, um carrinho elétrico que ele agora aperta um botãozinho, não precisa mais ficar puxando carroça. Ele vai andando nas ruas apertando uma “bateriazinha” e está funcionando bem. Pedimos para todos eles abrirem conta bancária para depositar o dinheirinho deles na Caixa Econômica Federal, e tudo isso, as pessoas não veem... alguns não veem com bons olhos, alguns não veem com bons olhos.

Então, eu queria pedir para os companheiros da imprensa que não interpretassem mal como vocês interpretaram quando eu pedi para vocês fazerem a matéria da vida de vocês entrevistando os catadores de papel, em São Paulo. Entrevistasse cada um... pegasse de forma aleatória, cada uma entrevistasse para ver o que ele tinha para contar da vida dele.

Eu acho que vocês poderiam, depois, entrevistar essa meninada...



poderiam entrevistar, porque essa meninada são filhos e filhas de brasileiros que estavam predestinados a não darem certo na vida, porque não tinham oportunidade. O problema não era apenas falta de dinheiro - porque tem muita gente que tem muito dinheiro e não consegue se formar nunca porque não quer... porque já vive por conta e na certeza de que não precisa aprender coisíssima nenhuma que vai ter a herança da mãe ou do pai e, portanto, vai viver por conta da herança. E tem essa meninada que se apegou a um Programa que estendeu a mão para ela e vai receber o diploma de médicos e médicas neste país.

Antes, a gente pensava que médico era só filho de rico ou japonês. Hoje, nós estamos percebendo que pode ser filho de classe média, classe média baixa, filho de gente pobre, negros, índios, mulheres e homens, como todos, como a companheira Sara. A Sara está aqui? Sara? Cadê a Sara? A Sara está aqui. Pois bem, Sara, você sabe que eu tenho a sua história para contar aqui.

A Sara, aos três anos de idade, decidiu que ia ser médica quando crescesse. Eu pensei que ia ser bombeiro, Sara. Minha primeira imagem do que eu queria ser na vida é que, quando eu vim de Pernambuco para cá, em 1952, em um pau de arara, no pau de arara que eu vinha, passou pelo meu caminhão um carro da Shell. Sabe aquele carro amarelo da Shell? Eu passei dez anos da minha vida achando eu ia ser motorista da Shell por causa daquele carro.

Então, a Sara, aos três anos, decidiu ser médica. Vinte anos depois, o que parecia um sonho de criança virou realidade, graças ao ProUni. A doutora Sara vai se formar no final deste ano, mas eu já quero me antecipar: nasceu em Xinguara, no Pará, filha do seu José Eduardo, que é trabalhador rural, e de dona Luzdalma, que é dona de casa. A infância seguia normal até que, aos três anos de idade, ela teve uma infecção óssea na perna esquerda. O tratamento foi longo e doloroso, Fernando: cirurgia, internação, gesso, injeções e a proibição de correr e brincar, como fazem todas as crianças do mundo. Mas



desse tempo ruim ficou uma lembrança boa. Ela guardou – para o seu orgulho, Temporão – ela guardou uma boa lembrança: a dedicação dos médicos que cuidaram dela com carinho e com competência, o que nem sempre acontece. Primeiro, no Hospital Pequeno Príncipe, em Curitiba, onde a família tinha parentes; depois, no Sarah Kubitschek, em Brasília, para onde vinha duas vezes por ano com os pais, viajando um dia inteiro de ônibus. Até que a família se mudou em definitivo para Brasília, em busca de uma vida melhor e de estudo para as três filhas.

Sara ficou livre da doença e cresceu dizendo que ia ser médica. Tentou duas vezes na UnB, todo mundo sabe da UnB, universidade pública, mas não teve sucesso. Chegou a fazer três vestibulares para Direito, em faculdades particulares, passou nos três, mas não adiantou, dizia a seus pais: “Eu vou fazer Medicina! Pode demorar 10 anos, pode demorar o tempo que for, mas eu vou ser médica”. Felizmente, não demorou tanto tempo. Se não fosse o ProUni, Sara talvez estivesse, até hoje, tentando realizar o seu sonho, isso porque ela certamente não teria como pagar as mensalidades de mais de R\$ 3, R\$ 4 ou até R\$ 5 mil em uma escola privada para fazer um curso de Medicina. Sara estuda de manhã... e à tarde. De manhã e à tarde, e trabalha à noite. E não sobra tempo para namorar, não?

No começo, acordava às 5h da manhã para pegar dois ônibus até a universidade. Com pena da sobrinha querida, os sete irmãos de sua mãe fizeram uma “vaquinha” e compraram um Celta usado, que de tanto uso acabou fundindo o motor. Certamente deveria ter colocado um pouco de óleo nesse motor, que não teria fundido. Os tios não desistiram e desta vez – e eu espero que todos vocês arrumem uns tios desses – compraram um Classic, zero km, financiado, com prestações que cabem nos sete bolsos.

Valeu o investimento. Sara é um dos destaques do curso de Medicina da Católica, vai se formar, vai fazer... Olha que loucura: vai se formar, vai fazer residência em cirurgia e vai tentar a Aeronáutica para salvar vidas onde for



preciso, seja em uma comunidade remota na selva amazônica, seja fazendo parte da Missão Brasileira no Haiti. Diz ela: “Nós provamos que somos capazes, basta ter oportunidade. Agora eu quero retribuir o que o Brasil fez por mim”. E eu digo, minha querida Sara, em nome do Brasil: muito obrigado por você e por todas essas meninas e esses meninos que vão ser médicos daqui a alguns dias.

Mas eu queria que vocês levassem em conta uma coisa que o Temporão falou: a Medicina é uma profissão nobre. Ela é nobre... tanto é que o médico, quando se forma, ele não pode deixar de tratar ninguém, mesmo que seja o inimigo. Dizem isso, que médico e advogado têm que ser assim, mas nem sempre é assim. O inimigo, se for rico, ainda se trata, mas se for pobre é difícil ter acesso a determinados departamentos.

Eu penso... se vocês não sabem, eu fui diretor do Departamento Médico do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Lidei com médico, portanto, conheço bem; lidei com dentista, conheço bem. Uma coisa que vocês não podem perder nunca: é justo que vocês ganhem dinheiro, é justo que vocês se especializem, é justo que vocês queiram fazer a residência em uma área que possa ajudar vocês a viverem mais dignamente, nada disso é proibido. A única coisa que é proibida é vocês deixarem de ser humanos no trato com o semelhante de vocês. Um paciente, quando ele entra doente, em um hospital, se ele encontra uma atendente no balcão de cara feia, ou por que é mal remunerada, ou por que brigou com o namorado, dependendo do jeito que ela fala com a pessoa que entrou com uma criança com asma no colo... Quantas vezes eu e Marisa entramos duas horas da manhã, o moleque quase sem respirar, e perguntávamos assim, Temporão: E o médico? “Ah, vou ver se ele está por aí”, e entrava lá para dentro, demorava para voltar e, quando voltava, o médico vinha mal-humorado, certamente porque ele estava descansando. Isso agrava a doença. Um tratamento humano, um tratamento carinhoso, um bom dia com um sorriso, uma pergunta “como vai?”, um passar



de mão no rosto de uma criança ou de um paciente é quase que 50% do sucesso da consulta.

Eu acho que a profissão de vocês é nobre, que vocês vão perceber o sofrimento quando alguém morrer na mão de vocês, que vai acontecer, e vocês vão perceber a alegria que vai acontecer com vocês quando vocês salvarem uma pessoa. Aí não importa se vai ser salva ou não, porque, muitas vezes, não depende só do conhecimento de vocês. O que é importante é que todas as pessoas que entrarem no consultório de vocês, todas – negra, branca, feia, bonita, bem vestida, mal vestida, descalço ou de sapato –, que vocês tratem com carinho e com amor, porque é para isso que você se formaram médicos e médicas.

Que Deus abençoe cada um de vocês e que vocês tenham o futuro que vocês merecem.

Um abraço e que Deus nos abençoe.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do presidente da Síria, Bashar Al-Assad

Palácio Itamaraty, 30 de junho de 2010

Presidente da República Árabe da Síria e sua senhora Asma Al-Assad,
Minha querida companheira Marisa,
Senador José Sarney, presidente do Senado,
Deputado Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados,
Companheiros ministros,
Deputados,
Embaixadores,
Convidados,

Quero cumprimentar a delegação que acompanha o presidente Al-Assad,

Quero cumprimentar a imprensa da Síria, a imprensa brasileira,

E dizer: a vinda do presidente Al-Assad ao Brasil é uma viagem de descoberta e reencontro. É a primeira visita de um chefe de Estado da Síria, país que tanto contribuiu para a formação da nação brasileira.

Recebê-lo, quando comemoramos os 130 anos da imigração árabe, renova os laços de confiança e de esperança que fizeram homens e mulheres atravessarem oceanos em busca de uma nova vida. São hoje mais de dois milhões e meio de homens e mulheres. Herdaram seu talento, projetando-se no Brasil como políticos, médicos, arquitetos, engenheiros, artistas e cientistas.

Meu caro presidente Al-Assad,

Sua presença aqui é oportunidade para selarmos parceria lançada quando estive em Damasco, em 2003. Nesses sete anos, nossas relações ganharam novas dimensões e possibilidades.



A capacidade de transpor barreiras e compartilhar experiências é o impulso maior de nosso relacionamento. Os acordos que assinamos hoje dão sentido prático a esse compromisso. Temos uma aliança assentada em números sólidos. O comércio quadruplicou e hoje alcança US\$ 300 milhões.

A criação do Conselho Empresarial Brasil-Síria abre oportunidades para multiplicar o comércio e estimular os investimentos. Essa tendência é de crescimento, com um sistema multilateral de comércio mais representativo dos anseios do mundo em desenvolvimento. Por isso, defendemos o fim dos entraves que impedem o avanço do processo de acessão da Síria à Organização Mundial do Comércio.

Meu caro Presidente,

Desde o início de meu governo, atribuí prioridade às relações com o Mundo Árabe. Com o lançamento da Cúpula América do Sul – Países Árabes, em 2005, unimos de forma pioneira nossas vozes na defesa de uma ordem internacional mais democrática e mais equilibrada. A construção da paz no Oriente Médio é um dos pilares desse projeto do qual o Brasil quer ser parceiro.

Mas essa é uma responsabilidade de todos. Esse conflito transcende as dimensões regionais e afeta o mundo inteiro. Recusamos a tese de que o Oriente Médio está fadado ao conflito, de que seus filhos estão condenados a reviver a irracionalidade da guerra. Não haverá reconciliação verdadeira se houver vencedores e vencidos. Temos urgência em ver a região pacificada, com todos os seus povos vivendo em harmonia.

Foi essa a mensagem que transmiti aos presidentes Peres, Abbas, Ahmadinejad e Sleiman quando estiveram no Brasil. Levei essa exortação à moderação e ao compromisso negociador com minhas recentes visitas a Tel Aviv, Ramalá, Amã, Doha e Teerã.

Caro Presidente,

Não por coincidência, comecei por Damasco minha primeira viagem ao



O Oriente Médio. A Síria é um sócio indispensável na busca da pacificação. Não se retomarão as negociações sem o engajamento de todos. O Brasil é especialmente grato pelo apoio sírio à retirada dos cidadãos brasileiros do Líbano durante a conflagração de 2006.

Todos os olhos se voltam para Damasco em busca de palavra de autoridade e moderação. A Síria tem que ser ouvida e envolvida nas grandes discussões sobre o futuro do Oriente Médio. Apoiamos o princípio da “terra por paz” para assegurar a devolução das Colinas de Golã à Síria.

Defendemos um Estado Palestino independente, soberano, coeso e economicamente viável, e que possa conviver em segurança e dignidade com o Estado de Israel. Isso só será possível com unidade. Contamos com a Síria para ajudar a alcançar uma verdadeira reconciliação entre os palestinos.

O Brasil condenou a intervenção em Gaza, da mesma forma que condena atos terroristas de qualquer espécie. Consideramos que bloqueios não contribuem com a paz. O incidente com a flotilha humanitária, atacada em águas internacionais, mostra que é mais do que hora de levantar o bloqueio a Gaza.

Esperamos o imediato acesso de material de construção aos assentamentos. Disso depende a execução de projetos IBAS de construção de escola em Gaza.

Queremos investir nos jovens, na voz da esperança e do diálogo. Recusamos a lógica do preconceito, da desconfiança e das armas. Por isso, congratulo-me com Vossa Excelência pelo empenho da Síria em normalizar suas relações diplomáticas com o Líbano.

Caro Presidente,

Sírios e libaneses apostaram no respeito recíproco e no trabalho cooperativo quando deixaram sua pátria em busca de novos horizontes. Ajudaram a construir uma nação brasileira agradecida e determinada a retribuir generosamente. São essas as perspectivas e esperanças que nos unem.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Com essa convicção expresso, em meu nome e no do povo brasileiro, meus melhores votos de saúde e felicidade para Vossa Excelência, desejando paz e prosperidade para o povo sírio.

Muito obrigado.

(\$211A)